

"Sublimely creepy with a true Hoover pulse. I've been waiting for a thriller like this for years."
— Tarryn Fisher, *New York Times* bestselling author



Verity



COLLEEN
HOOVER

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR



Copyright © 2018 por Colleen Hoover

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas. em revisões críticas e outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

VERITY

Edição por [Murphy Rae](#)

Design da Capa por [Murphy Rae](#)

Formatação por [WhitethornTeca](#)

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Que Assim Seja 1](#)

[Capítulo 5](#)

[Que Assim Seja 2](#)

[Capítulo 6](#)

[Que Assim Seja 3](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Que Assim Seja 4](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Que Assim Seja 5](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Que Assim Seja 6](#)

[Capítulo 15](#)

[Que Assim Seja 9](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Que Assim Seja 13](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Que Assim Seja 14](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Que Assim Seja 15](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Querido Jeremy](#)

[Capítulo 25](#)

[Agradecimientos](#)

[Contate Colleen Hoover](#)

[All Your Perfects](#)

Este livro é dedicado à única pessoa a quem este livro poderia ser dedicado.

Tarryn Fisher, obrigado por aceitar a escuridão nas pessoas tanto quanto você
aceita a luz delas.

Tradução e Revisão feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções. Siga o
nosso Twitter: @whitethornteca



Eu ouço a rachadura de seu crânio antes que o respingo de sangue me alcance.

Eu suspiro e dou um passo rápido de volta para a calçada. Um dos meus calcanhares não limpa o meio-fio, então eu agarro o poste de um sinal de *NÃO ESTACIONE* para me equilibrar.

O homem estava na minha frente há alguns segundos atrás. Nós estávamos em pé em uma multidão de pessoas esperando pela luz da faixa de pedestres para iluminar quando ele entrou na rua prematuramente, resultando em um encontro com um caminhão. Eu me lancei para frente em uma tentativa de detê-lo – agarrando-me a nada enquanto ele descia. Fechei os olhos antes que a cabeça dele ficasse sob o pneu, mas ouvi-o estourar como a rolha de uma garrafa de champanhe.

Ele estava errado, olhando casualmente para o telefone, provavelmente um efeito colateral de cruzar a mesma rua sem incidentes muitas vezes antes. Morte por rotina.

As pessoas engasgam, mas ninguém grita. O passageiro do veículo ofensivo pula do caminhão e imediatamente está de joelhos perto do corpo do homem. Eu recuo da cena enquanto várias pessoas correm para ajudar. Eu não tenho que olhar para o homem debaixo do pneu para saber que ele não sobreviveu a isso. Eu só tenho que olhar para a minha camisa branca – com o sangue agora espalhado por ela – para saber que um carro fúnebre serviria melhor para ele do que uma ambulância.

Eu me viro para me afastar do acidente – para encontrar um lugar para respirar –, mas o sinal da faixa de pedestres agora diz andar e a multidão atenta, tornando impossível para mim nadar contra a correnteza neste rio de

Manhattan. Alguns nem sequer olham para cima de seus celulares quando passam pelo acidente. Eu paro de tentar me mover e espero a multidão afinar. Eu olho de volta para o acidente, com cuidado para não olhar diretamente para o homem.

O motorista do caminhão está agora na parte traseira do veículo, de olhos arregalados, em um telefone celular. Três, talvez quatro pessoas estão ajudando. Alguns são conduzidos por suas curiosidades mórbidas, filmando a cena horripilante com seus telefones.

Se eu ainda estivesse morando na Virgínia, isso aconteceria de uma maneira completamente diferente. Todos ao redor parariam. Pânico aconteceria, as pessoas estariam gritando, uma equipe de reportagem estaria em cena em questão de minutos. Mas aqui em Manhattan, um pedestre atropelado por um veículo acontece com muita frequência, não é muito mais que um inconveniente. Um atraso no tráfego para alguns, um guarda-roupa arruinado para os outros. Isso provavelmente acontece com tanta frequência que nem acaba sendo impresso.

Por mais que a indiferença em algumas das pessoas aqui me perturbe, é exatamente por isso que me mudei para esta cidade há dez anos. Pessoas como eu pertencem a cidades superpovoadas. O estado da minha vida é irrelevante em um lugar desse tamanho. Há muito mais pessoas aqui com histórias muito mais lamentáveis que as minhas.

Aqui estou invisível. Sem importância. Manhattan está muito lotada para se importar comigo, e eu a amo por isso.

— Você está machucada?

Eu olho para um homem enquanto ele toca meu braço e examina minha camisa. Uma preocupação profunda está embutida em sua expressão enquanto ele me olha de cima a baixo, me avaliando por ferimentos. Eu posso dizer pela reação dele que ele não é um dos mais endurecidos nova iorquinos. Ele pode morar aqui agora, mas de onde ele é, é um lugar que não superou completamente a empatia dele.

— Você está ferida? — O estranho repete, olhando-me nos olhos dessa vez.

— Não. Não é meu sangue. Eu estava perto dele quando... — Eu paro de falar.

Acabei de ver um homem morrer. Eu estava tão perto dele, o sangue dele está em mim.

Eu me mudei para esta cidade para ser invisível, mas certamente não sou impenetrável. É algo em que tenho trabalhado – tentando me tornar tão endurecida quanto o concreto sob meus pés. Não tem funcionado tão bem. Eu posso sentir tudo o que acabei de testemunhar em meu estômago.

Eu cubro minha boca com a mão, mas a afasto rapidamente quando sinto algo pegajoso nos meus lábios.

Mais sangue. Eu olho para minha camisa. Tanto sangue, nada disso é meu. Aperto minha camisa e a puxo para longe do meu peito, mas ela gruda na minha pele em pontos onde os respingos de sangue estão começando a secar.

Eu acho que preciso de água. Estou começando a me sentir tonta e quero esfregar minha testa, beliscar meu nariz, mas tenho medo de me tocar. Eu olho para o homem ainda segurando meu braço.

— Está na minha cara? — Eu pergunto a ele.

Ele pressiona os lábios e, em seguida, lança os olhos para longe, examinando a rua ao nosso redor. Ele gesticula em direção a um café algumas portas abaixo.

— Eles vão ter um banheiro — diz ele, pressionando a mão contra as minhas costas enquanto ele me leva nessa direção.

Eu olho para o outro lado da rua no prédio da Pantem Press para onde eu estava indo antes do acidente. Eu estava tão perto. Quinze – talvez vinte metros de distância de uma reunião na qual eu desesperadamente preciso estar.

Eu me pergunto o quão perto o homem que acabou de morrer estava do seu destino?

O estranho segura a porta para mim quando chegamos ao café. Uma mulher carregando um café em cada mão tenta passar por mim pela porta até ver minha camisa. Ela corre para trás para se afastar de mim, permitindo que nós dois entremos no prédio. Eu me movo em direção ao banheiro feminino, mas a porta está trancada. O homem abre a porta do banheiro dos homens e faz sinal para eu segui-lo.

Ele não trancou a porta atrás de nós enquanto caminha até a pia e liga a água. Eu olho no espelho, aliviada por ver que não é tão ruim quanto eu temia. Há alguns respingos de sangue nas minhas bochechas que começam a escurecer e secar, e um spray acima das sobrancelhas. Mas, felizmente, a camisa tomou o peso disso.

O homem me entrega toalhas de papel molhadas, e eu limpo meu rosto enquanto ele molha outro punhado. Eu posso sentir o cheiro do sangue agora. O cheiro no ar envia minha mente voltando a quando eu tinha dez anos. O cheiro de sangue era forte o suficiente para lembrar disso todos esses anos depois.

Eu tento segurar minha respiração no início de mais náusea. Eu não quero vomitar. Mas eu quero essa camisa de cima de mim.
Agora.

Desabotoo-o com os dedos trêmulos, retiro-a e coloco-a debaixo da torneira. Eu deixo a água fazer o seu trabalho enquanto eu pego as outras toalhas molhadas do estranho e começo a limpar o sangue do meu peito.

Ele se dirige para a porta, mas ao invés de me dar privacidade enquanto eu estou aqui no meu sutiã menos atraente, ele nos tranca dentro do banheiro para que ninguém entre em mim enquanto eu estou sem camisa. É perturbadoramente cavalheiresco e me deixa desconfortável. Estou tensa enquanto o vejo através do reflexo no espelho.

Alguém bate.

— Estou aqui fora — diz ele.

Relaxo um pouco, confortada pelo pensamento de que alguém do lado de fora da porta me ouviria gritar se precisasse.

Eu me concentro no sangue até ter certeza de que lavei tudo no meu pescoço e no meu peito. Eu olho meu cabelo em seguida, virando da esquerda para a direita no espelho, mas encontro apenas uma polegada de raízes escuras acima do caramelo.

— Aqui — o homem diz, tocando o último botão em sua camisa branca.
— Coloque isto.

Ele já tirou o paletó, que agora está pendurado na maçaneta da porta. Ele se liberta de sua camisa de botão, revelando uma camiseta branca por baixo. Ele é musculoso, mais alto que eu. Sua camisa vai me engolir. Eu não posso usar isso na minha reunião, mas não tenho outra opção. Eu pego a camisa quando ele me entrega. Pego mais algumas toalhas de papel secas e dou tapinhas na minha pele, depois a puxo e começo a abotoá-la. Parece ridículo, mas pelo menos não foi o meu crânio que explodiu na camisa de outra pessoa. *Forro de prata.*

Eu tiro minha camiseta molhada da pia e aceito que não há como salvá-la. Eu o lanço na lata de lixo, depois aperto a pia e olho para o meu reflexo. Dois

olhos cansados e vazios olham para mim. O horror do que eles acabaram de testemunhar escureceu a avelã para um marrom escuro. Eu esfrego minhas bochechas com as palmas das minhas mãos para inspirar cor, sem sucesso. Eu pareço a morte.

Eu me inclino contra a parede, me afastando do espelho. O homem está empacotando a gravata. Ele enfia no bolso do seu terno e me avalia por um momento. — Eu não sei dizer se você está calma ou em estado de choque.

Eu não estou em estado de choque, mas também não sei se estou calma. — Eu não tenho certeza — eu admito. — Você está bem?

— Estou bem — diz ele. — Eu já vi coisa pior, infelizmente.

Inclino minha cabeça enquanto tento dissecar as camadas de sua resposta enigmática. Ele quebra o contato visual, e isso só me faz encarar ainda mais, imaginando o que ele vê que encabeça a cabeça de um homem sendo esmagada debaixo de um caminhão. Talvez ele seja um nova-iorquino nativo. Ou talvez ele trabalhe em um hospital. Ele tem um ar de competência que muitas vezes acompanha pessoas que estão no comando de outras pessoas.

— Você é um médico?

Ele sacode a cabeça. — Estou no mercado imobiliário. Costumava estar, de qualquer maneira. — Ele dá um passo à frente e alcança meu ombro, afastando algo da minha camisa. A camisa dele. Quando ele deixa cair o braço, ele olha meu rosto por um momento antes de dar um passo para trás.

Seus olhos combinam com a gravata que ele acabou de enfiar no bolso.

— Chartreuse[\[a\]](#). Ele é bonito, mas há algo nele que me faz pensar que ele gostaria que ele não o fizesse. Quase como se sua aparência pudesse ser um inconveniente para ele. Uma parte dele ele não quer que ninguém perceba. Ele quer ser invisível nesta cidade. Apenas como eu.

A maioria das pessoas vem a Nova York para ser descoberta. O resto de nós vem aqui para se esconder.

— Qual é o seu nome? — Ele pergunta.

— Lowen.

Há uma pausa nele depois que eu digo meu nome, mas dura apenas alguns segundos.

— Jeremy — diz ele. Ele se move para a pia e corre a água novamente, e começa a lavar as mãos. Eu continuo a olhar para ele, incapaz de silenciar a minha curiosidade. O que ele quis dizer quando disse que viu pior do que o acidente que acabamos de testemunhar? Ele disse que costumava estar no

mercado imobiliário, mas mesmo o pior dia no trabalho como corretor de imóveis não encheria alguém com o tipo de tristeza que está enchendo esse homem.

— O que aconteceu com você? — Eu pergunto.

Ele olha para mim no espelho. — O que você quer dizer?

— Você disse que já viu pior. O que você viu?

Ele desliga a água e seca as mãos, depois me enfrenta. — Você realmente quer saber?

Eu concordo com a cabeça.

Ele joga a toalha de papel na lata de lixo e depois enfia as mãos nos bolsos. Seu comportamento leva um mergulho ainda mais soturno. Ele está me olhando nos olhos, mas há uma desconexão entre ele e esse momento. — Eu tirei o corpo da minha filha de oito anos de um lago há cinco meses.

Eu sugo uma corrente de ar e trago minha mão para a base da minha garganta.

Sua expressão não era de um ar sombrio. Era de desespero. — Eu sinto muito — eu sussurro. E eu sinto. Pela filha dele. E por ser curiosa.

— E você? — Pergunta ele. Ele se inclina contra o balcão como se esta fosse uma conversa para a qual ele está pronto. Uma conversa que ele está esperando. Alguém para vir e fazer suas tragédias parecerem menos trágicas. É o que você faz quando experimenta o pior dos piores. Você procura pessoas como você... pessoas piores do que você... e você as usa para se sentir melhor com as coisas terríveis que aconteceram com você.

Eu engulo antes de falar, porque minhas tragédias não são nada comparadas às dele. Penso na mais recente, envergonhada de falar em voz alta porque parece tão insignificante comparado a dele. — Minha mãe morreu na semana passada.

Ele não reage à minha tragédia como eu reagi à dele. Ele não reage, e eu me pergunto se é porque ele esperava que o meu fosse pior. Não é. Ele ganha.

— Como ela morreu?

— Câncer. Eu tenho cuidado dela no meu apartamento no ano passado.

— Ele é a primeira pessoa para quem eu disse isso em voz alta. Eu posso sentir minha veia latejando no meu pulso, então eu aperto minha outra mão ao redor dele. — Hoje é a primeira vez que saio em semanas.

Nós nos olhamos por mais um momento. Eu quero dizer outra coisa, mas eu nunca estive envolvida em uma conversa tão pesada com um completo

estranho antes. Eu meio que quero que isso acabe, porque onde é que a conversa vai parar?

Apenas acaba.

Ele encara o espelho novamente e olha para si mesmo, empurrando uma mecha de cabelo escuro solto de volta no lugar. — Eu tenho uma reunião que preciso fazer. Tem certeza de que você vai ficar bem? — Ele está olhando para o meu reflexo no espelho agora.

— Sim. Eu estou bem.

—
Tudo bem? — Ele se vira, repetindo a palavra como uma pergunta, como se ficar bem não é tão reconfortante para ele como se eu tivesse dito que ficaria bem.

— Eu vou ficar bem — Repito. — Obrigada pela ajuda.

Eu quero que ele sorria, mas não cabe no momento. Estou curiosa para saber como seria o sorriso dele. Em vez disso, ele encolhe os ombros e diz: — Tudo bem, então. — Ele se move para destrancar a porta. Ele mantém aberta para mim, mas eu não saio imediatamente. Em vez disso, continuo a observá-lo, não exatamente pronto para enfrentar o mundo lá fora. Eu aprecio sua gentileza e quero dizer mais, para agradecer-lhe de alguma forma, talvez por café ou devolvendo sua camisa para ele. Eu me vejo atraída por seu altruísmo – uma raridade hoje em dia. Mas é o lampejo da aliança na mão esquerda que me impulsiona para a frente, saí do banheiro e do café, para as ruas que agora fervilham com uma multidão ainda maior.

Uma ambulância chegou e está bloqueando o tráfego nas duas direções. Eu ando de volta para a cena, me perguntando se eu deveria dar uma declaração. Eu espero perto de um policial que está anotando outras testemunhas oculares. Eles não são diferentes dos meus, mas eu lhes dou minha declaração e informações de contato. Eu não tenho certeza de quanto ajuda minha declaração é porque eu não vi ele ser atingido. Eu estava apenas perto o suficiente para ouvir. Perto o suficiente para ser pintado como uma tela de Jackson Pollock.

Eu olho para trás e vejo Jeremy sair do café com um café fresco na mão. Ele atravessa a rua, focado em onde quer que esteja indo. Sua mente está em outro lugar agora, longe de mim, provavelmente em sua esposa e o que ele dirá a ela quando for para casa, perdendo uma camisa.

Eu puxo meu telefone da minha bolsa e olho para a hora. Ainda tenho

quinze minutos antes do meu encontro com Corey e o editor da Pantem Press. Minhas mãos estão tremendo ainda mais agora que o estranho não está mais aqui para me distrair dos meus pensamentos. O café pode ajudar. A morfina definitivamente ajudaria, mas o hospício removeu tudo do meu apartamento na semana passada, quando eles vieram recuperar seu equipamento depois que minha mãe morreu. É uma pena que eu esteja muito abalada para me lembrar de esconder isso. Eu realmente poderia usar um pouco agora.

[\[a\]](#)

cor verde-amarelada



Quando Corey me mandou uma mensagem na noite passada para me informar sobre a reunião de hoje, foi a primeira vez que eu ouvi falar dele em meses. Eu estava sentada na minha mesa do computador, olhando para uma formiga enquanto ela se arrastava pelo meu dedão do pé.

A formiga estava sozinha, flutuando para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, em busca de comida ou amigos. Ela parecia confusa com sua solidão. Ou talvez ela estivesse animado por sua nova liberdade. Eu não pude deixar de me perguntar por que ela estava sozinha. As formigas geralmente viajam com um exército.

O fato de eu estar curiosa sobre a situação atual da formiga era um sinal claro de que precisava sair do meu apartamento. Eu estava preocupada que, depois de ficar cuidando da minha mãe por tanto tempo, uma vez que eu saísse para o corredor, eu ficaria tão confusa quanto aquela formiga. Esquerda, direita, dentro, fora, onde estão meus amigos, onde está a comida?

A formiga saiu do meu dedo e subiu no chão de madeira. Ela desapareceu embaixo da parede quando os textos de Corey chegaram.

Eu estava esperando que quando eu desenhasse uma linha na areia meses atrás, ele entenderia: já que não temos mais relações sexuais, o método mais apropriado de contato entre um agente literário e seu autor é o e-mail.

Seu texto dizia: *Me encontre amanhã às nove da manhã no prédio da Pantem Press, décimo quarto andar. Acho que podemos ter uma oferta.*

Ele nem perguntou sobre a minha mãe no texto. Eu não fiquei surpresa. Sua falta de interesse em qualquer outra coisa além de seu trabalho e de si mesmo são as razões pelas quais não estamos mais juntos. Sua falta de preocupação me fez sentir injustamente irritada. Ele não me deve nada, mas

ele poderia ter agido pelo menos como se ele se importasse.

Eu não mandei uma mensagem para ele ontem à noite. Em vez disso, guardei meu telefone e olhei para a rachadura na base da minha parede — aquela em que a formiga havia desaparecido. Eu me perguntava se ela encontraria outras formigas na parede, ou se ela era uma solitária. Talvez ela fosse como eu e tivesse uma aversão a outras formigas.

É difícil dizer por que eu tenho uma aversão tão profundamente incapacitante para outros humanos, mas se eu tivesse que fazer uma aposta, eu diria que é um resultado direto da minha própria mãe ter medo de mim.

Aterrorizada pode ser uma palavra forte. Mas ela certamente não confiava em mim quando criança. Ela me manteve bastante isolada de pessoas fora da escola porque ela estava com medo do que eu poderia ser capaz durante os meus muitos episódios de sonambulismo. Essa paranóia sangrava na minha vida adulta e, a essa altura, eu me punha em paz. Uma solitária. Muito poucos amigos e não muito de uma vida social. É por isso que esta é a primeira manhã que saio do meu apartamento desde semanas antes de ela falecer.

Imaginei que minha primeira viagem fora do meu apartamento seria em algum lugar que eu sentia falta, como o Central Park ou uma livraria.

Eu certamente não acharia que me encontraria aqui, em fila no saguão de uma editora, rezando desesperadamente, seja qual for a oferta, isso me ajudará a pagar meu aluguel e eu não serei despejada. Mas aqui estou eu, uma reunião longe de ficar desabrigada ou receber uma oferta de trabalho que me dará os meios para procurar um novo apartamento.

Eu olho para baixo e aliso a camisa branca que Jeremy me emprestou no banheiro do outro lado da rua. Eu espero que eu não pareça muito ridículo. Talvez haja uma chance de eu conseguir, como se vestir duas vezes o tamanho de uma camiseta masculina fosse uma nova declaração legal de moda.

— Bela camisa — alguém atrás de mim diz.

Eu me viro ao som da voz de Jeremy, chocada ao vê-lo.

Ele está me seguindo?

É a minha vez na fila, então eu entrego ao segurança minha carteira de motorista e então olho para Jeremy, pegando a nova camisa que ele está usando. — Você mantém camisas sobressalentes no bolso de trás? — Não faz tanto tempo desde que ele me deu a de suas costas.

— Meu hotel fica a uma quadra de distância. Voltei para me trocar.

Seu hotel. Isso é promissor. Se ele está hospedado em um hotel, talvez ele não trabalhe aqui. E se ele não trabalha aqui, talvez ele não esteja na indústria editorial. Eu não tenho certeza porque eu não quero que ele esteja na indústria editorial. Eu não tenho ideia de com é o minha reunião, e espero que não tenha nada a ver com ele depois da manhã que já tivemos. — Isso significa que você não trabalha neste prédio?

Ele pega sua identificação e entrega ao guarda de segurança. — Não, eu não trabalho aqui. Eu tenho uma reunião no décimo quarto andar.

Claro que ele tem.

— Eu também — eu digo.

Um sorriso fugaz aparece em sua boca e desaparece com a mesma rapidez, como se ele se lembrasse do que aconteceu do outro lado da rua e percebesse que ainda é cedo demais para não ser afetado. — Quais são as chances de que estamos indo para a mesma reunião? — Ele leva sua identificação de volta do guarda que nos aponta na direção dos elevadores.

— Eu não sei — Eu digo. — Não me disseram exatamente por que estou aqui ainda. — Entramos no elevador e ele aperta o botão do décimo quarto andar. Ele me encara enquanto tira a gravata do bolso e começa a vesti-la.

Eu não consigo parar de olhar para o anel de casamento dele.

— Você é escritora? — pergunta ele.

Eu assinto. — E Você?

— Não. Minha esposa é. — Ele puxa a gravata até que esteja presa no lugar. — Você escreveu alguma coisa que eu conheça?

— Eu duvido. Ninguém lê meus livros.

Seus lábios aparecem. — Não há muitas Lowens no mundo. Tenho certeza de que posso descobrir quais livros você escreveu.

Por quê? Ele realmente quer lê-los? Ele olha para o telefone e começa a digitar.

— Eu nunca disse que escrevo com meu nome verdadeiro.

Ele não ergue o olhar do telefone até as portas do elevador se abrirem. Ele se move na direção deles, virando a porta para me encarar. Ele levanta o telefone e sorri. — Você não escreve sob um pseudônimo. Você escreve como Lowen Ashleigh, o que, engraçado o suficiente, é o nome da autora que estou vou encontrar às nove e meia.

Eu finalmente recebo aquele sorriso e, por mais lindo que seja, não quero mais.

Ele só me procurou no Google. E mesmo que minha reunião seja às nove, não às nove e meia, ele parece saber mais sobre isso do que eu. Se realmente estamos indo para a mesma reunião, isso faz com que nosso encontro casual nas ruas pareça um pouco suspeito. Mas eu acho que as chances de nós dois estarmos no mesmo lugar ao mesmo tempo não são tão inconcebíveis, considerando que estávamos indo na mesma direção para a mesma reunião e, portanto, testemunhamos o mesmo acidente.

Jeremy se afasta e eu saio do elevador. Eu abro minha boca, me preparando para falar, mas ele dá alguns passos, caminhando para trás. — Vejo você em alguns minutos.

Eu não o conheço, nem sei como ele se relaciona com a reunião que estou prestes a ter, mas mesmo sem saber de detalhes do que está acontecendo esta manhã, não posso deixar de gostar do cara. O homem literalmente me deu a camisa, então duvido que ele tenha uma natureza vingativa.

Eu sorrio antes de ele virar a esquina. — Tudo bem. Vejo você em alguns minutos.

Ele devolve o sorriso. — Tudo bem.

Eu o vejo até que ele vire à esquerda e desapareça. Assim que estou fora de sua linha de visão, posso relaxar um pouco. Esta manhã acabou de ser... muito. Entre o acidente que eu testemunhei e estar em espaços fechados com aquele homem confuso, estou me sentindo tão estranha. Eu pressiono minha palma contra a parede e me inclino nela. Que diabos— Você chegou na hora — Corey diz. Sua voz me assusta. Eu giro ao redor, e ele está andando até mim do corredor oposto. Ele se inclina e me beija na bochecha. Eu endureço.

— Você nunca chega na hora.

— Eu teria estado aqui mais cedo, mas... — Eu calei a boca. Eu não explico o que me impediu de chegar cedo. Ele parece desinteressado enquanto segue na mesma direção que Jeremy.

— A reunião não é às nove e meia, mas eu imaginei que você se atrasaria, então eu disse nove.

Eu paro, olhando para a parte de trás de sua cabeça. Que diabos, Corey? Se ele tivesse me contado nove e meia do que nove, eu não teria testemunhado o acidente do outro lado da rua. Eu não teria sido submetida ao sangue de um estranho.

— Você vem? — Corey pergunta, parando para olhar de volta para mim.

Eu enterro minha irritação. Estou acostumada a fazer isso quando se trata dele.

Chegamos a uma sala de conferências vazia. Corey fecha a porta atrás de nós e eu me sento na mesa de reuniões. Ele se senta ao meu lado na cabeceira da mesa, posicionando-se de modo que ele está olhando para mim. Eu tento não franzir o cenho quando olho para ele depois do nosso hiatus de meses, mas ele não mudou. Ainda muito limpo, arrumado, gravata, óculos, um sorriso. Sempre um contraste tão gritante comigo mesma.

— Você parece terrível. — Eu digo isso porque ele não parece terrível. Ele nunca parece, e ele sabe disso.

— Você parece revigorada e arrebatadora — Ele diz isso porque eu nunca pareço revigorada e arrebatadora. Eu sempre pareço cansada e talvez até perpetuamente entediada. Eu já ouvi falar do Cara de Vadia, mas eu me identifico mais com o Cara de Cansada.

— Como está sua mãe?

— Ela morreu na semana passada.

Ele não estava esperando isso. Ele se inclina para trás em sua cadeira e inclina a cabeça. — Por que você não me contou?

Por que você não se incomodou em perguntar até agora? Eu dou de ombros. — Eu ainda estou processando.

Minha mãe morou comigo nos últimos nove meses – desde que foi diagnosticada com câncer de cólon em estágio quatro. Ela faleceu na quarta-feira passada depois de três meses no hospício. Foi difícil deixar o apartamento naqueles últimos meses porque ela confiava em mim para tudo – para beber, comer e colocá-la em sua cama. Quando ela piorou, eu não pude deixá-la sozinha, e é por isso que eu não pisei fora do meu apartamento por semanas. Felizmente, uma conexão Wi-Fi e um cartão de crédito facilitam a vida completamente dentro de casa em Manhattan. Qualquer coisa e tudo que uma pessoa poderia precisar pode ser entregue.

Engraçado como uma das cidades mais populosas do mundo pode ser um paraíso para os agorafóbicos.

— Você está bem? — Corey pergunta.

Eu mascarei minha inquietação com um sorriso, mesmo que sua preocupação fosse apenas uma formalidade. — Estou bem. — Isso ajuda o que era esperado. Estou apenas dizendo o que acho que ele quer ouvir. Não sei como ele reagiria à verdade – que estou aliviada por ela ter ido embora.

Minha mãe só trouxe culpa para a minha vida. Nada menos, nada mais. Apenas culpa consistente.

Corey se dirige para o balcão com tortas de café da manhã, garrafas de água e uma jarra de café. — Você está com fome? Com sede?

— Água está bom.

Ele agarra duas águas e entrega uma para mim, depois volta para o seu lugar. — Você precisa de ajuda com o testamento? Tenho certeza que Edward pode ajudar.

Edward é o advogado da agência literária de Corey. É uma agência pequena, então muitos dos escritores usam o conhecimento de Edward em outras áreas. Infelizmente, não vou precisar disso. Corey tentou me dizer quando eu assinei o contrato de arrendamento dos meus dois quartos no ano passado que eu não poderia pagar por isso. Mas minha mãe insistiu que ela morresse com dignidade – em seu próprio quarto. Não em um lar de idosos. Não em um hospital. Não em uma cama de hospital no meio do meu apartamento de eficiência. Ela queria seu próprio quarto com suas próprias coisas.

Ela prometeu que o que sobrou em sua conta bancária depois de sua morte me ajudaria a acompanhar todo o tempo que eu tinha que tirar da minha carreira de escritora. No ano passado, vivi o pouco de adiantamento que restava do meu último contrato de publicação. Mas tudo acabou agora e, aparentemente, o dinheiro da minha mãe também. Foi uma das últimas coisas que ela me confessou antes de finalmente sucumbir ao câncer.

Eu teria me importado com ela, independentemente de sua situação financeira. Ela era minha mãe. Mas o fato de que ela sentiu que precisava mentir para mim, para que eu concordasse em aceitá-la, prova como éramos desconectadas uma da outra.

Eu tomo um gole da minha água e depois balanço minha cabeça. — Eu realmente não preciso de um advogado. Tudo o que ela me deixou foi dívida, mas obrigada pela oferta.

Corey franze os lábios. Ele sabe da minha situação financeira porque, como meu agente literário, ele é quem envia meus cheques de direitos autorais. É por isso que ele está olhando para mim com pena agora. — Você tem uma verificação de direitos autorais estrangeiros em breve — diz ele, como se eu não estivesse ciente de cada centavo vindo na minha direção pelos próximos seis meses. Como se eu já não tivesse gasto.

— Eu sei. Eu vou ficar bem. — Eu não quero falar sobre meus problemas financeiros com Corey. Nem com ninguém.

Corey encolhe os ombros um pouco, sem se convencer. Ele olha para baixo e ajeita a gravata. — Espero que esta oferta seja boa para nós dois — diz ele.

Eu estou aliviada que o assunto está mudando. — Por que estamos nos reunindo pessoalmente com um editor? Você sabe que eu prefiro fazer coisas por email.

— Eles pediram a reunião ontem. Disse que eles têm um trabalho que gostariam de discutir com você, mas eles não me deram detalhes pelo telefone.

— Eu pensei que você estava trabalhando em conseguir outro contrato com meu último editor.

— Seus livros estão bem, mas não o suficiente para garantir outro contrato sem sacrificar um pouco do seu tempo. Você tem que concordar em se envolver em mídias sociais, sair em turnê, construir uma base de fãs. Suas vendas por si só não estão cortando no mercado atual.

Eu estava com medo disso. Uma renovação de contrato com meu editor atual era toda a esperança financeira que me restava. Os cheques de direitos autorais dos meus livros anteriores diminuíram junto com as minhas vendas de livros. Escrevi muito pouco no ano passado por causa do meu compromisso com minha mãe, então não tenho nada para vender a um editor.

— Não tenho idéia do que a Pantem vai oferecer, ou se é algo que você vai se interessar — diz Corey. — Temos que assinar um acordo de não divulgação antes que eles nos forneçam mais detalhes. O segredo me deixa curioso, no entanto. Estou tentando não ter esperanças, mas há muitas possibilidades e tenho um bom pressentimento. Nós precisamos disso.

Ele diz nós porque seja qual for a oferta, ele ganha quinze por cento se eu aceitar. É o padrão do agente-cliente. O que não é o padrão agente-cliente seriam os seis meses que passamos em um relacionamento e os dois anos de sexo que se seguiram ao nosso rompimento.

Nosso relacionamento sexual só durou tanto quanto porque ele não estava falando sério sobre ninguém e nem eu. Era conveniente até que não fosse. Mas a razão pela qual nosso relacionamento real foi tão curto é porque ele estava apaixonado por outra mulher.

Não importa que a outra mulher em nosso relacionamento também fosse

eu.

Tem que ser confuso, apaixonar-se pelas palavras de um escritor antes de conhecer o escritor. Algumas pessoas acham difícil separar um personagem do indivíduo que o criou. Corey, surpreendentemente, é uma dessas pessoas, apesar de ser um agente literário. Ele conheceu e se apaixonou pela protagonista feminina do meu primeiro romance, *Open Ended*, antes de falar comigo. Ele assumiu que a personalidade da minha personagem era um reflexo próximo do meu, quando, na verdade, eu não poderia ser mais o oposto dela.

Corey foi o único agente a responder à minha consulta, e mesmo essa resposta levou meses para ser recebida. Seu e-mail tinha apenas algumas frases, mas o suficiente para devolver a vida à minha esperança de morte.

Eu li o seu manuscrito, *Open Ended*, em questão de horas. Eu acredito neste livro. Se você ainda estiver procurando por um agente, me ligue.

Seu email chegou em uma manhã de quinta-feira. Estávamos conversando por telefone sobre meu manuscrito duas horas depois. Na sexta-feira à tarde, nos encontramos para tomar café e assinamos um contrato.

No sábado à noite, nós tínhamos fodido três vezes.

Tenho certeza de que nosso relacionamento quebrou um código de ética em algum lugar, mas não tenho certeza de que isso tenha contribuído para o quão pouco duradouro foi. Assim que Corey descobriu que eu não era a pessoa em que minha personagem estava baseada, percebeu que não éramos compatíveis. Eu não era heróica. Eu não era simples. Eu era difícil. Um quebra-cabeça emocionalmente desafiador que ele não estava disposto a resolver.

Que estava bem. Eu não estava com vontade de ser resolvida.

Por mais difícil que tenha sido um relacionamento com ele, é surpreendentemente fácil ser sua cliente. É por isso que optei por não trocar de agência depois do nosso rompimento, porque ele tem sido leal e imparcial quando se trata de minha carreira.

— Você parece um pouco esgotada — Corey diz, me tirando dos meus

pensamentos. — Você está nervosa?

Concordo com a cabeça, esperando que ele aceite meu comportamento como nervoso, porque não quero explicar por que estou esgotada. Já faz duas horas desde que saí do meu apartamento hoje de manhã, mas parece que mais aconteceu nessas duas horas do que em todo o resto do ano. Eu olho para minhas mãos... meus braços... procurando por vestígios de sangue. Não está mais lá, mas ainda posso sentir isso. Cheirar isso.

Minhas mãos não pararam de tremer, então continuo escondendo-as debaixo da mesa. Agora que estou aqui, percebo que provavelmente não deveria ter vindo. Eu não posso deixar passar um contrato em potencial. Não é como se as ofertas estivessem entrando, e se eu não garantir algo em breve, terei que conseguir um emprego diário. Se eu conseguir um emprego, mal me daria tempo para escrever. Mas pelo menos poderei pagar minhas contas.

Corey tira um lenço do bolso e enxuga o suor da testa. Ele só transpira quando está nervoso. O fato de que ele está nervoso agora está me deixando ainda mais nervoso. — Precisamos de um sinal secreto se você não estiver interessado em qualquer oferta? — Pergunta ele.

— Vamos ouvir o que eles têm a dizer e, em seguida, podemos pedir para falar em particular.

Corey clica na caneta e se endireita na cadeira como se estivesse armando uma arma para a batalha. — Deixe-me falar.

Eu planejei de qualquer maneira. Ele é carismático e encantador. Eu teria dificuldade em encontrar alguém que pudesse me classificar como uma dessas coisas. É melhor se eu sentar e ouvir.

— O que você está vestindo? — Corey está olhando para a minha camisa, perplexo, só agora percebendo isso, apesar de ter passado os últimos quinze minutos comigo.

Eu olho para minha camisa enorme. Por um momento, esqueci o quão ridícula eu pareço. — Eu derramei café na minha outra camisa esta manhã e tive que trocar.

— De quem é essa camisa?

Eu dou de ombros. — Provavelmente sua. Estava no meu armário.

— Você deixou sua casa usando isso? Não havia outra coisa que você pudesse usar?

— Não parece fashion? — Eu estou sendo sarcástica, mas ele não entende.

Ele faz uma careta. — Não. Deveria parecer?

Que cuzão. Mas ele é bom na cama, como a maioria dos idiotas.

Estou realmente aliviada quando a porta da sala de conferências se abre e uma mulher entra. Ela é seguida, quase comicamente, por um homem mais velho andando tão perto atrás dela, ele bate nas costas dela quando ela para.

— Droga, Barron — eu a ouço murmurar.

Eu quase sorrio para a ideia de Droga Barron ser realmente o nome dele.

Jeremy entra por último. Ele me dá um pequeno aceno que passa despercebido por todos os outros.

A mulher está vestida de maneira mais apropriada do que eu no meu melhor dia, com cabelo preto curto e batom tão vermelho, é um pouco chocante às nove e meia da manhã. Ela parece ser a responsável quando pega a mão de Corey e depois a minha, enquanto Droga Barron observa. — Amanda Thomas — diz ela. — Sou editora da Pantem Press. Este é Barron Stephens, nosso advogado, e Jeremy Crawford, nosso cliente.

Jeremy e eu apertamos as mãos, e ele faz um bom trabalho fingindo que não compartilhamos uma manhã extremamente bizarra. Ele calmamente toma o assento em frente a mim. Eu tento não olhar para ele, mas é o único lugar que meus olhos parecem querer viajar. Não faço ideia do motivo de estar mais curiosa sobre ele do que sobre essa reunião.

Amanda tira pastas da pasta e as coloca na frente de Corey e da minha.

— Obrigada por se encontrar com a gente — diz ela. — Não queremos perder seu tempo, então vou direto ao ponto. Um dos nossos autores não pode cumprir um contrato devido a razões médicas, e estamos em busca de uma escritora com experiência no mesmo gênero que possa estar interessada em completar os três livros restantes de sua série.

Eu olho para Jeremy, mas sua expressão estóica não sugere seu papel nessa reunião.

— Quem é o autor? — Corey pergunta.

— Estamos felizes em analisar os detalhes e os termos com você, mas pedimos que você assine o contrato de não divulgação. Gostaríamos de manter a atual situação do autor fora da mídia.

— É claro — Corey diz.

Eu concordo, mas não digo nada enquanto nós dois examinamos os formulários e os assinamos. Corey os desliza de volta para Amanda.

— O nome dela é Verity Crawford — diz ela. — Tenho certeza de que

você está familiarizado com o trabalho dela.

Corey endurece assim que menciona o nome da Verity. Claro que estamos familiarizados com o trabalho dela. Todo mundo está. Eu arrisco um olhar na direção de Jeremy. Verity é sua esposa? Eles compartilham um sobrenome. Ele disse no andar de baixo que sua esposa é escritora. Mas por que ele estaria em uma reunião sobre ela? Uma reunião para a qual ela nem está aqui?

— Estamos familiarizados com o nome — diz Corey, segurando suas cartas perto.

— A Verity tem uma série de muito sucesso que odiamos ver que está inacabada — continua Amanda. — Nosso objetivo é trazer um escritor que esteja disposto a intervir, terminar a série, completar as turnês do livro, os comunicados de imprensa e tudo o que normalmente é exigido da Verity. Planejamos lançar um comunicado de imprensa apresentando o novo co-escritor, preservando ao máximo a privacidade da Verity.

Turnê de livros? Comunicado de imprensa?

Corey está olhando para mim agora. Ele sabe que eu não estou okay com esse aspecto. Vários autores se sobressaem em interações com o leitor, mas eu sou tão estranha que tenho medo que uma vez que meus leitores me conheçam pessoalmente, eles vão praguejar meus livros para sempre. Eu fiz apenas uma sessão de autógrafos e não dormi na semana que antecedeu a ela. Eu estava com tanto medo durante a sessão que foi difícil para mim falar. No dia seguinte, recebi um e-mail de uma leitora que disse que eu era uma vaca idiota e que ela nunca mais leria meus livros.

E é por isso que fico em casa e escrevo. Acho que a ideia de mim é melhor que a realidade de mim.

Corey não diz nada quando abre a pasta que Amanda lhe entrega. — Qual é a compensação da Sra. Crawford por três romances?

Droga Barron responde a essa pergunta. — Os termos do contrato da Verity permanecerão os mesmos com o editor dela e, compreensivelmente, não serão divulgados. Todos os royalties irão para a Verity. Mas meu cliente, Jeremy Crawford, está disposto a oferecer um pagamento fixo de setenta e cinco mil por livro.

Meu estômago pula com a menção desse tipo de pagamento. Mas tão rapidamente quanto a excitação eleva meu ânimo, eles afundam novamente quando eu aceito a enormidade de tudo isso. Passar de escritora de ninguém a

co-autor de uma sensação literária é um grande salto para mim. Eu já posso sentir minha ansiedade afundando só de pensar nisso.

Corey se inclina para frente, cruzando os braços sobre a mesa à sua frente. — Estou assumindo que o pagamento é negociável.

Eu tento chamar a atenção do Corey. Quero que ele saiba que as negociações não são necessárias. Não há nenhuma maneira de aceitar uma oferta para terminar uma série de livros que eu fiquei nervosa demais para escrever.

Droga Barron se endireita na cadeira. — Com todo o respeito, Verity Crawford passou os últimos treze anos construindo sua marca. Uma marca que não existiria de outra forma. A oferta é para três livros. Setenta e cinco mil por livro, o que totaliza duzentos e vinte e cinco mil dólares.

Corey deixa cair uma caneta sobre a mesa, recostando-se na cadeira, parecendo não estar impressionado. — Qual é o prazo para a apresentação?

— Já estamos atrasados, por isso, queremos que o primeiro livro seja enviado seis meses após a data de assinatura do contrato.

Eu não consigo parar de olhar para o batom vermelho manchado em seus dentes enquanto ela fala.

— O cronograma para os outros dois está em discussão. Idealmente, gostaríamos de ver o contrato concluído dentro dos próximos vinte e quatro meses.

Eu posso sentir Corey fazendo as contas em sua cabeça. Isso me faz pensar se ele está calculando para ver qual seria o corte dele ou qual seria o meu corte.

Corey teria quinze por cento. São quase trinta e quatro mil dólares, simplesmente por me representar nesta reunião como meu agente. Metade iria para os impostos. Isso é pouco menos de cem mil que acabariam na minha conta bancária. Cinquenta mil por ano.

É mais que o dobro do avanço que recebi para meus romances anteriores, mas não é suficiente para me convencer a me ligar a uma série tão bem-sucedida.

A conversa se move sem parar, já que eu já sei que vou recusar. Quando Amanda retira o contrato oficial, limpo a garganta e falo.

— Eu agradeço a oferta — eu digo. Eu olho diretamente para Jeremy, então ele saberá que estou sendo sincero. — Realmente agradeço. Mas se o seu plano é trazer alguém para se tornar o novo rosto da série, tenho certeza

de que existem outros autores que seriam muito mais adequados.

Jeremy não diz nada, mas ele está olhando para mim com muito mais curiosidade do que antes de eu falar. Eu me levanto, pronta para sair. Estou decepcionada com o resultado, mas ainda mais desapontada que meu primeiro dia fora do meu apartamento tenha sido um desastre completo de muitas maneiras. Estou pronta para ir para casa e tomar um banho.

— Eu gostaria de um momento com minha cliente. — Corey diz, de pé rapidamente.

Amanda assente, fechando a pasta enquanto os dois se levantam. — Vamos sair — diz ela. — Os termos estão detalhados em suas pastas. Nós temos dois outros escritores em mente, se isso não parece ser uma boa opção para você, então tente nos informar algo até amanhã à tarde.

Jeremy é o único ainda sentado neste momento.

Ele não disse uma única palavra o tempo todo. Amanda se inclina para frente para apertar minha mão. — Se você tiver alguma dúvida, entre em contato. Fico feliz em ajudar.

— Obrigada. — eu digo. Amanda e Droga Barron saem, mas Jeremy continua me encarando.

Corey olha para trás e para frente entre nós, esperando que Jeremy saia. Em vez disso, Jeremy se inclina para frente, concentrando-se em mim.

— Poderíamos ter uma palavra em particular? — Jeremy me pergunta. Ele olha para Corey, mas não para permissão · é mais uma demissão.

Corey olha de volta para Jeremy, pego de surpresa por seu pedido descarado. Eu posso dizer pelo jeito que Corey lentamente vira a cabeça e estreita os olhos que ele quer que eu decline. Ele está tudo, mas dizendo: Você pode acreditar nesse cara?

O que ele não percebe é que estou ansiosa para ficar sozinha nesta sala com Jeremy. Quero que todos saiam desta sala, especialmente Corey, porque de repente tenho muito mais perguntas para Jeremy. Sobre sua esposa, sobre por que eles me procuraram, por que ela não consegue mais terminar sua própria série.

— Tudo bem. — eu digo para Corey.

A veia em sua testa se projeta quando ele tenta esconder sua irritação. Sua mandíbula endurece, mas ele cede e eventualmente sai da sala de conferências.

É só Jeremy e eu.

Novamente.

Contando o elevador, esta é a terceira vez que estamos sozinhos em uma sala juntos desde que nos cruzamos esta manhã. Mas esta é a primeira vez que eu sinto muita energia nervosa. Tenho certeza que é tudo meu. Jeremy de alguma forma parece tão calmo quanto ele estava enquanto me ajudava a limpar partes de um pedestal de mim menos de uma hora atrás.

Jeremy se recosta na cadeira, arrastando as mãos pelo rosto. — Jesus — ele murmura. — As reuniões com os editores são sempre tão rígidas?

Eu rio baixinho. — Eu não saberia. Eu costumo fazer essas coisas por email.

— Eu posso ver o porquê. — Ele se levanta e pega uma garrafa de água. Talvez seja porque eu estou sentada agora e ele é tão alto, mas não me lembro de me sentir tão pequena na presença dele antes. Saber que ele é casado com Verity Crawford me faz sentir intimidada por ele ainda mais do que quando eu estava em pé na frente dele na minha saia e sutiã.

Ele permanece em pé enquanto se inclina contra o balcão, cruzando as pernas nos tornozelos. — Você está bem? Você realmente não teve muito tempo para se adaptar ao que aconteceu do outro lado da rua antes de entrar nisso.

— Nem você.

— Eu estou bem. — Aí esta essa palavra novamente. — Tenho certeza de que você tem perguntas.

— Uma tonelada — eu admito.

— O que você quer saber?

— Por que sua mulher não pode terminar a série?

— Ela estava em um acidente de carro. — diz ele. Sua resposta é mecânica, como se ele estivesse se forçando a se desligar de qualquer emoção agora.

— Eu sinto muito. Eu não tinha ouvido. — Eu mudo no meu lugar, sem saber mais o que dizer.

— Eu não estava com a ideia de outra pessoa terminar seu contrato no começo. Eu tinha esperança que ela se recuperasse totalmente. Mas... — Ele faz uma pausa. — Aqui estamos.

Seu comportamento faz sentido para mim agora. Ele parecia um pouco reservado e quieto, mas agora percebo que todas as partes quietas dele são apenas tristeza. Lamentação palpável. Eu não tenho certeza se é por causa do

que aconteceu com a esposa dele, ou o que ele me disse no banheiro mais cedo – que sua filha faleceu há alguns meses. Mas este homem está obviamente fora de seu elemento aqui, pois ele é desafiado a tomar decisões mais pesadas do que qualquer coisa que a maioria das pessoas tem que enfrentar. — Eu sinto muito.

Ele concorda, mas não oferece mais nada. Ele volta ao seu lugar, o que me faz pensar se ele acha que ainda estou contemplando a oferta. Eu não quero perder seu tempo mais do que eu já fiz.

— Eu agradeço a oferta, Jeremy, mas honestamente, não é algo que eu me sinta confortável. Eu não sou boa com publicidade. Eu nem sei por que a editora de sua esposa me procurou como uma opção em primeiro lugar.

— Open Ended — diz Jeremy.

Eu endureço quando ele menciona um dos livros que eu escrevi.

— Era um dos livros favoritos da Verity.

— Sua esposa leu um dos meus livros?

— Ela disse que você seria a próxima grande coisa. Eu sou o único que deu a ela o seu nome porque a Verity acha que seus estilos de escrita são semelhantes. Se alguém vai assumir a série da Verity, quero que seja alguém cujo trabalho ela respeita.

Eu sacudo minha cabeça. — Uau. Eu estou lisonjeada, mas... eu não posso.

Jeremy me observa em silêncio, provavelmente se perguntando por que eu não estou reagindo como a maioria dos escritores faria a esta oportunidade. Ele não pode me entender. Normalmente, eu ficaria orgulhosa disso. Não gosto de ler com facilidade, mas parece errado nessa situação. Eu sinto que deveria ser mais transparente, simplesmente porque ele me mostrou cortesia esta manhã. Eu nem saberia por onde começar, no entanto.

Jeremy se inclina para frente, seus olhos nadando com curiosidade. Ele olha para mim por um momento, depois bate o punho na mesa enquanto fica de pé. Presumo que a reunião acabou e comecei a ficar também, mas Jeremy não anda em direção à porta. Ele caminha em direção a uma parede forrada com prêmios emoldurados, então eu afundo de volta na minha cadeira. Ele olha para os prêmios, de costas para mim. Não é até ele correr os dedos sobre um deles que eu percebo que é um dos de sua esposa. Ele suspira e depois me enfrenta novamente.

— Você já ouviu falar de pessoas chamadas de Crônicos? — ele

pergunta.

Eu sacudo minha cabeça.

— Acho que Verity pode ter inventado o termo. Depois que nossas filhas morreram, ela disse que éramos crônicos. Propenso a tragédia crônica. Uma coisa terrível atrás da outra.

Eu olho para ele por um momento, permitindo que suas palavras percorram. Ele disse que perdeu uma filha mais cedo, mas está usando o termo no plural.

— Filhas?

Ele inala uma respiração. Liberta com derrota. — Sim. Gêmeas. Perdemos Chastin seis meses antes de Harper ir. Tem sido... — Ele não está se separando de suas emoções tão bem quanto antes. Ele passa a mão pelo rosto e depois volta para a cadeira. — Algumas famílias têm a sorte de nunca experimentar uma única tragédia. Mas há aquelas famílias que parecem ter tragédias esperando em segundo plano. O que pode dar errado, dá errado. E então fica pior.

Eu não sei porque ele está me dizendo isso, mas eu não questiono. Eu gosto de ouvi-lo falar, mesmo que as palavras que saem de sua boca sejam sombrias.

Ele está girando sua garrafa de água em um círculo sobre a mesa, olhando para ela em pensamento.

Estou com a impressão de que ele não pediu para ficar sozinho comigo para mudar de ideia. Ele só queria ficar sozinho. Talvez ele não aguentasse mais um segundo de discutir sua esposa dessa maneira, e ele queria que todos eles fossem embora. Eu acho isso reconfortante – que ficar sozinho comigo na sala ainda parece estar sozinho para ele.

Ou talvez ele sempre se sinta sozinho. Como nosso velho vizinho do lado, que, pelo que parece, foi definitivamente um Crônico.

— Eu cresci em Richmond — eu digo. — Nosso vizinho perdeu os três membros de sua família em menos de dois anos. Seu filho morreu em combate. Sua esposa morreu seis meses depois de câncer. Então sua filha morreu em um acidente de carro.

Jeremy para de mover a garrafa de água e a desliza alguns centímetros dele. — Onde está o homem agora?

Eu endureço. Eu não estava esperando essa pergunta.

A verdade é que o homem não podia perder todos que significassem algo

para ele. Ele se matou alguns meses depois que sua filha morreu, mas dizer isso em voz alta para Jeremy, que ainda está de luto pelas mortes de suas próprias filhas, seria cruel.

— Ele ainda mora na mesma cidade. Ele se casou novamente alguns anos depois. Tem alguns afilhados e netos.

Há algo na expressão de Jeremy que me faz pensar que ele sabe que estou mentindo, mas ele parece agradecido por eu ter mentido.

— Você precisa passar um tempo no escritório da Verity passando por suas coisas. Ela tem anos de anotações e contornos – coisas que eu não saberia como fazer sentido.

Eu sacudo minha cabeça. Ele não ouviu nada que eu disse? — Jeremy, eu te disse, eu não posso—

— O advogado está jogando com você. Diga ao seu agente para pedir meio milhão. Diga-lhes que você fará isso sem a imprensa, sob um pseudônimo, com uma não divulgação confidencial. Dessa forma, o que quer que você esteja tentando esconder pode ficar escondido.

Eu quero dizer a ele que não estou tentando esconder nada além do meu constrangimento, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele está se movendo em direção à porta.

— Vivemos em Vermont — continua ele. — Eu lhe darei o endereço depois que você assinar o contrato. Você é bem-vinda para ficar o tempo que for necessário para percorrer seu escritório.

Ele faz uma pausa com a mão na porta. Eu abro minha boca para fazer uma nova objeção, mas a única palavra que sai é um muito inseguro — Tudo bem.

Ele me olha por um momento, como se tivesse mais a dizer. Então ele diz: — Tudo bem.

Ele abre a porta e sai para o corredor onde Corey está esperando. Corey passa por ele, de volta para a sala de conferências, onde ele fecha a porta.

Eu olho para a mesa, confusa com o que aconteceu. Confusa sobre o motivo pelo qual estou sendo oferecida uma quantia substancial de dinheiro para um trabalho que nem tenho certeza de que posso fazer. Meio milhão de dólares? E eu posso fazer isso sob um pseudônimo sem compromisso de turnê ou publicidade? O que diabos eu disse que levou a isso?

— Eu não gosto dele. — diz Corey, sentando-se no banco. — O que ele disse para você?

— Ele disse que eles estão me enganando e que devo pedir meio milhão sem publicidade.

Eu me viro a tempo de ver Corey engasgar no ar. Ele pega minha garrafa de água e toma um gole.

— Merda.



Eu tive um namorado em meus vinte e poucos anos chamado Amos, que gostava de ser sufocado.

É por isso que nos separamos – porque me recusei a sufocá-lo. Mas às vezes eu me pergunto onde eu estaria se tivesse entretido sua vontade. Nós nos casaríamos agora? Teríamos filhos? Ele teria mudado para perversões sexuais ainda mais perigosas?

Eu acho que é o que mais me preocupou com ele. Em seus vinte e poucos anos, o sexo *vanilla* deve satisfazer uma pessoa sem a necessidade de introduzir fetiches tão cedo em um relacionamento.

Eu gosto de pensar em Amos quando me sinto desapontada com o estado atual da minha vida. Enquanto olho para o aviso de despejo cor-de-rosa na mão de Corey, lembro a mim mesma que poderia ser pior – eu ainda poderia estar com Amos.

Abro mais a porta do meu apartamento, permitindo que Corey entre. Eu não sabia que ele estava vindo, ou teria me certificado de que não haveria avisos de despejo colados na minha porta. É o terceiro dia consecutivo que recebi um. Eu tiro isso dele e enfio em uma gaveta.

Corey segura uma garrafa de champanhe. — Pensei que poderíamos celebrar o novo contrato — diz ele, entregando-me a garrafa. Eu aprecio que ele não mencione o despejo. Não é tão terrível agora que tenho um cheque de pagamento previsto. O que vou fazer até então... não tenho certeza. Eu poderia ter dinheiro suficiente por alguns dias em um hotel.

Eu sempre posso penhorar o que sobrou das coisas da minha mãe.

Corey já tirou o casaco e está soltando a gravata. Essa costumava ser nossa rotina, antes de minha mãe se mudar. Ele aparecia e começava a perder

pedaços de sua roupa até que estávamos debaixo das cobertas da minha cama.

Isso parou completamente quando descobri através da mídia social que ele estava em alguns encontros com uma garota chamada Rebecca. Eu não parei nosso relacionamento sexual por ciúme - parei por respeito à garota que não estava ciente disso.

— Como está Becca? — Eu pergunto quando abro o armário para encontrar dois copos. A mão de Corey faz uma pausa em sua gravata, como se ele estivesse chocado, eu estou ciente do que está acontecendo em sua vida amorosa. — Eu escrevo romances de suspense, Corey. Não fique tão surpreso que eu saiba tudo sobre a sua namorada.

Eu não assisto a reação dele. Eu abro a garrafa de champanhe e despejo dois copos. Quando eu vou entregar um para Corey, ele está sentado no bar. Eu fico do lado oposto e levantamos nossos óculos. Mas eu diminuo o meu antes que ele possa fazer um brinde. Eu olho para a minha taça de champanhe, achando impossível pensar em qualquer coisa para brindar com outra coisa que não seja o dinheiro.

— Não é a minha série — eu digo. — Eles não são meus personagens. E o autor responsável pelo sucesso desses livros está ferido. Parece errado brindar a isso.

O copo de Corey ainda está em pausa no ar. Ele encolhe os ombros e, em seguida, abaixa o copo inteiro em um gole, entregando-o de volta para mim.

— Não se concentre em por que você está jogando o jogo. Apenas se concentre na linha de chegada.

Eu reviro meus olhos enquanto coloco seu copo vazio na pia.

— Você já leu algum de seus livros? — Ele pergunta.

Eu balancei minha cabeça e liguei a água. Eu provavelmente deveria parar de usar esses pratos. Tenho quarenta e oito horas para sair deste apartamento e meus pratos são algo que quero levar comigo quando for. — Não. E você? — Eu coloquei os pratos na água e peguei uma esponja.

Corey ri. — Não. Ela não é meu estilo.

Eu olho para ele, assim como ele percebe que suas palavras duplicam como um insulto à minha própria escrita, considerando que me ofereceram esse emprego por causa de nossos supostos estilos de escrita semelhantes, de acordo com o marido de Verity.

— Não foi o que eu quis dizer — diz ele. Ele se levanta e anda ao redor do bar, de pé ao meu lado na pia. Ele espera que eu termine de esfregar um

prato, e então ele tira de mim e começa a enxaguá-lo. — Não parece que você tenha embalado alguma coisa. Você já encontrou um novo apartamento?

— Eu tenho um prédio de armazenamento e planejo ter a maior parte arrumada amanhã. Eu coloquei uma inscrição em um complexo no Brooklyn, mas eles não terão nada por duas semanas.

— O aviso de despejo diz que você tem dois dias para sair.

— Eu estou ciente disso.

— Então, para onde você está indo? Um hotel?

— Eventualmente. Estou saindo no domingo para a casa de Verity Crawford. O marido dela diz que eu preciso ir ao escritório dela por um dia ou dois antes de começar a série.

Imediatamente após a assinatura do contrato esta manhã, recebi um email de Jeremy com instruções para a casa deles. Pedi para ir no domingo e, felizmente, ele concordou.

Corey dá o outro prato de mim. Eu posso senti-lo olhando para mim. — Você vai ficar na casa deles?

— De que outra forma eu deveria conseguir suas anotações para a série?

— Mande-o enviá-las para você.

— Ela tem treze anos de anotações e rascunhos. Jeremy disse que nem saberia por onde começar, e seria mais fácil se eu resolvesse sozinha.

Corey não diz nada, mas posso sentir que ele está mordendo a língua. Eu deslizo a esponja pelo comprimento da faca na minha mão e depois a entrego para ele.

— O que você não me está dizendo? — Eu pergunto.

Ele enxágua a faca em silêncio, coloca-a no coador, depois agarra a borda da pia e vira a cabeça para mim. — O homem perdeu duas filhas. Então sua esposa se machuca em um acidente de carro. Eu não tenho certeza se estou tão confortável com você estando em sua casa.

A água de repente parece muito fria para mim. Calafrios percorrem os dois braços. Eu desligo a água e seco minhas mãos, encostando minhas costas na pia. — Você está sugerindo que ele tem algo a ver com isso?

Corey encolhe os ombros. — Eu não sei o suficiente sobre o que aconteceu para sugerir alguma coisa. Mas esse pensamento não passou pela sua cabeça? Que talvez não seja a coisa mais segura a fazer? Você nem os conhece.

— Eu não sou ignorante. Eu tenho desenterrado o máximo que posso encontrar sobre eles on-line. Sua primeira filha estava em uma festa do pijama a quinze quilômetros de distância, quando ela teve uma reação alérgica. Nem Jeremy nem Verity estavam lá quando aconteceu. E a segunda filha se afogou no lago atrás de sua casa, mas Jeremy não chegou em casa até que a busca por seu corpo já estivesse em vigor. Ambos foram julgados acidentes. — Eu posso ver porque Corey está preocupado, mas eu também estava, honestamente. Mas quanto mais eu cavar, mais posso encontrar para me preocupar. Dois acidentes trágicos e não relacionados.

— E quanto ao acidente de carro de Verity?

— Foi um acidente — eu digo. — Ela bateu em uma árvore.

A expressão de Corey sugere que ele não está convencido. — Eu li que não havia marcas de pneu. O que significa que ela adormeceu ou fez isso de propósito.

— Você pode culpá-la? — Estou irritada por ele estar fazendo afirmações infundadas. Eu me viro para terminar a louça. — Ela perdeu as duas filhas. Qualquer um que sofra com algo assim, gostaria de encontrar uma saída.

Corey seca as mãos no pano de prato e, em seguida, pega o paletó da banqueta. — Acidentes ou não, a família obviamente têm muita sorte e muito dano emocional, então você precisa ter cuidado. Entre, pegue o que precisa e vá embora.

— Que tal você se preocupar com os detalhes contratuais, Corey? Vou me preocupar com a pesquisa e escrever a partir disso.

Ele desliza em sua jaqueta. — Estou apenas cuidando de você.

Cuidando de mim? Ele sabia que minha mãe estava morrendo e ele não falou comigo em dois meses. Ele não está cuidando de mim. Ele é um ex-namorado que achou que ia transar naquela noite, mas em vez disso foi discretamente rejeitado logo antes de descobrir que eu ficaria na casa de outro homem. Ele está disfarçando seu ciúme com preocupação.

Eu o levo até a porta. — Digo aliviada por ele estar saindo. Eu não o culpo por querer fugir. Este apartamento tem uma vibe estranha desde que minha mãe se mudou. É por isso que eu nem sequer me preocupei em lutar contra o aluguel, ou informar ao proprietário que eu vou ter o dinheiro em duas semanas. Eu quero sair deste lugar mais do que Corey quer agora.

— Por que vale a pena — diz ele — Parabéns. Se você criou esta série

ou não, sua escrita levou você a isso. Você deveria se orgulhar disso.

Eu odeio quando ele diz coisas legais no auge da minha irritação. —
Obrigada.

— Envie-me uma mensagem assim que chegar lá domingo.

— Eu vou.

— E deixe-me saber se você precisar de alguma ajuda em movimento.

— Eu não vou.

Ele ri um pouco. — Ok, então. — Ele não me abraça como um adeus. Ele me manda um tchauzinho enquanto se afasta, e nós nunca nos separamos mais desajeitadamente. Tenho a sensação de que nosso relacionamento é finalmente como deveria ser: Agente e autora. Nada mais.



Eu poderia ter escolhido qualquer outra coisa para fazer nesta viagem de seis horas. Eu poderia ter ouvido “Bohemian Rhapsody” mais de sessenta vezes. Eu poderia ter ligado para minha velha amiga Natalie e ter feito um trabalho de recuperação, especialmente porque eu não falo com ela há mais de seis meses. Nós trocamos mensagens ocasionalmente, mas teria sido bom ouvir a voz dela. Ou talvez eu pudesse ter usado o tempo para me preparar mentalmente por todos os motivos pelos quais ficarei longe de Jeremy Crawford enquanto estiver em sua casa.

Mas em vez de fazer isso, escolhi ouvir o audiobook do primeiro romance da série Verity Crawford.

Acabou de terminar. Minhas juntas estão brancas de segurar o volante com tanta força. Minha boca está seca porque esqueci de me hidratar no caminho. Minha auto-estima está em algum lugar em Albany.

Ela é boa. Muito boa.

Agora lamento ter assinado o contrato. Não tenho certeza se posso corresponder a isso. E pensar que ela já escreveu seis desses romances, todos do ponto de vista do vilão. *Como um cérebro pode ter tanta criatividade?*

Talvez os outros cinco sejam péssimos. Eu posso ter esperança. Dessa forma, não haverá muita expectativa para os três últimos livros da série.

Quem estou querendo enganar? Toda vez que um dos romances de Verity é lançado, ele atinge o número um no *Times*.

Acabei de ficar duas vezes mais nervosa do que quando saí de Manhattan.

Passo o resto da viagem pronta para voltar a Nova York com o rabo entre as pernas, mas não consigo, porque pensar que não sou boa o suficiente faz parte do processo de composição. É parte da minha, de qualquer maneira.

Para mim, há três etapas para completar cada um dos meus livros.

- 1) Começo o livro e odeio tudo o que eu escrevo.
- 2) Continuo escrevendo o livro apesar de odiar tudo que escrevo.
- 3) Terminoo o livro e finjo que estou feliz com isso.

Nunca há um ponto no meu processo de escrita em que sinto que cumpro o que me propus a realizar ou quando acredito que escrevi algo que todos precisam ler. Na maioria das vezes, eu choro no meu chuveiro e olho para a tela do meu computador como um zumbi, imaginando como tantos outros autores podem promover seus livros com tanta confiança. *“Essa é a melhor coisa desde o último livro que escrevi! Você deveria ler!”*

Eu sou a escritora desajeitada que publica uma foto do seu livro e diz: *É um livro bom. Existem palavras nele. Leia se quiser.*

Receio que essa experiência específica de escrita seja ainda pior do que eu imaginava. Dificilmente alguém lê meus livros, então eu não tenho que sofrer muitas críticas negativas. Mas uma vez que o meu trabalho esteja por aí com o nome da Verity, será lido por centenas de milhares de leitores com expectativas embutidas para esta série. E se eu falhar, Corey saberá que falhei. Os editores saberão que eu falhei. Jeremy vai saber que eu falhei. E ... dependendo do estado mental dela ... Verity pode saber que eu falhei.

Jeremy não esclareceu a extensão das lesões da Verity quando estávamos na reunião, então não tenho ideia se ela está ferida além do ponto de comunicação. Havia muito pouco on-line sobre o seu acidente de carro, além de alguns artigos vagos. A editora divulgou um comunicado logo após o naufrágio afirmando que a Verity recebeu ferimentos sem risco de vida. Duas semanas atrás, eles divulgaram outra declaração dizendo que ela estava se recuperando pacificamente em casa. Mas sua editora, Amanda, disse que queria manter a extensão de seus ferimentos fora da mídia. Então, há uma possibilidade de eles terem minimizado tudo.

Ou, talvez, depois de toda a perda que ela sofreu nos últimos dois anos, ela simplesmente não quer escrever novamente.

Acho que é compreensível que eles precisam garantir a conclusão da

série. Os editores não querem ver a maior fonte de dinheiro destruída. E enquanto estou honrada, pediram-me para a concluir, não quero necessariamente ser colocada neste tipo de holofotes. Quando comecei a escrever, não era meu objetivo ficar famosa. Eu sonhava com uma vida onde pessoas suficientes comprariam meus livros e eu poderia pagar minhas contas e nunca seria impulsionada a uma vida de riquezas e fama. Muito poucos autores alcançam esse nível de sucesso, então nunca foi uma preocupação que isso acontecesse comigo.

Sei que anexar meu nome a essa série aumentaria as vendas de meus livros anteriores e garantiria mais oportunidades no futuro, mas a Verity é extremamente bem-sucedida. Como esta série que eu estou assumindo. Ao anexar meu nome real à série dela, eu estaria me submetendo ao tipo de atenção que passei a maior parte da minha vida temendo.

Eu não estou procurando meus quinze minutos de fama. Estou procurando por um salário.

Vai ser uma longa espera por esse avanço. Passei a maior parte do resto do meu dinheiro alugando este carro e guardando minhas coisas. Paguei um depósito por um apartamento, mas ele não estará pronto até a semana que vem, ou talvez na semana seguinte, o que significa que o pouco que me resta precisará ir a um hotel quando eu deixar a casa dos Crawford.

Essa é a minha vida. Meio sem teto, morando fora de uma mala apenas uma semana e meia depois que o último membro da minha família morreu. Isso pode piorar?

Eu poderia me casar com Amos agora, então a vida sempre poderia ser pior.

— Jesus, Lowen. — Reviro meus olhos por minha incapacidade de perceber quantos escritores matariam por esse tipo de oportunidade, e aqui estou pensando que minha vida chegou ao fundo do poço.

Ingrata.

Eu tenho que parar de olhar para a minha vida através dos óculos da minha mãe. Assim que obtiver o avanço desses romances, tudo começará a aparecer. Eu não vou mais ficar entre os apartamentos.

Peguei a saída para a casa dos Crawford alguns quilômetros atrás. O GPS está me levando por uma longa e ventosa estrada ladeada por árvores de corniso floridas e casas que continuam ficando maiores e mais separadas.

Quando finalmente chego à entrada, paro o carro e começo a admirar a

entrada. Duas colunas altas de tijolos se erguem dos dois lados da garagem - um caminho que parece nunca acabar. Eu estico meu pescoço, tentando ver o comprimento dele, mas o asfalto escuro serpenteia entre as árvores. Em algum lugar lá em cima está a casa, e em algum lugar dentro dessa casa está Verity Crawford. Eu me pergunto se ela sabe que eu vou entrar. Minhas mãos começam a suar, então eu as levanto do volante e as seguro na frente das saídas de ar para secá-las.

O portão de segurança está escancarado, por isso ligo o carro e passo devagar até o robusto ferro forjado. Eu digo a mim mesma para não surtar, mesmo quando percebo que o padrão repetitivo no topo do portão de ferro se assemelha a teias de aranha. Eu tremo enquanto sigo uma curva, as árvores ficando mais densas e altas até a casa aparecer. Eu vejo o telhado primeiro enquanto subo a colina: cinza ardósia como uma nuvem de tempestade furiosa. Segundos depois, o resto aparece, e minha respiração entra na minha garganta. Pedra escura atravessa a frente da casa, quebrada apenas pela porta vermelho-sangue, o único relevo de cor neste mar de cinza. Heras cobrem o lado esquerdo da casa, mas em vez de encantador, é ameaçador - como um câncer lento.

Penso no apartamento que deixei para trás: as paredes sujas e a cozinha pequena demais com a geladeira verde-oliva por volta de 1970. Meu apartamento inteiro provavelmente caberia no saguão de entrada desse monstro. Minha mãe costumava dizer que as casas têm uma alma, e se isso é verdade, a alma da casa de Verity Crawford é tão escura quanto eles.

As imagens de satélite on-line não fizeram justiça a essa propriedade. Eu procurei sobre a casa antes de aparecer. De acordo com um site de corretores de imóveis, eles compraram a casa há cinco anos por dois milhões e meio. Vale mais de três milhões agora.

É impressionante, enorme e isolado, mas não tem a típica vibração formal de lares desse calibre. Não há um ar de superioridade agarrado às paredes.

Eu dirijo o carro ao longo da calçada, imaginando onde eu deveria estacionar. O gramado é exuberante e bem cuidado, pelo menos três acres de profundidade. O lago atrás da casa se estende de uma extremidade da propriedade para a outra. As Montanhas Verdes pintam um cenário pitoresco tão bonito que é difícil acreditar na terrível tragédia que seus proprietários experimentaram.

Eu suspiro de alívio quando vejo uma área de estacionamento de concreto

ao lado da garagem. Eu coloco meu carro no estacionamento e depois desligo o motor.

Meu carro não se encaixa com essa casa. Estou me chutando por escolher o carro mais barato que eu poderia alugar. Trinta dólares por dia. Eu me pergunto se Verity já sentou em uma Kia Soul. No artigo que li sobre o acidente dela, ela estava dirigindo um Range Rover.

Eu alcanço o banco do passageiro para pegar meu telefone para que eu possa enviar uma mensagem para Corey para que ele saiba que eu cheguei. Quando coloco a mão na maçaneta da porta do lado do motorista, endureço, esticando minha coluna contra o banco de trás. Eu me viro e olho pela minha janela.

— Merda!

Que porra é essa?

Eu bato no meu peito para ter certeza de que ainda tenho um batimento cardíaco enquanto olho de volta para o rosto olhando para a janela do meu carro. Então, quando vejo que a figura na minha porta é apenas uma criança, eu cubro minha boca, esperando que ele não tenha ouvido os palavrões. Ele não ri. Ele apenas olha, o que parece ainda mais assustador do que se ele tivesse me assustado de propósito.

Ele é uma versão em miniatura do Jeremy. A mesma boca, os mesmos olhos verdes. Li em um dos artigos que Verity e Jeremy tiveram três filhos. Este deve ser o seu menino.

Eu abro a porta e ele dá um passo para trás quando eu saio do carro.

— Oi! — A criança não responde. — Você mora aqui?

— Sim.

Eu olho para a casa atrás dele, imaginando como deve ser uma criança crescer em tal lar. — Deve ser legal — eu murmuro.

— Costumava ser. — Ele se vira e começa a subir a calçada, em direção à porta da frente. Eu imediatamente me sinto mal por ele. Não tenho certeza se pensei muito sobre a situação em que esta família está. Esse garotinho, que não pode ter mais de cinco anos, perdeu as duas irmãs. E quem sabe o que esse tipo de pesar causou à mãe? Eu sei que isso ficou claro em Jeremy.

Guardo minha mala para mais tarde e fecho a porta, seguindo o menino. Estou apenas a alguns metros atrás dele quando ele abre a porta da frente e entra na casa, depois fecha a porta na minha cara.

Espero um momento, imaginando se talvez ele tenha senso de humor.

Mas eu posso ver através da janela fosca da porta da frente, e ele continua pela casa e não volta para me deixar entrar.

Eu não quero chamá-lo de idiota. Ele é um garotinho e passou por muita coisa. Mas acho que ele pode ser um idiota.

Eu toco a campainha e espero.

E espero.

E espero.

Eu toco a campainha de novo, mas não obtenho resposta. Jeremy colocou suas informações de contato no e-mail que ele me enviou, então eu puxo o número dele e mandei uma mensagem para ele. *Oi é a Lowen. Eu estou na sua porta da frente.*

Eu mando a mensagem e espero.

Alguns segundos depois, ouço passos descendo as escadas. Eu posso ver a sombra de Jeremy através do vidro fosco crescer enquanto ele se aproxima da porta. Logo antes de se abrir, eu o vejo fazer uma pausa como se estivesse respirando. Eu não sei porque, mas essa pausa me tranquiliza que talvez eu não seja a único nervosa com toda essa situação.

Estranho como seu potencial desconforto me traz conforto. Eu não acho que é assim que deveria funcionar.

Ele abre a porta e, embora seja o mesmo homem que conheci há alguns dias, ele é... diferente. Nenhum terno ou gravata, nenhum ar de mistério sobre ele. Ele está de calça de moletom e uma camiseta azul Bananafish. Meias, sem sapatos. — Ei.

Eu não gosto do burburinho correndo por mim agora. Eu ignoro e sorrio para ele.

— Oi.

Ele olha por um segundo e depois se afasta, abrindo mais a porta, acenando-me com o braço. — Desculpe, eu estava no andar de cima. Eu disse a Crew para abrir a porta. Acho que ele não me ouviu.

Eu entro na casa.

— Você trouxe uma mala? — Jeremy pergunta.

Eu giro para encará-lo. — Sim, está no meu banco de trás, mas eu posso pegar depois.

— O carro está destrancado?

Eu assinto.

— Volto logo. — Ele coloca um par de sapatos ao lado da porta e

caminha para fora. Eu giro em um círculo lento, verificando o que me cercava. Não muito é diferente das fotos que vi da casa online. É estranho porque já vi todos os cômodos da casa, graças ao site do corretor de imóveis. Eu sinto que já sei o caminho, e estou a apenas um metro e meio da casa.

Há uma cozinha à direita e sala de estar à esquerda. Eles estão separados por uma entrada com uma escada que leva ao segundo andar. A cozinha nas fotos era enfeitada com armários de cerejeira escura, mas foi atualizada, e todos os armários antigos foram arrancados, substituídos principalmente por prateleiras e alguns armários acima da bancada que são de madeira mais clara.

Há dois fornos e uma geladeira com uma porta de vidro. Eu estou olhando para ela a vários metros de distância quando o garotinho desce as escadas. Ele passa por mim e abre a geladeira, pegando uma garrafa de Dr. Pepper. Eu vejo como ele luta para abrir a tampa.

— Quer que eu abra para você? — Eu pergunto a ele.

— Sim, por favor —, diz ele, olhando para mim com aqueles grandes olhos verdes. Eu não posso acreditar que eu pensei que ele era um idiota. Sua voz é tão doce e suas mãos são tão pequenas que nem conseguem abrir uma garrafa de refrigerante. Eu tiro das mãos dele e torço para abrir a garrafa com facilidade. A porta da frente abre quando eu estou entregando o refrigerante de volta para Crew.

Jeremy estreita os olhos na direção de Crew. — Eu acabei de dizer-lhe sem refrigerantes. — Ele deixa minha mala contra a parede e caminha até Crew, puxando o refrigerante de suas mãos. — Vá se preparar para o seu banho. Eu estarei lá em um minuto.

Crew gira a cabeça e volta para as escadas.

Jeremy ergue uma sobrancelha. — Nunca confie nessa criança. Ele é mais esperto do que nós dois juntos. — Ele toma um gole do refrigerante antes de devolvê-lo à geladeira. — Você quer algo para beber?

— Não, eu estou bem.

Jeremy pega minha mala e a leva pelo corredor. — Espero que não seja estranho, mas estou dando a você o quarto principal. Todos dormimos no andar de cima agora e achei que seria mais fácil, porque é o quarto mais próximo do escritório dela.

— Eu não tenho certeza se vou ficar a noite — eu digo enquanto sigo atrás dele. O lugar me dá uma vibe estranha, então seria legal se eu pudesse

pegar o que eu preciso e encontrar um hotel. — Eu estava planejando verificar seu escritório e avaliar a situação.

Ele ri, empurrando a porta do quarto aberta. — Confie em mim. Você precisará de pelo menos dois dias. Talvez mais. — Ele coloca a mala em um baú ao pé da cama, depois abre o armário principal e aponta para uma área vazia. — Eu deixei algum espaço no caso de você precisar pendurar qualquer coisa. — Ele aponta para o banheiro. — O banheiro é todo seu. Não tenho certeza se há produtos de higiene pessoal, então me avise se precisar de alguma coisa. Tenho certeza que temos isso.

— Obrigado. — Eu olho em volta da sala, e tudo isso parece tão bizarro. Especialmente porque vou dormir na cama deles. Meus olhos são puxados para a cabeceira da cama - especificamente para as marcas de dentes mordidas na borda superior da cabeceira no centro da cama. Eu imediatamente rasgo meus olhos antes que Jeremy me pegue olhando. Ele provavelmente vai ver todo o meu rosto que eu estou querendo saber qual deles teve que morder a cabeceira, a fim de ficar quieto durante o sexo. Eu já fiz sexo tão intenso?

— Você precisa de um minuto sozinha aqui, ou gostaria de ir em frente e ver o resto da casa? — Jeremy pergunta.

— Eu estou bem — eu digo, seguindo-o. Ele entra no corredor, mas eu paro, olhando a porta do quarto. — Esta porta tranca?

Ele dá um passo para dentro do quarto, olhando para a maçaneta da porta. — Eu não sei se já a trancamos. — Ele sacode a maçaneta. — Tenho certeza de que posso encontrar uma trava se for importante para você.

Eu não dormi em um quarto sem trava desde que eu tinha dez anos. Eu quero implorar para ele encontrar uma fechadura, mas eu também não quero ser mais intrusivo do que já sou.

— Não, está bem.

Ele solta a porta, mas antes de voltar para o corredor, ele diz: — Antes de levar você para o andar de cima, sabe em que nome você estará escrevendo esta série?

Eu não tinha pensado nisso desde que descobri que Pantem concordou com as exigências que Jeremy me disse para fazer.

Eu dou de ombros. — Eu realmente não pensei sobre isso.

— Gostaria de apresentá-la à enfermeira da Verity usando seu pseudônimo, caso você não queira que ninguém associe você à série.

Seus ferimentos são ruins o suficiente para que ela precise de uma enfermeira?

— Ok. — Eu acho — Mas eu não sei o nome que eu deveria usar.

— Em que rua você cresceu? — Jeremy pergunta.

— Laura Lane.

— Qual era o nome do seu primeiro animal de estimação?

— Chase. Ele era um yorkie.

— Laura Chase — diz ele. — Eu gostei.

Eu inclino minha cabeça, reconhecendo esse padrão de questionamento dos questionários do Facebook. — Não é assim que as pessoas descobrem o nome de atriz pornô?

Ele ri. — Nome de carreira, de atriz pornô. — Ele faz sinal para eu segui-lo. — Venha conhecer a Verity primeiro e depois levarei você ao escritório dela.

Jeremy sobe as escadas de dois em dois. Há um elevador que parece recém-instalado logo depois da cozinha. Verity deve estar em uma cadeira de rodas agora.

Deus, pobre mulher.

Jeremy está esperando por mim quando eu chego ao topo da escada. O corredor se divide, com três portas em uma extremidade e duas na outra. Ele vira à esquerda.

— Este é o quarto de Crew — diz ele, apontando para o primeiro quarto. — Eu durmo naquele quarto. — Ele aponta para a porta ao lado da de e Crew.

Do outro lado do corredor desses dois quartos há outro quarto. A porta está fechada, então ele a toca gentilmente e depois a abre.

Não tenho certeza do que estava esperando, mas certamente não esperava isso.

Ela está de costas na cama, olhando para o teto, seu cabelo loiro espalhado sobre o travesseiro. Uma enfermeira de uniforme azul está ao pé da cama, colocando as meias nos pés. Crew está deitado ao lado de Verity na cama, segurando um iPad. Os olhos de Verity estão vazios, desinteressados em seus arredores. Ela não tem conhecimento da enfermeira. Inconsciente da minha presença. De Crew. De Jeremy quando ele se inclina e escova o cabelo da testa dela. Ela pisca, mas não há mais nada lá. Nenhum reconhecimento de que o homem com quem ela teve três filhos está tentando ser carinhoso com ela. Eu tento cobrir os calafrios que apareceram em meus braços.

A enfermeira fala com Jeremy. — Ela parecia cansada, então eu pensei em colocá-la para dormir mais cedo hoje à noite. — Ela puxa um cobertor sobre Verity.

Jeremy vai até a janela e fecha as cortinas. - Ela tomou os remédios depois do jantar?

A enfermeira levanta os pés de Verity, enfiando o cobertor embaixo deles. — Sim, ela ficará boa até meia-noite.

A enfermeira é mais velha que Jeremy, talvez em seus cinquenta e poucos anos, com cabelo vermelho curto. Ela olha para mim e depois para Jeremy, esperando por uma apresentação.

Jeremy sacode a cabeça como se tivesse esquecido que estou aqui. Ele acena para mim enquanto olha para a enfermeira. — Esta é Laura Chase, a autora de quem eu estava falando. Laura, essa é April, enfermeira de Verity.

Eu aperto a mão de April, mas sinto seu julgamento enquanto ela me olha de cima a baixo. — Eu pensei que você fosse mais velha — diz ela.

O que eu respondo? Acoplada pelo jeito que ela olha para mim, seu comentário parece uma escavação. Ou uma acusação. Eu ignoro e sorrio. — É bom conhecer você, April — Você também. — Ela pega sua bolsa da cômoda, direcionando sua atenção para Jeremy. — Eu te vejo de manhã. Deverá ser uma noite fácil. — Ela estende a mão e aperta a coxa de Crew. Ele ri e se afasta dela. Eu me afasto quando April sai do quarto.

Eu olho para a cama. Os olhos de Verity ainda estão abertos, conectando-se com nada. Não tenho certeza se ela sabe que a enfermeira dela foi embora. Ela está ciente de alguma coisa? Eu me sinto mal por Crew. Por Jeremy. Por Verity.

Eu não sei se gostaria de viver nessa condição. E sabendo que Jeremy está preso a esta vida ... É tudo tão deprimente. Esta casa, as tragédias no passado desta família, as lutas no presente.

— Crew, não me faça fazer isso. Eu te disse para tomar banho.

Crew olha para Jeremy e sorri, mas não consegue sair da cama.

— Eu vou contar até três.

Crew coloca seu iPad ao lado dele, mas continua a desafiar Jeremy.

— Três...dois... — E então, na contagem de um, Jeremy ataca Crew, agarrando seus tornozelos e puxando-o para o ar. — Noite de cabeça para baixo!

Crew está rindo e se contorcendo. — De novo não!

Jeremy olha para mim. — Laura, quantos segundos uma criança pode pendurar de cabeça para baixo antes que seu cérebro se vire e eles comecem a falar para trás?

Eu rio da interação deles. — Eu ouvi vinte segundos. Mas poderia ser quinze.

Crew diz: — Não, papai, eu vou tomar banho! Eu não quero que meu cérebro esteja de cabeça para baixo!

— E você limpará suas orelhas? Porque eles claramente não estavam trabalhando antes quando eu te disse para tomar um banho.

— Eu juro!

Jeremy joga-o por cima do ombro, virando-o para o lado direito antes de colocá-lo de pé. Ele bagunça o cabelo e diz: — Vá.

Eu vejo quando Crew sai correndo pela porta e entra em seu quarto do outro lado do corredor. Assistir Jeremy interagir com Crew fez a casa parecer um pouco mais acolhedora. — Ele é fofo. Quantos anos tem ele?

— Cinco — diz Jeremy. Ele alcança o lado da cama de Verity e levanta um pouco. Ele pega um controle remoto da mesa ao lado de sua cama e liga a TV.

Nós dois saímos do quarto e ele fecha a porta ligeiramente. Eu estou em pé no meio do corredor quando ele me enfrenta. Ele desliza as mãos nos bolsos de sua calça de moletom cinza. Ele age como se quisesse dizer mais - explicar mais. Mas ele não o faz. Ele suspira e olha para o quarto de Verity.

— Crew estava com medo de dormir aqui sozinho. Ele é um soldado, mas as noites são difíceis para ele. Ele queria estar mais perto dela, mas ele não gostava de dormir no andar de baixo. Mudei os dois para cá para tornar isso mais fácil para ele. — Jeremy faz o caminho de volta pelo corredor. — O que significa que você tem a corrida do andar de baixo à noite. — Ele apaga a luz do corredor. — Quer ver o escritório dela?

— Claro.

Eu o sigo para o andar de baixo, para as portas duplas perto do patamar da escada. Ele abre uma das portas duplas, revelando a parte mais íntima de sua esposa.

O escritório dela.

Quando eu entro, parece que estou vasculhando a gaveta de roupas íntimas dela. Há estantes de livros do chão ao teto com livros em cada fenda vazia. Caixas de papéis revestem as paredes. A mesa ... Meu Deus, sua mesa.

Estende-se de uma extremidade da sala à outra, estendendo-se ao longo de uma parede forrada com enormes vidraças com vista para a totalidade do quintal. Não há uma polegada de mesa que não tenha uma pilha de páginas ou arquivos.

— Ela não é a pessoa mais organizada — diz Jeremy.

Sorrio, reconhecendo um parentesco com Verity. — A maioria dos escritores não são.

— Vai levar tempo. Eu tentaria organizar isso sozinho, mas é tudo grego para mim.

Eu ando até uma das prateleiras mais próximas a mim e corro minha mão sobre alguns dos livros. São edições estrangeiras do trabalho dela. Pego uma cópia alemã da prateleira e a examino.

— Ela tem seu laptop e um desktop — diz Jeremy. — Eu escrevi as senhas em notas para você. — Ele pega um caderno ao lado de seu computador. — Ela estava constantemente tomando notas. Escrevendo pensamentos. Ela escrevia idéias em guardanapos. Diálogo no chuveiro em um bloco de notas à prova d'água. — Jeremy coloca o bloco de notas de volta na mesa. — Uma vez ela usou um marcador para escrever os nomes dos personagens na parte inferior da fralda da Crew. Nós estávamos no zoológico e ela não tinha um bloco de notas.

Ele faz um círculo lento e completo enquanto olha em volta para o escritório dela, como já faz um tempo desde que ele pisou aqui. — O mundo era o seu manuscrito. Nenhuma superfície estava segura.

Minhas entranhas se aquecem com a maneira como ele parece apreciar seu processo criativo. Eu giro em um círculo, absorvendo tudo. — Eu não tinha ideia do que estava me metendo.

— Eu não queria rir quando você disse que talvez não precisasse passar a noite. Mas com toda a honestidade, isso pode levar mais de dois dias. Em caso afirmativo, você é bem-vindo para ficar o tempo que precisar. Eu prefiro que você tome o seu tempo e tenha certeza de que você tem tudo que precisa do que voltar para Nova York, sem saber como lidar com isso.

Eu olho para as prateleiras absorvendo a série que estou assumindo. Haverá nove livros no total da série. Seis foram publicados e três ainda serão entregues. O título da série é As Nobres Virtudes, e cada livro é uma virtude diferente. Os três que foram deixados para mim são Coragem, Verdade e Honra.

Todos os seis livros estão nas prateleiras e fico aliviada por ver extras. Eu puxo uma cópia do segundo romance da prateleira e deslizo através dele.

— Você já leu a série? — Jeremy pergunta.

Eu balancei minha cabeça, não querendo revelar, eu escutei o audiobook. Ele pode me fazer perguntas sobre isso. — Eu ainda não li. Eu não tive tempo entre assinar o contrato e vir aqui. — Eu coloco o livro de volta na prateleira. — Qual é seu favorito?

— Eu também não estou pronto para nenhum deles. Não desde o primeiro livro dela.

Eu giro e olho para ele. — Mesmo?

— Eu não gosto de estar dentro da cabeça dela.

Eu seguro meu sorriso, mas ele parece um pouco com Corey agora. Incapaz de separar o mundo que sua esposa cria daquele em que ela mora. Pelo menos Jeremy parece ser um pouco mais autoconsciente do que Corey jamais foi.

Eu olho em volta da sala, um pouco sobrecarregada, mas não tenho certeza se é porque Jeremy está de pé aqui ou por causa do caos que estou prestes a ter que resolver. — Eu nem sei por onde começar.

— Eu vou deixar você cuidar disso. — Jeremy aponta para a porta do escritório. — Eu provavelmente deveria ir verificar Crew. Fique à vontade. Comida...bebidas... a casa é sua.

— Obrigado.

Jeremy fecha a porta e eu me acomodo na mesa de Verity. Só a cadeira dela provavelmente custou mais do que um mês de aluguel no meu apartamento. Eu me pergunto o quanto é mais fácil escrever para alguém que tem dinheiro para queimar coisas que eu sempre sonhei em ter à minha disposição enquanto escrevo. Móvel confortável, dinheiro suficiente para ter um massagista de plantão, mais de um computador. Eu imagino que isso tornaria o processo de escrita muito mais fácil e muito menos estressante. Eu tenho um laptop com uma chave perdida e Wi-Fi quando um vizinho se esquece de proteger com senha o seu. Sento-me em uma velha mesa de jantar em uma mesa improvisada que é na verdade apenas uma mesa dobrável de plástico que pedi na Amazon por vinte e cinco dólares.

Na maioria das vezes, eu nem tenho dinheiro suficiente para tinta e papel de impressora.

Eu acho que estar aqui em seu escritório por alguns dias será uma

maneira de testar minha teoria. Quanto mais rico você for, mais criativo poderá ser.

Eu pego o segundo livro da série da prateleira. Eu abro, só pretendo dar uma olhada. Veja como ela pegou de onde o livro um parou.

Eu acabo lendo por três horas seguidas.

Eu não mudei do meu lugar, nem sequer uma vez. Capítulo após capítulo de intrigas e personagens fudidos. Personagens realmente fodidos. Isso vai levar tempo para me dedicar a essa mentalidade enquanto escrevo. Não é de admirar que Jeremy não tenha lido o trabalho dela. Todos os livros dela são do ponto de vista do vilão, então isso é novidade para mim. Eu realmente deveria ter lido todos esses livros antes de chegar.

Eu me levanto para esticar minha espinha, mas isso não dói muito; a cadeira que eu tenho sentado é a peça de mobília mais confortável que minha bunda já se sentou.

Eu olho em volta, imaginando se eu deveria passar por arquivos de computador ou arquivos impressos.

Eu decido verificar a área de trabalho dela. Eu navego vários arquivos no Microsoft Word, que parece ser o programa que ela prefere. Todos os arquivos que encontrei estão relacionados a livros que ela já escreveu. Eu não estou muito preocupada com isso ainda. Eu quero encontrar algum plano que ela tenha para os livros que ainda serão escritos. A maioria dos arquivos em seu laptop é igual aos arquivos em sua área de trabalho.

Talvez Verity fosse o tipo de autor que escreveu seus contornos. Volto minha atenção para as pilhas de caixas na parede dos fundos, perto de um armário. Uma fina camada de poeira cobre os topos deles. Eu passo por várias caixas, retirando versões de manuscritos em vários estágios do processo de escrita, mas são todas as versões de livros da série dela que ela já escreveu. Nada insinuando o que ela planejava escrever em seguida.

Eu estou na sexta caixa, vasculhando o conteúdo, quando encontro algo com um título desconhecido. Este é chamado Que Assim Seja.

Folheio as primeiras páginas, esperando ter sorte e descobrir que é um esboço para o sétimo livro da série. Quase imediatamente, posso dizer que não é. Isso parece ... pessoal. Volto para a primeira página do capítulo um e

leio a primeira linha.

Às vezes penso na noite em que conheci Jeremy e me pergunto, se não tivéssemos feito contato visual, minha vida terminaria do mesmo jeito?

Assim que vejo o nome de Jeremy mencionado, examino um pouco mais da página. É uma autobiografia.

Não é nada disso que estou procurando. Uma autobiografia não é o que os editores estão me pagando para entregar, então eu deveria seguir em frente. Mas eu olho por cima do meu ombro para ter certeza de que a porta está fechada porque estou curiosa. Além disso, ler um pouco disso é pesquisa. Preciso ver como a mente de Verity trabalha para entendê-la como escritora. Essa é a minha desculpa, de qualquer maneira.

Eu carrego o manuscrito para o sofá, me sinto confortável e começo a ler.

Que Assim Seja

por

Verity Crawford

Nota da Autora:

A coisa que mais detesto em autobiografias são os pensamentos falsos em todas as frases. Um escritor nunca deve ter a audácia de escrever sobre si mesmo, a menos que esteja disposto a separar cada camada de proteção entre a alma do autor e seu livro. As palavras devem vir diretamente do centro do intestino, rasgando carne e osso ao se libertarem. Feio e honesto e sangrento e um pouco aterrorizante, mas completamente exposto. Uma autobiografia encorajando o leitor a gostar do autor não é uma verdadeira autobiografia. Ninguém é agradável de dentro para fora. Deve-se apenas se afastar de uma autobiografia com, na melhor das hipóteses, um desgosto desconfortável por seu autor.

Eu vou me entregar.

O que você vai ler vai ter um gosto tão ruim às vezes, você vai querer cuspi-lo, mas você vai engolir essas palavras e elas se tornarão parte de você, parte do *seu* intestino, e você vai se machucar por causa delas.

No entanto, mesmo com meu generoso aviso, você continuará a ingerir minhas palavras, porque aqui está você.

Humano.

Curioso.

Continue.

Capítulo 1

Chapter One

“Encontre o que você ama e deixe isso matar você.” –
Charles Bukowski

Às vezes penso na noite em que conheci Jeremy e me pergunto, se não tivéssemos feito contato visual, minha vida terminaria do mesmo jeito? Foi meu destino desde o começo sofrer um fim tão trágico? Ou o meu fim trágico é resultado de más escolhas em vez de destino?

Claro, ainda não encontrei um fim trágico, ou não seria capaz de contar o que levou a isso. No entanto, está chegando. Eu posso sentir isso, assim como senti a morte de Chastin. E assim como eu abracei seu destino, vou abraçar o meu próprio.

Eu não diria que eu estava perdida antes da noite em que conheci Jeremy, mas certamente nunca fui encontrado até o momento em que ele colocou os olhos em mim do outro lado da sala.

Eu tive namorados antes. Uma noite, mesmo. Mas eu nunca chegaria perto de imaginar a vida com outra pessoa até aquele momento. Quando o vi, imaginei nossa primeira noite juntos, nosso casamento, nossa lua de mel, nossos filhos.

Até aquele momento, a ideia de amor sempre me pareceu muito fabricada. Um truque da Hallmark. Um esquema de marketing para empresas de cartões comemorativos. Eu não tinha interesse em amor. Meu único objetivo naquela noite era ficar bêbado de graça e encontrar um rico investidor para foder. Eu já estava no meio do caminho, tendo abatido três mulas de Moscou. E, a julgar pelo olhar de Jeremy Crawford, eu ia deixar a festa virar uma experiência extraordinária. Ele parecia rico, e foi um evento de caridade, afinal. Pessoas pobres não aparecem em eventos de caridade, a menos que estejam servindo aos ricos.

Empresa atual não incluída.

Ele estava conversando com alguns outros homens, mas toda vez que ele olhava na minha direção, eu sentia como se fôssemos as únicas duas pessoas na sala. De vez em quando ele sorria para mim. Claro que ele sorria. Eu

estava com meu vestido vermelho naquela noite, o que eu roubei da Macy's. Não me julgue. Eu era uma artista faminta e era ridiculamente caro. Eu pretendia compensar o roubo quando tivesse o dinheiro. Eu doaria para uma instituição de caridade ou salvaria um bebê ou algo assim. A coisa boa sobre os pecados é que eles não precisam ser expostos imediatamente, e esse vestido vermelho era perfeito demais para eu deixar passar.

Foi um vestido foda. O tipo de vestido que um homem pode evitar facilmente quando te quer entre suas pernas. O erro que as mulheres cometem quando escolhem suas roupas para eventos como o que eu estava, é que elas não pensam sobre elas do ponto de vista do homem. Uma mulher quer que seus seios fiquem bem, sua figura seja abraçada. Mesmo que isso signifique sacrificar o conforto e usar algo impossível de remover. Mas quando os homens olham para os vestidos, eles não estão admirando a maneira como ele abraça os quadris ou a cinta na cintura ou a fantasia amarrada nas costas. Eles estão avaliando a facilidade de remoção. Ele será capaz de deslizar a mão até a coxa dela quando eles estiverem sentados um ao lado do outro na mesa? Ele será capaz de transar com ela em um carro sem a bagunça desajeitada de zíperes e cintas? Ele será capaz de transar com ela no banheiro sem ter que tirar a roupa completamente?

As respostas para o meu vestido vermelho roubado eram sim, sim, e *ao inferno que sim*.

Percebi que, com aquele vestido, não havia como ele sair da festa sem se aproximar de mim. Eu escolhi parar de prestar atenção nele. Isso me fez parecer desesperada. Eu não era o rato, eu era o queijo. Eu ia ficar lá até ele vir até mim.

Ele fez isso, eventualmente. Eu estava de pé no bar, de costas para ele, quando ele colocou a mão no meu ombro e se inclinou para a frente, apontando para o barman. Jeremy não olhou para mim naquele momento. Ele simplesmente manteve a mão no meu ombro, como se estivesse reclamando sobre mim. Quando o garçom se aproximou, observei fascinada. Jeremy empurrou a cabeça em minha direção e disse: — Certifique-se de servir apenas água para ela pelo resto da noite.

Eu não estava esperando por isso. Virei-me, inclinei um braço no bar e encarei-o. Ele soltou a mão do meu ombro, mas não antes de seus dedos roçarem todo o caminho até o meu cotovelo. Um lampejo de eletricidade passou por mim, misturado com uma onda de raiva.

— Eu sou perfeitamente capaz de decidir quando tive o suficiente de bebida.

Jeremy sorriu para mim e, embora eu odiasse a arrogância por trás daquele sorriso, ele era bonito. — Eu tenho certeza que você é.

— Eu só tomei três bebidas a noite toda.

— Boa.

Eu me endireitei e chamei o barman de volta. — Eu vou querer outro Moscow Mule, por favor.

O barman olhou para mim, depois para Jeremy. Então de volta para mim. — Eu sinto muito, senhora. Fui instruído a servir-lhe água.

Eu revirei meus olhos. — Eu ouvi ele pedir para você me servir água, eu estou bem aqui. Mas eu não conheço esse homem e ele não me conhece, e eu gostaria de outro Moscow Mule.

— Ela vai tomar uma água — disse Jeremy.

Eu estava definitivamente atraída por ele, mas sua aparência estava rapidamente desaparecendo com essa atitude machista. O barman levantou as mãos e disse: — Eu não quero me envolver no que quer que seja. Se você quiser uma bebida, vá pedir no bar ali. — Ele apontou para o bar do outro lado da sala. Peguei minha bolsa, inclinei meu queixo para o alto e me afastei. Quando cheguei ao outro bar, encontrei um banquinho e esperei que o garçom terminasse com o cliente. No mesmo momento, Jeremy apareceu novamente, dessa vez apoiando o cotovelo no bar.

— Você nem me deu a chance de explicar por que eu gostaria que você tomasse água.

Eu rolei minha cabeça em sua direção. — Eu sinto muito, eu não percebi que eu lhe devia o meu tempo.

Ele riu, movendo-se até o bar, e olhou para mim com a cabeça inclinada e um sorriso torto. — Eu tenho observado você desde o momento em que entrei pela porta. Você tomou três drinques em quarenta e cinco minutos e, se continuar nesse ritmo, não me sinto à vontade para pedir que você saia comigo. Preferiria que você fizesse essa escolha enquanto estivesse sóbria.

Sua voz soou como se sua garganta estivesse coberta de mel. Eu mantive contato visual com ele, imaginando se era um ato. Poderia um homem bonito e presumivelmente rico também ser atencioso? Parecia mais presunçoso do que qualquer coisa, mas fui atraída pelo seu fel.

O garçom se aproximou com um timing impecável. — O que posso fazer

por você?

Eu me endireitei, quebrando o contato visual com Jeremy. Eu me virei e enfrentei o barman. — Eu vou tomar uma água.

— Traga duas — disse Jeremy.

E foi isso.

Já faz anos desde aquela noite, e é difícil lembrar de cada detalhe, mas eu me lembro de ter sido atraída por ele naqueles primeiros momentos de uma maneira que eu nunca fui atraída por um homem. Eu gostei do som de sua voz. Eu gostei da sua confiança. Eu gostei dos seus dentes, perfeitos e brancos. Eu gostei da barba na mandíbula dele. Foi o comprimento perfeito para coçar minhas coxas. Talvez até os assuste se ele ficar lá o tempo suficiente.

Eu gostava que ele não tivesse medo de me tocar enquanto conversávamos, e toda vez que ele fazia isso, o roçar de seus dedos fazia minha pele formigar.

Depois que nós dois terminamos nossas águas, Jeremy me levou até a saída, sua mão na parte inferior das costas, seus dedos acariciando meu vestido.

Nós caminhamos para a limusine dele, e ele segurou a porta dos fundos aberta para mim enquanto eu subia para dentro. Ele se sentou na minha frente e não ao meu lado. O carro cheirava a buquê, mas eu sabia que era perfume. Eu gostei bastante, apesar de saber que outra mulher tinha estado nesta limusine esta noite. Meus olhos caíram para uma garrafa de champanhe que estava meio vazia ao lado de duas taças de vinho, uma forrada com batom vermelho.

Quem é ela? E por que ele deixou a festa comigo e não ela?

Eu não me importei em fazer essas perguntas em voz alta, porque ele estava saindo comigo. Isso é realmente tudo o que importava.

Ficamos em silêncio por um minuto ou dois, olhando um para o outro com antecipação. Ele sabia que ele tinha me naquele momento, e por isso ele se sentiu confiante o suficiente para chegar para frente e levantar minha perna, colocando-a no assento ao lado dele. Ele deixou a mão no meu tornozelo, acariciando, observando meu peito começar a subir e descer em resposta ao seu toque.

— Quantos anos você tem? — Ele perguntou. A pergunta me fez parar porque ele parecia mais velho do que eu, talvez com vinte e poucos e trinta e

poucos anos. Eu não queria assustá-lo com a verdade, então eu menti e disse que tinha vinte e cinco anos.

— Você parece mais jovem.

Ele sabia que eu estava mentindo. Eu chutei o meu sapato e corri meus dedos do pé do outro lado da sua coxa. — Vinte e dois.

Jeremy riu e disse: — Uma mentirosa, hein?

— Eu falo verdades onde achar melhor. Eu sou uma escritora.

Sua mão se mudou para minha panturrilha.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e quatro — ele disse com tanta verdade quanto eu tinha dado a ele.

— Então... vinte e oito?

Ele sorriu. — Vinte e sete.

Sua mão estava no meu joelho neste momento. Eu queria mais ainda. Eu queria na minha coxa, entre as minhas pernas, me explorando por dentro. Eu queria ele, mas não aqui. Eu queria ir com ele, ver onde ele morava, julgar o conforto de sua cama, cheirar seus lençóis, saborear sua pele.

— Onde está o seu motorista? — Perguntei.

Jeremy olhou para trás, para a frente da limusine. — Eu não sei — respondeu ele, olhando para mim. — Esta não é a minha limusine. — Sua expressão era maliciosa, e eu não sabia dizer se ele estava mentindo.

Eu estreitei meus olhos, me perguntando se esse homem realmente me levava a uma limusine que nem pertencia a ele. — De quem é a limusine?

Os olhos de Jeremy haviam deixado os meus e estavam focados em sua mão. Aquele que traça círculos sobre o meu joelho. — Eu não sei. — Eu esperava que meu desejo diminuísse com a percepção de que ele pode não ser rico, mas ao invés disso, sua admissão me fez sorrir. — Eu sou um fracassado de classe média — disse ele. — Eu dirigi com meu carro até aqui. Um Honda Civic. Estacionei sozinho porque sou muito pobre para pagar dez dólares por manobrista.

Fiquei surpresa com o quanto eu amava que ele me trouxe para uma limusine que não era dele. Ele não era rico. Ele não era rico, mas eu ainda queria transar com ele.

— Eu limpo escritórios em prédios na cidade — eu admiti. — Eu roubei um convite para essa festa de uma lata de lixo. Eu nem deveria estar aqui.

Ele sorriu e eu nunca quis provar um sorriso como se quisesse provar o

que se espalhava pelo seu rosto. — Você não tem recursos?— Ele perguntou. Sua mão deslizou para trás do meu joelho e ele me puxou para ele. Eu deslizei pelo assento e para o seu colo porque é para isso que os meus vestidos eram. Eu podia senti-lo crescendo duro entre as minhas pernas enquanto ele pressionava o polegar contra o meu lábio inferior. Passei a língua pelo polegar dele, e ele suspirou. E eu falei para mim mesma: Não gemer. Não gemer. Ele suspirou, como se fosse a coisa mais sexy que ele já sentiu.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou.

— Verity.

— Verity — Ele disse duas vezes. — *Verity*. Isso é muito bonito. — Seus olhos estavam na minha boca, e ele estava prestes a se inclinar e me beijar, mas eu me afastei.

— Qual é o seu?

Seus olhos piscaram de volta para os meus. — Jeremy. — Ele disse rápido, como se fosse um desperdício de tempo, uma interrupção inconveniente para o nosso beijo. Assim que a palavra saiu de sua boca, seus lábios tocaram os meus e assim que eles tocaram os meus, a luz interior chutou acima de nossas cabeças e nós dois congelamos, nossos lábios pastando, nossos corpos repentinamente enrijecidos quando alguém subiu no assento do motorista. da limusine.

— Merda — Jeremy sussurrou contra a minha boca. — Que retorno inoportuno. — Ele me empurrou para fora dele e abriu a porta. Ele me conduziu para fora do carro assim que o motorista percebeu que havia mais alguém no carro com ele.

— Hey! — Ele gritou no banco de trás.

Jeremy pegou minha mão e começou a me puxar atrás dele, mas eu precisava tirar meus sapatos. Eu puxei seu braço, e ele parou quando eu tirei meus sapatos dos meus pés. O motorista começou a seguir em nossa direção. — Ei! O que diabos você estava fazendo no meu carro Jeremy pegou meus sapatos em uma mão e descemos correndo a rua, rindo no escuro, sem fôlego quando finalmente chegamos ao carro dele. Ele não estava mentindo sobre isso. Era um Honda Civic, embora fosse um modelo mais novo, então isso contava para algo. Ele me empurrou contra a porta do passageiro, deixou cair meus sapatos no concreto e depois passou a mão no meu cabelo.

Olhei por cima do meu ombro para o carro em que estávamos encostados.

— *Este é realmente o seu carro?*

Ele sorriu quando enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o chaveiro. Ele destrancou as portas para provar que era dele, o que me fez rir.

Ele olhou para mim, nossas bocas fechadas, e eu poderia jurar que ele já estava imaginando como seria a vida comigo. Você não pode olhar para alguém do jeito que ele olhou para mim - com todo o seu passado - sem imaginar o futuro.

Ele fechou os olhos e me beijou. O beijo era cheio de desejo e respeito - duas coisas que muitos homens não pareciam saber que poderiam andar de mãos dadas.

Seus dedos pareciam bem no meu cabelo e sua língua estava bem na minha boca. Eu me senti bem com ele também. Eu podia sentir o quanto eu me sentia bem com ele do jeito que ele me beijava. Nós sabíamos muito pouco um do outro naquele momento, mas era quase melhor assim. Compartilhar um beijo tão íntimo com um estranho era como dizer: — Eu não o conheço, mas acredito que gostaria de você se o fizesse.

Eu gostei que ele acreditasse que ele poderia gostar de mim. Quase me fez acreditar que eu era simpático.

Quando ele se afastou de mim, eu queria ir com ele. Eu queria que minha boca seguisse a dele, meus dedos para ficarem em volta dos dele. Era tortura permanecer no banco do passageiro de seu carro enquanto nós dirigíamos. Eu estava queimando por dentro por ele. Ele havia acendido uma fogueira em mim e eu estava determinado a me certificar de que não saísse.

Ele me alimentou antes de me foder.

Levou-me a um Steak'n Shake, e nos sentamos do mesmo lado da cabine, comendo batatas fritas e bebendo chocolate entre os beijos. O restaurante estava quase vazio, então estávamos em um reservado de canto silencioso, longe o suficiente para que ninguém notasse quando a mão de Jeremy deslizou pela minha coxa e desapareceu entre as minhas pernas. Ninguém me ouviu quando eu gemi. Ninguém se importou quando ele afastou a mão e sussurrou que não ia me dar um orgasmo em um Steak'n Shake.

Eu não teria me importado.

— Leve-me para a sua cama, então — eu disse.

Ele o fez. Sua cama estava no meio de um apartamento no Brooklyn. Jeremy não era rico. Ele mal podia pagar o Steak'n Shake que ele me comprou. Mas eu não me importei. Eu estava em sua cama, deitada de costas,

observando-o se despir, quando percebi que estava prestes a fazer amor pela primeira vez. Eu tinha feito sexo antes, mas nunca com mais do que apenas o meu corpo.

Havia muito mais de mim investido naquele momento do que meu corpo. Meu coração estava cheio - do que eu não sei. Mas meu coração parecia vazio com os homens que vieram antes de Jeremy.

Era incrível como o sexo diferente se sentia quando uma pessoa usava mais do que seu corpo. Eu envolvi meu coração e meu intestino e minha mente e minha esperança. Eu me apaixonei naquele momento. Não estava amando. Eu apenas... me apaixonei.

Era como se eu tivesse ficado na beira de um penhasco toda a minha vida e, finalmente, depois de conhecer Jeremy, senti-me confiante o suficiente para pular. Porque, pela primeira vez na minha vida, senti-me confiante de que não iria pousar. Eu continuaria voando.

Olhando para trás, percebo como é loucura que me apaixonei por ele tão rápido. Mas foi apenas louco porque nunca parou. Se eu tivesse acordado na manhã seguinte e saído de seu apartamento, teria terminado como uma noite de diversão, e eu nem sequer estaria recordando nada disso todos esses anos depois. Mas eu não saí na manhã seguinte, então ficou mais. Com cada dia que passou, aquela primeira noite com ele foi mais validada. E é isso que amor à primeira vista é. Não é realmente amor à primeira vista até que você esteja com a pessoa por tempo suficiente para que ela se torne amor à primeira vista.

Nós não deixamos o apartamento dele por três dias.

Nós comemos comida chinesa. Nós fodemos. Nós pedimos pizza. Nós fodemos. Nós assistimos TV. Nós fodemos.

Nós dois telefonamos doentes para o trabalho naquela segunda-feira e, na terça-feira, eu estava obcecada. Eu estava obcecado com sua risada, com seu pênis, com sua boca, com sua habilidade, com suas histórias, com suas mãos, com sua confiança, com sua gentileza, com uma nova e intensa necessidade de agradá-lo.

Eu *precisava* agradá-lo.

Eu *precisava* ser o que o fazia sorrir, respirar, acordar de manhã.

E por um tempo eu fui. Ele me amava mais do que amava qualquer coisa ou alguém. Eu era sua única razão de viver.

Até que ele descobriu a única coisa que significava mais para ele do que

eu.



É como se eu tivesse ultrapassado a abertura da gaveta de roupas íntimas da Verity e agora estou vasculhando a seda e a renda. Eu estou bem ciente de que eu não deveria estar lendo isso. Não é por isso que vim para cá. Mas...

Deslizo o manuscrito no sofá ao meu lado e olho para ele. Eu tenho muitas perguntas sobre a Verity. Perguntas que eu não posso fazer a ela e às perguntas que Jeremy provavelmente não sente vontade de responder. Preciso conhecê-la melhor para ver como a mente dela funciona, e você não consegue mais respostas de qualquer outra fonte, como em uma autobiografia. Um isso brutalmente honesto.

Eu posso me ver sendo desviado por isso, e eu realmente não deveria. Estou aqui para encontrar o que preciso e sair do cabelo desta família. Eles já passaram por tudo e não precisam de um intruso tocando suas roupas íntimas.

Eu ando até a mesa do monstro e pego meu telefone. Já é depois das onze. Eu cheguei por volta das sete da noite, mas eu não esperava que fosse tão tarde assim. Eu nem sequer ouvi nada fora deste escritório. Como é à prova de som.

Inferno, provavelmente é. Se eu pudesse pagar para trabalhar em um escritório à prova de som, eu o faria.

Eu estou com fome.

É uma sensação estranha, estar com fome em uma casa que você não conhece. Eu sei que Jeremy disse para me ajudar, então eu vou para a cozinha.

Eu não vou longe Eu paro quando abro a porta do escritório.

O escritório é definitivamente à prova de som, ou eu teria ouvido esse barulho. Está vindo de cima, e eu tenho que me controlar completamente para

me concentrar nisso. Para rezar, não é nada disso.

Eu me movo silenciosa e cautelosamente para o pé da escada, e com certeza, o som parece estar vindo da direção do quarto de Verity. É o rangido de uma cama. Ranger repetitivo, como o som que uma cama faria se um homem estivesse em cima de uma mulher.

Oh meu Deus.

Eu cubro minha boca com dedos instáveis. *Não não não!*

Eu li um artigo sobre isso uma vez. Uma mulher foi ferida em um acidente de carro e estava em coma. Ela morava em uma unidade de enfermagem e seu marido ia visitá-la todos os dias. A equipe suspeitou que ele estava fazendo sexo com ela, apesar de ela estar em coma, então eles montaram câmeras escondidas. O homem foi preso por estupro porque sua esposa foi incapaz de dar consentimento.

Muito parecida com Verity.

Eu deveria fazer alguma coisa. *Mas o que?*

— É barulhento, eu sei.

Eu suspiro e giro ao redor, ficando cara a cara com Jeremy.

— Eu posso desligá-lo se te incomoda — diz ele.

— Você me assustou. — Minha voz está cheia de ar. Eu solto um suspiro de alívio, sabendo que o que quer que eu esteja ouvindo não é nada do que eu pensava que era. Jeremy olha por cima do meu ombro, de onde o barulho está vindo.

— É a cama do hospital dela. Está em um temporizador a cada duas horas para levantar diferentes partes do colchão dela. Retira peso de seus pontos de pressão.

Eu posso sentir o constrangimento subindo pelo meu pescoço. Eu rezo para Deus, ele não sabe o que eu achei que era o barulho. Eu cubro meu peito com a mão para esconder a vermelhidão que eu sei que está lá. Eu sou de pele clara, e sempre que fico nervosa, envergonhada ou envergonhada, minha pele me diz, explodindo em manchas vermelhas de raiva. Eu gostaria de poder afundar no tapete exuberante e rico de pessoas e desaparecer.

Eu limpo minha garganta. — Eles fazem camas assim? — Eu poderia ter usado um quando minha mãe estava no hospital. Foi o inferno tentando movê-la sozinha.

— Sim, mas eles são obscenamente caros. Vários milhões para um novinho em folha e o seguro nem cobria isso.

Eu engasgo com esse preço.

— Estou esquentando as sobras — diz ele. — Você está com fome?

— Eu estava a caminho da cozinha, na verdade.

Jeremy anda para trás. — É pizza.

— Perfeito. — *Eu odeio pizza.*

O temporizador de microondas dispara quando Jeremy alcança. Ele pega um prato de pizza e entrega para mim, depois faz outro prato. — Como está indo lá?

— Bom — eu digo. Eu pego uma garrafa de água da geladeira e me sento na mesa. — Você estava certo, no entanto. Tem muita coisa. Vai levar alguns dias.

Ele se inclina contra o balcão enquanto espera a pizza terminar. — Você trabalha melhor à noite?

— Sim. Eu fico acordada até tarde e depois durmo na maioria das manhãs. Espero que isso não seja um problema.

— De modo algum. Eu sou realmente uma coruja da noite também. A enfermeira do Verity sai à noite e volta às sete da manhã, então fico acordado até a meia-noite e dou à Verity seus remédios noturnos. A enfermeira assume quando ela chega aqui. — Ele pega seu prato do microondas e senta em frente a mim na mesa.

Eu não posso nem fazer contato visual com ele. Tudo o que posso pensar quando olho para ele é a parte do manuscrito de Verity que li onde ela mencionou que a mão dele estava entre as pernas dela no Steak'n Shake. *Deus, eu não deveria ter lido isso. Agora vou corar toda vez que olho na direção dele. Ele tem mãos muito boas também, o que não ajuda a situação.*

Eu preciso mudar a direção dos meus pensamentos.

Como agora.

— Ela já conversou com você sobre a série que ela estava escrevendo? Como o que ela planejou para os personagens? O fim?

— Se ela contou, não me lembro — diz ele, olhando para o prato. Ele distraidamente se move ao redor de uma fatia de pizza. — Antes do acidente de carro dela, fazia um tempo que ela não escrevia nada. Ou até falou em escrever.

— Há quanto tempo foi seu naufrágio? — *Eu já sei a resposta, mas eu não quero que ele saiba que eu pesquisei a história de sua família no Google.*

— Não muito depois da morte de Harper. Ela estava em coma induzido

por um tempo, depois entrou em um intenso centro de reabilitação por várias semanas. Ela só está em casa há algumas semanas. — Ele dá outra mordida. Eu me sinto mal por falar sobre isso, mas ele não parece adiado pela conversa.

— Antes de minha mãe morrer, eu era sua única cuidadora. Eu não tenho irmãos, então sei que não é fácil.

— Não é fácil — diz ele de acordo. — Sinto muito pela sua mãe, a propósito. Eu não tenho certeza se eu disse isso quando você me contou sobre isso no banheiro do café.

Eu sorrio para ele, mas não digo mais nada sobre isso. Eu não quero que ele pergunte sobre ela. Eu quero que o foco permaneça sobre ele e Verity.

Minha mente continua voltando ao manuscrito, porque mesmo que eu saiba muito pouco sobre o homem sentado à minha frente, quase sinto como se o conhecesse. No mínimo, eu o conheço da maneira como Verity o descreveu.

Estou curiosa para saber que tipo de casamento eles tiveram, e por que ela terminou o primeiro capítulo com a frase que ela escolheu. *Até que ele descobriu a única coisa que significava mais para ele do que eu.*

A frase é sinistra. É quase como se ela estivesse preparando o próximo capítulo para revelar algum segredo terrível e sombrio sobre esse homem. Ou talvez tenha sido uma estratégia de escrita, e ela vai dizer que ele é um santo e que seus filhos significam mais para ele do que ela.

Seja o que for que isso signifique, estou louca para ler o próximo capítulo agora que estou olhando para ele. E eu odeio ter tantas outras coisas que deveriam ser meu foco agora, mas tudo o que quero fazer é me aconchegar e ler sobre o casamento de Jeremy e Verity. Isso me faz sentir um pouco patético.

Provavelmente nem é sobre eles. Eu conheço uma escritora que admitiu que usa o nome do marido em todos os manuscritos até que ela possa inventar um nome para seu personagem. Talvez seja isso que a Verity faz. Talvez fosse apenas mais uma obra de ficção, e o nome de Jeremy só estava lá como espaço reservado.

Eu acho que só há uma maneira de descobrir se o que eu li era verdade.

— Como você e Verity se conheceram?

Jeremy coloca um calabresa na boca e sorri. — Em uma festa — diz ele, inclinando-se para trás em sua cadeira. Finalmente, ele não parece triste pela

primeira vez. — Ela estava usando o vestido mais incrível que eu já vi. Era vermelho e tão comprido que se arrastou no chão um pouco. Deus, ela era linda — diz ele com um toque de melancolia. — Nós deixamos a festa juntos. Quando eu saí, vi uma limusine estacionada na frente, então abri a porta e nós entramos e conversamos um pouco. Até que o motorista apareceu e eu tive que admitir que a limusine não era minha.

Eu não deveria saber nada disso, então eu forço uma risada. — Não era sua?

— Não. Eu só queria impressioná-la. Nós tivemos que fazer uma fuga depois disso porque o motorista estava muito bravo. — Ele ainda está sorrindo, como se estivesse de volta naquela noite com Verity e seu vestido vermelho foda. — Nós éramos inseparáveis depois disso.

É difícil para mim sorrir para ele. Para eles. *Vendo o quão felizes eles pareciam naquela época, e então olhando para o que a vida deles se transformou.* Eu me pergunto se sua autobiografia explica em detalhes como eles chegaram do ponto A ao ponto B. No início, ela menciona a morte de Chastin. O que significa que ela escreveu, ou pelo menos acrescentou, depois daquela primeira grande tragédia. Eu me pergunto há quanto tempo ela está trabalhando nisso?

— Verity já era uma autora quando você a conheceu?

— Não, ela ainda estava na faculdade. Foi mais tarde, quando tive que ficar temporariamente em Los Angeles por alguns meses, que ela escreveu seu primeiro livro. Acho que foi a maneira dela de passar o tempo até eu voltar para casa. Ela foi rejeitada por alguns editores no início, mas uma vez que ela vendeu o primeiro manuscrito, tudo apenas... Tudo aconteceu tão rápido. Nossas vidas mudaram praticamente da noite para o dia.

— Como ela lidou com a fama?

— Eu acho que foi mais difícil para mim do que para ela. — Porque você gosta de ser invisível?

— É tão óbvio?

Eu dou de ombros. — Companheiro introvertido, aqui.

Ele ri. — Verity não é uma autora típica. Ela ama o centro das atenções. Os eventos extravagantes. Tudo me deixa desconfortável. Eu gosto de estar aqui com as crianças. — Há uma mudança muito sutil em sua expressão

quando ele percebe que falou de suas garotas no tempo presente. — Com *Crew* — diz ele, corrigindo-se. Ele balança a cabeça e, em seguida, aperta as mãos atrás do pescoço, inclinando-se para trás como se estivesse se alongando. Ou desconfortável. — É difícil às vezes, lembrando que elas não estão mais aqui. — Sua voz é baixa, e ele está olhando para mim, para o nada. — Ainda encontro os cabelos no sofá. Suas meias na secadora. Às vezes eu grito seus nomes quando quero lhes mostrar algo, esquecendo que elas não vão descer correndo as escadas.

Eu o observo de perto, porque nem todos estão convencidos ainda. Eu escrevo romances de suspense. Eu sei que quando há situações suspeitas, pessoas suspeitas quase sempre acompanham essas situações. Estou dividida entre querer saber mais sobre o que aconteceu com suas garotas e sair daqui o mais rápido que posso.

Mas agora, eu não estou olhando para um homem que está colocando em um show para angariar simpatia. Estou olhando para um homem que compartilha seus pensamentos em voz alta pela primeira vez.

Isso me faz querer fazer o mesmo.

— Minha mãe não se foi há tanto tempo, mas eu sei o que você quer dizer. Toda manhã, naquela primeira semana, eu me levantava e fazia o café da manhã dela, só para lembrar que ela não estava lá para comer.

Jeremy deixa cair os braços na mesa. — Eu me pergunto quanto tempo durará. Ou se sempre será assim.

— Eu acho que o tempo definitivamente ajudará, mas provavelmente não machucaria a ideia de se mudar. Se você está em uma casa em que nunca estive, os lembretes deles podem desaparecer. Não tê-los por perto se tornaria seu novo normal.

Ele passa a mão pela barba no queixo. — Eu não tenho certeza se quero uma vida onde não há vestígios de Harper e Chastin.

— Sim — eu digo de acordo. — Eu também não ia querer.

Seus olhos permanecem em mim, mas está quieto. Às vezes, um olhar entre duas pessoas pode durar tanto tempo que isso te abala. Força você a desviar o olhar.

Então eu o faço.

Eu olho para o meu prato e corro meu dedo ao longo da borda recortada dele. Seu olhar parecia estar passando longe dos meus olhos, em meus pensamentos. E mesmo que ele não queira, parece íntimo. Quando os olhos

de Jeremy estão nos meus, parece uma exploração das partes mais profundas de mim.

— Eu deveria voltar ao trabalho — eu digo, minha voz mal acima de um sussurro.

Ele está imóvel por alguns segundos, mas depois se endireita, rapidamente recuando a cadeira como se tivesse acabado de sair de um transe. — Sim — diz ele, pegando nossos pratos enquanto está de pé. — Eu devo preparar os remédios da Verity. — Ele leva nossos pratos para a pia e, ao sair da cozinha, ele diz: — Boa noite, Low.

Quando eu ouço ele me chamar assim, meu boa noite fica preso na minha garganta. Eu mostro um sorriso e saio da cozinha, com pressa para voltar ao escritório de Verity.

Quanto mais tempo gasto na presença de Jeremy, mais ansiosa fico para voltar àquele manuscrito e conhecê-lo ainda melhor.

Eu o pego do sofá, apago as luzes no escritório de Verity e levo o manuscrito para o quarto comigo. Não há uma fechadura na porta, então eu empurro um baú de madeira do pé da cama até a porta, bloqueando-a.

Estou exausta depois de viajar o dia inteiro e ainda preciso tomar banho, mas posso me encaixar em pelo menos mais um capítulo antes de dormir.

Eu tenho que ler.

Que Assim Seja

Capítulo 2

Chapter Two

Eu poderia escrever romances inteiros sobre os dois primeiros anos que nós namoramos, mas eles não venderiam. Não houve drama suficiente entre Jeremy e eu. Dificilmente alguma luta. Não há tragédias para escrever sobre. Apenas dois anos de amor e adoração sexual entre nós dois.

Eu. Fui. *Tomada*. Por. Ele.

Viciada à ele.

Eu não tenho certeza se foi saudável - como eu era co-dependente. Ainda sou, na verdade. Mas quando uma pessoa encontra alguém que faz com que toda a negatividade em suas vidas desapareça, é difícil não se alimentar dessa pessoa. Eu me alimentei de Jeremy para manter minha alma viva. Estava morrendo de fome e enrugada antes de conhecê-lo, mas estar em sua presença me alimentava. Às vezes eu sentia que se eu não tivesse ele, eu não poderia funcionar.

Nós estávamos namorando quase dois anos quando ele foi temporariamente transferido para Los Angeles. Nós nos mudamos recentemente juntos, não oficialmente. Eu digo não oficialmente porque houve um momento em que parei de voltar para o meu lugar. Parei de pagar as contas, o aluguel. Não se passaram nem dois meses depois que eu me mudei completamente que Jeremy enfim descobriu que eu não tinha mais o meu próprio apartamento.

Ele sugeriu que eu fosse morar com ele uma noite, durante o sexo. Ele faz isso às vezes. Toma decisões enormes sobre nossas vidas enquanto ele está me fodendo.

— Venha morar comigo — disse ele, empurrando lentamente em mim.

Ele baixou a boca para a minha. — Quebre seu contrato.

— Eu não posso — eu sussurrei.

Ele parou de se mover e se afastou para olhar para mim. — Por que não?

Eu abaixei minhas mãos para sua bunda e o fiz começar a me mover de novo. — Porque eu quebrei meu contrato há dois meses.

Ele parou dentro de mim, olhando para mim com aqueles olhos verdes e cílios tão intensos que eu esperava saborear alcaçuz quando os beijei. — Nós já moramos juntos? — Ele perguntou.

Eu balancei a cabeça, mas percebi que ele não estava reagindo do jeito que eu esperava que ele reagisse. Ele parecia surpreso.

Eu precisava consertar as coisas - assumir o controle e desviá-lo. *Faça-o perceber que não foi uma grande coisa.* — Eu pensei que eu tinha te dito.

Ele saiu de mim e pareceu um castigo. — Você não me disse que estamos morando juntos. Isso é algo que eu teria me lembrado.

Sentei-me e me posicionei de modo a ficar de joelhos bem diante dele, cara a cara com ele. Eu corri minhas unhas em ambos os lados de sua mandíbula e trouxe minha boca perto da dele. — Jeremy — eu sussurrei. — Eu não passei uma noite longe de você em seis meses. Vivemos juntos por um tempo agora. — Agarrei seus ombros e empurrei-o de costas. Sua cabeça encontrou o travesseiro, e eu queria deitar em cima dele e beijá-lo, mas ele parecia um pouco zangado comigo. Como se ele quisesse falar sobre esse assunto que eu considerei fechado.

Eu não queria mais falar. Eu só queria que ele me fizesse *gozar*.

Então, eu montei seu rosto e me abaixei para sua língua. Quando senti suas mãos apertarem minha bunda, me puxando para mais perto de sua boca, minha cabeça rolou para trás por um momento delicioso. É por isso que me vim morar com você, Jeremy.

Eu me inclinei para frente, agarrei sua cabeceira e, em seguida, mordi, sufocando meus gritos.

E foi isso.

Eu estava mais feliz do que nunca até que ele foi transferido. Claro, foi apenas temporário, mas você não pode tirar o único meio de sobrevivência de alguém e esperar que ele funcione por conta própria.

Foi assim que eu me senti, de qualquer maneira - como se o único alimento para a minha alma tivesse sido arrancado de mim. Claro, eu recebi pequenos ataques de reabastecimento quando ele me ligou ou me encarou,

mas aquelas noites sozinhas em nossa cama eram cansativas.

Às vezes, eu ficava sentada no travesseiro e mordida a cabeceira enquanto me tocava, fingindo que ele estava embaixo de mim. Mas então, depois que eu gozava, eu caía em uma cama vazia e ficava olhando para o teto, imaginando como eu tinha sobrevivido todos os anos da minha vida sem que ele não tinha feito parte.

Aqueles eram pensamentos que eu não podia admitir para ele, é claro. Eu poderia estar obcecada por ele, mas uma mulher sabe que se ela quer manter um homem para sempre, ela tem que agir como se pudesse superá-lo em um dia.

E foi aí que me tornei escritora.

Meus dias estavam cheios de pensamentos sobre Jeremy, e se eu não descobrisse como preenchê-los com pensamentos de outra coisa até que ele retornasse, eu estava com medo de não conseguir esconder o quanto sua ausência me estripou. Eu criei um Jeremy fictício e o chamei de Lane. Quando eu estava sentindo falta do Jeremy, eu escrevia um capítulo sobre Lane. Minha vida ao longo dos próximos meses se tornou menos sobre Jeremy e mais sobre o meu personagem. Quem era, em certo sentido, ainda Jeremy. Mas escrever sobre isso em vez de ficar obcecada parecia mais produtivo.

Eu escrevi um romance inteiro nos poucos meses em que ele se foi. Quando ele apareceu na nossa porta da frente para me surpreender com seu retorno para casa, eu tinha acabado de editar a página final.

Foi destino.

Eu parabeneizei ele com um boquete. Foi a primeira vez que engoli. Foi assim que fiquei feliz em vê-lo.

Eu agi como uma dama depois que engoli, sorrindo para ele. Ele ainda estava de pé ao lado da porta da frente, completamente vestido, além dos jeans que estavam agora até os joelhos. Levantei-me e beijei-o na bochecha e disse: — Volto já.

Quando cheguei ao banheiro, tranquei a porta, liguei a água da pia e vomitei no banheiro. Quando eu deixei ele gozar na minha boca, eu não tinha ideia do quanto haveria. Por quanto tempo eu teria que continuar engolindo. Mantendo a minha compostura foi difícil, enquanto seu pau estava na minha garganta, me afogando.

Escovei os dentes e voltei para o quarto, onde o encontrei sentado à

minha mesa. Ele tinha algumas páginas do meu manuscrito em suas mãos.

— Você escreveu isso? — Ele perguntou, girando na minha cadeira para me encarar.

— Sim, mas eu não quero que você leia. — Eu podia sentir minhas palmas começando a suar, então eu limpei-as em meu estômago e caminhei em direção a ele. Ele se levantou quando eu me lancei para frente para pegar as páginas dele. Ele os segurou sobre a cabeça, alto demais para eu alcançar.

— Por que não posso ler?

Eu pulei, tentando puxar o braço para baixo para poder alcançar as páginas. — Preciso terminá-lo.

— Tudo bem — disse ele, dando um passo para trás. — Mas eu ainda quero ler.

— Eu não quero que você leia.

Ele reuniu o resto do manuscrito e enfiou-o no peito. Ele ia ler, e tudo que eu conseguia pensar era em impedi-lo. Eu não sabia se era bom, e estava com medo - *aterrorizada* - que isso o faria me amar menos se ele pensasse que eu era uma escritora ruim. Eu mergulhei na cama para tentar alcançá-lo mais rápido, mas ele entrou no meu banheiro e trancou a porta.

Eu bati na porta.

— Jeremy! — Eu gritei.

Sem resposta.

Ele ignorou mais por dez minutos enquanto eu tentava abrir a porta com um cartão de crédito. Um grampo de cabelo. Promessas de outro boquete.

Quinze minutos se passaram antes que ele fizesse um barulho.

— Verity?

Eu estava no chão neste momento, minhas costas pressionadas contra a porta do banheiro. — O quê?

— É bom.

Eu não respondi.

— Muito bom. Estou tão orgulhoso de você.

Eu sorri.

Foi a primeira vez que senti que o leitor gostava do que eu havia criado para eles. Aquele comentário - aquele comentário doce e simples - me fez querer que ele terminasse de ler. Eu o deixei sozinho depois disso. Fui para a nossa cama, rastejei debaixo das cobertas e adormeci com um sorriso no rosto.

Ele me acordou duas horas depois. Seus lábios estavam roçando meu ombro, seus dedos traçando uma linha invisível pela minha cintura, sobre o meu quadril. Ele estava atrás de mim, curvado em volta de mim, moldado para mim. Eu sentia muito a falta dele.

— Você está acordada? — Ele sussurrou.

Eu fiz um gemido suave para que ele soubesse que eu estava.

Ele beijou um ponto abaixo da minha orelha e, em seguida, ele disse: — Você é foda e brilhante. — Eu acho que eu nunca sorri tanto. Ele me virou de costas e tirou meu cabelo do meu rosto. — Espero que você esteja pronta.

— Para quê? — Eu perguntei.

— Fama.

Eu ri, mas ele não. Ele tirou as calças e tirou minha calcinha. Depois que ele empurrou para dentro de mim, ele disse: — Você acha que estou brincando? — Ele me beijou e continuou. — Sua escrita vai fazer você famoso. Sua mente é incrível. Se eu pudesse foder sua mente, eu o faria.

Meu riso foi misturado com um gemido quando ele continuou a fazer amor comigo. — Você está dizendo isso porque acredita? Ou porque você me ama?

Ele não respondeu imediatamente. Seus movimentos se tornaram lentos e deliberados. Seu olhar era intenso. — Case comigo, Verity.

Eu não reagi porque pensei que talvez tivesse ouvido mal a ele. Ele realmente me pediu para casar com ele? Eu poderia dizer pela intensidade em sua expressão que ele estava mais apaixonado por mim naquele momento do que ele já esteve antes. Eu deveria ter dito sim imediatamente, porque é onde meu coração estava. Mas, em vez disso, eu disse: — Por quê?

— Porque — disse ele, sorrindo. — Eu sou seu maior fã.

Eu ri, mas depois o sorriso dele desapareceu e ele começou a me foder. Impulsos duros e rápidos que ele sabia que me deixariam louca. A cabeceira estava batendo contra a parede, e o travesseiro embaixo da minha cabeça estava escorregando. — Case comigo — ele implorou novamente, e então sua língua estava na minha boca, e foi o primeiro beijo real que nós compartilhamos em meses.

Nós precisávamos um do outro tão mal naquele momento, nossos corpos estavam tornando difícil para nossas bocas ficarem alinhadas, então o beijo foi desleixado e doloroso.

— Ok — eu sussurrei.

— Obrigado — ele disse no meio de um suspiro, suas palavras cheias de mais respiração do que voz. Ele continuou a me foder, *sua noiva*, até que estávamos cobertos de suor, e eu podia sentir o gosto de sangue na minha boca, onde ele acidentalmente mordeu meu lábio. Ou talvez eu tenha mordido o dele. Eu não tinha certeza, mas isso não importava, porque o sangue dele era meu sangue agora.

Quando ele finalmente gozou, ele fez isso dentro de mim, sem camisinha, enquanto sua língua estava na minha boca e sua respiração estava escorrendo pela minha garganta e minha eternidade estava entrelaçada com a dele.

Quando ele terminou, ele chegou ao chão para seus jeans. Ele rastejou de volta para cima de mim e levantou minha mão, em seguida, colocou um anel no meu dedo.

Ele planejou me propor o tempo todo.

Eu nem olhei para o anel. Eu levei minhas mãos para cima da minha cabeça e fechei os olhos, porque a mão dele estava entre as minhas pernas e eu sabia que ele queria me ver gozar.

Então eu fiz.

Durante dois meses, olhamos para aquela noite como a noite em que ficamos noivos. Por dois meses, eu sorria toda vez que olhava para o meu anel. Por dois meses, eu chorava quando pensava em como seria nosso casamento. Como seria nossa noite de núpcias.

Mas então a noite em que ficamos noivos tornou-sea noite que engravidamos.

E aqui é onde isso fica real. As entranhas da minha autobiografia. Esse é o ponto em que outros autores se pintariam em uma luz melhor, em vez de se lançarem em uma máquina de raios X.

Mas não há luz para onde estamos indo. Este é seu último aviso.

Escuridão à frente.



A vantagem do escritório de Verity é a vista dessas janelas. O vidro começa no chão e sobe todo o caminho até o teto. E não há obstáculos. Apenas enormes painéis de vidro sólido, para que eu possa ver tudo. *Quem limpa isso?* Eu estudo os painéis de vidro por um local, uma mancha - qualquer coisa.

A desvantagem do escritório de Verity também é a vista dessas janelas. A enfermeira estacionou a cadeira de rodas da Verity na varanda dos fundos, bem em frente ao escritório. Eu posso ver seu perfil inteiro como ela enfrenta a oeste da varanda de trás. É um bom dia, então a enfermeira está sentada na frente da Verity, lendo um livro para ela. Verity está olhando para o espaço, e eu me pergunto, ela compreende alguma coisa? E se sim, quanto?

Seu cabelo fino sobe na brisa, como se os dedos de um fantasma estivessem brincando com os fios.

Quando olho para ela, minha empatia aumenta. É por isso que eu não quero olhar para ela, mas essas janelas tornam isso impossível. Não consigo ouvir a enfermeira lendo para ela, presumivelmente porque essas janelas são tão à prova de som quanto o restante deste escritório. Mas eu sei que eles estão lá, então é difícil se concentrar no trabalho sem olhar para cima a cada poucos minutos.

Eu tive problemas para encontrar notas até agora para a série, mas eu só consegui percorrer uma parte das coisas aqui. Decidi que meu tempo seria melhor gasto hoje de manhã, folheando o primeiro e o segundo livros, fazendo anotações sobre cada personagem. Estou criando um sistema de arquivamento para mim porque preciso conhecer esses personagens, bem como a Verity os conhece. Preciso saber o que os motiva, o que os move, o

que os desencadeia.

Eu vejo movimento fora da janela. Quando olho para cima, a enfermeira está indo embora em direção à porta dos fundos. Eu olho para Verity por um momento, imaginando se ela vai reagir agora que a enfermeira parou de ler para ela. Não há movimento algum. Suas mãos estão em seu colo e sua cabeça está inclinada para o lado, como se seu cérebro não pudesse nem mesmo enviar um sinal para que ela soubesse que precisava endireitar sua postura antes que o pescoço doesse.

A inteligente e talentosa Verity não está mais lá. Seu corpo foi a única coisa que sobreviveu àquele naufrágio? É como se ela fosse um ovo, rachada e aberta, e tudo o que resta são os minúsculos fragmentos de casca dura.

Eu olho de volta para a mesa e tento me concentrar. Não posso deixar de me perguntar como Jeremy está lidando com tudo isso. Ele é um pilar de concreto do lado de fora, mas o interior tem que ser oco. É decepcionante saber que esta é a sua vida agora. Cuidar de uma casca de ovo sem gema.

Isso foi duro.

Eu não estou tentando ser dura. Eu estou apenas ... eu não sei. Eu sinto que teria sido melhor para todos se ela não tivesse sobrevivido aos destroços. Eu me sinto imediatamente culpada por pensar isso, mas isso me lembra dos últimos meses que passei cuidando da minha mãe. Eu sei que minha mãe teria preferido a morte por estar tão incapacitada quanto o câncer a fez. Mas isso foi apenas alguns meses de sua vida ... da minha vida. Esta é toda a vida de Jeremy agora. Cuidar de uma esposa que não é mais sua esposa. Amarrado a uma casa que não é mais uma casa. E não posso imaginar que é assim que Verity gostaria que ele vivesse. Eu não posso imaginar isso é como ela gostaria de viver. Ela não pode nem brincar ou falar com seu próprio filho.

Eu rezo para que ela não esteja lá, pelo seu próprio bem. Não consigo imaginar o quão difícil seria se a mente dela ainda estivesse lá, mas o dano cerebral não a deixava com nenhuma maneira física de se expressar, roubando-lhe qualquer capacidade de reagir ou interagir ou verbalizar o que ela está pensando.

Eu levanto minha cabeça novamente.

Ela está olhando diretamente para mim.

Eu pulo, e a cadeira se move para trás pelo chão de madeira. Verity está olhando diretamente para mim pela janela, sua cabeça voltada para mim, seus olhos fixos nos meus. Eu levo minha mão até a boca e dou um passo para

trás; Eu me sinto ameaçada.

Eu quero sair de sua linha de visão, então eu rastejo para a minha esquerda, em direção à porta do escritório. Por um momento, eu não consigo escapar do olhar dela. Ela é a MonaLisa, me seguindo enquanto eu atravesso a sala. Mas quando chego à porta do escritório dela, não estamos mais fazendo contato visual.

Seus olhos não me seguiram.

Eu solto minha mão e me inclino contra a parede, observando como April caminha de volta para fora com uma toalha. Ela limpa o queixo de Verity e, em seguida, pega uma pequena almofada no colo de Verity e levanta a cabeça, colocando-a entre o ombro e a bochecha dela. Com a cabeça ajustada, ela não está mais olhando para a janela.

— Merda — eu sussurro para ninguém.

Eu tenho medo de uma mulher que mal consegue se mexer e nem consegue falar. Uma mulher que não pode voltar a cabeça para olhar para alguém, e muito menos fazer contato visual intencional.

Eu preciso de água.

Eu abro a porta do escritório, mas solto um grito quando meu celular toca atrás de mim na mesa.

Droga. Eu odeio adrenalina. Meu pulso está acelerado, mas eu solto um suspiro e tento me acalmar enquanto atendo o telefone. É um número desconhecido.

— Olá?

— Srta. Ashleigh?

— Sou eu.

— Eu sou Donovan Baker, dos apartamentos de Creekwood. Você colocou seu nome em um de nossos aplicativos há alguns dias?

Estou aliviada por ter uma distração. Eu ando de volta para a janela, e a enfermeira moveu a cadeira de Verity, então eu só estou olhando para a parte de trás de sua cabeça agora. — Sim, como eu posso te ajudar?

— Estou ligando porque a solicitação enviada por você foi processada hoje. Infelizmente, houve um despejo recente que apareceu em seu nome, por isso não podemos aprovar você para o apartamento.

Já? Acabei de me mudar há alguns dias atrás. — Mas minha solicitação já foi aprovada por vocês. Eu devo me mudar na próxima semana.

— Na verdade, você só foi pré-aprovada. Sua solicitação não foi

totalmente processada até hoje. Não podemos aprovar solicitações com despejos recentes. Espero que entenda.

Eu aperto a parte de trás do meu pescoço. Eu não vou conseguir meu dinheiro por mais duas semanas. — Por favor — eu digo a ele, tentando não parecer tão patética quanto me sinto agora. — Eu nunca paguei meu aluguel atrasado até agora. Acabei de ser contratada para outro emprego e, em duas semanas, se você me deixar morar agora, posso pagar-lhe um ano *inteiro* de aluguel. Eu juro.

— Você sempre pode recorrer da decisão — diz ele. — Pode demorar algumas semanas, mas já vi solicitações serem aprovadas devido a circunstâncias atenuantes.

— Eu não tenho algumas semanas. Eu já saí do meu último apartamento.

— Sinto muito — diz ele. — Enviaremos nossa decisão por e-mail e, na parte inferior do e-mail, entraremos em contato com esse número para uma contestação. Tenha um bom dia, Srta. Ashleigh.

Ele termina a ligação, mas eu ainda tenho o telefone pressionado no meu ouvido enquanto aperto meu pescoço. Eu espero que eu acorde desse pesadelo a qualquer segundo agora. *Obrigada mãe.* O que diabos eu vou fazer agora?

Há uma batida suave na porta do escritório. Eu giro ao redor, assustada novamente. Eu não posso lidar com isso hoje. Jeremy está de pé na entrada do escritório, olhando para mim com um rosto cheio de empatia.

Deixei a porta aberta quando meu telefone tocou. Ele provavelmente ouviu toda essa conversa. Eu posso afundar mortificada na lista de adjetivos que descrevem hoje.

Eu coloco meu telefone na mesa de Verity, depois caio em sua cadeira. — Minha vida nem sempre foi muito confusa.

Ele ri um pouco, entrando no quarto. — Nem a minha.

Eu aprecio esse comentário. Eu olho para o meu celular. — Tudo bem — eu digo, girando meu telefone em um círculo. — Eu vou conseguir.

— Posso emprestar dinheiro até que o seu adiantamento seja processado pelo seu agente. Terei que retirá-lo do nosso fundo mútuo, mas pode ser daqui a três dias.

Eu nunca fiquei tão envergonhada, e sei que ele pode vê-lo porque praticamente me enrolo quando me inclino para frente na mesa e coloco meu rosto em minhas mãos.

— Isso é muito doce, mas eu não vou pedir um empréstimo a você.

Ele fica quieto por um momento, depois escolhe se sentar no sofá. Ele se senta casualmente, inclinando-se para a frente, apertando as mãos na frente dele. — Então fique aqui até que seu dinheiro atinja sua conta. Será apenas uma semana ou duas. — Ele olha em volta do escritório, vendo quanto progresso eu não fiz desde que cheguei ontem. — Não nos importamos. Você não está nos atrapalhando de jeito nenhum.

Eu balancei minha cabeça, mas ele interrompe.

— Lowen. Esse trabalho que você assumiu não é fácil. Eu prefiro que você gaste muito tempo aqui se preparando para isso do que voltar para Nova York amanhã e perceber que você deveria ter ficado mais tempo.

Eu preciso de mais tempo. Mas duas semanas nesta casa? Com uma mulher que me assusta, um manuscrito que eu não deveria estar lendo e um homem com quem conheço muitos detalhes íntimos?

Não é uma boa ideia. Nada disso é bom.

Eu começo a balançar a cabeça novamente, mas ele levanta a mão. — Pare de hesitar. Pare de ficar envergonhada. Apenas diga *tudo bem*.

Eu olho além dele, em todas as caixas que revestem as paredes atrás dele. As coisas que eu ainda não toquei. E então eu penso em como, com duas semanas aqui, eu teria tempo de ler cada livro em sua lista, fazer anotações em cada um deles e, possivelmente, delinear os três novos.

Eu suspiro, concedendo com um pouco de alívio. — Tudo bem.

Ele sorri um pouco, depois se levanta e caminha em direção à porta.

— Obrigada — eu digo.

Jeremy se vira e me encara. Eu gostaria de tê-lo deixado sair pela porta, porque eu juro que posso ver um traço de pesar em sua expressão. Ele abre a boca, como se quisesse dizer: “Você é bem-vinda” ou “Sem problemas”. Mas ele apenas fecha a boca e força um sorriso e depois fecha a porta quando sai.

...

Jeremy me disse no início desta tarde que eu precisava estar do lado de fora antes que o sol desaparecesse atrás das montanhas. *Você verá por que Verity queria uma visão desobstruída de seu escritório.*

Eu trouxe um de seus livros comigo para ler na varanda dos fundos. Há

cerca de dez cadeiras para escolher, então eu me sento em uma mesa de pátio. Jeremy e Crew estão à beira da água, arrancando pedaços velhos de madeira da doca de pesca. É fofo, assistir Crew pegar os pedaços de madeira que Jeremy está entregando a ele. Ele os carrega para uma pilha enorme, então pega outro de seu pai. Jeremy tem que esperar por ele a cada vez, porque leva mais tempo para Crew se desfazer da madeira do que para Jeremy arrancá-la da armação de madeira. Isso prova quanta paciência ele tem como pai.

Ele me lembra um pouco do meu pai. Ele morreu quando eu tinha nove anos, mas não tenho certeza se o via com raiva em meus olhos. Nem mesmo para minha mãe, com seus comentários espinhosos e seu frequente temperamento quente. Eu cresci a ressentir-se com isso sobre ele, no entanto. Às vezes eu percebia sua paciência como fraqueza quando se tratava dela.

Eu assisto Crew e Jeremy um pouco mais, entre as tentativas de terminar meu capítulo. Mas eu estou achando difícil entender alguma coisa porque Jeremy tirou a camisa alguns minutos atrás e, embora eu tenha visto ele tirar a camisa antes, eu nunca o vi sem camiseta. Sua pele está escorregadia pelo suor que ele trabalhou nas últimas duas horas de estar no cais. Quando ele puxa a madeira com o martelo, seus músculos se esticam em suas costas e imediatamente me lembro do último capítulo que Verity escreveu. Havia tantos detalhes íntimos sobre sua vida sexual e, pelo que li, foi muito ativo. Mais do que qualquer um dos meus relacionamentos.

É difícil olhar para ele e não pensar em sexo agora. Não que eu queira fazer sexo com ele. E não que eu não faça. É só que, como escritora, sei que ele foi sua inspiração para vários dos homens em seus livros. E isso me faz pensar se eu preciso vê-lo como minha inspiração enquanto eu enfrento o resto desta série. Quer dizer ... não é a pior coisa. Ser forçada a pisar no lugar de Verity e visualizar Jeremy pelos próximos vinte e quatro meses enquanto escrevo.

A porta dos fundos se fecha e eu tiro meus olhos de Jeremy. April está de pé no pátio, olhando para mim. Seu olhar segue o meu caminho, e então ela olha para mim. *Ela viu. Ela me viu olhando meu novo chefe. Patético.*

Por quanto tempo ela estava me olhando fixamente? Eu quero cobrir meu rosto com este livro, mas em vez disso, sorrio como se não estivesse fazendo nada errado. *Quer dizer, eu não estava.*

— Estou saindo , diz April. — Coloquei Verity na cama e liguei a televisão dela. Ela jantou e tomou os remédios, caso ele pergunte.

Eu não sei porque ela está me dizendo isso, já que eu não estou no comando. — OK. Tenha uma boa noite.

Ela não me diz para ter uma boa noite em troca. Ela volta para a casa e deixa a porta se fechar novamente. Um minuto depois, ouço o zumbido de seu motor enquanto seu carro sai da garagem, desaparecendo entre as árvores. Eu olho de volta para Jeremy e Crew, e Jeremy está rasgando outro pedaço de madeira.

Crew está olhando para mim, parado perto da pilha de docas de pesca descartadas. Ele sorri e acena. Eu levanto a minha mão para acenar de volta, mas enrolo meus dedos em um punho suave quando percebo que Crew não está acenando para mim. Ele está olhando acima de mim, para a direita.

Ele está olhando para a janela do quarto de Verity.

Eu giro e olho para cima, assim como a cortina do quarto cai fechada. Largo o livro na mesa do pátio, derrubando minha garrafa de água no processo. Eu me levanto e dou três passos mais para trás para dar uma olhada melhor na janela, mas não há ninguém lá. Minha boca se abre. Eu olho para trás para Crew, mas ele está recuando para o banco dos réus para pegar outro pedaço de madeira de Jeremy.

Estou vendo coisas.

Mas por que ele estava acenando para a janela dela? Se ela não estivesse lá, por que ele estava acenando?

Não faz sentido. Se ela estivesse olhando pela janela, Crew teria tido uma reação muito maior, considerando que ela não tem sido capaz de falar ou andar sozinha desde seu naufrágio.

Ou talvez ele não entenda que sua mãe andando até a janela seria um milagre. Ele tem apenas cinco anos.

Eu olho para o livro, agora coberto de água, e pego o líquido dele. Eu solto um suspiro instável porque parece que eu estou no limite o dia todo. Tenho certeza de que ainda estou um pouco abalada por pensar que ela estava me encarando antes, e é por isso que imaginei que vi a cortina se mexer.

Parte de mim quer esquecer e me trancar no escritório e trabalhar o resto da noite. Mas eu sei que não vou conseguir se eu não checá-la. Certifique-se de que não vi o que pensei ter visto.

Eu coloco o livro aberto na mesa do pátio para secar e faço o meu caminho até a casa, em direção às escadas. Estou quieto. Não sei por que sinto a necessidade de ficar quieto enquanto trabalho para dar uma espiada

nela. Eu sei que ela provavelmente não pode processar muito, então o que importa se eu fizer a minha abordagem conhecida? Mesmo assim, fico quieto enquanto subo as escadas, pelo corredor e até a porta do quarto dela.

Está ligeiramente entreaberta e posso ver a janela que dá para o quintal. Eu pressiono a palma da mão na porta e começo a abri-la. Eu estou mordendo meu lábio inferior enquanto espio minha cabeça.

Verity está em sua cama, os olhos fechados, as mãos ao lado do cobertor.

Respiro um suspiro de alívio, e sinto ainda mais alívio quando abro a porta um pouco mais, revelando um ventilador oscilante indo e vindo da cama do Verity para a janela com vista para o quintal. Toda vez que o ventilador aponta para a janela, a cortina se move.

Meu suspiro é mais alto desta vez. *Foi o maldito ventilador. Controle-se, Lowen.*

Eu desligo o ventilador porque está um pouco frio aqui. Estou surpresa que April o tenha deixado para começar. Eu cortei meus olhos para Verity novamente, mas ela ainda está dormindo. Quando chego à porta, faço uma pausa. Eu olho para a cômoda - no controle remoto sentado em cima dela. Eu olho para a TV montada na parede.

Não está ligada.

April disse que ligou a TV antes de sair, mas a TV não está ligada.

Eu nem sequer olho para a Verity. Eu fecho a porta e corro pelas escadas.

Eu não vou voltar lá novamente. Estou me assustando. A pessoa mais desamparada nesta casa é a que eu tenho mais medo. Não faz sentido. Ela não estava olhando para mim através da janela do escritório. Ela não estava de pé em sua janela, olhando para Crew. E ela *não* desligou sua própria TV. Provavelmente é em um temporizador, ou abril acidentalmente bateu o botão de energia duas vezes e assumiu que ela ligou.

Independentemente do fato de que eu saiba que isso tudo está na minha cabeça, eu ainda caminho de volta para o escritório de Verity, fecho a porta e escolho outro capítulo de sua autobiografia. Talvez ler mais do ponto de vista dela me assegure que ela é inofensiva e que *preciso relaxar*.

Que Assim Seja

Capítulo 3

Chapter Three

Eu sabia que estava grávida porque meus seios pareciam maiores do que jamais pareceram.

Estou muito consciente do meu corpo, do que se passa, como nutri-lo, como mantê-lo tonificado. Cresci assistindo a cintura da minha mãe se expandir com a preguiça, eu malho diariamente, às vezes duas vezes por dia.

Aprendi desde muito cedo que um humano não é apenas composto de apenas uma coisa. Somos duas partes que compõem o todo.

Temos nossa consciência, que inclui nossa mente, nossa alma e todas as partes intangíveis.

E nós temos nosso ser físico, que é a máquina na qual nossa consciência depende para a sobrevivência.

Se você ferrar com a máquina, você vai morrer. Se você negligenciar a máquina, você morrerá. Se você assumir que sua consciência pode sobreviver à máquina, você morrerá logo depois de saber que estava errado.

É muito simples, na verdade. Cuide do seu ser físico. Alimente o que precisa, não o que a consciência lhe diz que quer. Entregar-se aos desejos da mente que acabam ferindo o corpo é como um pai fraco cedendo ao filho. — *Oh, você teve um dia ruim? Você quer uma caixa inteira de biscoitos? Certo, docinho. Coma. E beba este refrigerante enquanto você está assim.*

Cuidar do seu corpo não é diferente de cuidar de uma criança. Às vezes é difícil, às vezes é uma droga, às vezes você só quer ceder, mas se fizer isso, você pagará pelas consequências daqui a dezoito anos.

É apropriado falar isso quando se trata da minha mãe. Ela se importava

comigo como se ela se importasse com seu corpo. Muito pouco. Às vezes me pergunto se ela ainda é gorda - se ela ainda está negligenciando a máquina. Eu não saberia. Eu não falo com ela há anos.

Mas eu não estou interessada em falar sobre uma mulher que escolheu nunca mais falar de mim. Estou aqui para discutir a primeira coisa que meu bebê roubou de mim.

Jeremy.

Eu não notei o roubo no começo.

No começo, depois que descobrimos que a noite em que ficamos noivos tornou-se a noite em que engravidamos, eu estava realmente feliz. Eu estava feliz porque Jeremy estava feliz. E nesse ponto, além de meus seios parecerem maiores do que nunca, eu não percebi o quanto a gravidez seria prejudicial para a máquina que eu trabalhei tanto para manter.

Foi por volta do terceiro mês, algumas semanas depois que descobri que estava grávida, que comecei a notar a diferença. Era um pequeno cachorrinho, mas estava lá. Eu tinha acabado de sair do chuveiro e estava em frente ao espelho, olhando para o meu perfil. Minha mão estava no meu estômago e senti algo estranho, e meu estômago estava ligeiramente saliente.

Eu estava enjoada. Eu prometi começar a malhar três vezes ao dia. Eu vi o que a gravidez poderia fazer com as mulheres, mas também sabia que a maior parte do dano foi feito no último trimestre. Se eu conseguisse de alguma forma descobrir como chegar cedo... talvez por volta de trinta e três ou trinta e quatro semanas, eu poderia evitar a parte mais prejudicial da gravidez. Houve tantos avanços nos cuidados médicos, os bebês nascidos tão cedo quase sempre estão bem.

— Uau.

Eu deixei cair a minha mão e olhei para a porta. Jeremy estava encostado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito. Ele estava sorrindo para mim. — Você está começando a engordar.

— Não estou.— Falei irritada Ele riu e fechou a distância entre nós, envolvendo seus braços em volta de mim por trás. Ele colocou as duas mãos no meu estômago e olhou para mim no espelho. Ele beijou meu ombro. — Você nunca pareceu mais bonita.

Foi uma mentira me fazer sentir melhor, mas fiquei grata. Até as mentiras dele significaram algo para mim. Eu apertei suas mãos e ele me virou para encará-lo, então ele me beijou, me empurrando para trás até chegar ao balcão

do banheiro. Ele me levantou, então ficou entre as minhas pernas.

Ele estava completamente vestido, voltando do trabalho. Eu estava completamente nua, fresca do chuveiro. A única coisa entre nós eram suas calças e o burbúrio que eu ainda estava tentando sugar.

Ele começou a me foder no balcão, mas terminamos na cama.

Sua cabeça estava no meu peito, e ele estava traçando círculos sobre o meu estômago quando ele roncou alto. Eu tentei limpar minha garganta para esconder o barulho, mas ele riu. — Alguém está com fome.

Comecei a sacudir a cabeça, mas ele levantou meu peito para olhar para mim. — O que ela está desejando?

— Nada. Eu não estou com fome.

Ele riu novamente. — Você não. Ela. — ele disse, acariciando meu estômago. — As mulheres grávidas não devem ter desejos estranhos e comer o tempo todo por causa dos bebês? Você mal come. E seu estômago está roncando. — Ele se senta na cama. — Eu preciso alimentar minhas meninas.

As meninas dele.

— Você nem sabe se é uma menina ainda.

Ele sorriu para mim. — É uma garota. Eu tenho uma sensação.

Eu queria revirar os olhos porque, tecnicamente, não era nada. Não é menino nem menina. Era uma bolha. Eu não estava tão longe, apenas supondo que a coisa que crescia por dentro estivesse realmente faminta ou desejando qualquer tipo particular de comida era um absurdo. Mas foi difícil para mim afirmar meu caso porque Jeremy estava tão extasiado com o bebê, eu realmente não me importava se ele o tratasse como se fosse mais do que era.

Às vezes sua excitação me animava.

Nas semanas seguintes, sua excitação me ajudou a lidar. Quanto mais minha barriga aumentava, mais atencioso ele ficava. Mais ele a teria beijado quando estivéssemos juntos na cama à noite.

De manhã, eu segurava meu cabelo enquanto vomitava. Quando ele estava no trabalho, ele me enviava nomes de bebês em potencial. Ele ficou obcecado com a minha gravidez como eu estava com ele. Fui à minha primeira consulta médica comigo.

Eu estava grata que ele estava na segunda visita do médico, também, porque esse foi o dia em que meu mundo mudou.

Gêmeos.

Dois deles.

Fiquei quieta quando saímos do consultório naquele dia. Eu já tinha medo de me tornar mãe de um bebê. Ser forçada a amar a única coisa que Jeremy amava mais do que eu. Mas quando descobri que havia dois, e que eram meninas, de repente eu não estava bem em ser a terceira coisa mais importante na vida de Jeremy.

Eu tentei forçar meu sorriso quando eu falaria sobre eles. Eu agia como se me enchesse de alegria quando eu esfregava minha barriga, mas isso me repugnava, sabendo que eu só estava fazendo isso porque eles estavam lá. Mesmo se eu desse a luz cedo, isso não importava. Agora que havia dois deles, meu corpo sofreria ainda mais danos. Estremeci ao pensar no dia em que ambos cresciam dentro de mim, esticando minha pele, arruinando meus seios, meu estômago e Deus proíba a têmpora entre minhas pernas, onde Jeremy me adorava todas as noites.

Como Jeremy ainda poderia me querer depois disso?

Durante o quarto mês da minha gravidez, comecei a esperar por um aborto espontâneo. Eu orei por sangue quando fui ao banheiro. Imaginei que, depois de perder os gêmeos, Jeremy me faria sua prioridade novamente. Ele me mimaria, me cultuaria, cuidaria de mim, se preocuparia comigo, e não por causa do que estava crescendo dentro de mim.

Tomei pílulas para dormir quando ele não estava olhando. Eu bebi vinho quando ele não estava por perto. Eu fiz qualquer coisa que eu pudesse para destruir as coisas que iam empurrá-lo para longe de mim, mas nada funcionou. Eles continuaram crescendo. Minha barriga continuou a se esticar.

No meu quinto mês, estávamos deitados de lado na cama. Jeremy estava me fodendo por trás. Sua mão esquerda segurou meu peito e sua mão direita estava contra o meu estômago. Eu não gostei quando ele tocou minha barriga durante o sexo. Isso me fez pensar nos bebês e arruinou meu humor.

Eu pensei que talvez ele tivesse atingido o orgasmo quando ele parou de se mover, mas percebi que ele parou de se mover porque ele sentiu que eles se moviam. Ele saiu de mim e depois me rolou de costas, pressionando a palma da mão contra o meu estômago.

—Você sentiu isso? — Ele perguntou. Seus olhos estavam dançando com excitação. Ele não era mais difícil. Ele estava animado por razões que não tinham nada a ver comigo. Ele pressionou o ouvido no meu estômago e

esperou que um deles se movesse novamente.

— Jeremy?— Eu sussurrei.

Ele beijou meu estômago e olhou para mim.

Eu me abaixei e provoquei os fios de cabelo dele com meus dedos. — Você as ama?

Ele sorriu porque achou que eu queria que ele dissesse sim. — Eu as amo mais do que tudo.

— Mais que eu?

Ele parou de sorrir. Ele manteve a mão no meu estômago, mas ele se levantou, deslizando um braço por baixo do meu pescoço. — Diferente de você. — ele disse, beijando minha bochecha.

— Diferente, sim. Mas mais? O seu amor por eles é mais intenso do que o seu amor por mim?

Seus olhos examinaram os meus e eu esperava que ele fosse rir e dizer: *Absolutamente não* — Mas ele não riu. Ele olhou para mim com nada além de honestidade e disse: — Sim.

Mesmo? Sua resposta me esmagou. Sufocou-me. Matou-me.

— Mas é assim que deve ser — disse ele. — Por quê? Você se sente culpada porque você as ama mais do que eu?

Eu não respondi. Ele realmente achava que eu as amava mais do que o amava? Eu nem as conheço.

— Não se sinta culpada — disse ele. — Eu quero que você as ame mais do que você me ama. Nosso amor um pelo outro é condicional. Nosso amor por elas não é.

— Meu amor por você é incondicional — eu disse.

Ele sorriu. — Não, não é. Eu poderia fazer coisas que você nunca me perdoaria. Mas você sempre perdoará suas filhas.

Ele estava errado. Eu não as perdoei por existirem. Eu não as perdoarei por forçá-lo a me colocar em terceiro. Eu não as perdoarei por tirar *a noite em que ficamos noivos*.

Elas nem tinham nascido ainda, mas elas já estavam pegando coisas que haviam pertencido a mim.

— Verity — Jeremy sussurrou. Ele limpou uma lágrima que havia caído do meu olho. — Você está bem?

Eu balancei a cabeça. — Eu simplesmente não consigo acreditar no quanto você já as ama e elas nem sequer nasceram.

— Eu sei — disse ele, sorrindo.

Eu não quis dizer isso como um elogio, mas ele aceitou assim. Ele deitou a cabeça no meu peito e tocou meu estômago novamente. — Eu vou ser uma bagunça quando eles nascerem.

Ele vai chorar?

Ele *nunca* chorou por mim. Sobre mim. Sobre mim.

Talvez não tenhamos lutado o suficiente.

— Eu tenho que ir ao banheiro — eu sussurrei. Eu não tinha que ir, eu só precisava ficar longe dele e todo o amor que ele estava apontando em todas as direções, exceto no meu.

Ele me beijou, e quando eu saí da cama ele rolou de costas para mim e esqueceu que nós nunca terminamos de foder..

Ele adormeceu enquanto eu estava no banheiro, tentando abortar suas filhas com um arame de cabide. Eu tentei por meia hora, até meu estômago começar a doer e o sangue escorrer pela minha perna. Eu tinha certeza que tinha conseguido.

Eu subi na cama, esperando pelo aborto espontâneo. Meus braços estavam tremendo. Minhas pernas estavam dormentes de cócoras. Meu estômago doía e eu queria vomitar, mas não me movi porque queria estar na cama com ele quando acontecesse. Eu queria acordá-lo freneticamente e mostrar-lhe o sangue. Eu queria que ele entrasse em pânico, se preocupasse, se sentisse mal por mim, chorasse por mim.

Chorasse por *mim*.



Largo a última página do capítulo.

Ela voa para o chão de madeira polida e desaparece debaixo da mesa, como se estivesse tentando se afastar de mim. Eu imediatamente caio de joelhos, procurando por ela, organizando-a de volta na pilha de páginas que estou determinada a esconder. Eu estou... eu não...

Ainda estou de joelhos no meio do escritório da Verity quando as lágrimas vêm. Elas não derramam; Eu as seguro com respirações profundas, concentrando-me na dor nos joelhos para distrair meus pensamentos. Eu nem sei se é tristeza ou raiva. Eu só sei que isso foi escrito por uma mulher muito perturbada – uma mulher cuja casa eu atualmente habito. Lentamente, levanto a cabeça até meus olhos estarem fixos no teto. Ela está lá agora, no segundo andar, dormindo ou comendo, ou olhando fixamente para o espaço. Eu posso senti-la à espreita, desaprovando minha presença.

De repente, eu sei, sem dúvida, que é verdade.

Uma mãe não escreveria sobre si mesma – sobre suas filhas – se não fosse a verdade. Uma mãe que nunca teve esses sentimentos ou pensamentos jamais sonharia com eles. Eu não me importo com quão boa a escritora Verity é; ela nunca se comprometeria como mãe ao escrever algo tão horrível se ela não experimentasse isso.

Minha mente começa a girar com preocupação, tristeza, medo. Se ela fizesse isso – se ela realmente tentasse tirar a vida delas por causa de um ciúme materno – do que mais ela seria capaz?

O que realmente aconteceu com aquelas garotas?

Depois de um tempo de processamento, coloquei o manuscrito em uma gaveta, sob uma série de outras coisas. Eu não quero que Jeremy encontre

isso. E antes de sair daqui, vou destruí-lo. Eu não posso imaginar como ele se sentiria se ele lesse isso. Ele já está sofrendo as mortes de suas filhas. Imagine se ele soubesse o que elas suportaram nas mãos de sua própria mãe.

Eu rezo para que ela seja uma mãe melhor depois que elas nasceram, mas sinceramente estou muito abalada para continuar lendo. Não tenho certeza se quero ler mais.

Eu quero uma bebida. Não água ou refrigerante ou suco de frutas. Eu ando até a cozinha e abro a geladeira, mas não há vinho. Eu abro os armários acima da geladeira, mas não há licor. Eu abro o armário embaixo da pia e está vazio. Eu abro a geladeira novamente, mas tudo que vejo são pequenas caixas de suco de frutas para Crew e garrafas de água que não vão me ajudar a sacudir esse sentimento.

— Você está bem?

Eu giro ao redor, e Jeremy está sentado na mesa da sala de jantar com papéis espalhados na frente dele. Ele parece preocupado comigo.

— Você tem alguma coisa alcoólica na casa? — Eu planto minhas mãos firmemente em meus quadris, tentando esconder o tremor em meus dedos. *Ele não tem ideia de quem ela realmente era.*

Jeremy me estuda por um momento e depois vai para a despensa. Na prateleira de cima está uma garrafa de Crown Royal. — Sente-se — diz ele, preocupação ainda incorporada em sua expressão. Ele me observa quando me sento na mesa e jogo minha cabeça em minhas mãos.

Eu o ouço abrir uma lata de refrigerante e misturar com a bebida. Alguns momentos depois, ele coloca na minha frente. Eu trago isso aos meus lábios tão rápido que algumas gotas caem sobre a mesa. Ele está de volta em sua cadeira agora, me observando de perto.

— Lowen — diz ele, observando enquanto eu tento engolir a Crown e a Coca-Cola com uma cara séria. Eu olho porque queima. — O que aconteceu? Oh, vamos ver, Jeremy. Sua esposa com problemas cerebrais fez contato visual comigo. Ela caminhou até a janela do quarto e acenou para o seu filho. Ela tentou abortar seus bebês enquanto você dormia na sua cama.

— Sua esposa — eu digo. — Seus livros. Eu só... Houve uma parte assustadora e isso me enlouqueceu.

Ele me observa por um momento, sem expressão. Então ele ri. — Sério? Um livro fez isso com você?

Eu dou de ombros e tomo outro gole. — Ela é uma grande escritora, —

digo, colocando o copo na mesa. — Eu estou facilmente assustada, eu acho.

— No entanto, você escreve no mesmo gênero que ela.

— Até meus próprios livros fazem isso comigo às vezes.” — eu minto.

— Talvez você deva mudar para o romance.

— Tenho certeza de que uma vez que este contrato terminar.

Ele ri de novo, balançando a cabeça enquanto começa a juntar os papéis à sua frente. — Você perdeu o jantar. Ainda está quente, se você quiser um pouco.

— Eu quero. Eu preciso comer. — Talvez isso me ajude a me acalmar. Eu levo minha bebida para o fogão, onde há uma caçarola de frango coberta com papel alumínio. Eu me preparo um prato e pego uma garrafa de água da geladeira, em seguida, tomo um assento à mesa novamente. — Você fez isso?

— Sim.

Eu dou uma mordida. — É muito bom. — eu digo com a boca cheia.

— Obrigado. — Ele ainda está olhando para mim, mas agora ele parece mais divertido do que preocupado. Fico feliz em ver a diversão assumir. Eu gostaria de poder achar isso divertido, mas tudo que acabei de ler me faz questionar Verity. Sua condição. Sua honestidade.

— Posso te fazer uma pergunta?

Jeremy acena com a cabeça.

— Apenas me diga se estou sendo muito intrometida. Mas há uma chance de que a Verity possa se recuperar totalmente?

Ele sacode a cabeça. — O médico não acredita que ela jamais andarà ou falarà novamente, já que ela não fez esse tipo de progresso.

— Ela está paralisada?

— Não, não houve nenhum dano em sua medula espinhal. Mas a mente dela... é semelhante à mente de uma criança agora. Ela tem reflexos básicos. Ela pode comer, beber, piscar, se mexer um pouco. Mas nada disso é intencional. Espero que, com a continuação da terapia, ela possa melhorar um pouco, mas...

Jeremy olha para longe de mim, na direção da entrada da cozinha, quando ouve Crew descendo as escadas. Crew contorna o corredor em seu pijama do Homem-Aranha e depois pula no colo de Jeremy.

Crew. Eu esqueci de Crew enquanto estava lendo. Se Verity realmente desprezasse aquelas meninas depois que elas nasceram tanto quanto as desprezava no útero, não haveria como ela ter concordado em ter outro

filho.

Isso só pode significar que ela deve ter se unido a elas. É provavelmente por isso que ela escreveu o que escreveu, porque no final, ela se apaixonou por elas como Jeremy. Talvez escrever sobre seus pensamentos durante a gravidez fosse como um lançamento para a Verity. Como um católico se confessando.

Esse pensamento me acalma, junto com a explicação de Jeremy sobre seus ferimentos. Ela tem as capacidades físicas e mentais de um recém-nascido. Minha mente está fazendo tudo isso mais do que é.

Crew inclina a cabeça para trás contra o ombro de Jeremy. Ele está segurando o iPad e Jeremy está rolando pelo celular. Eles são fofos juntos.

Eu tenho estado tão focado nas coisas negativas que aconteceram nesta família, eu preciso lembrar de focar mais no positivo que ainda permanece. E isso é definitivamente o vínculo de Jeremy com seu filho. Crew o ama. Ri ao redor dele. Ele está confortável com o pai dele. E Jeremy não tem medo de mostrar afeto a ele, porque ele apenas beijou o lado da cabeça de Crew.

— Você escovou os dentes? — Jeremy pergunta.

— Sim. — diz Crew.

Jeremy se levanta e levanta Crew com ele, sem esforço. — Isso significa que é hora de dormir. — Ele joga Crew por cima do ombro. — Diga a Laura boa noite.

Crew acena para mim quando Jeremy vira a esquina e desaparece com ele no andar de cima.

Tomo nota de como ele me chama pelo pseudônimo que vou usar na frente de todos os outros, mas ele me chama de Lowen quando é só nós. Também tomo nota do quanto gosto disso. Eu não quero gostar disso.

Eu como o resto do meu jantar e lavo os pratos na pia, enquanto Jeremy permanece no andar de cima com Crew. Quando termino, sinto-me um pouco melhor. Não tenho certeza se foi o álcool, a comida ou a percepção de que a Verity provavelmente escreveu aquele capítulo horrível porque um capítulo muito melhor o acompanha. Um onde ela percebe que bênção aquelas garotas eram para ela.

Saio da cozinha, mas meu olhar é atraído por várias fotos de família penduradas na parede do corredor. Eu paro para olhar para elas. A maioria delas é das crianças, mas alguns delas têm Verity e Jeremy nelas. Elas têm uma notável semelhança com a mãe, enquanto Crew toma conta de Jeremy.

Eles eram uma família tão bonita. Tanto é assim que essas fotos são deprimentes de se olhar. Eu pego todas elas, percebendo como é fácil distinguir as garotas umas das outras. Um delas tem um sorriso enorme e uma pequena cicatriz na bochecha. Um delas raramente sorri.

Eu levanto a minha mão para tocar uma foto da garota com a cicatriz na bochecha e me pergunto quanto tempo ela teve. De onde isso veio. Eu desço a linha de fotos para uma foto muito mais antiga das meninas quando eram crianças. A sorridente até tem a cicatriz naquela foto, então ela conseguiu em uma idade jovem.

Jeremy desce as escadas enquanto estou olhando as fotos. Ele faz uma pausa ao meu lado. Eu aponto para o gêmeo com a cicatriz. — Qual é essa?

— Chastin. — diz ele. Ele aponta para a outra. — Essa é Harper.

— Elas se parecem muito com Verity.

Eu não estou olhando para ele, mas posso vê-lo acenar com o canto do olho.

Como Chastin conseguiu essa cicatriz?

— Ela nasceu com isso. — diz Jeremy. — O médico disse que estava cicatrizando de tecido fibroso. Não é incomum, especialmente com os gêmeos, porque eles são apertados para o quarto.

Eu olho para ele dessa vez, me perguntando se é de lá que vem a cicatriz de Chastin. Ou se talvez – de alguma forma – fosse resultado da tentativa fracassada de aborto de Verity.

— As duas garotas têm a mesma alergia? — pergunto.

Assim que eu pergunto, eu levanto a mão e aperto minha mandíbula em arrependimento. A única maneira que eu conheço é que uma delas tem alergia a amendoim é por causa do que eu li sobre a morte dela.

E agora ele sabe que eu estava lendo sobre a morte de sua filha.

— Sinto muito, Jeremy.

— Tudo bem, — ele diz baixinho. — E não, apenas Chastin. Amendoim.

Ele não elabora, mas posso senti-lo me encarando. Eu viro minha cabeça e nossos olhos se encontram. Ele segura meu olhar por um momento, mas depois seus olhos caem para a minha mão. Ele levanta com dedos delicados, virando-a. — Como você conseguiu esta aqui? — ele pergunta, passando o polegar sobre a cicatriz na palma da minha mão.

Eu fecho a mão, não porque eu estou tentando esconder isso. Está desbotada e raramente penso mais nisso. Eu me treinei para não pensar nisso.

Mas eu o cubro por causa de como minha pele se sentiu quando ele tocou, como se seu dedo queimasse um buraco na minha mão.

— Não consigo me lembrar. — digo rapidamente. — Obrigada pelo jantar. Eu vou tomar banho. — Eu aponto para ele, em direção ao quarto principal. Ele sai do meu caminho. Quando chego ao quarto, abro a porta rapidamente e a fecho com a mesma rapidez, pressionando as costas contra a porta, desejando relaxar.

Não é que ele me deixa desconfortável. Jeremy Crawford é um bom homem. Talvez seja o manuscrito que me deixa desconfortável, porque não tenho dúvidas de que ele teria compartilhado seu amor igualmente com seus três filhos e sua esposa. Ele não se segura, mesmo agora. Mesmo quando sua esposa é praticamente catatônica, ele ainda a ama desinteressadamente.

Ele é o tipo de homem que uma mulher como Verity poderia facilmente tornar-se viciada, mas acho que nunca vou entender como Verity poderia ser tão consumida e obcecada por ele, a tal ponto que criar uma criança com ele iria inflamar esse tipo de ciúmes nela. Mas eu entendo a atração dela por ele. Eu entendo mais do que eu quero.

Quando eu empurro a porta, algo puxa meu cabelo, e eu acabo de volta contra ela. Que diabos? Meu cabelo está emaranhado em alguma coisa. Eu puxo meu cabelo até que eu me solto, e depois me viro para ver no que eu fiquei presa.

É uma fechadura.

Ele deve ter instalado hoje. Ele é realmente atencioso. Eu alcanço e tranco a porta.

O Jeremy acha que eu queria uma fechadura no interior da porta deste quarto porque não me sinto segura nesta casa? Espero que não, porque não é por isso que eu queria a fechadura. Eu queria uma fechadura para que todos ficassem a salvo de mim.

Eu ando até o banheiro e acendo a luz. Eu olho para a minha mão, passando meus dedos pela cicatriz.

Depois das primeiras vezes em que minha mãe me pegou sonambulando, ficou preocupada. Ela me colocou em terapia, esperando que ajudasse mais do que as pílulas para dormir. Meu terapeuta disse que era importante não familiarizar-me com o que me cercava.

Ele disse que ajudaria se eu criasse obstáculos que seriam difíceis para eu passar enquanto estava sonambulando. Uma fechadura na parte de dentro da

porta do meu quarto era um desses obstáculos.

E, embora eu esteja quase certa de que a tranquei antes de dormir todos aqueles anos atrás, isso não explica por que acordei na manhã seguinte com o pulso quebrado e coberto de sangue.



Eu escolhi não ler mais do manuscrito de Verity. Já se passaram dois dias desde que li sobre a tentativa de aborto, e o manuscrito ainda está no fundo da gaveta da sua mesa, escondido e intocado por mim. Eu posso sentir isso, no entanto. Ele existe comigo no escritório da Verity, respirando superficialmente sob o lixo que eu cobri. Quanto mais eu leio, mais inquieta me torno. Quanto mais desfocada eu me torno. Eu não estou dizendo que eu nunca terminarei, mas até que eu progrida no que estou aqui para fazer, eu não posso me desviar disso novamente.

Eu percebi, agora que eu parei de ler, estar na presença de Verity não me assusta tanto quanto há alguns dias atrás. Na verdade, procurei por ar depois de trabalhar o dia todo no escritório ontem, para encontrar Verity e sua enfermeira na mesa de jantar com Crew e Jeremy. Nos dois primeiros dias em que estive aqui, eu estava no escritório enquanto jantavam, então não estava ciente de que a trouxeram para a mesa quando comeram juntos. Eu não queria me intrometer, então voltei para o meu escritório.

Há uma enfermeira diferente hoje. Seu nome é Myrna. Ela é um pouco mais velha que April, redonda e alegre, com duas manchas rosadas nas bochechas que a fazem parecer uma boneca Kewpie antiquada. Logo de cara, ela é muito mais agradável que April. E honestamente, não é que April seja desagradável. Mas eu tenho a vibe que ela não confia em mim ao redor de Jeremy. Ou Jeremy ao meu redor. Não sei por que ela não gosta da minha presença, mas posso ver como proteger sua paciente significaria julgar outra mulher que está hospedada na casa de sua paciente inválida. Tenho certeza de que ela acha que Jeremy e eu nos trancamos no quarto principal juntos depois que ela sai todas as noites. Eu queria que ela estivesse certa.

Myrna trabalha às sextas-feiras e sábados, enquanto April trabalha o resto da semana. Hoje é sexta-feira e, enquanto eu esperava estar mudando para o meu apartamento hoje, eu estou aliviada que tudo está funcionando do jeito que aconteceu. Eu teria deixado aqui despreparada. O tempo extra que recebi foi um salva-vidas. Eu nocauteei lendo mais dois livros da série nos últimos dois dias, e eu realmente gostei muito deles. Foi fascinante ver como Verity sempre escreve do ponto de vista do antagonista. E eu tenho um bom senso da direção que preciso seguir com a série. Mas só por precaução, ainda procuro por notas agora que sei o que estou procurando.

Estou no chão, vasculhando uma caixa quando Corey me manda uma mensagem.

Corey: Pantem fez um comunicado de imprensa esta manhã, anunciando você como a nova coautora da série da Verity. Enviei um link para seu e-mail se você quiser dar uma olhada.

Assim que eu abro meu e-mail, há uma batida na porta do escritório.

— Entre.

Jeremy abre a porta, colocando a cabeça. — Ei. Eu estou indo para a Target para comprar algumas compras. Se você me fizer uma lista, posso pegar o que precisar.

Existem algumas coisas que preciso. Absorventes são um deles, embora eu tenha apenas um ou dois dias da minha menstruação. Eu só não esperava estar aqui por tanto tempo, então eu não empacotei o suficiente. Eu não tenho certeza se quero dizer isso a Jeremy. Eu me levanto, limpando meu jeans. — Na verdade, você se importa se eu for com você? Pode ser mais fácil.

Jeremy abre a porta um pouco mais e diz: — De jeito nenhum. Saindo em dez minutos.

...

Jeremy dirige um Jeep Wrangler cinza escuro com pneus levantados, coberto de lama. Eu nunca vi isso porque está na garagem, mas não é o que

eu esperava que ele dirigisse. Eu supus que ele dirigisse um Cadillac CTX ou um Audi A8. Algo que um homem de terno iria dirigir. Não sei por que continuo imaginando-o como o empresário profissional e impecável que conheci naquele primeiro dia. O homem usa jeans ou calça de moletom todos os dias, está sempre do lado de fora trabalhando e tem um estoque rotativo de botas enlameadas que sai pela porta dos fundos. Na verdade, um Jeep Wrangler se encaixa melhor do que qualquer outro veículo em que eu o imaginei.

Estamos fora de sua calçada, cerca de 800 metros abaixo da estrada, quando ele diminui o rádio.

— Você viu o press release da Pantem hoje? — pergunta ele.

Eu pego meu celular da minha bolsa. — Corey me enviou o link, mas eu esqueci de ler.

— É apenas uma frase longa no Publishers Weekly, — diz Jeremy. — Curto e grosso. Apenas como você queria.

Eu abro o email e leio o link. Não é um link para o Publishers Weekly, no entanto. Corey me enviou um link para o anúncio feito na página de mídia social da Verity Crawford, por meio de sua equipe de publicidade.

A Pantem Press está animada em anunciar que os romances remanescentes em The Virtue Series, feitos com sucesso por Verity Crawford, serão co-escritos com a autora Laura Chase. Verity está em êxtase por ter Laura a bordo, e as duas estão ansiosas para a co-criação de uma conclusão inesquecível para a série.

Verity está em êxtase? Há! Pelo menos eu nunca mais confio em outro anúncio publicitário. Eu começo a ler os comentários abaixo do anúncio.

Quem diabos é Laura Chase?

Por que Verity está dando o seu bebê para alguém mais?

Não. Não, não, não.

É assim que funciona, certo? Autora medíocre obtém sucesso, contrata autor mais pungente para fazer seu trabalho?

Eu abaixo meu telefone, mas não é o suficiente. Desligo o som e coloco

na bolsa, depois fecho-a. — As pessoas são brutais. — murmuro sob a minha respiração.

Jeremy ri. — Nunca leia os comentários. Verity me ensinou isso anos atrás.

Eu nunca tive que lidar com comentários porque nunca me coloquei lá fora. — Bom saber.

Quando chegamos à loja, Jeremy sai do jipe e corre para abrir a porta para mim. Isso me deixa desconfortável porque não estou acostumada a esse tipo de tratamento, mas provavelmente deixaria Jeremy ainda mais desconfortável se ele permitisse que eu abrisse a porta sozinha. Ele é apenas o tipo de cara que Verity descreve para ele estar em sua autobiografia.

Esta é a primeira vez que um cara abriu uma porta para mim. Droga. Quão bagunçado isso é?

Quando ele pega minha mão para me ajudar a sair do jipe, eu fico tensa porque não consigo evitar minha reação ao toque dele. Eu quero mais disso quando eu não quero nada disso.

Ele sente o mesmo ao meu redor?

Sexo para ele já está fora do cenário há um bom tempo, o que me leva a pensar se ele sente falta disso.

Isso tem que ser um ajuste difícil. Ter um casamento que parecia girar em torno do sexo no começo, só para ter sexo arrancado do casamento da noite para o dia.

Por que estou pensando em sua vida sexual enquanto entramos no Target?

— Você gosta de cozinhar? — Jeremy pergunta.

— Eu não desgosto disso. Eu sempre vivi sozinha, então não faço refeições com muita frequência.

Ele pega um carrinho de compras e eu vou com ele para a seção de produtos. — Qual é a sua refeição favorita?

— Tacos.

Ele ri. — Simples o suficiente. Ele pega todos os legumes que ele precisa para fazer tacos. Eu ofereço para fazer espaguete para eles uma noite. É realmente a única coisa que eu cozinho que posso dizer honestamente que sou boa.

Ele está no corredor de suco quando eu digo a ele que voltarei, que preciso de algumas coisas fora do departamento de compras. Pego os absorventes internos, mas pego outras coisas para jogar no carrinho com eles,

como xampu, meias e algumas camisetas, já que realmente não trouxe nada comigo.

Não tenho ideia do porquê estou envergonhada de comprar absorventes. Não é como se ele nunca os tivesse visto. E, conhecendo Jeremy, ele provavelmente comprou para a Verity algumas vezes. Ele parece o tipo de marido que não pensa duas vezes sobre isso.

Encontro Jeremy na seção de compras e, enquanto ando na direção dele, percebo que ele está ladeado por duas mulheres que abandonaram seus carrinhos para conversar com ele. Suas costas estão pressionadas contra o refrigerador de sorvete, dando a impressão de que ele gostaria de poder derreter direto nele e escapar. Eu só posso ver a parte de trás de suas cabeças quando me aproximo, mas quando os olhos de Jeremy encontram os meus, uma loira atraente se vira para ver o que ele está olhando. A morena parece mais minha velocidade, mas só até ela olhar para mim. Seu olhar muda minha mente instantaneamente.

Eu me aproximo do carrinho como se fosse um animal selvagem, cautelosamente, timidamente. Coloco meus itens no carrinho ou isso tornará isso estranho? Decido colocar minhas coisas no cesto superior, uma linha clara na areia vermelha: estamos juntos, mas não juntos. As mulheres olham para mim, simultaneamente, as sobrelombas subindo mais alto com cada item que coloco na cesta. A que está mais próximo de Jeremy, a loira, está olhando meus absorventes internos. Ela olha de volta para mim e inclina a cabeça.

— E você é?

— Esta é Laura Chase. — Jeremy responde. — Laura, esta é Patricia e Caroline.

A loira parece ter recebido uma xícara quente de chá de fofoca. — Somos amigas da Verity. — diz Patricia. Ela me dá um olhar condescendente muito perceptível. — Por falar nisso, Verity deve estar se sentindo melhor se tem um amigo na cidade. — Ela olha para Jeremy para mais explicações. — Ou Laura é sua amiga?

— Laura é de Nova York. Ela está trabalhando com a Verity.

Patricia sorri ao mesmo tempo em que faz um som de mhm e olha para mim. — Como alguém trabalha com um escritor, exatamente? Presumi que seria mais um trabalho solitário.

— Geralmente, isso é o que as pessoas não literárias assumem. — diz

Jeremy. Ele acena para elas, nos dispensando da conversa. — Tenha uma boa tarde, senhoras. — Ele começa a mover o carrinho de compras, mas Patricia coloca a mão sobre ele.

— Diga a Verity que eu disse olá e esperamos que ela esteja se recuperando bem.

— Compartilharei a mensagem, — diz Jeremy, passando por ela. — Dê o meu melhor para Sherman.

Patricia faz uma careta. — O nome do meu marido é William.

Jeremy acena com a cabeça uma vez. — Oh. Está certo. Eu os confundo.

Eu ouço Patricia zombar quando nos afastamos. Quando chegarmos ao próximo corredor, eu digo: — Hum. Quem é Sherman?

— O cara que ela fode por trás do marido.

Eu olho para ele, chocada. Ele está sorrindo.

— Puta merda. — eu digo, rindo. Quando chegamos ao registro, não consigo parar de sorrir. Eu não sei se já vi esse tipo de queimadura épica em pessoa.

Jeremy começa a colocar as coisas na esteira. — Eu provavelmente não deveria ter me rebaixado ao nível dela, mas não suporto hipócritas.

— Sim, mas sem hipócritas, não haveria momentos cármicos épicos como o que acabei de testemunhar.

Jeremy pega o resto das coisas do carrinho. Eu tento manter o meu separado, mas ele se recusa a me deixar pagar por isso sozinha.

Eu não consigo parar de olhar para ele enquanto ele administra seu cartão de crédito. Eu sinto algo. Eu não tenho certeza do que. Uma queda? Isso faria todo o sentido. Eu desenvolveria uma queda por um homem que é tão dedicado à sua esposa doente que é muito cego para ver alguém ou qualquer outra coisa. Ele é cego demais para ver quem era sua própria esposa.

Lowen Ashleigh, apaixonada por um homem indisponível com mais bagagem do que ela.

Agora isso é carma.



Eu só cheguei aqui cinco dias atrás, mas parece mais tempo. Os dias aqui se arrastam, enquanto em Nova York, bem, *1 hora no minuto de Nova York*.

Eu ouvi Myrna dizer a Jeremy esta manhã que Verity estava com febre, e é por isso que ela não trouxe Verity para baixo hoje antes de partir para a noite. Eu não fiquei triste com isso. Isso significava que eu não precisava estar na presença dela ou olhá-la da janela do meu escritório durante as férias ao ar livre. Eu estou olhando para Jeremy, no entanto. Ele está sentado sozinho na varanda dos fundos, olhando para o lago, recostando-se em uma cadeira de balanço que ele não balançou por mais de dez minutos. Ele está sentado completamente parado. De vez em quando, ele se lembra de piscar. Ele está lá por um tempo agora.

Eu gostaria de saber que pensamentos estavam passando por sua cabeça agora. Ele está pensando nas meninas? Em Verity? Ele está pensando em quanto sua vida mudou no ano passado? Ele não se barbeou em alguns dias, então sua barba está ficando mais espessa. Parece bom para ele, mas não tenho certeza se muita coisa pode parecer *ruim* nele. Eu me inclino para frente na mesa de Verity e apoio meu queixo na minha mão. Eu imediatamente me arrependo de me mexer, porque Jeremy percebe. Ele vira a cabeça e olha para mim pela janela. Eu quero desviar o olhar, me forçar a parecer ocupada, mas é óbvio que eu estive olhando para ele, agora que estou inclinada para frente na mesa com a cabeça apoiada na minha mão. Ficaria pior se eu tentasse escondê-lo neste momento, então eu apenas sorri gentilmente para ele. Ele não devolve o sorriso, mas ele não olha para o outro lado. Mantemos contato visual por vários segundos, e eu sinto seu olhar mexer as coisas dentro de mim. Isso me faz pensar se isso faz alguma coisa com ele quando olho para

ele.

Ele inspira lentamente e depois levanta da cadeira e se afasta em direção ao cais. Quando ele chega, ele pega seu martelo e começa a rasgar as poucas tábuas de madeira restantes. Ele provavelmente estava desejando um momento de paz, sem Crew ou Verity ou uma enfermeira ou eu invadindo sua privacidade. Eu preciso de um Xanax. Eu não tomei um em mais de uma semana. Isso me deixa grogue, o que dificulta que eu me concentre em escrever ou pesquisar. Mas estou cansada dos momentos nesta casa que mandam meu pulso disparar como agora. Uma vez que a adrenalina entra em ação, parece que não consigo entender. Seja em Jeremy, Verity ou nos livros de Verity, sempre há algo que estraga meus níveis de ansiedade. Minha reação a esta casa e as pessoas nela são mais perturbadoras do que um pouco de tontura seria. Eu ando até o quarto para vasculhar minha bolsa para o Xanax. Assim que eu abro a garrafa, ouço um grito vindo do andar de cima.

Crew.

Largo a minha garrafa fechada de comprimidos na cama, saio correndo da sala e subo as escadas. Eu posso ouvi-lo chorar. Parece que está vindo do quarto do Verity. Por mais que eu queira me virar e correr na direção oposta, também percebo que ele é um garotinho que pode estar em apuros, então continuo andando. Quando chego à porta, abro-a sem bater. Crew está no chão, segurando o queixo. Há sangue nas mãos e nos dedos. Uma faca ao lado dele no chão. — Crew? — Eu me abaixei e o levantei, então corri para o banheiro no final do corredor. Eu o coloquei no balcão.

— Deixe-me ver. — Eu puxo seus dedos trêmulos do queixo para avaliar a lesão. Está pingando sangue, mas não parece ser muito profundo. É um corte bem debaixo do queixo dele. Ele deve ter segurado a faca quando caiu. — Você se cortou com a faca? Crew está de olhos arregalados, olhando para mim. Ele balança a cabeça, provavelmente tentando esconder que ele tinha uma faca. Tenho certeza de que Jeremy não aprovaria isso. — Mamãe disse que eu não deveria tocar sua faca.

Eu congelo. — Sua mãe diz isso? Crew não responde.

— Crew. — eu digo, pegando uma toalha. Parece que meu coração está preso na minha garganta enquanto eu falo com ele, mas tento esconder meu medo enquanto molho a toalha. — Sua mãe fala com você? O corpo de Crew está rígido, e a única coisa que se move é a sua cabeça quando ele a sacode. Pressiono o pano no queixo logo antes de ouvir os passos de Jeremy subindo

as escadas. Ele deve ter ouvido o grito de Crew.

— Crew! — ele grita.

— Estamos aqui.

Os olhos de Jeremy estão cheios de preocupação quando ele chega à porta. Eu saio do caminho dele enquanto ainda seguro o pano no queixo de Crew.

— Você está bem, amigo?

Crew assente e Jeremy pega a toalha de mim. Ele se abaixa e olha para a lesão no queixo da Crew e depois para mim. — O que aconteceu?

— Acho que ele se cortou, — eu digo. — Ele estava no quarto da Verity. Havia uma faca no chão.

Jeremy olha para Crew, com os olhos cheios de mais decepção do que medo agora. — O que você estava fazendo com uma faca?

Crew balança a cabeça, fungando enquanto ele tenta parar de chorar. — Eu não tinha uma faca. Eu acabei de cair da cama.

Parte de mim se sente mal, como eu lidei com o pobre garoto. Eu tento cobrir para ele. — Ele não estava segurando isso. Eu vi no chão e presumi que foi o que aconteceu. Ainda estou abalada com o que Crew disse sobre a Verity e a faca, mas lembro a mim mesmo que todos falam sobre a Verity no tempo presente. A enfermeira, Jeremy, Crew. Tenho certeza de que Verity disse a ele para não brincar com facas no passado, e agora minha imaginação está transformando isso em mais do que é.

Jeremy abre o armário de remédios atrás de Crew e pega um kit de primeiros socorros. Quando ele fecha o espelho, ele está olhando para o meu reflexo. — Vá checar. — ele murmura, apontando para a porta com a cabeça.

Saio do banheiro, mas paro no corredor. Eu não gosto de ir naquele quarto, não importa o quanto a Verity seja impotente. Mas eu também sei que Crew não precisa ter acesso a uma faca, então eu me movo para frente. A porta de Verity ainda está aberta, então eu ando na ponta dos pés, não querendo acordá-la. Não que eu pudesse. Eu circulei a cama, onde Crew estava no chão.

Não há faca.

Eu me viro, me perguntando se talvez eu tenha chutado em algum lugar quando o peguei. Quando eu ainda não vejo, me coloco no chão para verificar debaixo da cama. Está completamente vazio embaixo da moldura, além de uma fina camada de poeira. Deslizo a mão por baixo da mesa de cabeceira ao

lado da cama do hospital, mas não encontro nada.

Eu sei que vi uma faca. Eu não estou ficando maluca.

Ou estou?

Eu coloco minha mão no colchão para me levantar do chão, mas imediatamente volto para as minhas mãos quando vejo Verity me observando. Sua cabeça está em uma posição diferente, voltada para a direita, seus olhos nos meus.

Putá merda! Eu engasgo com o meu medo enquanto eu me afasto para trás, longe de sua cama. Eu acabo a vários metros de distância dela, e mesmo que a cabeça dela seja a única coisa diferente sobre ela de quando eu entrei na sala, meu medo está me dizendo para fugir pela a minha vida. Eu me puxo para cima, usando a cômoda para apoio, e mantenho meus olhos fixos nela enquanto me movo de volta para a porta, de frente para ela o tempo todo. Eu estou tentando suprimir o meu terror, mas eu não estou convencida de que ela não está prestes a me atacar com a faca que ela pegou do chão.

Eu fecho a porta atrás de mim e fico lá, segurando a maçaneta, até que eu possa controlar o meu pânico. Eu respiro para dentro e para fora, firmemente, cinco vezes, esperando que Jeremy não veja o terror em meus olhos quando eu ando de volta para dizer a ele que não havia faca.

Mas havia uma faca.

Minhas mãos estão tremendo. Eu não confio nela. Eu não confio nesta casa. Por mais que eu saiba que preciso ficar para fazer o melhor trabalho, prefiro dormir no meu carro alugado nas ruas do Brooklyn pela próxima semana do que dormir nesta casa outra noite.

Eu aperto a tensão do meu pescoço quando volto ao banheiro. Jeremy está enfaixando o queixo de Crew.

— Você tem sorte de não precisar de pontos. — Jeremy diz para Crew. Ele está ajudando Crew a lavar o sangue de suas mãos e diz a ele para ir brincar. Crew passa por mim e volta para o quarto de Verity.

Eu acho estranho que sentar em sua cama enquanto ele toca seu iPad é divertido para ele. Mas, novamente, tenho certeza que ele só quer estar perto de sua mãe. Faça isso, amigo. Eu não quero estar perto dela em tudo.

— Você pegou a faca? — Jeremy pergunta, secando as mãos em uma toalha.

Eu tento evitar soar tão assustada quanto ainda me sinto. — Eu não consegui encontrá-la.

Jeremy me olha por um segundo e depois diz: — Mas você viu uma?
— Eu pensei que eu tinha visto. Talvez eu não tenha. Não estava lá.

Jeremy passa por mim. — Eu vou olhar em volta. — Ele caminha em direção ao quarto de Verity, mas se vira e faz uma pausa quando ele chega a sua porta. — Obrigado por ajudá-lo. — Ele sorri, mas é um sorriso brincalhão. — Eu sei o quão ocupada você está hoje. — Ele pisca para mim antes de entrar no quarto de Verity.

Fecho os olhos e permito que o constrangimento entre. Eu merecia isso. Ele provavelmente acha que tudo que faço é olhar pela janela do escritório.

Eu provavelmente deveria tomar dois Xanax neste momento. Quando volto para o escritório da Verity, o sol está começando a se pôr, o que significa que Crew vai tomar banho e ir para a cama logo. Verity permanecerá no quarto dela durante a noite. E me sentirei um pouco segura, porque, por qualquer motivo, só tenho medo da Verity nesta casa. E eu não tenho que estar perto dela à noite. Na verdade, a noite se tornou minha época favorita por aqui, porque é quando eu vejo o mínimo de Verity e a maior parte de Jeremy.

Não sei por quanto tempo mais posso tentar me convencer de que não tenho uma queda séria por esse homem. Eu também não tenho certeza de quanto tempo mais posso tentar me convencer de que Verity é uma pessoa melhor do que ela realmente é. Acho que, depois de ler todos os livros da série, estou começando a entender o motivo pelo qual seus romances de suspense se saem tão bem por causa de como ela os escreve do ponto de vista do vilão.

Os críticos amam isso nela. Quando ouvi seu primeiro audiolivro na viagem, amei que o narrador dela parecesse um pouco psicótico. Eu me perguntei como Verity ficou na mente de seus antagonistas como ela fez. Mas isso foi antes de eu conhecê-la.

Eu ainda não a conheço tecnicamente, mas conheço a Verity que escreveu a autobiografia. É evidente que a maneira como ela escreveu o resto de seus romances não era uma abordagem única para ela. Afinal, eles dizem escreva o que você conhece. Eu estou começando a pensar que Verity escreve de um ponto de vista vilão porque ela é um vilã. Ser mal é tudo o que ela sabe.

Eu me sinto um pouco mal ao abrir a gaveta e fazer exatamente o que eu jurei a mim mesmo que eu não faria novamente: ler outro capítulo.

Que Assim Seja

Capítulo 4

Chapter Four

Elas estavam determinadas a viver, isso eu posso dizer.

Nada que eu tentei funcionou. A tentativa de auto-aborto, as pílulas aleatórias, a queda “acidental” de um lance de escadas. A única coisa que minhas tentativas resultaram foi uma pequena cicatriz em uma das bochechas da bebê. Uma cicatriz com a qual tenho certeza que sou responsável. Uma cicatriz que Jeremy não conseguiu parar de falar sobre.

Algumas horas depois de me levarem para o quarto depois do parto - cesárea, graças a Deus - o pediatra delas apareceu para verificar as meninas. Fechei os olhos, fingindo tirar uma soneca, mas na verdade eu estava com medo de interagir com o pediatra delas. Eu temia que ele visse através de mim e soubesse que eu não tinha ideia de como ser mãe para essas coisas.

Jeremy perguntou ao médico sobre a cicatriz antes de sair da sala. O médico descartou, disse que não é incomum para gêmeos idênticos acidentalmente coçarem um ao outro no útero. Jeremy discordou. — É muito profundo para ser um simples arranhão...

— Pode ser cicatricial de tecido fibroso — disse o médico. — Não se preocupe. Isso vai desaparecer com o tempo.

— Eu não estou preocupado com a aparência — disse Jeremy, quase defensivamente. — Estou preocupado que possa ser algo mais sério.

— Não é. Suas filhas são perfeitamente saudáveis. Ambas.

Sortudas.

O médico saiu e a enfermeira foi embora e eram apenas Jeremy, as meninas e eu. Uma delas estava dormindo na cama de vidro - eu não sei como é chamada. Jeremy estava segurando a outra. Ele estava sorrindo para

ela quando percebeu que meus olhos estavam abertos.

— Ei, mamãe.

Por favor, não me chame assim.

Eu sorri para ele de qualquer maneira. Ele parecia estonteante como pai. Feliz. Não importava que sua felicidade tivesse pouco a ver comigo. Mas mesmo no meu ciúme, eu podia apreciá-lo. Ele provavelmente seria o tipo de pai para trocar as fraldas. Para ajudar com as mamadeiras. Eu sabia que eu apreciaria esse lado dele ainda mais com o tempo. Eu só precisava me acostumar com isso. Ser mãe.

— Traga-me a que tem a cicatriz — eu disse.

Jeremy fez uma careta, indicando que estava desapontado com minha escolha de palavras. Eu acho que foi uma maneira estranha de colocar isso, mas nós ainda não as nomeamos. A cicatriz era seu único identificador.

Ele a carregou para mim e a colocou em meus braços. Eu olhei para ela. Eu esperei pela inundação de emoções, mas não havia nem um fio. Toquei sua bochecha, passei o dedo pela cicatriz. Eu acho que o cabide não era forte o suficiente. Eu provavelmente deveria ter usado algo que não cedesse tão facilmente sob pressão. Uma agulha de tricô? Não tenho certeza se teria tido tempo suficiente.

— O médico disse que as cicatrizes poderiam ser um arranhão. — Jeremy riu. — Lutando antes mesmo de nascerem.

Eu sorri para ela. Não porque eu senti vontade de sorrir, mas porque é provavelmente o que eu deveria fazer. Eu não queria que Jeremy pensasse que eu não estava apaixonada por ela como ele estava. Eu peguei a mão dela e a envolvi em volta do meu mindinho. — Chastin — eu sussurrei. — Você pode ter o melhor nome desde que sua irmã foi tão má com você.

— Chastin — disse Jeremy. — Eu amei.

— E Harper — eu disse. — Chastin e Harper.

Eram dois dos nomes que ele me enviara. Eu gostei deles. Eu os escolhi porque ele mencionou os dois mais de uma vez, então eu percebi que eles estavam no topo da lista. Talvez se ele pudesse ver o quanto eu estava tentando amá-lo, ele não notaria as duas áreas em que meu amor não seria espalhado.

Chastin começou a chorar. Ela estava se contorcendo em meus braços e eu não tinha certeza do que fazer sobre isso. Eu comecei a balançá-la, mas isso doeu, então parei. Seus gritos continuaram e ficaram mais altos.

— Ela pode estar com fome — sugeriu Jeremy.

Eu estava tão perdida com o pensamento de que elas não sobreviveriam ao seu nascimento com tudo o que eu tinha feito, o que eu faria além disso não era muito considerado. Eu sabia que amamentá-los seria a melhor escolha, mas eu não tinha absolutamente nenhum desejo de causar esse tipo de dano aos meus seios. Especialmente desde que havia dois deles.

— Parece que alguém está com fome — disse uma enfermeira enquanto entrava no quarto. — Você está amamentando?

— Não — eu disse imediatamente. Eu queria que ela sáísse de lá.

Jeremy olhou para mim, preocupado. — Você tem certeza?

— Há dois deles — respondi.

Eu não gostei do olhar no rosto de Jeremy - como se ele estivesse desapontado comigo. Eu odiava pensar que era assim que seria. Ele tomando o seu lado. Eu não importo mais.

— Não é mais difícil do que uma mamadeira — disse a enfermeira insuportável. — Na verdade, é mais conveniente. Você quer tentar? Ver como se sai?

Eu não conseguia tirar os olhos de Jeremy enquanto esperava que ele me dispensasse desse tipo de tortura. Isso me matou ao saber que ele queria que eu as amamentasse quando havia tantas outras alternativas perfeitamente adequadas. Mas eu balancei a cabeça e puxei a manga do meu vestido para baixo porque eu queria agradá-lo. Eu queria que ele ficasse feliz por eu ser a mãe de seus filhos, mesmo que eu não estivesse feliz com isso.

Eu tirei meu peito e trouxe Chastin em direção ao meu mamilo. Jeremy estava assistindo a coisa toda. Ele a viu sugar meu mamilo. Ele viu a cabeça dela se mover para frente e para trás, sua pequena mão pressionando minha pele. Ele assistiu ela começar a chupar.

Parecia errado.

Essa criança, sugando algo que Jeremy havia chupado antes. Eu não gostei. Como ele acharia meus seios atraentes depois de ver bebês se alimentando deles todos os dias?

— Dói? — Jeremy perguntou.

— Na verdade não.

Ele colocou a mão na minha cabeça e afastou meu cabelo. — Você parece estar com dor.

Não com dor. Apenas enojada.

Eu assisti enquanto Chastin continuava a se alimentar de mim. Meu estômago apertou enquanto eu tentava o meu melhor para não mostrar a ele como eu estava repugnada. Tenho certeza que algumas mães acharam isso lindo. Eu achei perturbador.

— Eu não posso fazer isso — eu sussurrei, minha cabeça caindo contra o travesseiro.

Jeremy se abaixou e puxou Chastin do meu peito. Suspirei de alívio quando estava livre dela.

— Tudo bem — disse Jeremy tranquilizadamente. — Vamos usar fórmula.

— Você tem certeza? — Perguntou a enfermeira. — Ela parecia estar tomando isso.

— Positivo. Nós vamos usar a fórmula.

A enfermeira assentiu e disse que pegaria uma lata de Similac quando saísse da sala.

Eu sorri porque meu marido ainda me apoiava. Ele estava de costas. Ele me colocou em primeiro lugar naquele momento e eu me delicieei com isso. — Obrigado — eu disse a ele.

Ele beijou a testa de Chastin e sentou-se na beira da minha cama com ela. Ele olhou para ela e balançou a cabeça em descrença. — Como é possível que eu já queira protegê-las? Eu só as conheço faz algumas horas.

Eu queria lembrá-lo de que ele sempre foi protetor comigo, mas não parecia o momento certo. Eu quase me senti como se estivesse me intrometendo em algo que eu não fazia parte. Esse vínculo entre pai e filha que eu nunca seria incluída. Ele já as amava mais do que jamais me amou. Ele acabaria por tomar o seu lado, mesmo que eu não estivesse errada. Isso foi muito pior do que eu imaginava que seria.

Ele levou a mão ao rosto e enxugou uma lágrima.

— Você está chorando?

Jeremy virou a cabeça em minha direção, chocado com minhas palavras. Eu entrei em pânico. Recuperado. — Isso saiu estranho — eu disse. — Eu quis dizer isso de uma maneira boa. Eu amo o quanto você as ama.

Sua tensão repentina desapareceu com a minha rápida recuperação. Ele olhou de volta para Chastin e disse: — Eu nunca amei nada assim. Você achou que era capaz de amar tanto alguém?

Revirei os olhos e pensei comigo mesma: *Eu amei tanto alguém assim,*

Jeremy. Você. Por quatro anos. Obrigada por notar.



Eu não sei porque estou surpresa quando coloco o manuscrito de volta na gaveta. O conteúdo da gaveta chacoalha quando eu a fecho com raiva. *Por que estou com raiva?* Esta não é minha vida nem minha família. Eu trilhei os comentários da Verity antes de vir aqui, e em nove de dez deles, o revisor referiu querer jogar seus Kindles ou livros do outro lado da sala.

Eu meio que quero fazer o mesmo com sua autobiografia. Eu estava esperando que ela tivesse visto a luz com o nascimento das meninas, mas ela não viu. Ela só viu mais escuridão.

Ela parece tão fria e dura, mas eu não sou mãe. Muitas mães se sentem assim sobre seus filhos no início? Se assim for, elas certamente não são honestos sobre isso. É provavelmente semelhante a quando uma mãe alega que ela não tem um filho favorito, mas provavelmente o faz. É uma coisa não dita entre mães. Suponho que você não perceba até ser uma.

Ou talvez Verity simplesmente não merecesse ser mãe. Eu penso em ter filhos às vezes. Eu estarei com trinta e dois em breve e estaria mentindo se dissesse que não me preocupei que a oportunidade nunca possa se apresentar. Mas se eu me encontrar em um relacionamento com um homem que eu gostaria de ter meu filho, seria alguém como Jeremy. Em vez de apreciar o maravilhoso pai que ele parecia ser, Verity se ressentia dele.

O amor de Jeremy por suas garotas parecia genuíno desde o começo. Ainda parece genuíno. E não faz tanto tempo desde que ele as perdeu. Eu continuo perdendo de vista isso. Ele ainda está provavelmente se movendo através dos estágios do luto, enquanto lida com a Verity e está lá para o Crew e garantindo que a renda com a qual eles se acostumaram como família não pare completamente. Apenas uma fração do que ele passou seria demais para

algumas pessoas. Mas ele está lidando com tudo isso de uma só vez.

Eu encontrei caixas de fotos no armário do escritório da Verity esta semana enquanto eu vasculhava as coisas dela. Eu puxei uma caixa para baixo, mas ainda não passei pelas fotos. Parece outra invasão de privacidade da minha parte. Esta família, pelo menos Jeremy, me confiou para terminar esta série, e eu continuo sendo desviada por minha obsessão com Verity.

Mas se Verity estava colocando muito de si em sua série, eu realmente preciso conhecê-la da melhor forma possível. Isso realmente não é bisbilhotar. É uma pesquisa. Aí está. Justificação concluída.

Pego a caixa de fotos na mesa da cozinha, tiro a tampa e, em seguida, puxo um punhado das fotos, imaginando quem as tirou. As pessoas não têm muitas imagens físicas em mãos hoje em dia, graças à invenção dos smartphones. Mas há tantas fotos das crianças aqui. Alguém se deu ao trabalho de garantir que cada foto que tirasse estivesse em forma física. Minha aposta é em Jeremy.

Eu pego uma foto de Chastin. Um close-up. Eu olho para a cicatriz dela por um momento. Eu não pude deixar de pensar nisso ontem, então eu pesquisei no Google para descobrir se tentativas de aborto poderiam realmente causar danos no útero.

Isso é algo que eu nunca mais vou fazer no Google. Infelizmente, muitos bebês sobrevivem às tentativas e nascem desfigurados de maneiras muito piores do que apenas uma pequena cicatriz. Chastin teve muita sorte. Ela e Harper tiveram.

Bem... até que elas não tiveram mais.

Os passos de Jeremy se aproximam das escadas. Eu não tento esconder as fotos, porque eu não tenho certeza se ele se importaria que eu estou aqui olhando para elas.

Quando ele entra na cozinha, eu sorrio para ele e continuo classificando através delas. Ele hesita a caminho da geladeira, seus olhos caindo na caixa sobre a mesa.

— Eu sinto que conhecê-la ajuda a me colocar no espaço em sua mente, — eu explico. — Ajuda com a escrita. — Eu olho para longe dele, para baixo em uma foto de Harper, aquela que raramente sorri em fotos.

Jeremy se senta ao meu lado e pega uma das fotos de Chastin.

— Por que Harper nunca sorria?

Jeremy se inclina, tirando a foto de Harper da minha mão. — Ela foi

diagnosticada com Asperger quando ela tinha três anos. Ela não era muito expressiva.

Ele passa o dedo sobre a foto dela e depois a coloca de lado, tirando outra da caixa. Esta é da Verity e das garotas. Ele entrega para mim. As três estão vestidas da mesma maneira, de pijama combinando. Se Verity não amava as garotas nesta foto, ela certamente era boa em fingir.

— Nosso último Natal antes de Crew nascer. — ele diz, explicando a foto. Ele puxa um punhado e começa a folhear. Ele faz uma pausa de vez em quando em fotos das garotas, mas passa por fotos de Verity.

— Aqui — diz ele, puxando um para fora da pilha. — Esta é a minha foto favorita delas. Um raro sorriso de Harper. Ela era obcecada por animais, então fomos a um zoológico e acampamos no quintal para o quinto aniversário delas.

Eu sorrio para a foto. Mas principalmente porque Jeremy está na foto com um raro olhar de alegria em seu rosto. — Como elas eram?

— Chastin era protetora. Um pouco irascível. Mesmo quando eram jovens, ela podia sentir que Harper era diferente dela. Ela era sua mãe. Ela tentaria dizer a mim e à Verity como ser pais. E Deus, quando Crew apareceu, pensamos que teríamos que entregá-lo a ela. Ela estava obcecada. — Ele coloca uma foto de Chastin na pilha de fotos que ele já viu. — Ela teria sido uma grande mãe algum dia.

Ele pega uma foto de Harper. — Harper era especial para mim. Às vezes eu não tenho certeza se Verity a entendia como eu, mas é quase como se eu pudesse sentir as necessidades dela, sabe? Ela tinha dificuldade em expressar suas emoções, mas eu sabia o que a deixava grudenta, o que a fazia feliz, o que a deixava triste, mesmo quando ela não sabia como revelar isso para o mundo. Ela estava feliz principalmente. Ela não tinha interesse imediato em Crew, no entanto. Não até ele ter três ou quatro e poder brincar com ela. Antes disso, ele poderia muito bem ter sido outro móvel. — Ele pega uma foto dos três. — Ele não perguntou sobre elas. Nem sequer uma vez. Nem sequer mencionou os nomes delas.

— Isso te preocupa?

Ele olha para mim. — Eu não sei se eu deveria estar aliviado ou preocupado.

— Provavelmente ambos. — eu admito.

Ele pega uma foto de Verity e Crew, logo após o nascimento de Crew. —

Ele foi à terapia por alguns meses. Mas eu estava com medo que fosse apenas um lembrete semanal das tragédias, então eu o tirei. Se ele mostrar sinais de que precisa disso quando for mais velho, eu o levarei de volta. Me certificarei de que ele está bem.

— E você?

Ele olha para mim de novo. — O que sobre mim?

— Como *você* está? Ele não quebra o contato visual. Não pula uma batida. — Meu mundo virou de cabeça para baixo quando Chastin morreu. E então, quando Harper morreu, acabou completamente. — Ele olha de volta para a caixa de fotos. — Quando recebi a ligação sobre Verity... a única coisa que restava em mim para sentir era raiva.

— De quem? Deus?

— Não, — diz Jeremy, sua voz calma. — Eu estava com raiva da Verity.

Ele olha para mim e nem precisa dizer por que estava com raiva dela. Ele acha que ela bateu na árvore de propósito.

Está quieto no quarto... na casa. Ele nem está respirando.

Eventualmente, ele recua na cadeira e se levanta. Eu fico com ele porque eu sinto que é a primeira vez que ele já admitiu isso para qualquer um. Talvez até para si mesmo. Eu posso dizer que ele não quer que eu veja o que ele está pensando, porque ele se afasta de mim e aperta as mãos atrás da cabeça. Eu coloco minha mão em seu ombro, e então eu me movo para ficar de pé na frente dele, quer ele queira ou não. Eu deslizo meus braços ao redor de sua cintura e pressiono meu rosto contra seu peito e o abraço. Seus braços se apertaram nas minhas costas com um suspiro pesado. Ele me aperta, forte, e eu posso dizer que é um abraço que ele precisa para não dizer quanto tempo.

Ficamos assim por mais tempo do que um abraço deve durar, até que seja óbvio para nós dois que ainda não devemos nos agarrar um ao outro. A força em seu abraço diminui e, em algum momento, não estamos mais nos abraçando. Estamos nos segurando. Sentindo o peso de quanto tempo passou desde que qualquer um de nós provavelmente sentiu isso. É tranquilo em casa, então eu ouço quando ele tenta segurar a respiração. Sinto toda a sua hesitação quando a mão dele se move lentamente para a parte de trás da minha cabeça.

Meus olhos estão fechados, mas eu os abro porque quero olhar para ele. Há um puxão em mim, inclinando minha cabeça para trás em sua mão enquanto eu levanto meu rosto de seu peito.

Ele está olhando para mim agora, e eu não tenho ideia se ele está prestes a me beijar ou se afastar, mas de qualquer forma, é tarde demais. Eu sinto tudo o que ele tem tentado não dizer na maneira como ele me segura. Na maneira como ele parou de inalar.

Eu posso sentir ele me aproximando de sua boca. Mas então seus olhos piscam e sua mão cai.

— Ei, amigo. — diz Jeremy, olhando por cima do meu ombro. Jeremy recua. Me libera. Eu agarro as costas da cadeira, sentindo como se eu pesasse o dobro agora que ele me soltou.

Eu olho para a porta e Crew está olhando para nós. Nenhuma expressão. Ele se parece muito com Harper agora. Seus olhos caem para a caixa de fotos na mesa e ele corre na direção delas. *Forçados*, quase.

Eu recuo com pressa, chocada com os movimentos dele. Ele está pegando as fotos, batendo com raiva de volta na caixa.

— Crew. — diz Jeremy, sua voz suave. Ele tenta agarrar o pulso do filho, mas Crew se afasta dele. — Hey. — diz Jeremy, inclinando-se mais perto dele. Eu posso ouvir a confusão na voz de Jeremy, como se isso fosse um lado de Crew que ele nunca viu antes.

Crew começa a chorar quando ele está batendo todas as fotos de volta dentro da caixa.

— Crew. — diz Jeremy, incapaz de esconder sua preocupação agora. — Estamos apenas olhando fotos. — Ele tenta puxar Crew para ele, mas Crew se arranca dos braços de Jeremy. Jeremy pega Crew novamente, puxando-o para o peito.

— Coloque-as de volta! — Crew grita para mim. — Eu não quero vê-las!

Pego o resto das fotos e enfio na caixa. Eu coloco a tampa e a pego no meu peito enquanto Crew tenta se livrar do aperto de Jeremy. Jeremy o pega e sai correndo da cozinha com ele. Eles vão para o andar de cima e eu fico de pé na cozinha, abalada, preocupada.

O que é que foi isso?

Fica tudo quieto no andar de cima por vários minutos. Eu não ouço Crew brigando ou gritando, então eu acho que é um bom sinal. Mas meus joelhos estão fracos e minha cabeça parece pesada. Preciso me deitar. Talvez eu não devesse ter tomado dois Xanax hoje à noite. Ou talvez eu não devesse ter tirado fotos da família e as colocado em exibição na frente de uma família que ainda não se recuperou da perda. Ou talvez eu não devesse quase ter

beijado um homem casado. Esfrego minha testa, subitamente sentindo a vontade de fugir – e nunca mais voltar para esta casa de tristeza.

O que eu ainda estou fazendo aqui?



Mesmo no auge do dia, quando o sol está vigiando esta parte do mundo, ainda parece estranho dentro desta casa. São quatro horas da tarde. Jeremy está trabalhando no cais novamente, e Crew está brincando perto dele na areia.

Uma energia inquietante vibra em toda a casa. Está sempre aqui e não consigo me mexer. Parece estar piorando à noite, noturna e intensa. Tenho certeza de que isso está principalmente na minha cabeça, mas isso não me deixa à vontade, porque as coisas que espreitam dentro da mente podem ser tão perigosas quanto ameaças tangíveis.

Eu acordei ontem à noite para usar o banheiro. Eu pensei ter ouvido um barulho no corredor – passos mais leves que os de Jeremy e mais pesados que os de Crew. Então, pouco depois, parecia que os degraus da escadas rangiam, um de cada vez, como se alguém os estivesse arrastando com um pé deliberadamente leve. Demorei um tempo para dormir depois disso, porque em uma casa desse tamanho, os ruídos são inevitáveis. E com a imaginação de um escritor, todo ruído se torna uma ameaça.

Minha cabeça vai para a porta do escritório. Estou nervosa, mesmo agora, e tudo que ouço é April na cozinha conversando com alguém. Ela usa o mesmo tom calmante quando fala com Verity, como se estivesse tentando convencê-la a voltar à vida. Eu nunca ouvi Jeremy falar com sua esposa. Mas ele admitiu estar com raiva dela. Ele ainda a ama? Ele se senta em seu quarto e lhe diz o quanto ele sente falta do som de sua voz? Isso parece algo que ele faria. Ou teria feito. *Mas agora?*

Ele cuida dela, ajuda a alimentá-la às vezes, mas eu nunca o vi falar diretamente com ela. Isso me faz pensar se ele não acredita que ela está mais

lá. Como se a pessoa de quem ele cuida não fosse mais sua esposa.

Talvez ele consiga separar sua raiva e decepção em relação a Verity da mulher que ele cuida, porque ele não sente mais que é a mesma pessoa.

Eu vou para a cozinha porque estou com fome, mas também porque estou curiosa para assistir April enquanto ela interage com a Verity. Estou curiosa para ver se Verity tem algum tipo de resposta física à interação dela.

April está sentada à mesa com o almoço da Verity. Eu abro a geladeira e vejo como ela a alimenta. A mandíbula de Verity se move para frente e para trás, quase roboticamente, depois que April a alimenta com uma colherada de purê de batata. São sempre comidas suaves. Purê de batatas, molho de maçã, legumes misturados. Alimentos hospitalares, sem graça e fáceis de ingerir. Pego uma xícara de pudim de Crew e me sento à mesa com April e Verity. April me reconhece com um olhar fugaz e um aceno de cabeça, mas nada mais.

Depois de comer algumas mordidas do pudim, decido tentar conversar com essa mulher que se recusa a interagir comigo.

— Há quanto tempo você é enfermeira?

April tira a colher da boca de Verity e mergulha-a nas batatas. — Tempo suficiente para estar na contagem regressiva de um dígito para a aposentadoria.

— Legal.

— Você é minha paciente favorita, — diz April à Verity. — De longe.

Ela está direcionando suas respostas a Verity, mesmo sendo eu quem está fazendo as perguntas.

— Há quanto tempo você trabalha com a Verity?

Mais uma vez, April responde a Verity. — Há quanto tempo estamos fazendo isso agora? — pergunta ela, como se Verity fosse responder a ela. — Quatro semanas? — Ela olha para mim. — Sim, eu fui oficialmente contratada cerca de quatro semanas atrás.

— Você conheceu a família? Antes do acidente de Verity?

— Não. — April limpa a boca de Verity e depois coloca a bandeja de comida na mesa. — Posso falar com você por um momento? — Ela cutuca a cabeça em direção ao corredor.

Eu paro, me perguntando por que precisamos deixar a cozinha para que ela tenha uma conversa comigo. Eu me levanto, porém, e sigo-a para fora. Eu me inclino contra a parede e coloco outro pedaço de pudim na minha boca

enquanto April enfia as mãos nos bolsos de sua blusa.

— Eu não espero que você saiba disso, especialmente se você nunca esteve com alguém na condição de Verity. Mas não é respeitoso discutir pessoas como ela como se elas não estivessem bem na sua frente.

Estou segurando minha colher, prestes a tirar da minha boca. Eu paro por um momento, depois enfio a colher de volta na xícara de pudim. — Eu sinto muito. Eu não sabia que era isso que eu estava fazendo.

— É fácil de fazer, especialmente se você acredita que a pessoa não pode reconhecê-la. O cérebro de Verity não processa como costumava, obviamente, mas nós não sabemos o quanto ela processa. Apenas observe como você diz as coisas na presença dela.

Eu fico em pé, me afastando da minha posição casual contra a parede. Eu não tinha ideia de que estava sendo insultante.

— Claro. — eu digo, assentindo.

April sorri, e é genuína pela primeira vez.

Felizmente, nosso momento estranho termina graças a Crew. Ele corre pela porta dos fundos, colocando algo em suas mãos. Ele corre entre mim e April, para a cozinha. April segue ele.

— Mãe — diz Crew, animadamente. — Mãe, mãe, encontrei uma tartaruga.

Ele está na frente dela, segurando a tartaruga para ela ver. Ele corre os dedos pela casca. — Mãe, olhe para ele. — Ele está segurando mais alto agora, tentando fazer com que a Verity faça contato visual com a tartaruga. Claro que ela não faz. Ele tem apenas cinco anos, então ele provavelmente não consegue processar todas as razões pelas quais ela não pode mais falar com ele ou olhar para ele ou reagir à sua excitação. Eu imediatamente me senti mal por ele, sabendo que ele provavelmente ainda está esperando por ela se recuperar completamente.

— Crew — eu digo, caminhando até ele. — Deixe-me ver sua tartaruga.

Ele se vira e segura para mim. — Ele não é uma tartaruga. Papai disse que aqueles tipos têm marcas em seus pescoços.

— Uau — eu digo. — Isso é realmente incrível. Vamos sair e encontrar algo para colocá-lo.

Crew pula de excitação, depois passa por mim. Eu o sigo para fora da casa e o ajudo a vasculhar a propriedade até encontrar um velho balde vermelho para colocá-lo. Então Crew desce na grama e traz o balde para o

colo.

Sento-me ao lado dele, em parte porque estou começando a me sentir muito mal por esse garoto, mas também porque temos uma visão clara de Jeremy desse ponto no quintal enquanto ele trabalha no cais.

— Papai disse que eu não posso ter outra tartaruga porque matei minha última tartaruga.

Eu balanço minha cabeça em direção a Crew.

— Você o matou? Como você o matou?

— Perdi ele na casa — diz ele. — Mamãe o encontrou debaixo do sofá e ele estava morto.

Oh. OK. Minha mente estava indo para algum lugar muito mais sinistro com isso. Por um segundo, achei que ele havia matado a tartaruga intencionalmente.

— Nós poderíamos deixá-lo ir aqui mesmo na grama — digo a ele. — Dessa forma, você pode assistir e ver em que direção ele rasteja. Ele pode levá-lo à sua família secreta de tartarugas.

Crew o pega do balde. — Você acha que ele tem uma esposa?

— Ele pode ter

— Ele poderia ter bebês também.

— Ele poderia.

Crew o coloca na grama, mas naturalmente a tartaruga está assustada demais para se mexer. Nós o observamos por um tempo, esperando que ele saísse de sua concha. Eu posso ver Jeremy se aproximando pelo canto do meu olho. Quando ele está mais perto, eu olho para ele, protegendo o sol dos meus olhos com a minha mão.

— O que vocês dois acharam?

— Uma tartaruga — diz Crew. — Não se preocupe, eu não vou ficar com ele.

Jeremy me lança um sorriso apreciativo. Então ele se senta ao lado de Crew na grama. Crew chega mais perto dele, mas quando ele agarra o braço de Jeremy, Crew se afasta. — Nojento. Você está suado.

Ele está suado, mas eu não acho que isso é nojento.

Crew empurra a grama. — Eu estou com fome. Você prometeu que poderíamos sair para comer esta noite. Não estamos em um restaurante há anos.

Jeremy ri. — Anos? Faz apenas uma semana desde que te levei ao

McDonald's.

Crew diz: — Sim, mas costumávamos sair para comer o tempo todo antes que minhas irmãs morressem.

Eu vejo os ombros de Jeremy tensos com esse comentário. Ele mesmo disse que Crew não mencionou as garotas desde que elas morreram, então este momento é significativo.

Jeremy respira profundamente e depois dá um tapinha nas costas de Crew. — Você está certo. Vá lavar as mãos e prepare-se. Precisamos estar de volta antes de April partir hoje à noite.

Crew corre em direção à casa, esquecendo tudo sobre a tartaruga. Jeremy o observa por um tempo, com os olhos cheios de pensamentos. Então ele se levanta e estende a mão para me ajudar. — Quer vir? — ele pergunta.

Ele está me convidando para um jantar amigável com o filho dele, mas meu coração melancólico responde como se eu tivesse acabado de ser convidada para sair. Eu sorrio enquanto limpo as costas da minha calça jeans. — Eu adoraria.

...

Eu não tive uma razão para fazer um esforço com a minha aparência física desde que cheguei na casa de Jeremy. Mesmo que eu ainda não tenha feito muito esforço antes de sairmos, Jeremy deve ter notado o rímel, o brilho labial e o fato de que meu cabelo está solto pela primeira vez. Quando chegamos ao restaurante e ele estava segurando a porta para mim, ele disse baixinho: — Você está muito bonita.

Seu elogio se instalou no meu estômago, e eu ainda posso sentir isso, mesmo que tenhamos acabado de comer. Crew está sentado do mesmo lado do estande com Jeremy. Ele tem contado piadas desde que ele terminou de comer sua sobremesa.

— Eu tenho outra — diz Crew. — O que é abreviatura de E.T.?

Jeremy não tenta responder às piadas do Crew porque ele diz que os ouviu um milhão de vezes. Eu sorrio para Crew e finjo que não sei a resposta.

— Porque ele tem pernas pequenas. — diz Crew, caindo de volta em sua cadeira com risadas. Sua reação a suas próprias piadas me faz rir mais do que as próprias piadas.

E então, — Por que eles não jogam poker na selva?

— Eu não sei, por quê? — Eu digo.

— Muitas chitas!

Eu não sei que parei de rir desde que ele começou a nos contar piadas.

— Sua vez — diz Crew.

— Minha? — Eu pergunto.

— Sim, é a sua vez de contar uma piada.

Oh Deus. Estou me sentindo pressionada por uma criança de cinco anos.

— Ok, deixe-me pensar. — Alguns segundos depois, eu estalo meus dedos.

— Ok, eu tenho uma. O que é verde, difuso e se caiu de uma árvore, pode te matar?

Crew se inclina para a frente com o queixo nas mãos. — Hmmmm. Eu não sei.

— Um piano verde difuso.

Crew não ri da minha piada. Nem Jeremy. No início.

Então, alguns segundos depois, Jeremy solta uma gargalhada que me faz sorrir.

— Eu não entendo. — diz Crew.

Jeremy ainda está rindo, balançando a cabeça.

Crew olha para Jeremy. — Como isso é engraçado?

Jeremy coloca o braço em volta de Crew. — Não é, — diz ele. — É engraçado porque não é engraçado.

Crew olha para mim. — Não é assim que as piadas devem funcionar.

— Ok, eu tenho outra — eu digo. — O que é vermelho e tem a forma de um balde?

Crew encolhe os ombros.

— Um balde azul pintado de vermelho.

Jeremy aperta o queixo, tentando conter o riso. Vê-lo rir é provavelmente a melhor coisa que aconteceu desde que cheguei aqui.

Crew aperta o nariz dele. — Você não é muito boa em contar piadas.

— Vamos. Aquelas eram tão engraçadas.

Crew sacode a cabeça, desapontado. — Espero que você não tente fazer piadas em seus livros.

Jeremy se recosta no banco e agarra o lado, tentando conter o riso quando a garçonete se aproxima com o cheque. Jeremy tira isso dela. — Meu prazer. — ele consegue dizer.

Quando voltamos para a casa, Crew entra antes de nós. — Corra para

cima e deixe April saber que estamos de volta. — Jeremy chama atrás dele.

Jeremy fecha a porta que leva à garagem e nós dois paramos antes de entrar na casa. Estamos escondidos em um canto apagado perto das escadas, mas um fluxo de luz da cozinha passa pelo seu rosto.

— Obrigada pelo jantar. Foi divertido.

Jeremy tira o casaco. — Realmente foi. — Ele está sorrindo enquanto pendura o casaco em um cabide ao lado da porta. Ele parece diferente hoje à noite, como se ele estivesse menos sobrecarregado por sua vida do que ele normalmente é. — Eu deveria levar Crew para sair mais vezes.

Concordo com a cabeça, deslizando as mãos nos bolsos de trás. Os próximos segundos se enchem de silêncio denso. Quase parece que o momento no final de datas reais, quando você não pode decidir entre um beijo ou um abraço.

Claro, nem seria apropriado neste caso porque não era um encontro.

Por que pareceu como um?

Nosso contato visual é quebrado quando Crew começa a descer as escadas. O olhar de Jeremy desvia para os pés dele por um momento, mas antes que ele se afaste, vejo-o soltar uma respiração rápida, como se Crew tivesse interrompido algo que Jeremy estava prestes a se arrepender. Algo que não tenho certeza se eu me arrependeria.

Eu suspiro pesadamente e, em seguida, vou direto para o escritório de Verity e fecho a porta. Eu preciso me distrair. Sinto um vazio – uma dor no estômago que não acho que vá desaparecer. Como se eu precisasse de mais momentos com ele. Momentos que não consigo. Momentos que eu não deveria conseguir.

Folheio as páginas do manuscrito de Verity, na esperança de encontrar uma cena íntima com Jeremy.

Eu não tenho certeza do tipo de pessoa que me faz neste momento, porque ler isso está errado em muitos níveis, mas não é tão errado quanto cruzar essa linha fisicamente com ele.

Eu não posso tê-lo na vida real, mas eu posso aprender como ele é na cama para ajudar em todas as minhas fantasias que provavelmente vou ter sobre ele.

Que Assim Seja

Capítulo 5

Chapter Five

Eu estava prestes a ter um colapso nervoso. Eu podia sentir isso. Ou pelo menos um colapso. Uma birra de temperamento. Um calafrio. Qualquer um deles teria sido inadequado, no entanto.

Eu não aguentava mais. Se uma delas não estava chorando, a outra estava. Se uma delas não estava com fome, a outra estava. Elas raramente dormiam ao mesmo tempo. Jeremy foi uma grande ajuda e fez metade do trabalho com elas, mas se tivéssemos apenas uma filha, eu teria pelo menos um descanso. Mas havia duas, então era como se cada um de nós fosse pai e mãe solteiros em tempo integral de uma criança.

Jeremy ainda estava vendendo imóveis na época em que as meninas nasceram. Ele tirou duas semanas de folga para me ajudar com as meninas, mas suas duas semanas acabaram, e ele precisava voltar ao trabalho. Não pudemos bancar uma babá porque o adiantamento que recebi recentemente pela venda do meu primeiro manuscrito foi pequeno. Eu estava com medo de ficar sozinha com os bebês enquanto ele estava fora da casa por nove horas todos os dias.

No entanto, uma vez que Jeremy tinha voltado ao trabalho, isso acabou se tornando a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Ele saíria às sete da manhã. Eu acordava com ele para que ele pudesse me ver cuidando das meninas. Depois que ele se foi, eu os colocava de volta em seus berços, desligava seus monitores e voltava para a cama. Desde o dia em que ele começou a voltar ao trabalho, comecei a dormir mais do que eu que tinha chegado do hospital. Nós estávamos em um apartamento de canto, e o quarto delas não ficava em cima de nenhum outro apartamento, então

ninguém podia ouvi-los chorar.

Nem eu pude ouvi-las quando coloquei meus tampões de ouvido.

Depois de três dias de Jeremy ter voltado ao trabalho, senti que minha vida estava voltando ao normal. Eu estava dormindo tanto durante o dia, mas antes que Jeremy voltasse para casa, eu alimentava, dava banho e começava o jantar. Toda noite, quando ele entrava pela porta, os bebês ficariam tranquilos por finalmente serem cuidados, o cheiro do jantar estaria vindo da cozinha, e ele ficaria encantado com o quão bem eu estava lidando com a vida.

As mamadas noturnas nem me incomodavam naquele momento, porque meu horário de sono havia mudado. Eu estava fazendo a maior parte do meu sono enquanto Jeremy estava no trabalho. E as meninas dormiam muito bem à noite devido à exaustão de chorar o dia todo. Mas o choro provavelmente era bom para elas. Eu era capaz de escrever quase todas as noites enquanto todos dormiam, então eu estava na frente da carreira.

O único lugar que me faltava era no quarto. Eu ainda não tinha sido liberada para fazer sexo pelo meu médico, já que faziam apenas quatro semanas desde o nascimento delas. Mas eu sabia que se eu não mantivesse essa parte do meu casamento viva, isso poderia se espalhar rapidamente para outras áreas do nosso casamento. Uma vida sexual terrível é como um vírus. Seu casamento pode ser saudável em todos os outros aspectos, mas uma vez que o sexo acaba, ele começa a infectar todas as outras partes do seu relacionamento.

Eu estava determinada a não deixar isso acontecer conosco.

Eu havia tentado na noite anterior fazer sexo com ele, mas Jeremy estava preocupado que ele me machucasse. Apesar de ter sido uma cesariana, ele ainda se preocupava com a incisão. Ele tinha lido on-line que ele não podia sequer me dar o dedo até recebermos a aprovação do meu médico, e essa consulta ainda estava a duas semanas de distância. Ele se recusou a fazer sexo comigo até que um profissional médico o aprovasse.

Eu não queria esperar tanto tempo, no entanto. Eu não podia. Eu sentia falta dele. Eu estava perdendo essa conexão com ele.

Jeremy acordou aquela noite às duas da manhã porque minha língua estava deslizando pelo seu pau. Estou quase certa de que o pau dele estava duro antes que ele estivesse totalmente acordado.

A única razão pela qual eu sabia que ele estava acordado era porque a

mão dele se moveu para a minha cabeça e seus dedos serpentaram pelo meu cabelo. Esse é o único movimento que ele fez. Ele nem levantou a cabeça do travesseiro para olhar para mim e, por algum motivo, gostei disso. Eu nem tenho certeza se ele abriu os olhos. Ele permaneceu imóvel e silencioso enquanto eu o deixava louco com a minha língua.

Eu o lambi, provoquei, toquei por quinze minutos sem nunca colocá-lo dentro da minha boca. Eu sabia o quanto ele queria, porque ele estava ficando inquieto e precisava desse alívio, mas eu não queria que ele ficasse aliviado com a minha boca. Eu queria que ele me fodesse pela primeira vez em semanas.

Sua mão estava impaciente, apertando a parte de trás da minha cabeça, me pressionando em seu pau enquanto ele silenciosamente me implorava para levá-lo a minha boca. Recusei-me e continuei a lutar contra a pressão da mão dele enquanto eu o beijava e o lambia, quando tudo o que ele queria fazer era enfiar na minha boca.

Quando tive certeza de que o havia deixado tão louco que seu desejo superou sua preocupação por mim, me afastei dele. Ele seguiu. Eu caí de costas, abri minhas pernas e ele estava dentro de mim sem pensar duas vezes se era cedo demais para ele estar lá. Ele não era nem gentil. Era como se minha língua o tivesse levado a um ponto de loucura, porque ele estava batendo em mim com tanta força que de fato doía.

Durou quase uma hora e meia porque assim que ele terminou, eu chupei-o até que ele estava duro novamente. Nas duas vezes que transamos, nunca dissemos uma palavra. E mesmo depois que tudo acabou e eu fui esmagada pelo peso de seu corpo exausto, nós ainda não falamos. Ele rolou de cima de mim e se envolveu em volta de mim. Nossos lençóis estavam cobertos de suor e sêmen, mas estávamos cansados demais para dormir.

Eu soube então que estava tudo bem. Nós ficaríamos bem. Jeremy ainda adorava meu corpo tanto quanto ele sempre.

As garotas poderiam ter tirado muito de nós até então, mas seu desejo era a única coisa que eu sabia que sempre seria minha.



Este capítulo foi o mais difícil de continuar lendo de longe. Como uma mãe conseguia dormir profundamente no corredor de seus bebês chorando me deixa perplexa. Ela é insensível.

Tenho a impressão de que Verity pode ter sido uma sociopata, mas agora estou mais inclinada a psicopata.

Guardei o manuscrito e usei o computador da Verity para atualizar minha memória sobre a definição exata do psicopata. Eu percorro cada traço de personalidade. *Mentiroso patológico, astuto e manipulador, falta de remorso ou culpa, insensibilidade e falta de empatia, resposta emocional superficial.*

Ela exibe todas as características. A única coisa sobre ela que me faz questionar se ela era uma psicopata é sua obsessão por Jeremy. Os psicopatas acham mais difícil se apaixonar e, se o fazem, é difícil para eles manter esse amor. Eles tendem a se mover rapidamente de uma pessoa para outra. Mas Verity não queria se mover de Jeremy. Ele era todo o foco de Verity.

O homem é casado com uma psicopata, e ele não faz ideia porque ela fez tudo o que podia para esconder isso dele.

Há uma batida suave na porta do escritório, então minimizo a tela no computador. Quando abro a porta, Jeremy está no corredor. Seu cabelo está úmido e ele está vestindo uma camiseta branca com um par de calças de pijama pretas.

Este é meu look favorito dele. Descalço, casual, descontraído. É sexy como o inferno, e eu odeio o quanto sou atraída por ele. Eu me sentiria atraída por ele se não fosse pelos detalhes íntimos que eu li sobre ele naquele manuscrito?

— Desculpe incomodá-la. Eu preciso de um favor.

— Você está bem?

Ele faz sinal para eu segui-lo. — Há um antigo aquário em algum lugar no porão. Eu só preciso de você para manter a porta aberta para mim, para que eu possa trazê-lo para cima e limpá-lo para Crew.

Eu sorrio. — Você vai deixar ele ter uma tartaruga?

— Sim, ele parecia animado hoje. Ele está um pouco mais velho agora, então, com sorte, ele se lembrará de alimentar este aqui. — Jeremy alcança a porta do porão e a abre. — A porta foi instalada para trás. É impossível subir as escadas com as mãos cheias ou você não pode abrir a porta para sair.

Jeremy acende uma luz e começa a descer as escadas. O porão não parece uma extensão da casa. Parece abandonado e descuidado, como uma criança negligenciada. Degraus loucos e poeira no corrimão preso à parede. Normalmente, eu teria zero desejo de entrar em um porão tão hostil. Especialmente em uma casa que já me apavora. Mas o porão deles é o único lugar nesta casa que eu ainda estou vendo, e estou curiosa sobre o que está lá embaixo. Que tipo de coisas a Verity poderia ter guardado?

A escada que leva ao porão é escura porque o interruptor de luz no topo da escada alimentava apenas uma luz que estava dentro do porão. Quando eu chego ao último degrau, fico aliviada em ver que a sala não é tão estranha quanto eu esperava. À esquerda, há uma mesa de escritório que parece não ter sido usada há algum tempo. Há pilhas de arquivos e papéis por toda a mesa, mas parece mais um canto usado para armazenamento do que um lugar onde uma pessoa poderia sentar-se e trabalhar.

À direita estão caixas de coisas acumuladas ao longo dos anos em que estiveram juntas. Alguns com tampas, outros sem. Há um monitor de vídeo de bebê saindo de uma das caixas e eu me encolho, pensando no capítulo que acabei de ler e como Verity admitiu desligá-lo durante o dia para que ela não pudesse ouvi-las chorando.

Jeremy está classificando através de uma coleção de coisas por trás e entre as caixas.

— Você costumava trabalhar aqui em baixo? — Eu pergunto a ele.

— Sim. Eu possuía uma empresa imobiliária e trouxe muito trabalho para casa na maioria dos dias, então este era o meu escritório. — Ele levanta uma folha e a joga de lado, revelando um aquário que está coberto por uma camada de poeira. — Bingo. — Ele começa a vasculhar o conteúdo dentro do

aquário para garantir que ele tenha todas as peças.

Eu ainda estou pensando sobre a carreira que ele mencionou casualmente desistindo. — Você possuiu sua própria empresa?

Ele levanta o aquário e o leva até a mesa do outro lado da sala. Eu abro espaço empurrando papéis e arquivos para fora do caminho para que ele possa colocá-lo no lugar.

— Sim. Começou no mesmo ano em que a Verity começou a escrever livros.

— Você gostou?

Ele concorda. — Sim. Foi muito trabalho, mas eu era bom nisso. — Ele conecta a tampa do aquário a uma tomada, verificando se a luz acoplada ainda funciona. — Quando o primeiro livro de Verity foi lançado, ambos pensamos que era mais um hobby do que uma carreira real. Quando ela vendeu, nós ainda não levamos isso muito a sério. Mas então a notícia começou a sair e mais cópias de seus livros estavam sendo vendidas. Depois de alguns anos, seus testes começaram a fazer com que os meus ficassem bonitos. — Ele ri, como se fosse uma lembrança afetuosa e não uma que o incomoda. — No momento em que ela ficou grávida da Crew, nós dois sabíamos que eu estava trabalhando apenas por trabalhar. Não porque minha renda tenha um impacto real em nosso estilo de vida. Foi a única escolha, na verdade. Para que eu desistisse, já que o trabalho exigia muito do meu tempo. — Ele desconecta a luz do aquário e, quando o faz, há um som de estalo atrás de nós, seguido pela fuga da única luz que tínhamos no porão.

Está escuro agora. Eu sei que ele está bem na minha frente, mas eu não posso mais vê-lo. Meu pulso acelera e então sinto sua mão no meu braço. — Aqui. — diz ele, trazendo minha mão ao ombro. — Deve ter virado um disjuntor. Ande atrás de mim e, quando chegarmos ao topo da escada, basta me esgueirar e abrir a porta.

Sinto seus músculos do ombro se contraírem quando ele levanta o aquário. Eu mantenho minha mão em seu ombro, seguindo de perto atrás dele enquanto ele faz o seu caminho em direção às escadas. Ele dá cada passo devagar, provavelmente para meu benefício. Quando ele para, ele se move de modo que suas costas estejam contra a parede. Eu deslizo em torno dele e sinto em torno da maçaneta. Eu puxo a porta e uma inundação de luz entra.

Jeremy sai primeiro, e assim que ele sai do meu caminho, eu fecho a porta rapidamente, fazendo com que ela bata. Ele ri quando eu solto uma

respiração instável.

— Não é uma fã de porões, hein?

Eu sacudo minha cabeça. — Não sou fã de porões *sombrios*.

Jeremy anda pelo aquário até a mesa da cozinha e olha para ele. — Isso é um monte de poeira. — Ele pega de novo. — Você se importa se eu lavá-lo no chuveiro principal? Seria mais fácil do que tentar fazer isso na pia.

Eu sacudo minha cabeça. — De modo nenhum.

Jeremy leva o aquário para o chuveiro principal. Parte de mim quer segui-lo e ajudar, mas eu não vou. Volto para o escritório e faço o meu melhor para me concentrar na série em que eu deveria estar trabalhando. Pensamentos de Verity continuam a me distrair como fazem toda vez que termino um capítulo em sua autobiografia. No entanto, não consigo parar de ler. É como um acidente de trem e Jeremy nem percebe que ele foi destruído nos destroços.

Escolho trabalhar na série em vez de ler mais do manuscrito, mas acabei de fazer muito pouco quando Jeremy termina o banho mestre. Eu decido parar a noite e voltar para o quarto.

Depois que eu lavei meu rosto e escovei os dentes, eu encarei o punhado de camisas que eu trouxe comigo que estão penduradas no armário. Não tenho vontade de usar nenhum delas, então começo a vasculhar as camisas de Jeremy. A camisa que ele me emprestou cheirava como ele o dia inteiro que eu usava. Folheio-as até encontrar uma camiseta dele que seja macia o suficiente para dormir. Em letras pequenas sobre o peito esquerdo, está escrito: *Imóveis Crawford*. Eu puxo a camisa sobre a minha cabeça e, em seguida, ando até a cama. Antes de subir, concentro-me nas marcas de mordida na cabeceira da cama. Eu ando mais perto delas, passando o polegar sobre elas.

Eu olho para o comprimento da cabeceira e percebo que há mais de uma marca de dentes. Existem cinco ou seis áreas onde Verity mordeu a cabeceira da cama, algumas não tão perceptíveis quanto as outras, até que você esteja de perto.

Eu rastejo para a cama e levanto meus joelhos enquanto enfrento a cabeceira da cama. Escalo um travesseiro e imagino estar nessa posição — esparramada sobre o rosto de Jeremy enquanto aperto a cabeceira da cama. Fecho os olhos e enfio a mão na camiseta de Jeremy, imaginando que é a mão dele que arrasta meu estômago e acaricia meu seio.

Meus lábios se separam e eu sugo o ar, mas um ruído acima de mim me

tira do momento. Eu olho para o teto e ouço o som da cama do Verity quando começa a zumbir e se mexer.

Eu puxo o travesseiro debaixo de mim e deito de costas enquanto olho para o teto, imaginando o que – se alguma coisa – passa pela mente de Verity. É escuridão completa lá? Ela ouve o que as pessoas dizem para ela? Ela sente a luz do sol quando está em sua pele? Ela sabe de quem é o toque de quem?

Eu coloco meus braços ao meu lado e fico imóvel, imaginando como seria não ser capaz de controlar meus movimentos. Eu permaneço na mesma posição na cama, apesar de estar ficando cada vez mais inquieta a cada minuto que passa. Preciso coçar o nariz, e fico imaginando se isso incomoda Verity, não sendo capaz de levantar a mão para coçar uma coceira. Ou se a condição dela permitir que ela sinta uma coceira.

Eu fecho meus olhos e tudo o que posso pensar é que Verity possivelmente merece a escuridão, a quietude, o silêncio. No entanto, para uma psicopata, ela certamente tem tantos que ainda estão em volta de seu dedo imóvel.



O cheiro é diferente quando abro os olhos. Os ruídos também.

Não estou confusa sobre onde estou. Eu sei que estou na casa do Jeremy. Eu só não estou no meu quarto.

Estou olhando para uma parede. A parede do quarto principal é cinza claro. Esta parede é amarela. *Amarela, como as paredes dos quartos no andar de cima.*

A cama embaixo de mim começa a se mover, mas não é porque alguém na cama está se movendo. É diferente... como... mecânica.

Eu aperto meus olhos fechados. *Por favor Deus. Não. Não, não, não, por favor, não me diga que estou na cama de Verity.*

Estou tremendo toda agora. Abro os olhos devagar e viro a cabeça no ritmo mais lento possível. Quando vejo a porta, depois a penteadeira e depois a TV montada na parede, saio da cama, caindo no chão. Eu me arrasto na parede e deslizo com as costas contra ela. Eu aperto meus olhos fechados. Eu mal posso me levantar. Estou tão histérica.

Meu corpo está tremendo tanto que eu posso ouvir quando respiro. Choramingam a princípio, mas assim que abro os olhos e vejo Verity em sua cama, grito.

Então eu bato minha mão na minha boca.

Está escuro lá fora. Todo mundo está dormindo. Eu tenho que ficar quieta.

Faz tanto tempo desde que isso aconteceu. Anos, provavelmente. Mas isso está acontecendo e estou apavorada e não tenho ideia do motivo de ter acabado aqui. Foi porque eu estava pensando nela?

Sonambulismo não tem padrão, Lowen. Não tem significado. Não tem

relação com a intenção.

Eu ouço as palavras do meu terapeuta, mas não quero processá-las. *Eu preciso sair daqui. Mova-se, Lowen.*

Eu deslizo através da parede, mantendo-me tão longe da cama quanto posso enquanto eu faço o meu caminho para a porta do quarto de Verity. Eu estou de costas para a porta, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto eu giro a maçaneta e a abro, depois fujo do quarto.

Jeremy arremessa os braços em volta de mim, me puxando para uma parada.

— Ei. — diz ele, virando-me para encará-lo. Ele vê as lágrimas no meu rosto, o terror em meus olhos. Ele afrouxa o aperto e, assim que o faz, eu corro. Eu corro pelo corredor, desço as escadas, e eu não paro até bater a porta do quarto e estou de volta na minha cama.

Que porra é essa? Que porra é essa?

Eu me enrolo em cima das cobertas, de frente para a porta. Meu pulso começa a latejar, então eu o aperto com a outra mão e coloco no meu peito.

A porta do quarto se abre e depois se fecha atrás de Jeremy. Ele está sem camisa, com um par de calças de pijama de flanela vermelha. É tudo que vejo, um borrão de xadrez vermelho quando ele corre na minha direção. Então ele está de joelhos, a mão no meu braço, seus olhos procurando os meus.

— Lowen, o que aconteceu?

— Eu sinto muito. — eu sussurro, limpando os olhos. — Eu sinto muito.

— Pelo quê?

Eu balancei minha cabeça e me sentei na cama. Eu tenho que explicar isso para ele. Ele acabou de me pegar no quarto de sua esposa no meio da noite, e sua cabeça provavelmente está repleta de perguntas. Perguntas para as quais eu realmente não tenho respostas.

Jeremy se senta ao meu lado na cama, levantando uma perna para que ele possa me encarar. Ele coloca as duas mãos nos meus ombros e abaixa a cabeça, olhando para mim com muita seriedade.

— O que aconteceu, Low?

— Eu não sei, — eu digo, balançando para frente e para trás. — Às vezes eu ando em meu sono. Eu não tenho isso há muito tempo, mas eu tomei dois Xanax antes e acho que talvez... eu não sei... — Eu soo tão histérica quanto

eu me sinto. Jeremy deve sentir isso, porque ele me puxa para ele, colocando pressão em volta de mim com os braços, tentando me acalmar. Ele não me pergunta mais nada por alguns minutos. Ele corre uma mão reconfortante sobre a parte de trás da minha cabeça e tão bom quanto parece ter o seu apoio, eu me sinto culpada. Indigna.

Quando ele se afasta, posso ver suas perguntas praticamente saindo de sua boca. — O que você estava fazendo no quarto de Verity?

Eu sacudo minha cabeça. — Eu não sei. Eu acordei lá. Eu estava com medo e gritei e...

Ele agarra minhas mãos. Espreme-as. — Você está bem.

Eu quero concordar com ele, mas não posso. Como vou dormir nesta casa depois disso?

Eu não posso contar quantas vezes eu acordei em lugares aleatórios. Isso costumava acontecer tantas vezes, eu passei por um período em que eu tinha três fechaduras no interior da porta do quarto. Eu não estou familiarizada em acordar em quartos estranhos, mas por que, de todos os cômodos desta casa, tem que ser o quarto da Verity?

— É por isso que você queria uma fechadura na sua porta? — Pergunta ele. — Para se impedir de sair?

Eu aceno, mas por alguma razão, minha resposta o faz rir.

— Jesus. — diz ele. — Eu pensei que era porque você estava com medo de mim.

Fico feliz que ele encontre leveza no momento, porque eu não consigo.

— Ei. Ei. — diz ele gentilmente, inclinando meu queixo para que eu olhe para ele. — Você está bem. Está bem. O sonambulismo é inofensivo.

Eu balancei minha cabeça em profunda discordância. — Não. Não, Jeremy. Não é. — Eu levanto minha mão até o meu peito, ainda segurando meu pulso. — Eu já acordei do lado de fora, acendi fogões e fornos enquanto dormia. Eu até... — eu solto um suspiro. — Eu quebrei a mão em meu sono e nem senti até que acordei na manhã seguinte.

Uma onda de adrenalina surge no meu corpo quando penso em como agora posso adicionar o que aconteceu à lista de coisas perturbadoras que fiz durante o sono. Embora inconsciente, eu ainda subi as escadas e me arrastei para a cama. Se eu sou capaz de fazer algo tão perturbador, do quê mais eu sou capaz?

Eu tranquei a porta enquanto dormia ou esqueci de trancar a porta? Eu

não consigo nem lembrar.

Eu empurro o colchão e vou para o armário. Eu pego minha mala e as poucas camisas que eu trouxe comigo que estão penduradas. — Eu devo ir.

Jeremy não diz nada, então continuo a arrumar minhas coisas. Eu estou no banheiro reunindo meus artigos de higiene quando ele aparece na porta. — Você está indo?

Eu concordo. — Acordei no quarto dela, Jeremy. Mesmo depois de você colocar uma tranca na minha porta. E se isso acontecer de novo? E se eu assustar Crew? — Abro a porta do chuveiro para pegar minha navalha. — Eu deveria ter dito tudo isso antes de eu passar a noite aqui.

Jeremy tira a navalha da minha mão. Ele coloca minha bolsa de artigos de higiene de volta no balcão. Então ele me puxa para ele, envolvendo a mão em volta da minha cabeça enquanto ele me enfia no peito dele. — Você sonâmbula, Low. — Ele pressiona um beijo reconfortante no topo do meu cabelo. — Você sonâmbula. Não é um grande problema.

Não é um grande problema?

Eu ri sem entusiasmo contra seu peito. — Eu gostaria que minha mãe se sentisse assim.

Quando Jeremy recua, há preocupação em seus olhos. Mas ele está preocupado comigo ou por minha causa? Ele me leva de volta para o quarto, onde ele faz com que eu me sente na minha cama enquanto ele começa a pendurar as camisas que eu enfiei na minha mala.

— Você quer falar sobre isso? — Pergunta ele.

— Qual parte, exatamente?

— Por que sua mãe pensou que era um grande negócio.

Eu não quero falar sobre isso. Ele deve ver minha expressão mudar porque ele faz uma pausa enquanto ele está pegando outra camiseta. Ele a coloca de volta na mala e senta na cama.

— Eu não quero soar duro — diz ele, fixando-me com um olhar firme. — Mas eu tenho um filho. Vendo você estando preocupada com o que você é capaz está começando a me preocupar. Por que você está com tanto medo de si mesma?

Uma pequena parte de mim quer se defender, mas não há nada para defender. Eu não posso dizer a ele que sou inofensiva, porque não tenho certeza de que sou. Eu não posso dizer a ele que nunca vou dormir novamente, porque aconteceu há vinte minutos atrás. A única coisa que eu

provavelmente poderia dizer para me defender é dizer a ele que eu não sou tão horrível quanto sua própria esposa, mas eu nem tenho certeza se acredito nisso.

Eu não sou horrível ainda, e eu não confio em mim o suficiente para dizer que nunca serei.

Eu deixo cair os olhos para a cama e engulo, me preparando para contar tudo sobre isso. Meu pulso começa a pulsar de novo. Quando olho para baixo, traço a cicatriz na palma da mão. — Eu não senti o que aconteceu com o meu pulso quando isso aconteceu — eu digo. — Acordei uma manhã quando tinha dez anos. Assim que abri os olhos, senti essa dor intensa disparar do meu pulso para o meu ombro. E então foi como uma luz brilhante explodiu na minha cabeça. Eu gritei porque doía tanto. Minha mãe correu para o meu quarto, e eu lembro de ter deitado na cama com a maior dor que já tive, mas naquele segundo percebi que minha porta estava destrancada. Eu sabia que tinha trancado a noite anterior.

Eu olho para cima da minha mão, de volta para Jeremy. — Eu não conseguia lembrar o que tinha acontecido, mas havia sangue em todo o meu cobertor, meu travesseiro, meu colchão, em mim mesma. E sujeira nos meus pés, como se eu estivesse fora durante a noite. Eu nem me lembro de ter saído do meu quarto. Nós tínhamos câmeras de segurança que monitoravam a frente da casa e vários dos quartos dentro dela. Antes que minha mãe as examinasse, ela me levou para o hospital porque o corte na minha mão precisava de pontos e meu pulso precisava de um raio X. Quando chegamos em casa mais tarde naquela tarde, ela puxou a filmagem de segurança do nosso jardim da frente. Nos sentamos no sofá e assistimos.

Eu alcanço a mesa de cabeceira e pego minha água para aliviar a secura na minha garganta. Antes de continuar, Jeremy coloca a mão no meu joelho, esfregando o polegar para frente e para trás tranquilizadamente. Eu fico olhando enquanto termino de contar o que aconteceu.

— Às três horas da manhã, as imagens me mostraram andando para fora, para a varanda da frente. Eu subi no corrimão da varanda fina e fiquei lá. Isso é tudo que fiz no começo. Eu apenas... fiquei lá. Por uma hora, Jeremy. Nós assistimos a hora inteira, esperando, esperando ver se a filmagem estava quebrada porque ninguém deveria ser capaz de permanecer equilibrado por tanto tempo. Não era natural, mas nunca me mexi. Eu nunca falei nenhuma

palavra. E então... eu pulei. Eu devo ter machucado meu pulso no outono, mas nas filmagens eu não mostrei nenhuma reação. Afastei-me do chão com as duas mãos e depois subi os degraus da varanda. Você podia ver o sangue já vindo da minha mão e pingando na varanda, mas minha expressão estava morta. Voltei direto para o meu quarto e adormeci.

Meus olhos voltam para os dele. — Não tenho lembrança disso. Como posso infligir tanta dor em mim mesmo e não estar ciente disso? Como posso ficar em um corrimão por uma hora inteira sem balançar, nem um pouquinho? O vídeo me assustou mais do que a lesão.

Mais uma vez, ele me abraça e fico tão agradecida que me agarro a ele com força. — Minha mãe me mandou embora para uma avaliação psiquiátrica de duas semanas depois disso — eu digo em seu peito. — Quando voltei para casa, ela havia se mudado para mais longe no corredor, em um quarto de hóspedes, onde colocou três fechaduras no interior da porta do quarto. Minha mãe estava apavorada comigo.

Jeremy enterra o rosto no meu cabelo e suspira pesadamente. — Sinto muito que isso aconteceu com você.

Eu aperto meus olhos fechados.

— E eu sinto muito que sua mãe não sabia como lidar com isso. Isso deve ter sido difícil para você.

Tudo sobre ele é exatamente o que eu precisava hoje à noite. Sua voz é calma e carinhosa, e seus braços são protetores, e sua presença é reconfortante. Eu não quero que ele me solte. Eu não quero pensar em acordar na cama de Verity. Não quero pensar em quanto não confio em minha mente enquanto durmo e nem quando estou acordada.

— Podemos conversar mais amanhã — ele diz, me liberando. — Vou tentar elaborar um plano para você se sentir mais confortável. Mas por enquanto, apenas tente dormir um pouco, ok?

Ele aperta minhas mãos tranquilizadamente e depois vai para a porta. Eu me sinto em pânico pelo pensamento dele me deixando sozinha aqui. De voltar a dormir. — O que eu faço sobre o resto da noite? Apenas trancar minha porta?

Jeremy olha para o despertador. São dez minutos para as cinco. Ele olha para o relógio por um momento e depois volta para mim. — Deite-se — diz ele, levantando as cobertas. Eu rastejo para a cama e ele corre atrás de mim.

Ele envolve seu braço em volta de mim, colocando minha cabeça sob o

queixo dele. — São quase cinco, não vou voltar a dormir. Mas vou ficar até você dormir.

Ele não está esfregando minhas costas ou me acalmando de qualquer maneira. Se qualquer coisa, o braço que está me segurando é duro, como se ele não quisesse que eu interpretasse mal nossa posição nesta cama de qualquer forma. Mas mesmo com o quão desconfortável ele está agora, eu aprecio que ele esteja fazendo um esforço para me deixar confortável.

Eu tento fechar os olhos e dormir, mas tudo que vejo é Verity. Tudo que ouço é o som da cama dela no andar de cima, em movimento.

É depois das seis quando ele assume que estou dormindo. Seu braço se move e seus dedos acabam no meu cabelo por um momento. É rápido, tão rápido quanto o beijo que ele planta no lado da minha cabeça, mas suas ações perduram muito tempo depois que ele sai do quarto e fecha a porta.



Eu não consegui dormir, e é por isso que estou servindo minha segunda xícara de café e logo depois das oito da manhã.

Eu fico na pia, olhando pela janela. Começou a chover por volta das cinco da manhã, enquanto eu estava na minha cama com Jeremy, fingindo estar dormindo.

O carro de April estaciona no caminho lamacento enquanto eu olho pela janela. *Eu me pergunto se Jeremy vai contar a ela o que aconteceu.*

Eu não o vi hoje de manhã. Eu suponho que ele está lá em cima, onde ele geralmente permanece até April chegar. Eu não quero estar na cozinha quando April entra, então eu me viro para ir ao meu escritório. Eu inesperadamente esbarrei em Jeremy, mas ele amortece o golpe dando um passo para trás e agarrando meus ombros. Graças a Deus, porque isso evita que meu precioso café seja derramado.

Ele parece cansado, mas eu não posso julgá-lo por isso, já que é minha culpa. — Bom dia — ele diz que é tudo menos isso.

— Bom dia. — Estou sussurrando. Eu não sei porque.

Ele se move de modo que esteja bem ao meu lado, inclinando-se para protegê-lo de ouvir o que ele está prestes a dizer. — Como você se sentiria se eu colocasse uma tranca na porta do seu quarto?

Sua pergunta me confunde. — Você já colocou.

— Do lado de fora da porta — ele esclarece.

Oh.

— Eu posso prendê-la depois que você for dormir. Abrir antes de você acordar. Se você precisar, pode me mandar uma mensagem, ligar para mim e eu abro em dois segundos. Mas eu acho que você vai dormir melhor, sabendo

que você não pode sair do quarto.

Não sei como me sinto sobre isso. Não sei por que parece mais drástico do que uma fechadura na parte de dentro da porta, quando ambos seriam usados para o mesmo propósito: manter-me no meu quarto. Mesmo que o pensamento disso me deixa desconfortável, eu ficaria mais desconfortável sabendo que eu poderia sair do quarto novamente. — Gostaria disso. Obrigada.

April entra na casa, parando quando ela passa pela cozinha. Jeremy ainda está olhando para mim, ignorando sua presença. — Eu sinto que você precisa fazer uma pausa hoje.

Eu olho para longe de April, de volta para Jeremy. — Eu prefiro ficar ocupada.

Ele me observa por um momento silencioso antes de concordar em compreensão.

— Bom dia — diz April, chutando seus sapatos enlameados na porta.

— Dia, April. — Jeremy diz isso tão casualmente, como se ele não tivesse nada a esconder. Ele passa por ela, em direção à porta dos fundos. Ela não se move. Ela olha para mim com os óculos na ponta do nariz.

— Bom dia, April. — Eu não pareço tão inocente quanto Jeremy. Eu volto para o escritório da Verity e começo meu dia, apesar de não conseguir superar o que aconteceu na noite passada.

Eu passo a manhã on-line, atualizando os e-mails. Corey enviou algumas entrevistas, algo que nunca me foi solicitado. Muitas das perguntas são semelhantes, querendo saber por que a Verity me contratou, o que pretendo trazer para a mesa, como minha experiência anterior me colocou na posição de escrever para ela. Eu copio e colo muitas das respostas.

Depois do almoço, concentro-me no desenvolvimento de um esboço para o sétimo livro. Eu desisti de encontrar um, então eu trabalho na construção do romance a partir do zero. É difícil porque estou exausta da noite passada. Estou insegura. Mas eu tento não pensar na noite passada.

É tarde quando sinto cheiro de tacos. Isso me faz sorrir, sabendo que ele está fazendo porque eu pedi. Tenho certeza que ele vai me salvar um prato como ele sempre faz. Eu não estou em uma posição onde eu me sinta confortável para jantar com eles quando April tiver com Verity na mesa.

Passo os próximos minutos pensando em Verity, me perguntando por que estou com tanto medo dela. Eu olho para a gaveta que contém seu

manuscrito. *Mais um capítulo e vou parar. É isso.*

Que Assim Seja

Capítulo 6

Chapter Six

Fazia seis meses desde que elas nasceram, e eu ainda queria que elas não existissem.

Mas elas existiam, e Jeremy as amava. Então eu tentei. Às vezes eu me perguntava se valeria a pena. Às vezes eu queria fazer minhas malas e sair e nunca olhar para trás. Ele era a única coisa que me impedia de passar por isso. Eu sabia que uma vida sem Jeremy não era uma vida que eu queria viver. Eu tinha duas opções: viver com ele e as duas garotas que ele amava mais do que eu.

E viver *sem* ele.

Elas eram um pacote nesse momento. Eu me odeio por não usar anti-concepcional. Por pensar que eu poderia fazer isso e tudo ficaria bem. Tudo não estava bem. Não comigo de qualquer maneira. Era como se minha família existisse em um globo de neve. No interior, tudo era acolhedor e perfeito, mas eu não fazia parte disso; Eu era apenas uma estranha olhando para dentro.

Estava nevando lá fora naquela noite, mas o apartamento estava quente. Mesmo assim, acordei com calafrios. Ou tremores, na verdade. Eu não pude parar de tremer. O pesadelo que eu tive foi tão vívido, eu senti os efeitos disso por horas depois que eu acordei. Parecia como uma ressaca do pesadelo.

Eu sonhei com o futuro, das garotas, Jeremy e eu. Elas tinham oito ou nove anos de idade. Eu não tinha certeza porque eu não sabia muito sobre crianças e como elas são em cada estágio. Eu só lembro de acordar e sentir que elas tinham oito ou nove anos.

No sonho, eu estava andando pelo quarto delas. Eu espiei por dentro e não entendi o que estava vendo. Harper estava em cima de Chastin, cobrindo a cabeça com um travesseiro. Corri para a cama, com medo de que fosse tarde demais. Afastei Harper de sua irmã e afastei o travesseiro. Eu olhei para Chastin e, em seguida, bati minha mão sobre a minha boca com um suspiro.

Não havia nada lá. A frente do rosto de Chastin era suave, como as costas de uma cabeça careca. Sem cicatriz. Sem olhos, sem boca. Nada para sufocar.

Eu olhei para Harper, absorvendo sua expressão sinistra. — O que você fez?

E então eu acordei.

Minha reação não foi ao sonho. Foi para o quanto pareceu uma premonição. E quanto me destruiu.

Eu abracei meus joelhos, balançando para frente e para trás na cama, me perguntando o que era esse sentimento. Dor. Foi dor. E... mágoa.

Eu senti mágoa no meu sonho? Quando pensei que Chastin estava morta, queria cair de joelhos e chorar. Foi exatamente como me senti quando pensei na possibilidade de Jeremy morrer. Eu perderia toda a função.

Eu sentei lá e chorei, a sensação era tão esmagadora. Eu tinha finalmente me conectado a elas? Com Chastin, pelo menos? Era isso que parecia ser uma mãe? Amar algo demais, que o pensamento de ser arrancado de você causa dor física?

Foi o máximo que senti desde que as meninas foram concebidas. Mesmo que eu só sentisse isso por um delas, ainda contava alguma coisa.

Jeremy rolou na cama. Ele abriu os olhos e me viu sentada, abraçando meus joelhos. — Você está bem?

Eu não queria que ele me perguntasse isso porque Jeremy era bom em tirar meus pensamentos. A maioria deles, de qualquer maneira. Eu não queria que ele soubesse disso. Como eu poderia admitir que eu finalmente me apaixonei por uma de nossas filhas sem também admitir que eu nunca ameí nenhuma delas para começar?

Eu tive que fazer algo. Preocupe-o para que ele não faça muitas perguntas. Eu sabia por experiência que Jeremy não conseguia tirar a verdade de mim se eu tivesse o pau dele na minha boca.

Eu me arrastei até ele, e quando estava posicionado sobre ele, minha boca pronta para o trabalho, ele já estava duro. Eu levei o máximo que pude levar.

Eu adorei quando ele gemeu. Ele era um amante quieto, mas às vezes,

quando eu realmente o pegava desprevenido, ele não estava tão quieto. Nesse momento, ele estava eufórico.

E eu me perguntava, antes de aparecer, quantas outras mulheres haviam arrancado ruídos dele? Quantos outros pares de lábios foram envolvidos em torno de seu pau?

Eu deixei ele deslizar para fora da minha boca. — Quantas mulheres chuparam seu pau?

Ele ergueu os cotovelos e olhou para mim, perplexo. — Você está falando sério?

— Mais para curiosa.

Ele riu, baixando a cabeça para o travesseiro. — Eu não sei. Eu nunca contei.

— Foram tantas assim? — Eu provoquei. Eu subi o corpo dele e montei nele. Eu gostei quando ele empurrou debaixo de mim e agarrou minhas coxas. — Se não é uma resposta imediata, isso significa que mais do que cinco.

— Definitivamente mais de cinco — disse ele.

— Mais de dez?

— Talvez. Possivelmente. Sim.

É estranho como isso não me deixou com ciúmes, mas duas crianças podem me deixar irritada. Talvez fosse porque as meninas estavam atualmente em sua vida, mas todas as suas prostitutas passadas eram apenas isso... passado.

— Mais de vinte?

Ele levantou as mãos para os meus seios e segurou-os. Espremendo eles. Ele estava recebendo aquele olhar em seu rosto que era a minha sugestão que eu estava prestes a ser fodida. Difícil. — Essa é provavelmente uma boa estimativa — ele sussurrou, puxando-me para ele. Ele trouxe seus lábios para perto dos meus e colocou uma mão entre nós, me esfregando. — Quantos caras lamberam sua buceta?

— Dois. Eu não sou uma prostituta como você.

Ele riu contra meus lábios e depois me rolou de costas. — Mas você está apaixonado por uma prostituta.

— *Uma ex-prostituta* — esclareci.

Eu estava errada sobre o olhar que ele tinha em seus olhos. Ele não me fodeu naquela noite. Ele fez amor comigo. Beijou cada centímetro do meu

corpo. Me fez ficar parada enquanto ele me provocava e me torturava, quando tudo que eu queria era chupar seu pau. Toda vez que eu tentava me mover, para assumir, ele me impedia.

Eu não sei porque eu tenho tanto prazer em agradá-lo, mas eu gostei mais do que estar satisfeita. Isso é provavelmente definido nas linguagens do amor ou em alguma besteira. Minha linguagem de amor era atos de serviço. A linguagem do amor de Jeremy estava levando seu pau para o peito. Nós éramos um par perfeito.

Ele estava a momentos do clímax quando uma das meninas começou a chorar. Ele gemeu e eu revirei os olhos, e nós dois pegamos o monitor. Ele para olhar para eles. Eu para desligá-lo.

Eu podia senti-lo ficando mais suave dentro de mim, então tirei o plugue da parte de trás do monitor. Ainda podíamos ouvir os gritos vindo do corredor, mas eu tinha certeza de que poderia afogá-los se ele retomasse de onde paramos.

— Eu vou verificar — disse ele, tentando sair de mim. Eu o puxei de volta para a cama e subi em cima dele.

— Eu vou quando você terminar. Deixe ela chorar por alguns minutos. É bom para elas.

Ele não parecia confortável com isso, mas uma vez que minha boca estava de volta em seu pau, ele aceitou.

Eu fiquei muito melhor engolindo em comparação com a primeira vez que tentei. Eu podia senti-lo pronto para vir, então fingi que estava engasgando. Eu não sei porque, mas isso sempre o afastou, pensando que eu estava sufocando em seu pau. Homens. Ele gemeu, e eu o forcei a descer pela garganta com outro som gorgolejante, e então tudo acabou. Eu engoli, limpei minha boca e me levantei. — Vá dormir. Eu posso lidar com isso.

Eu realmente queria lidar com isso dessa vez. Foi a primeira vez que eu senti algo além de irritação com o pensamento de ter que alimentá-las. Mas eu queria alimentar a Chastin. Segure-a, acaricie-a, ame-a. Eu estava animada quando me aproximei do quarto delas.

Mas esse entusiasmo transformou-se em irritação assim que vi que era Harper quem estava chorando.

Quão decepcionante.

Seus berços estavam frente a frente e fiquei surpresa que Chastin estivesse dormindo através dos gritos de Harper. Passei por Harper e olhei

para Chastin.

Doeu o quanto eu senti por ela naquele momento. Doe u o quanto eu queria que Harper calasse a boca.

Levantei Chastin do berço e levei-a para a cadeira de balanço. Quando me sentei com ela, ela se mexeu em meus braços. Eu pensei sobre o meu sonho e como eu estava com medo de ver Harper tentando machucá-la. Eu pensei que poderia chorar só de pensar em perdê-la algum dia. Ao pensar nisso tudo um dia possivelmente se tornando realidade.

Talvez o que eu senti foi a intuição da mãe. Talvez, no fundo, soubesse que algo terrível iria acontecer com Chastin, e é por isso que eu recebi aquele amor imenso e repentino por ela. E se fosse a maneira como o universo me dizia para amar aquela menina tanto quanto eu pudesse, porque eu não a teria por tanto tempo quanto eu teria Harper?

Talvez por isso não sentisse nada por Harper ainda. Porque Chastin era aquela cuja vida seria interrompida. Ela morreria e então Harper seria a única que restaria.

Eu sabia, em algum lugar dentro de mim, que devia estar enterrando o amor que tinha por Harper. Salvando depois do meu tempo com Chastin.

Eu apertei meus olhos, recebendo uma dor de cabeça dos gritos de Harper. *Cala a boca! Chorona, Chorona, Chorona! Estou tentando me relacionar com meu bebê!*

Tentei ignorá-lo por mais alguns minutos, mas temia que isso preocupasse Jeremy. Eu finalmente coloquei Chastin de volta em sua cama, surpresa que ela ainda estava dormindo. Ela é realmente um bom bebê. Mudei-me para o berço de Harper e olhei para ela, enchendo-me de raiva. De alguma forma, senti como culpa dela que eu tive o sonho.

Talvez eu estivesse interpretando mal o meu sonho. Talvez não tenha sido uma premonição. Talvez tenha sido um aviso. Se eu não fizesse algo sobre Harper antes que fosse tarde demais, Chastin morreria.

De repente eu tive esse desejo irresistível de corrigir o que eu sabia que ia acontecer. Nunca, em toda a minha vida, um sonho tinha sido tão vívido para mim. Eu senti que se eu não fizesse algo sobre isso naquele momento, isso se tornaria realidade a qualquer momento. Pela primeira vez, não pude suportar a ideia de perder Chastin. Doe u quase tanto quanto o pensamento de perder Jeremy.

Eu não sabia nada sobre o fim de uma vida, muito menos a vida de uma

criança. A única vez que eu tentei, resultou em nada mais do que um arranhão. Mas eu ouvi falar de SIDS. Jeremy me fez ler sobre isso. Não é incomum, mas eu não sabia o suficiente sobre isso para saber se eles seriam capazes de dizer a diferença entre a sufocação e o SIDS.

Eu já tinha ouvido falar de pessoas engasgadas enquanto dormiam em seu próprio vômito. Isso provavelmente seria mais difícil de declarar um ato intencional.

Eu toquei meu dedo nos lábios de Harper. Sua cabeça se moveu para frente e para trás rapidamente, pensando que era uma garrafa. Ela pegou e começou a chupar a ponta do meu dedo, mas ela não estava satisfeita. Ela soltou meu dedo e começou a gritar novamente. Chutando. Eu enfiei meu dedo mais em sua boca.

Ela ainda estava chorando, então continuei a empurrar. Ela fez um som ofegante, mas de alguma forma ainda estava chorando. Talvez um dedo não fosse suficiente.

Eu empurrei dois dedos em sua boca e garganta, até que meus dedos foram pressionados contra suas gengivas e ela não estava mais chorando. Eu a observei por um momento, e logo seus braços começaram a endurecer entre cada movimento violento de seu corpinho. Suas pernas trançadas.

Isso é o que ela teria feito com sua irmã se eu não tivesse feito isso com ela primeiro. Estou salvando a vida de Chastin.

— Ela está bem? — Jeremy perguntou.

Porra. Merda. Merda.

Eu tirei meus dedos da boca de Harper e a peguei, pressionando o rosto no meu peito para que Jeremy não pudesse ouvi-la ofegando por ar. — Eu não sei — eu disse, virando-me para ele. Ele estava atravessando a sala. Minha voz estava frenética. — Eu não consigo fazê-la feliz. Eu tentei de tudo. — Eu estava acariciando a parte de trás de sua cabeça, tentando mostrar a ele como eu estava preocupada.

Quando ela vomitou em mim. Assim que ela vomitou, ela gritou. Lamentou. Sua voz soava rouca e ela estava ofegante entre os gritos. Foi um grito como nenhum de nós jamais ouvira antes. Jeremy rapidamente a agarrou, puxando-a de mim para que ele pudesse tentar acalmá-la.

Ele nem se importava que ela tivesse vomitado em mim. Ele nem sequer olhou para mim. Ele estava cheio de preocupação, as sobrancelhas juntas, a testa enrugada quando ele a inspecionou. Mas, apesar de toda essa

preocupação, nada disso era para mim. Foi apenas apontado na direção de Harper.

Prendi a respiração e fui direto para o banheiro, com medo de respirar o cheiro. Era a única coisa que eu mais odiava ser mãe. Todo o maldito vômito.

Enquanto eu estava no banheiro, Jeremy fez uma garrafa para Harper. Quando saí do banho, ela já havia voltado a dormir. Ele estava em nossa cama, conectando o monitor de vídeo de volta.

Eu congelei quando estava subindo na cama. Olhei para o monitor de vídeo, para a vista perfeita dos berços de Harper e Chastin.

Como eu pude esquecer a porra do monitor?

Se ele tivesse visto o que eu estava fazendo com Harper, ele teria terminado comigo.

Como eu poderia ter sido tão descuidada?

Dormi muito pouco naquela noite, imaginando o que Jeremy teria feito comigo se ele me pegasse tentando salvar Chastin de sua irmã.



Oh, meu Deus. Eu dobro em minha cadeira, segurando meu estômago. Por favor... por favor... eu digo em voz alta. Embora eu não saiba por que ou para quem estou dizendo isso.

Eu preciso sair desta casa. Eu sinto que não posso respirar. Eu deveria ir sentar fora e tentar limpar a minha cabeça de tudo que acabei de ler.

Toda vez que estou lendo o manuscrito, meu estômago cólica de todo o tempo que gasto apertando-o. Folheei vários capítulos além do capítulo cinco, mas nenhum foi tão horripilante quanto o capítulo que detalhava como ela tentava sufocar sua filha pequena.

Nos capítulos subseqüentes, Verity focou principalmente em Jeremy e Chastin, raramente mencionando Harper, o que se tornou mais perturbador em cada parágrafo. Ela falou sobre o dia em que Chastin virou um, e ela falou sobre quando Chastin passou a noite na casa da mãe de Jeremy pela primeira vez aos dois anos de idade. Tudo o que inicialmente tinha sido “as gêmeas” em seu manuscrito acabou diminuindo para apenas “Chastin”. Se eu não soubesse melhor, eu pensaria que algo havia acontecido com Harper muito antes disso.

Não foi até as meninas terem três anos que ela escreveu sobre as duas novamente. Mas assim que começo o capítulo, há uma batida forte na porta do escritório.

Eu abro a gaveta da mesa e empurro rapidamente o manuscrito dentro dela. — Entre.

Quando ele abre a porta, eu tenho uma mão no mouse e a outra descansando casualmente no meu colo.

— Eu fiz tacos.

Eu sorrio para ele. — Já está na hora de comer?

Ele ri. — Já passa das dez. Era hora de comer três horas atrás.

Eu olho para o relógio no computador. *Como perdi a noção do tempo?* Eu acho que isso acontece quando você está lendo sobre uma mulher psicótica abusando de seus filhos. — Eu pensei que eram oito horas.

— Você está aqui há doze horas — diz ele. — Dê um tempo. Há uma chuva de meteoros esta noite, você precisa comer e eu te fiz uma margarita.

Margaritas e tacos...

...

Eu comi na varanda dos fundos enquanto nos sentamos em cadeiras de balanço e assistimos a chuva de meteoros. Não eram muitos no começo, mas agora estamos vendo um a cada minuto, pelo menos.

Em um ponto, eu mudei da varanda para o quintal. Eu estou de costas na grama, olhando para o céu. Jeremy finalmente cede e se posiciona ao meu lado.

— Eu esqueci como o céu parecia — eu digo baixinho. — Eu estou em Manhattan há muito tempo.

— É por isso que saí de Nova York — diz Jeremy. Ele aponta para a esquerda, no final de um meteoro. Nós assistimos até que ele desapareça.

— Quando você e Verity compraram esta casa?

— Quando as meninas tinham três. Os dois primeiros livros da Verity já haviam sido lançados e estavam indo muito bem, então decidimos.

— Por que Vermont? Algum de vocês tem família aqui?

— Não. Meu pai morreu quando eu estava na minha adolescência. Minha mãe morreu há três anos. Mas eu cresci no estado de Nova York, em uma fazenda de alpaca, se você pode acreditar nisso.

Eu rio, voltando-me para olhar para ele. — Sério? Alpacas?

Ele concorda.

— Como, exatamente, alguém ganha dinheiro criando alpacas?

Jeremy ri dessa pergunta. — Eles não, realmente. É por isso que me formei em administração e fui para o mercado imobiliário. Eu não tive nenhum interesse em assumir uma fazenda endividada.

— Você acha que vai voltar a trabalhar em breve?

Minha pergunta faz com que Jeremy pare. — Eu gostaria. Eu estive

esperando o momento certo para que não seja um grande ajuste para Crew, mas nunca parece ser a hora certa.

Se fôssemos amigos, eu faria algo para consolá-lo. Talvez pegar a mão dele e segurar. Mas há muito dentro de mim que quer ser mais do que ser sua amiga, o que significa que não podemos ser amigos. Se uma atração está presente entre duas pessoas, essas duas pessoas só podem ser uma das duas coisas. Envolvido ou não envolvido. Não há intermediários.

E já que ele é casado... eu mantenho minha mão no peito e não o toco de jeito nenhum.

— E os pais da Verity? — Eu pergunto, precisando que a conversa continue fluindo para que ele não escute o quanto ele exagera cada vez que respira.

Ele levanta as mãos do peito em um gesto de não sei. — Eu mal os conheço. Eles não estavam por perto muito antes de cortarem a Verity de suas vidas.

— Eles a cortaram? Por quê?

— É difícil explicá-los — diz ele. — Eles são estranhos. Victor e Marjorie, insanamente religiosos em seu núcleo. Quando descobriram que Verity estava escrevendo romances de suspense e terror, eles agiam como se ela estivesse de repente denunciando sua religião para participar de um culto satânico. Eles disseram a ela que se ela não parasse, eles nunca mais falariam com ela.

Isso é inacreditável. Tão frio. Por um segundo, tenho empatia de Verity, imaginando se sua falta de instinto materno foi herdada. Mas minha empatia evapora quando lembro o que ela fez com Harper em seu berço.

— Quanto tempo durou o distanciamento deles?

— Vamos ver — diz Jeremy. — Ela escreveu seu primeiro livro treze anos atrás. Então... treze anos.

— Eles ainda não falaram com ela? Eles sabem mesmo sobre o que aconteceu?

Jeremy acena com a cabeça. — Eu liguei para eles depois que Chastin morreu. Deixei-lhes uma mensagem de voz. Eles nunca ligaram de volta. Então, quando Verity teve seu acidente, seu pai atendeu o telefone. Quando contei a ele o que havia acontecido, para as garotas e para Verity, ele ficou em silêncio. Então disse: — Deus castiga os iníquos, Jeremy. — Eu desliguei. Não ouvi falar deles desde então.

Eu puxo a mão para o meu coração e olho para o céu em descrença. — Uau.

— Sim. — ele sussurra.

Estamos quietos por um tempo. Nós vemos dois meteoros, um para o sul e um para o leste. Jeremy aponta para eles duas vezes, mas não diz nada. Quando há uma calmaria tanto na conversa quanto nos meteoros, Jeremy se levanta ao meu lado, de bruços, e olha para mim.

— Você acha que eu deveria colocar Crew de volta na terapia?

Eu inclino minha cabeça para que eu esteja olhando para ele. Estamos a apenas um pé de distância com ele posicionado assim. Talvez um pé e meio. Está tão perto que posso sentir o calor vindo dele.

— Sim.

Ele parece apreciar minha honestidade. — Tudo bem — diz ele, mas ele não se abaixa para a grama. Ele continua a me encarar, como se quisesse me perguntar outra coisa. — Você foi à terapia?

— Sim. Foi a melhor coisa que já aconteceu comigo. — Eu olho de volta para o céu, não querendo ver a expressão em seu rosto depois da minha próxima frase. — Depois de ver as imagens de mim naquele corrimão, fiquei preocupada que no fundo significasse que eu queria morrer. Por semanas eu tentei lutar contra o meu sono. Eu estava com medo de ter me machucado intencionalmente. Mas meu terapeuta me ajudou a perceber que o sonambulismo não tem relação com a intenção. E depois de vários anos sendo informada disso, eu finalmente acreditei.

— Sua mãe foi para a terapia com você?

Eu ri. — Não. Ela nem queria falar comigo sobre minha própria terapia. Algo aconteceu naquela noite, quando eu quebrei meu pulso, e isso a mudou. Nosso relacionamento, de qualquer maneira. Nós sempre nos sentimos desconectadas depois disso. Minha mãe realmente me lembra muito... — paro de falar porque percebo que estava prestes a dizer Verity.

— Lembra quem?

— O personagem principal da série da Verity.

— Isso é ruim? — Ele pergunta.

Eu ri. — Você realmente não leu nenhum deles?

Ele deita na grama, quebrando o contato visual comigo. — Apenas o primeiro.

— Por que você parou?

— Porque... foi difícil para mim entender que tudo veio de sua imaginação.

Eu quero dizer a ele que ele está certo em se preocupar, porque os pensamentos de sua esposa são estranhamente semelhantes aos pensamentos de sua personagem. Mas eu não quero que ele tenha essa impressão dela neste momento. Depois de tudo o que ele passou, ele merece pelo menos ser capaz de preservar uma lembrança positiva de seu casamento.

— Ela costumava ficar tão brava comigo porque eu não lia os manuscritos dela. Ela precisava dessa validação de mim, mesmo que ela conseguisse em qualquer outro lugar. Seus leitores, seu editor, seus críticos. Por alguma razão, minha validação parecia ser a única validação que ela queria.

Porque ela estava obcecada por você.

— Onde você obtém sua validação? — Pergunta ele.

Eu viro minha cabeça para ele novamente. — Eu não recebo, realmente. Meus livros não são populares. Quando recebo uma crítica positiva ou recebo um email de um fã, nunca me sinto como se estivessem a falar comigo. Provavelmente porque sou tão reclusa e nunca dou autógrafos. Eu não coloco minha imagem lá fora, então mesmo que haja leitores que amam o que eu faço, eu ainda não tive a experiência de ser dito na minha cara que o que eu faço é importante para alguém. — Eu suspiro. — Isso seria bom, imagino. Para alguém me olhar nos olhos e dizer: ‘Sua escrita é importante para mim, Lowen.’

Assim que termino a frase, um meteoro dispara pelo céu. Nós dois o seguimos e observamos enquanto ele se espalha pela água, refletindo no lago. Eu olho para o lago, emoldurando a cabeça de Jeremy.

— Quando você vai começar um novo cais? — Eu pergunto a ele. Ele finalmente terminou de rasgar o antigo completamente hoje.

— Eu não estou construindo um novo cais — ele diz, de fato. — Eu só fiquei doente de olhar para aquele.

Eu o faria expandir mais sobre isso, mas ele não parece querer.

Ele está me observando. Mesmo que Jeremy e eu tenhamos feito muito contato visual hoje à noite, parece diferente neste momento. Mais pesado. Eu noto que seus olhos piscam em direção aos meus lábios. Eu quero que ele me beije. Se ele tentasse, eu não iria pará-lo. Eu nem tenho certeza se me sentiria culpada.

Ele suspira pesadamente e deixa a cabeça rolar para trás na grama até que ele está olhando para as estrelas novamente.

— O que você está pensando? — Eu sussurro.

— Estou pensando que é tarde. E eu provavelmente deveria trancá-la em seu quarto agora.

Eu ri de sua escolha de palavras. Ou talvez eu ria porque eu tive duas margaritas. Seja qual for o motivo, minha risada o faz *rir*. *E o que quase se tornou um momento em que ele provavelmente acabaria lamentando se transforma em um momento cheio de alívio.*

Vou ao escritório pegar o laptop para poder trabalhar no quarto depois que ele for dormir. Quando ele está apagando as luzes da cozinha, eu abro a gaveta da mesa e pego um pequeno punhado do manuscrito para levar para o meu quarto comigo. Eu coloco as páginas entre o laptop e meu peito.

Há uma nova fechadura do lado de fora da porta do quarto que eu não vi. Não quero examiná-la ou descobrir se ela pode ser desbloqueada por dentro, porque tenho certeza de que meu subconsciente se lembraria disso e, de alguma forma, passaria por ela.

Jeremy está atrás de mim quando eu entro no quarto e coloco minhas coisas na cama.

— Você tem tudo que precisa? — Pergunta ele da porta.

— Sim. — Eu ando de volta para a porta para que eu possa trancá-la por dentro depois de fechá-la.

— Tudo bem, então. Boa noite.

— Tudo bem — eu repito com um sorriso. — Boa noite.

Eu vou fechar a porta, mas ele levanta a mão, impedindo-me de fechar todo o caminho. Eu a abro novamente e, na fração de segundo desde que quase a fechei, a expressão dele mudou.

— Low — ele diz, sua voz quieta. Ele inclina a cabeça contra o batente da porta e olha para mim. — Eu menti para você.

Eu tento não parecer muito preocupada, mas estou. Suas palavras correm através de mim, e penso em nossa conversa hoje à noite, as conversas que vieram antes. — Você mentiu sobre o que?

— Verity nunca leu o seu livro.

Eu quero dar um passo para trás, para mascarar a minha decepção na escuridão. Mas eu fico parada, apertando a maçaneta com a mão esquerda. — Por que você diria isso se não fosse verdade?

Ele fecha os olhos por um breve momento enquanto inala. Quando ele os abre, ele se levanta em linha reta através de sua expiração. Ele levanta os braços e agarra o topo do batente da porta. — Fui eu quem leu o seu livro. E foi bom. Fenomenal. Por isso sugeri seu nome ao editor dela. — Ele abaixa um pouco a cabeça, olhando-me com firmeza nos olhos. — Sua escrita é importante para mim, Lowen.

Ele abaixa os braços, agarra a maçaneta e fecha a porta. Eu o ouço trancar a fechadura antes que seus passos desapareçam no andar de cima.

Eu caio contra a porta, pressionando minha testa contra a madeira.

E sorrio porque, pela primeira vez na minha carreira, alguém além do meu agente me deu validação.

Eu me aconchego na cama com o capítulo que eu trouxe comigo. Jeremy me fez sentir tão bem agora, nem me importo de ficar um pouco perturbada com a esposa dele antes que eu adormeça.

Que Assim Seja

Capítulo 9

Chapter Nine

Frango e bolinhos.

Foi a quinta refeição que cozinhei depois de morar em nossa nova casa por duas semanas.

É a única refeição que Jeremy jogou contra a parede da sala de jantar.

Eu sabia há vários dias que ele estava chateado comigo. Eu não sabia porque. Ainda fazíamos sexo quase todos os dias, mas até o sexo parecia diferente. Como se ele estivesse desconectado. Fodendo-me porque era nossa rotina e não porque ele me ansiava.

Essa é a razão pela qual eu decidi cozinhar os malditos bolinhos em primeiro lugar. Eu estava tentando ser legal fazendo uma de suas refeições favoritas. Ele estava tendo dificuldade em se adaptar ao novo emprego. Para piorar as coisas, ele ficou chateado comigo por colocar as meninas na creche sem consultá-lo primeiro.

De volta a Nova York, contratamos uma babá assim que meus livros começaram a ser vendidos. Ela aparecia todas as manhãs quando Jeremy saía para o trabalho para que eu pudesse me retirar para meu escritório e escrever todos os dias. Então ela saíria quando Jeremy chegasse em casa, eu saíria do meu escritório e cozinharíamos juntos.

Foi uma ótima configuração, vou admitir. Eu nunca tive que cuidar delas quando Jeremy não estava por perto porque nós tínhamos a babá. Mas aqui fora, no meio do nada, babás são difíceis de encontrar. Eu tentei vê-las nos dois primeiros dias, mas isso foi além de ser exaustivo, e eu não estava escrevendo nada. Então, numa manhã da semana passada, eu estava tão farta que as levei para a cidade e as matriculei na primeira creche que encontrei.

Eu sabia que Jeremy não gostava disso, mas ele percebeu que tínhamos que fazer algo se ambos quiséssemos continuar a trabalhar. Eu tinha mais sucesso do que ele, então se alguém ia ficar em casa e cuidar delas durante o dia, certamente não seria eu.

Mas as meninas que estavam na creche não eram o que o incomodava. Ele parecia gostar da interação que elas estavam tendo com outras crianças, porque ele não conseguia calar a boca sobre isso. Mas descobrimos alguns meses antes que Chastin tinha uma alergia severa a amendoim, então Jeremy foi cauteloso. Ele não queria que ninguém cuidasse dela além de nós. Ele temia que a creche fosse descuidada, embora Chastin fosse garota de quem eu realmente gostava. Eu não era idiota. Eu me certifiquei de que eles soubessem tudo sobre sua alergia.

Fosse o que fosse que o tivesse irritado comigo, eu tinha certeza que era algo que uma tigela de bolinhos e uma boa foda iria ajudá-lo a esquecer.

Eu intencionalmente comecei a jantar tarde naquela noite para que as garotas estivessem na cama quando comíamos. Elas tinham apenas três anos, por sorte, estavam escondidas às sete. Eram quase oito horas quando pus a mesa e chamei Jeremy para vir e comer.

Eu tentei torná-lo o mais romântico possível, mas é difícil fazer frango e bolinhos sexy. Acendi velas na mesa e montei minha lista de reprodução pelos alto-falantes sem fio. Eu usava roupas, mas embaixo delas eu usava lingerie. Algo que não fiz frequentemente.

Eu tentei conversar com ele enquanto comíamos.

— Eu acho que Chastin está totalmente treinada para o penico agora — eu disse a ele. — Eles estão trabalhando com ela na creche.

— Isso é bom — disse Jeremy, percorrendo o telefone com uma mão e comendo com a outra.

Esperei um momento, esperando que o que quer que estivesse em seu telefone fosse um banco de trás para nós. Quando isso não aconteceu, eu me ajustei no meu lugar e tentei agarrar sua atenção novamente. Eu sabia que a conversa sobre as garotas era o assunto favorito dele.

— Quando as peguei hoje, a professora disse que ela aprendeu sete cores esta semana.

— Quem? — Ele disse, finalmente fazendo contato visual comigo.

— Chastin.

Ele olhou para mim, deixou cair o telefone na mesa e deu outra mordida.

Que porra é o problema dele?

Eu podia ver a raiva que ele estava tentando sufocar, e isso me deixou nervosa. Jeremy nunca se aborreceu e, quando o fez, eu quase sempre sabia por que ele estava assim. Mas isso foi diferente. Estava saindo do campo esquerdo.

Eu não aguentava mais. Sentei-me na minha cadeira e deixei cair o guardanapo na mesa. — Porque é que você está zangado comigo?

— Eu não estou bravo. — Ele disse isso rápido demais.

Eu ri. — Você é patético.

Ele estreitou os olhos e inclinou a cabeça. — Desculpe?

Eu me inclinei para frente. — Apenas me diga, Jeremy. Chega desse tratamento silencioso de merda. Seja homem e me diga qual é o seu problema.

Seus punhos cerraram e depois se abriram. Então ele se levantou e deu um tapa na tigela, espalhando-a pela mesa e por toda a parede da sala de jantar. Eu nunca o vi perder a paciência. Eu endureci, com os olhos arregalados, enquanto ele saía da cozinha.

Eu o ouvi bater a porta do nosso quarto. Eu olhei para a bagunça e sabia que teria que limpá-la depois que nós conversássemos, para que ele soubesse o quanto eu o apreciava. Mesmo que ele estivesse sendo um grande babaca.

Enfiei minha cadeira embaixo da mesa e caminhei até o quarto. Ele estava andando de um lado para o outro. Quando fechei a porta atrás de mim, ele olhou para cima e fez uma pausa. Ele estava se esforçando tanto naquele momento para colocar suas palavras em ordem – tudo o que ele precisava dizer para mim. Tão zangada quanto eu estava por ele por ter jogado a refeição que eu havia trabalhado tanto para ele, me senti mal por ele estar chateado.

— É constante, Verity — disse ele. — Você fala sobre ela *constantemente*. Você nunca fala sobre Harper. Você nunca me conta o que Harper aprendeu na escola ou como Harper está indo com o treinamento do penico ou todas as coisas fofas que Harper disse. É Chastin, o tempo todo, todo dia.

Merda. Mesmo com o quanto eu tento esconder isso, ele ainda vê. — Isso não é verdade — eu disse.

— É verdade. E eu tentei manter minha boca fechada, mas elas estão ficando mais velhas. Harper vai perceber que você as trata de maneira

diferente. Não é justo para ela.

Eu não sabia como sair dessa situação. Eu poderia ter ficado na defensiva, acusado ele de algo que eu não gostei. Mas eu sabia que ele estava certo, então eu precisava encontrar uma maneira de fazê-lo pensar que ele estava errado. Felizmente, ele se afastou de mim, então me deu um momento para pensar. Eu olhei para cima, como se estivesse me voltando para Deus em busca de conselhos. Garota estúpida. Deus não vai te ajudar com isso.

Eu dei um passo para frente, cautelosamente. — Amor. Não é que eu goste mais de Chastin. Ela é apenas... mais inteligente que Harper. Então ela realiza as coisas primeiro.

Ele gira, mais furioso do que antes de eu sequer abrir a boca. — Chastin não é mais inteligente que Harper. Elas são diferentes. Mas Harper é muito inteligente.

— Eu sei disso — eu disse, dando mais um passo em direção a ele. Eu mantive minha voz baixa. Doce. Não ofendida. — Isso não foi o que eu quis dizer. Eu quis dizer... é mais fácil para mim ter uma reação ao que Chastin faz porque Chastin gosta disso. Ela é animada, como eu. Harper não é. Eu dou a ela uma afirmação silenciosa. Eu não faço um show disso. Ela é como você desse jeito.

Seu olhar era inabalável, mas eu tinha quase certeza de que ele estava comprando, então continuei.

— Eu não empurro Harper quando ela está com esses humores, então sim, eu falo mais sobre Chastin. Às vezes eu me concentro mais nela. Mas só porque percebo que são duas crianças diferentes com dois conjuntos diferentes de necessidades. Eu tenho que ser duas mães diferentes para cada uma delas.

Eu era boa em vomitar besteira. É por isso que me tornei escritora.

A raiva de Jeremy estava lentamente desaparecendo. Sua mandíbula não estava tão tensa quanto ele passou a mão pelo cabelo, absorvendo o que eu acabara de dizer. — Eu me preocupo com Harper — disse ele. — Mais do que deveria, tenho certeza. Eu não acho que tratá-las de forma diferente é a coisa certa a fazer daqui para frente. Harper pode notar a diferença.

Um mês antes, um dos funcionários da creche havia expressado preocupação comigo sobre Harper. Não foi até aquele momento — quando Jeremy estava expressando sua preocupação por ela — que eu me lembrei dela mencionando isso para mim. Ela disse que acha que deveríamos fazer o teste

para o Asperger. Eu tinha esquecido tudo até aquele momento durante a minha briga com Jeremy. E graças a Deus eu me lembrei porque era a maneira perfeita de fazer backup da minha defesa.

— Eu não ia mencionar isso porque eu não queria que você se preocupasse — eu disse a ele. — Mas uma das professoras da creches me disse que acha que deveríamos ter Harper testado para o Asperger.

A preocupação de Jeremy cresceu dez vezes naquele momento. Tentei subjugar essa preocupação o mais rápido possível.

— Eu já chamei um especialista. — Pelo menos vou ligar amanhã. — Eles vão ligar de volta quando tiverem uma abertura.

Jeremy pegou o telefone, desviando-se do possível diagnóstico. — Eles acham que Harper está no espectro do autismo?

Eu peguei o telefone dele das mãos dele.

— Não. Você se preocupará até o compromisso. Vamos falar com o especialista primeiro porque a internet não é o lugar onde precisamos buscar respostas para nossa filha.

Ele assentiu e então me puxou para um abraço. — Sinto muito — ele sussurrou contra o lado da minha cabeça. — Tem sido uma semana de merda. Eu perdi um grande cliente no trabalho hoje.

— Você não tem que trabalhar, Jeremy. Ganho dinheiro suficiente para você passar mais tempo em casa com as meninas, se isso facilitar as coisas.

— Eu enlouqueceria se não trabalhasse.

— Talvez sim, mas vai ser muito caro colocar três crianças na creche.

— Nós podemos pagar... — Ele fez uma pausa, recuando. — Você disse... três?

Eu assenti. Eu estava mentindo, claro, mas queria que o clima da noite desaparecesse. Eu queria que ele fosse feliz. E ele ficou tão feliz depois que eu disse que estava grávida de novo.

— Você tem certeza? Eu pensei que você não queria mais.

— Eu estava desleixada com a pílula algumas semanas atrás. É cedo ainda. Realmente cedo. Eu descobri esta manhã. — Eu sorri. Então eu sorri ainda mais.

— Você está feliz com isso?

— Claro que estou. Você está?

Ele riu um pouco, depois me beijou e tudo voltou ao normal. Graças a Deus.

Eu agarrei sua camisa no meu punho e o beijei de volta com tudo em mim, querendo que ele esquecesse tudo sobre a briga que estávamos tendo. Ele poderia dizer pelo meu beijo que eu queria mais do que apenas um beijo. Ele tirou minha camisa e tirou a sua. Ele me beijou enquanto recuava para a cama. Quando ele tirou minhas calças, ele viu o sutiã e a calcinha que eu tinha colocado para ele.

— Você está vestindo lingerie? — Ele perguntou. Ele baixou a cabeça no meu pescoço. — E você fez minha refeição favorita — disse ele, desapontado. Eu não sabia por que ele parecia desapontado até que ele se afastou, tirou o cabelo do meu rosto e disse: — Eu sinto muito, Verity. Você estava tentando tornar esta noite especial e eu arruinei isso para você.

O que ele não entende é que ele nunca poderia arruinar uma noite para mim quando termina com ele me amando. Concentrando-se em mim.

Eu balancei a cabeça. — Você não estragou tudo.

— Eu fiz. Eu joguei minha comida, gritei com você. — Ele trouxe sua boca para a minha. — Eu vou compensar você.

E ele fez. Ele me fodeu devagar, me beijando o tempo todo, revezando-se com cada mamilo enquanto os chupava. Se eu tivesse amamentado, ele estaria gostando tanto dos meus seios?

Eu duvidei disso. Mesmo depois das gêmeas, meu corpo estava quase perfeito. Além da cicatriz no meu abdômen, as partes mais importantes de mim ainda estavam intactas. Ainda bastante firme. E o templo de Jeremy entre as minhas pernas ainda estava bom e apertado.

Quando ele me pegou perto da borda, ele saiu de mim. — Eu quero provar você — disse ele, descendo pelo meu corpo até que sua língua estava se espalhando.

Claro que você quer me provar, pensei. Eu mantive as coisas no tato para você lá embaixo. Seja bem-vindo.

Ele ficou entre as minhas pernas até eu gozar pra ele. Duas vezes. Quando ele começou a rastejar de volta pelo meu corpo, ele parou no meu estômago e me beijou lá. Então ele estava dentro de mim novamente, sua boca na minha. — Eu te amo — ele sussurrou entre beijos. — Obrigado.

Ele estava me agradecendo por estar grávida.

Ele fez amor comigo com tanto cuidado, com muita compaixão. Quase valeu a pena fingir a gravidez só para que ele me amasse assim de novo. Para obter nossa conexão de volta.

Se havia uma coisa boa que as garotas traziam para a nossa vida, era que Jeremy parecia me amar mais quando eu estava grávida. Agora que ele achava que eu estava prestes a dar a ele um terceiro filho, eu já podia sentir o amor dele se multiplicando novamente.

Havia uma pequena parte de mim que estava preocupada em fingir a gravidez, mas eu sabia que tinha opções se não engravidasse naquela semana. Abortos eram tão fáceis de fingir quanto gravidez.



Já faz mais de uma semana que estou lendo o manuscrito de Verity, e estou entediada. Eu estou achando repetitivo. Capítulo após capítulo de sexo detalhado com Jeremy. Muito pouco a ver com seus filhos. Ela escreveu dois parágrafos sobre o nascimento de Crew, mas depois falou sobre a primeira vez que eles conseguiram foder depois que Crew nasceu.

Chegou a um ponto em que comecei a sentir inveja. Não gosto de ler sobre a vida sexual de Jeremy. Eu folheei um capítulo esta manhã, mas finalmente joguei de lado para voltar ao trabalho. Eu terminei o rascunho para o primeiro livro hoje e entreguei ao Corey para ter um feedback. Ele disse que o encaminharia ao editor da Pantem, porque ele ainda não leu nenhum dos livros da Verity e não saberia se o rascunho é suficiente. Até que eu tenha notícias deles, eu realmente não quero começar o segundo rascunho. Se eles voltarem querendo mudanças, terá sido um desperdício de trabalho.

Eu estou aqui há quase duas semanas agora. Corey diz que eles processaram meu adiantamento e que ele deve chegar a minha conta a qualquer momento. Assim que obtiver o feedback de Pantem, provavelmente será hora de seguir em frente. Eu fiz tudo o que podia fazer no escritório da Verity. Se não fosse por não ter para onde ir até que o dinheiro chegasse à minha conta, eu já teria saído.

Eu bati em uma parede hoje. Estou cansada de trabalhar tanto nas últimas duas semanas. E eu pude ler mais da autobiografia de Verity, mas não estou com vontade de ler sobre todas as formas como Verity pôde chupar o pau do marido.

Sinto falta da televisão. Eu não pisei na sala deles desde que cheguei aqui há quase duas semanas. Eu deixo os limites do escritório da Verity e faço um

saco de pipoca, depois sento no sofá da sala e ligo a televisão. Eu mereço ser um pouco preguiçosa porque amanhã é meu aniversário, mas não estou planejando contar isso a Jeremy.

Eu continuo olhando para o topo das escadas porque eu tenho a visão perfeita do sofá, mas Jeremy não está em lugar nenhum. Eu não vi muito dele nos últimos dias. Eu acho que nós dois sabemos o quão perto nós chegamos de nos beijar na outra noite, e quão inapropriado isso seria, então nós temos evitado um ao outro.

Eu mudo o canal para o HGTV^[1] e sigo para o sofá. Eu assisti cerca de quinze minutos de uma reforma de uma casa quando finalmente ouvi Jeremy descendo as escadas. Ele faz uma pausa no meio do caminho quando me vê na sala de estar. Então ele desce o resto das escadas e faz o seu caminho, juntando-se a mim no sofá. Ele se senta no meio, perto o suficiente para alcançar e pegar um pouco da minha pipoca, mas longe o suficiente para que não corramos o risco de nos tocar.

— Pesquisa? — diz ele apoiando os pés na mesa de café na frente dele.

Eu ri.

— Claro. Sempre trabalhando.

Ele pega mais pipoca desta vez, colocando algumas na mão.

— Verity ficava assistindo televisão quando tinha um bloqueio de escrita. Ela dizia que às vezes provocava novas idéias.

Eu não quero falar sobre a Verity, então mudo de assunto.

— Eu terminei um rascunho hoje. Se for aprovado amanhã, eu provavelmente sairei daqui a alguns dias.

Jeremy para de mastigar e olha para mim.

— É?

Eu gosto que ele não parece feliz com o pensamento de eu sair.

— Sim. E obrigada por me deixar ficar mais tempo do que deveria.

Ele segura meu olhar.

— Mais tempo do que você deveria? — Ele começa a mastigar novamente e enfrenta a televisão. — Eu não acho que tenha sido tempo *suficiente*.

Eu não sei o que ele quis dizer com isso. Se ele acha que eu não trabalhei o suficiente enquanto estava aqui, ou se ele está dizendo isso de forma egoísta, como se ele não tivesse gasto tempo suficiente comigo.

Às vezes, especialmente agora, sinto o quanto ele é atraído por mim, mas outras vezes parece que ele trabalha tanto para negar qualquer atração que possa existir entre nós. E eu entendo isso. Eu entendo. Mas é assim que ele vai passar o resto da vida? Desistindo de grandes partes de si mesmo para cuidar de uma mulher que é apenas uma parte da pessoa com quem se casou?

Eu entendo que ele fez votos, mas a que custo? A vida toda? As pessoas se casam supondo que viverão vidas longas e felizes juntas. O que acontece quando uma dessas vidas é interrompida? Espera-se que o outro cumpra esses votos pelo resto da vida?

Não parece *justo*. Eu sei que se eu fosse casada e meu marido estivesse na situação de Jeremy, eu não gostaria que meu marido sentisse que ele nunca poderia seguir em frente. Mas eu não tenho certeza se ficarei obcecada com um homem como Verity ficou com Jeremy.

Um episódio termina e outro começa. Nenhum de nós fala por vários minutos. Não é que eu não tenha nada a dizer – tenho *muito* a dizer. Eu só não sei se é o meu lugar.

— Eu não sei muito sobre você — diz Jeremy. Sua cabeça está contra o encosto do sofá e ele está olhando para mim, casualmente. — Você já foi casada?

— Não — eu digo. — Cheguei perto algumas vezes, mas nunca deu certo.

— Quantos anos você tem?

Claro, ele me perguntaria isso quando minha idade estaria para expirar em pouco mais de uma hora.

— Você não acreditaria em mim se eu te contasse.

Jeremy ri.

— Por que não?

— Porque eu vou ter trinta e dois. Amanhã.

— Mentirosa.

— Eu não estou mentindo. Mostrarei minha carteira de motorista.

— Bom, porque eu não acredito em você.

Eu reviro meus olhos e depois vou para o quarto principal para pegar minha bolsa. Eu trago de volta a minha carteira de motorista e entrego para ele.

Ele olha para ela, balançando a cabeça.

— Que aniversário de merda — diz ele. — Sair com pessoas que você

mal conhece. Trabalhando o dia todo.

Eu dou de ombros.

— Se eu não estivesse aqui, ficaria sozinha no meu apartamento.

Ele olha para a minha carteira de motorista por mais um momento. Quando ele passa o polegar sobre a minha foto, fico com calafrios. Ele nem sequer me tocou – ele tocou a porra da minha carteira de motorista – e isso me excitou.

Eu sou patética.

Ele entrega de volta para mim e se levanta.

— Onde você vai?

— Vou te fazer um bolo — diz ele, saindo da sala de estar.

Eu sorrio e depois o sigo para a cozinha. Jeremy Crawford fazendo um bolo é algo que eu não quero perder.

...

Eu estou sentada na copa no meio da cozinha, observando-o colocar a cereja no topo do bolo. Em todos os dias que estive aqui, esta é apenas a segunda vez que me divirto. Nós não falamos sobre Verity ou nossas tragédias ou o contrato de última hora. Enquanto o bolo estava assando, sentei-me no bar, minhas pernas pendendo da borda. Jeremy encostou-se ao balcão na minha frente e conversamos sobre filmes, música, nossos gostos e desgostos.

Na verdade, começamos a nos conhecer fora de tudo que nos une. Ele estava relaxado na noite em que saímos para jantar com Crew, mas eu não o vi tão à vontade dentro dessas paredes desde que cheguei.

Eu quase – quase – entendi o vício de Verity por ele.

— Volte para a sala de estar — diz ele enquanto puxa as velas de uma gaveta.

— Por quê?

— Porque eu tenho que entrar com o seu bolo e cantar “Parabéns”. Te dar o pacote completo.

Eu rolo minha cabeça e pulo do bar, depois volto para o sofá. Eu deixo a televisão muda porque quero ouvi-lo me cantando parabéns sem interrupções. Eu continuo apertando o botão de informação no controle remoto, verificando a hora. Ele está esperando virar meia-noite para ser oficial.

Quando chega a meia-noite, posso ver o brilho das velas enquanto ele dá a volta no canto. Eu rio quando ele começa a cantar baixinho, para não acordar Crew.

— Parabén para você — ele sussurra. Ele cortou uma fatia de bolo e colocou uma vela no topo. — Nesta data querida.

Eu ainda estou rindo quando ele chega ao sofá, ajoelhando-se lentamente para que ele não derrame o bolo ou arrisque que a vela seja apagada quando ele se senta ao meu lado.

— Feliz aniversário, querida Lowen. Parabéns pra você.

Estamos de frente um para o outro no sofá para que eu possa fazer um desejo e apagar a vela, mas não tenho certeza do que desejar. Eu tive a sorte de conseguir um ótimo trabalho. Estou prestes a ganhar mais dinheiro do que já tive na minha conta bancária de uma só vez. A única coisa na minha vida que eu sinto que eu quero agora que eu não tenho é ele. Eu olho nos olhos dele, depois apago a vela.

— O que você desejou?

— Se eu disser, não se tornará realidade.

O jeito que ele sorri para mim parece um flerte.

— Talvez você possa me dizer depois que se tornar realidade.

Ele não me entrega o bolo. Ele faz uma demonstração disso, cortando com um garfo.

— Você sabe qual é o ingrediente secreto para fazer um bolo tão úmido?

Ele segura o garfo e eu tomo dele.

— Qual?

— Pudim.

Eu dou uma mordida no bolo e sorrio.

— É muito bom — eu digo com a boca cheia.

— Pudim — ele diz novamente.

Eu ri.

Ele segura o prato e eu dou outra mordida, depois ofereço-lhe o garfo. Ele sacode a cabeça.

— Eu peguei um pedaço na cozinha.

Eu não sei porque, mas eu gostaria de ter visto isso. Eu também gostaria de saber se ele tinha gosto de chocolate.

Jeremy levanta a mão.

— Você tem cobertura no seu... — Ele aponta para minha boca. Eu

esfrego, mas ele balança a cabeça. — Bem aqui. — Ele desliza o dedo pelo meu lábio inferior.

Eu engulo a mordida do bolo.

Seu polegar não sai do meu lábio. Permanece lá.

Porra. Eu não consigo respirar.

Estou doendo em todos os lugares porque ele está tão próximo, mas eu não sei o que posso fazer sobre isso. Eu quero largar meu garfo, eu quero que ele derrube o prato de bolo, eu quero que ele me beije. Mas eu não sou a casada aqui. Eu não quero dar o primeiro passo e ele não deve dar o primeiro passo, mas estou desesperada por ele.

Ele não deixa cair o bolo. Em vez disso, ele se inclina sobre mim e coloca no final da mesa. No mesmo movimento fluido, ele leva a mão à minha cabeça e pressiona seus lábios nos meus. Mesmo depois de toda a expectativa que tinha guardada por este momento, ainda parece completamente inesperado.

Fecho os olhos e deixo o garfo cair no chão, encostando no braço do sofá. Ele me segue, rastejando em cima de mim, nossos lábios nunca se desconectando. Eu separo meus lábios, e ele varre sua língua dentro da minha boca. A lentidão do beijo não dura muito tempo. Assim que temos nossos primeiros gostos um do outro, o beijo se torna maníaco. É tudo o que eu imaginei que beijar ele seria. Radiação, explosivos, dinamite. Qualquer coisa e tudo perigoso.

Nós temos gosto de chocolate enquanto trocamos beijos, indo e voltando, empurrando e puxando. Sua mão está emaranhada no meu cabelo, e a cada segundo que esse beijo continua, ficamos infundidos com o sofá abaixo de nós, ele relaxando em mim enquanto eu me derreto nas almofadas.

Sua boca deixa a minha em busca de outras partes de mim que ele parece ansioso para provar. Meu queixo, meu pescoço, o topo dos meus seios. É como se ele estivesse morrendo de fome. Ele está me beijando e me tocando com a fome de um homem que jejuou toda a sua vida.

Sua mão está deslizando por cima da minha camisa e seus dedos estão quentes, escorrendo sobre a minha pele como gotas de água quente.

Ele está de volta à minha boca, mas apenas momentaneamente. Tempo suficiente para encontrar minha língua antes que ele se afaste e tire a camisa. Minhas mãos vão para o peito dele como se pertencessem ali, pressionadas contra as curvas de seu abdômen. Eu quero dizer a ele que é isso que eu

queria quando apaguei minha vela, mas temo que qualquer conversa leve-o a pensar sobre o que estamos fazendo e como não deveríamos estar fazendo isso, então fico quieta .

Eu inclino minha cabeça para trás contra o braço do sofá, querendo que ele explore ainda mais de mim.

Ele faz. Ele tira a minha camisa e vê que eu não estou usando sutiã por baixo do meu pijama. Ele geme, e é lindo, e então ele leva meu mamilo em sua boca, forçando um gemido a escapar dos meus lábios.

Eu levanto minha cabeça para observá-lo, mas meu sangue corre frio quando meus olhos são puxados para a figura em pé no topo da escada. Ela está parada ali, observando o marido enquanto sua boca percorre meu peito. Meu corpo inteiro enrijece embaixo de Jeremy.

Os punhos de Verity se apertam ao lado dela antes que ela corra de volta na direção de seu quarto.

Eu suspiro, empurrando-o.

— Verity — eu digo, sem fôlego. Ele para de me beijar e depois ergue a cabeça, mas ele não se mexe. — Verity — eu digo de novo, querendo que ele entenda que ele precisa dar o fora de mim.

Ele levanta em seus braços, confuso.

— Verity! — Eu digo novamente, mas com mais urgência. É tudo que posso dizer. Meu medo tomou conta de mim e eu me esforço para inalar, exalar.

Mas que porra? Jeremy está de joelhos agora, segurando as costas do sofá enquanto se afasta.

— Eu sinto muito.

Eu puxo meus joelhos para cima e vou até o final do sofá, longe dele. Eu cubro minha boca.

— Oh, Deus. — As palavras batem contra meus dedos trêmulos.

Ele tenta tocar meu braço tranquilizadamente, mas eu recuo.

— Eu sinto muito — ele diz novamente. — Eu não deveria ter beijado você.

Eu estou balançando a cabeça porque ele não entende. Ele acha que eu estou chateada e me sinto culpada por ele ser casado, mas eu a vi. Em pé. Ela estava de pé. Eu aponto para o topo da escada.

— Eu a vi. — Eu sussurro, baixinho, porque estou com medo de dizer mais alto. — Ela estava em pé no topo da escada.

Eu posso ver a confusão em seu rosto quando ele se vira para as escadas. Ele olha de volta para mim.

— Ela não pode *andar*, Lowen.

Eu não sou louca. Eu me levanto e me afasto do sofá, cobrindo meu peito nu com o braço. Eu aponto para as escadas novamente, encontrando minha voz dessa vez.

— Sua maldita esposa estava no topo da porra da escada, Jeremy! Eu sei o que vi!

Ele vê nos meus olhos que estou dizendo a verdade. Dois segundos se passam antes que ele saia do sofá e suba correndo as escadas em direção ao quarto dela.

Ele não vai me deixar aqui sozinha.

Eu pego minha camisa, ponho pela minha cabeça e corro atrás dele. Eu me recuso a ficar sozinha nesta casa por mais um segundo.

Quando chego ao topo da escada, ele está parado na porta, olhando para o quarto dela. Ele me ouve se aproximando. E então ele simplesmente... sai. Ele passa por mim sem fazer contato visual e desce as escadas.

Eu dou vários passos até que estou perto o suficiente para espiar seu quarto. Eu só olho lá por um segundo. É o tempo todo que preciso ver que ela está na cama. Debaixo das cobertas. Dormindo.

Eu balancei minha cabeça, sentindo meus joelhos se curvando. Isso não pode estar acontecendo. Eu de alguma forma chego à escada, mas eu só faço a metade deles antes de ter que sentar. Eu não posso me mexer. Eu mal posso respirar. Meu coração nunca bateu tão rápido.

Jeremy está no final da escada, olhando para mim. Ele provavelmente não sabe o que pensar sobre o que aconteceu. Eu não sei o que pensar. Ele anda para frente e para trás na frente das escadas, olhando para mim de vez em quando, tenho certeza de que é porque ele está esperando que eu comece a rir da minha piada sem graça. Não foi uma piada.

— Eu a vi — eu sussurro.

Ele me ouve. Ele olha para mim, não com raiva, mas com desculpas. Ele sobe as escadas e me ajuda, então mantém o braço em volta de mim enquanto ele me leva de volta para baixo. Ele me leva para o quarto e fecha a porta, depois se enrola em volta de mim. Eu enterro meu rosto em seu pescoço, querendo a imagem dela fora da minha cabeça.

— Eu sinto muito — eu digo a ele. — Eu só... Talvez eu não tenha

dormido o suficiente... Talvez eu...

— É minha culpa — diz Jeremy, me interrompendo. — Você trabalha há duas semanas sem intervalo. Você está exausta. E então eu — nós — é paranoia. Culpa. Eu não sei. — Ele se afasta, segurando meu rosto com as duas mãos. — Eu acho que nós dois precisamos de cerca de doze horas de sono sólido.

Estou convencida do que vi. Podemos culpar a exaustão ou a culpa, mas eu a vi. Eu vi tudo. Seus punhos cerrados em seus lados. A raiva em sua expressão antes que ela corresse para longe.

— Você quer um pouco de água?

Eu sacudo minha cabeça. Eu não quero que ele vá embora. Eu não quero ficar sozinha.

— Por favor, não me deixe sozinha esta noite — Eu imploro.

Sua expressão não revela o que ele está pensando. Ele balança a cabeça, só um pouquinho, depois diz: — Eu não vou. Mas eu preciso desligar a TV e trancar as portas. Coloque o bolo na geladeira. — Ele se dirige para a porta. —Volto em alguns minutos.

Vou ao banheiro e lavo o rosto, esperando que a água fria me ajude a me acalmar. Não ajuda. Quando volto ao quarto, Jeremy desliza a fechadura pela parte de cima da porta.

— Eu não posso ficar a noite toda — diz ele. — Eu não quero que a Crew fique com medo se ele acordar e não puder me encontrar.

Eu subo na cama e encaro a janela. Jeremy sobe atrás de mim e depois se enrola em volta de mim. Eu posso sentir o batimento cardíaco dele e é quase tão rápido quanto o meu. Ele compartilha o travesseiro comigo, encontra minha mão e desliza seus dedos pelos meus.

Eu tento imitar seu padrão de respiração para que a minha vá mais devagar. Estou respirando pelo nariz porque minha mandíbula está apertada demais para respirar normalmente. Jeremy aperta um beijo ao lado da minha cabeça.

— Relaxe — ele sussurra. — Você está bem.

Eu tento relaxar. E talvez eu consiga, mas é só porque nós dois estamos aqui por muito tempo, é difícil para os músculos reter tanta tensão depois de um tempo.

— Jeremy? — Eu sussurro.

Ele corre o polegar pela minha mão para me deixar saber que ele me

ouve.

— Existe uma chance... ela poderia estar fingindo seus ferimentos?

Ele não responde imediatamente. Quase como se ele tivesse que pensar um pouco na questão.

— Não — ele finalmente diz. — Eu vi os exames.

— Mas as pessoas melhoram. Lesões curam.

— Eu sei — diz ele. — Mas a Verity não fingiria algo assim. Ninguém faria. Isso seria impossível.

Eu fecho meus olhos, porque ele está tentando me garantir que ele a conhece bem o suficiente para saber que ela não faria algo assim. Mas se há uma coisa que eu sei que o Jeremy não... é que ele *não conhece* a Verity.

[1]

Canal de televisão americano que transmite programação de realidade relacionada a melhoria da casa e ao setor imobiliário.



Fui dormir convencida de ter visto Verity no topo da escada na noite anterior.

Eu acordei cheia de dúvidas.

Passei a maior parte da minha vida não confiando em mim durante o sono. Agora estou começando a não confiar em mim mesma quando estou acordada. *Eu a vi? Foi uma alucinação por causa do estresse? Eu me senti culpada por estar com seu marido?*

Eu fico deitada na cama por um tempo esta manhã, não querendo sair do quarto. Jeremy deixou minha cama por volta das quatro da manhã. Eu ouvi ele trancar a porta, então ele me mandou uma mensagem um minuto depois falando para eu mandar uma mensagem se eu precisasse dele novamente.

Algum tempo depois do almoço de hoje, Jeremy bateu na porta do escritório. Quando ele entrou, parecia que não tinha dormido. Ele não dormiu muito esta semana por minha causa. Do seu ponto de vista, sou uma bagunça histérica de uma mulher que acorda na cama de sua esposa no meio da noite e depois afirma que viu sua mulher em pé no topo da escada depois que ele finalmente me beija.

Eu pensei que ele tinha vindo ao escritório para me pedir para sair e, sinceramente, estou mais do que pronta para ir, mas o dinheiro ainda não chegou na minha conta. Eu estou meio presa aqui até que isso aconteça.

Ele tinha vindo ao meu escritório para me avisar que ele tinha colocado outra fechadura. Para a porta de Verity dessa vez.

— Eu pensei que isso poderia te ajudar a dormir. Sabendo que não há como ela sair da sala se isso fosse possível.

Se isso fosse possível.

— Eu só vou trancá-la à noite, quando estamos dormindo — continua ele.
— Eu disse a April que a porta dela fica aberta à noite por causa de armadilhas na casa. Eu não quero que ela pense que está lá por qualquer outro motivo.

Eu agradei, mas depois que ele foi embora, eu não me senti tranquilizada. Porque parte de mim temia que ele colocasse a fechadura ali porque estava preocupado. Claro que eu queria que ele acreditasse em mim, mas se ele acreditasse em mim, isso significava que poderia ser verdade.

Neste caso, eu preferiria estar errada do que certa.

Eu estou pensando em o que fazer com o manuscrito de Verity agora. Eu quero que Jeremy entenda sua esposa do jeito que eu agora a entendo. Eu sinto que ele merece saber o que ela fez com suas garotas, especialmente desde que Crew passa muito tempo lá em cima com ela. E eu ainda estou cheia de suspeitas desde que Crew falou de Verity falando com ele. Eu sei que ele tem apenas cinco anos, então há uma chance de ele estar confuso, mas se há uma possibilidade remota de que Verity esteja fingindo, Jeremy merece saber.

Mas eu não tenho coragem de dar o manuscrito para ele ainda porque é apenas uma possibilidade remota de que ela esteja fingindo. Seria mais plausível acreditar que eu estava vendo coisas devido à exaustão e à privação de sono do que seria pensar que uma mulher poderia fingir uma deficiência daquela extensão por meses a fio. Sem qualquer razão aparente.

Há também o fato de que ainda não terminei. Eu não sei como isso termina. Eu não sei o que aconteceu com Harper ou Chastin, ou se a linha do tempo deste manuscrito cobre esses eventos.

Não há muito a ler. Eu provavelmente só poderei digerir um capítulo antes de precisar dar um tempo do horror deste manuscrito. Eu me certifico de que a porta do escritório está fechada, e começo o próximo capítulo e decido ignorá-lo, junto com vários outros. Eu não quero nem ler sobre um simples beijo, muito menos sobre sexo. Eu não quero estragar o beijo que nós compartilhamos lendo sobre ele fazendo isso com outra mulher.

Quando eu pulei outra cena íntima e cheguei ao capítulo que sinto ser uma explicação para a morte de Chastin, checo a porta do escritório novamente antes de começar.

Que Assim Seja

Capítulo 13

Chapter Thirteen

Eu fiquei grávida de Crew dentro de duas semanas depois de mentir para Jeremy sobre minha gravidez. É como se o destino estivesse do meu lado. Eu agradei a Deus com uma oração, mesmo que eu não acredite que Ele tenha participado dela.

Crew era um bom bebê (estou presumindo). A essa altura, eu estava ganhando tanto dinheiro que conseguia pagar uma babá em tempo integral em nossa nova casa. Jeremy estava em casa com as crianças depois de largar o emprego e não achava que uma babá fosse realmente necessária, então chamei nossa babá de governanta, mas ela era uma babá.

Ela permitia que Jeremy trabalhasse na propriedade todos os dias. Eu tinha novas janelas instaladas no meu escritório para poder vê-lo de quase todos os ângulos.

A vida foi boa por um tempo. Eu fiz todas as partes fáceis de ser mãe e Jeremy e a babá fizeram todas as partes difíceis. E eu viajei muito. Eu tinha turnês e entrevistas, e eu não gostava muito de deixar Jeremy, mas ele preferia ficar em casa com as crianças. Eu comecei a apreciar essas folgas, no entanto. Percebi que, quando ficava ausente por uma semana, a atenção que Jeremy me deu quando voltei para casa foi como a atenção que ele costumava me dar antes que as crianças aparecessem.

Às vezes eu mentia e dizia que era necessário ir para Nova York, mas eu ficava em uma pousada no Chelsea e assistia televisão por uma semana. Então eu iria para casa, e Jeremy iria me foder como se eu fosse sua virgem. A vida foi ótima.

Até que não era mais.

Aconteceu em um instante. Era como se o sol congelasse e escurecesse em nossas vidas, e não importa o quanto tentássemos, os raios não poderiam nos alcançar depois disso.

Eu estava em pé na pia, lavando uma galinha. Um caralho de um frango cru. Eu poderia ter feito qualquer outra coisa... regar o gramado, escrever, tricotar, qualquer outra coisa. Mas eu pensarei para sempre no maldito frango cru nojento quando pensar no momento em que nos disseram que perdemos Chastin.

O telefone tocou. *Eu estava lavando o frango.*

Jeremy atendeu. *Eu estava lavando o frango.*

Ele levantou a voz. *Ainda lavando a porra do frango.*

E então o som... aquele som gutural e doloroso. Eu o ouvi dizer não e como e onde ela está e nós estaremos lá. Quando ele terminou a ligação, pude vê-lo no reflexo da janela. Ele estava no corredor, segurando o batente da porta como se ele fosse cair de joelhos, se ele não o fizesse. Eu ainda estava lavando o frango. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, meus joelhos estavam fracos. Meu estômago começou a cambalear.

Eu vomitei no frango.

É como eu sempre me lembrarei de um dos piores momentos da minha vida.

Em toda a nossa viagem até o hospital, fiquei me perguntando como Harper fez isso. Ela a tinha sufocado como no meu sonho? Ou ela tinha inventado uma maneira mais inteligente de matar sua irmã?

Eles estavam em uma festa de pijama na casa da amiga Maria. Eles estiveram lá várias vezes antes. E a mãe de Maria, Kitty – que nome bobo – sabia tudo sobre as alergias de Chastin. Chastin nunca viajou sem o EpiPen, mas Kitty a achou sem reação naquela manhã. Ela discou 192, e então ligou para Jeremy assim que a ambulância a levou.

Quando chegamos ao hospital, Jeremy ainda tinha a fraca esperança de que eles estavam errados e que Chastin estava bem. Kitty nos encontrou no corredor e continuou dizendo: — Sinto muito. Ela não vai acordar.

Isso é tudo que ela nos contou. *Ela não iria acordar.* Ela não disse, *Ela está morta.* Apenas, *Ela não vai acordar,* como se Chastin fosse uma espécie de criança mimada que queria dormir.

Jeremy correu pelo corredor até o corredor paciente do P.S. Eles o acompanharam e nos disseram que precisávamos esperar na sala da família.

Todo mundo sabe que é a sala onde eles colocam os membros sobreviventes depois que alguém morreu. É quando Jeremy soube que ela tinha ido embora.

Eu nunca o ouvi gritar assim. Um homem crescido, de joelhos, soluçando como uma criança. Eu teria ficado envergonhada por ele se eu não estivesse lá com ele.

Quando finalmente conseguimos vê-la, ela estava morta há menos de um dia, mas não cheirava a Chastin. Ela já cheirava a morte.

Jeremy fez muitas perguntas. Todas as perguntas. *Como isso aconteceu? Eles tinham amendoim na casa? A que horas eles foram dormir? Seu EpiPen foi tirado de sua bolsa?*

Todas as perguntas certas, todas as respostas corretamente devastadoras. Foi mais de uma semana antes que sua causa de morte fosse confirmada. Anafilaxia

Nós estávamos hiper vigilantes sobre sua alergia ao amendoim. Não importava para onde iriam ou com quem ficariam, Jeremy passou meia hora contando à mãe sua rotina, explicando como usar o EpiPen. Eu sempre achei que era exagero, já que literalmente só precisamos usá-lo uma vez em toda a sua vida.

Kitty estava bem ciente de sua alergia e mantinha as nozes fora de seu alcance quando as meninas estavam lá. O que ela não sabia era que as garotas tinham entrado na despensa e pegado um punhado de lanches para levar para o quarto delas no meio da noite. Chastin tinha apenas oito anos; era tarde da noite e escuro quando as garotas decidiram que queriam um lanche. Harper disse que eles não perceberam que qualquer coisa que eles estavam comendo continha amendoins. Mas quando eles acordaram na manhã seguinte, Chastin não acordava.

Jeremy passou por um período de negação, mas nunca questionou que Chastin sem saber comeu as nozes. Mas eu sim. Eu sabia. Eu sabia.

Toda vez que eu olhava para Harper, podia ver sua culpa. Eu estava esperando que isso acontecesse por anos. *Anos*. Eu sabia, desde quando eles tinham seis meses de idade, que Harper iria encontrar uma maneira de matá-la. E que assassinato perfeito ela cometeu. Até o próprio pai dela nunca suspeitaria dela.

Sua mãe, no entanto. *Eu* era um pouco mais difícil de convencer.

Sentia falta de Chastin, obviamente, e fiquei triste com a morte dela. Mas havia algo desagradável em quão duro Jeremy ficou. Ele ficou arrasado.

Entorpecido. Depois que ela morreu há três meses, eu estava ficando impaciente. Nós só fizemos sexo duas vezes desde a sua morte, e ele nem sequer me beijou com a língua na hora. É como se ele estivesse desconectado de mim, me usando para sair, para me sentir melhor, para ter uma corrida rápida de algo diferente de agonia. Eu queria mais que isso. Eu queria o velho Jeremy de volta.

Eu tentei uma noite. Eu rolei e coloquei minha mão em seu pau enquanto ele estava dormindo. Esfreguei minha mão para cima e para baixo, esperando que ele crescesse com força. Não cresceu. Em vez disso, ele afastou minha mão e disse: — Tudo bem, Verity. Você não precisa fazer isso.

Ele disse isso como se estivesse me fazendo um favor. Como se ele estivesse me recusando para *minha* tranquilidade.

Eu não precisava de tranquilidade.

Eu não precisava.

Eu tive mais de oito anos para aceitar isso. Eu sabia que estava chegando – sonhei com isso. Eu dei a Chastin todo o amor que eu tinha a cada minuto que ela estava viva porque eu sabia que isso iria acontecer. Eu sabia que Harper faria algo assim com ela. Não que isso pudesse provar que Harper tinha algum envolvimento. Mesmo que eu tentasse provar isso para ele, Jeremy nunca acreditaria em mim. Ele a ama demais. Ele nunca acreditaria em algo tão atroz – que uma gêmea poderia fazer isso com sua própria irmã.

Parte de mim se sentia responsável. Se eu tivesse tentado sufocá-la novamente quando criança, ou deixar uma garrafa aberta de água sanitária perto dela quando criança, ou enfiar o lado do passageiro do meu carro em uma árvore enquanto ela estava desatada com o airbag desligado, tudo isso poderia ter sido evitado. Tantos acidentes potenciais que eu poderia ter encenado. *Deveria* ter encenado.

Se eu tivesse parado Harper antes de ela agir, ainda teríamos Chastin.

E então talvez Jeremy não ficasse tão triste o tempo *todo*.



Verity está na sala de estar. April a trouxe no elevador antes de sair para a noite. Uma mudança incomum em sua rotina que eu não tenho certeza se gosto.

April disse: — Ela está bem acordada esta noite. Eu pensei em deixar Jeremy colocá-la para dormir hoje à noite.— Ela a deixou na frente da televisão, sua cadeira de rodas estacionada perto do sofá.

Verity está assistindo a *Roda da Fortuna*

Ou... olhando naquela direção, de qualquer maneira.

Eu estou de pé na porta da sala de estar, olhando para ela. Jeremy está lá em cima com Crew. Está escuro lá fora e a luz da sala de estar não está acesa, mas há luz suficiente da televisão que eu possa ver o rosto inexpressivo de Verity.

Eu não posso imaginar alguém indo tão longe para fingir uma lesão por tanto tempo. Eu nem tenho certeza de como alguém poderia fazer isso. Ela se assustaria com um barulho alto?

Ao meu lado, perto da entrada da sala de estar, há uma tigela cheia de bolas de vidro decorativas misturadas com umas de madeira. Eu olho ao redor, então pego uma das de madeira da tigela. Eu lanço em sua direção. Quando bate no chão na frente dela, ela não se mexe.

Eu sei que ela não está paralisada, então como ela nem sequer recuou? Mesmo que seu dano cerebral seja muito severo para entender o idioma inglês, ela ainda ficaria alarmada com o barulho, certo? Tem algum tipo de reação?

A menos que ela tenha treinado para não reagir.

Eu a observo por mais um pouco antes de começar a me assustar com

meus próprios pensamentos novamente.

Eu volto para a cozinha, deixando-a sozinha com Pat Sajak e Vanna White.

Existem apenas dois capítulos do manuscrito de Verity. Estou rezando para que eu não encontre uma parte dois em nenhum lugar antes de sair daqui, porque eu não posso suportar os altos e baixos de tudo isso. A ansiedade que tenho depois de cada capítulo é pior do que a ansiedade que tenho depois de dormir.

Estou aliviada por ela não ter nada a ver com a morte de Chastin, mas perturbada por seu processo de pensamento durante tudo isso. Ela parecia tão desapegada. Bidimensional. Ela perdeu a porra da filha, mas tudo o que ela pensava era como ela deveria ter matado Harper, e estava cansada de esperar que Jeremy superasse sua dor.

Perturbada é dizer o mínimo. Felizmente, está chegando ao fim em breve. A maior parte do manuscrito detalha coisas que aconteceram anos atrás, mas este último capítulo foi mais recente. Menos de um ano atrás. Meses antes da morte de Harper.

A morte de Harper.

É a coisa que eu pretendo chegar a seguir. Talvez à noite. Eu não sei. Eu não dormi bem nos últimos dias, e estou preocupada que depois que eu terminar o manuscrito, eu não vou conseguir dormir.

Estou fazendo espaguete para Jeremy e Crew hoje à noite. Eu tento me concentrar no jantar e não na falta de uma alma de Verity. Eu propositalmente planejei esta refeição para que April fosse embora antes que o jantar estivesse pronto. E eu espero que Jeremy leve Verity para a cama antes que seja hora de comer. Meu aniversário está quase no fim, e eu serei amaldiçoada se eu comer minha refeição de aniversário sentada ao lado de Verity Crawford.

Estou mexendo o molho de macarrão quando percebo que não tenho ouvido a televisão em alguns minutos. Eu cuidadosamente solto meu aperto na colher, colocando-a no fogão ao lado da panela.

— Jeremy? — Eu digo, esperando que ele esteja na sala de estar. Esperando que ele seja o motivo de não haver mais nenhum som vindo da televisão.

— Desço em um segundo! — Ele fala do andar de cima.

Eu fecho meus olhos, já sentindo a aceleração do meu pulso. Se esta

cadela desligou aquela maldita televisão, eu vou sair pela porta da frente sem sapatos e nunca mais vou voltar.

Eu cerro meus punhos ao meu lado, ficando realmente cansada dessa merda. Esta casa. E aquela merda de mulher psicótica e arrepiante.

Eu não entro na sala de estar. Eu dou um passo.

A televisão ainda está ligada, mas não está mais fazendo barulho. Verity ainda está na mesma posição. Eu ando até a mesa ao lado de sua cadeira de rodas e agarro o controle remoto. A televisão está no mudo e eu cansei isso. Eu cansei isso.

As televisões não silenciam a si mesmas!

— Você é uma puta — eu murmuro.

Minhas próprias palavras me chocam, mas não o suficiente para ir embora. É como se cada palavra que li em seu manuscrito ventasse as chamadas dentro de mim. Eu mudo a televisão e solto o controle remoto no sofá, fora de seu alcance. Eu me ajoelho na frente dela, posicionando-me para que eu esteja diretamente em sua linha de visão. Estou tremendo, mas não com medo dessa vez. Estou tremendo porque estou com muita raiva dela. Irritada com o tipo de esposa que ela era para Jeremy. O tipo de mãe que ela era para Harper. E eu estou com raiva de que toda essa merda estranha continua acontecendo e eu sou a única que está testemunhando isso. Estou cansado de me sentir maluca!

— Você nem mesmo merece o corpo em que você está presa — eu sussurro, olhando diretamente em seus olhos. — Eu espero que você morra com uma garganta cheia de seu próprio vômito, da mesma maneira que você tentou matar sua filha pequena.

Eu espero. Se ela está lá... se ela me ouviu... se ela está fingendo... minhas palavras chegam até ela. Elas a fariam recuar ou atacar ou alguma coisa.

Ela não se move. Tento pensar em outra coisa para dizer que a faria reagir. Algo que ela não seria capaz de manter a compostura depois de ouvir. Eu me levanto e me inclino para ela, trazendo minha boca ao ouvido dela. — Jeremy vai me foder na sua cama hoje à noite.

Eu espero novamente... por um barulho... por um movimento.

A única coisa que noto é o cheiro de urina. Enche o ar. Minhas narinas.

Eu olho para as calças dela quando Jeremy começa a descer as escadas.

— Você precisa de mim?

Eu recuo para longe dela, acidentalmente chutando a bola de madeira que eu joguei em sua direção mais cedo. Eu movo em direção a Verity enquanto me inclino para a bola. — Ela só... Ela precisa ser trocada, eu acho.

Jeremy agarra as alças de sua cadeira de rodas e a empurra para fora da sala, em direção ao elevador. Eu trago uma mão para o meu rosto, cobrindo minha boca e nariz enquanto exalo.

Eu não sei porque nunca fiquei curiosa sobre quem a banha ou muda. Eu assumi que a enfermeira cuidou da maioria disso, mas ela obviamente não faz tudo. Que Verity é incontinente e tem que usar fraldas e ser banhada me faz sentir ainda mais triste por ele. Jeremy agora está levando-a para cima para fazer as duas coisas e isso me deixa com raiva.

Com raiva de Verity.

Certamente seu estado atual é resultado do terrível ser humano que ela tem sido para seus filhos e para Jeremy. Agora, pelo resto de sua vida, Jeremy terá que sofrer as consequências do carma de Verity.

Não está certo.

E mesmo que ela não tenha se esquivado de nada que eu disse, o fato de que eu parecia assustá-la me convenceu de que ela está lá. Em algum lugar. E agora ela sabe que eu não tenho medo dela.

...

Eu comi o jantar na mesa com Crew, que jogou em seu iPad o tempo todo. Eu queria esperar por Jeremy, mas sabia que ele não queria que Crew comesse sozinho e estivesse passando da hora de dormir. Enquanto Jeremy estava cuidando da Verity, coloquei Crew na cama. No momento em que Jeremy tomou banho, trocou de roupa e deitou na cama, o espaguete estava frio.

Jeremy finalmente desce as escadas enquanto estou lavando os pratos. Nós não falamos muito desde o nosso beijo. Não tenho certeza de qual será a vibe entre nós, ou se seremos desajeitados e seguiremos caminhos separados depois que ele comer. Eu posso ouvi-lo atrás de mim, mastigando pão de alho enquanto continuo a lavar os pratos.

— Desculpe por isso — diz ele.

— O que?

— Perder o jantar.

Eu dou de ombros. — Você não perdeu isso. Coma. Ele tira uma tigela do armário e a enche de espaguete. Ele coloca no microondas e depois se inclina no balcão ao meu lado. — Lowen.

Eu olho para ele.

— O que há de errado?

Eu sacudo minha cabeça. — Nada, Jeremy. Não é o meu lugar.

— É agora que você disse isso.

Eu não quero ter essa conversa com ele. Realmente não é o meu lugar. Esta é a vida dele. A esposa dele. Sua casa. E eu só vou estar aqui por mais dois dias no máximo. Eu seco minhas mãos em uma toalha assim que o microondas emite um bipe. Ele não se move para abri-lo porque está muito ocupado olhando para mim, tentando persuadir mais de mim com esse olhar.

Eu me inclino contra a ilha e suspiro, deixando cair a cabeça para trás. — Eu só... me sinto mal por você.

— Não.

— Eu não posso controlar.

— Você pode.

— Não. Eu não posso.

Ele abre o microondas e tira a tigela. Ele o coloca no balcão para esfriar e depois me encara novamente. — Esta é minha vida, Low. E eu não posso fazer nada sobre isso. Você sentir pena de mim não ajuda.

Eu rolo minha cabeça. — Mas você está errado. Você pode fazer algo sobre isso. Você não tem que viver assim, dia após dia. Existem instalações, lugares que podem cuidar muito melhor dela. Ela terá mais oportunidades. E você e Crew não ficarão presos a esta casa todos os dias pelo resto de suas vidas.

A mandíbula de Jeremy endurece. Eu sabia que não deveria ter dito nada. — Eu aprecio que você acha que eu mereço melhor. Mas se coloque no lugar de Verity.

Ele não tem ideia do quanto andei no lugar do Verity nas últimas duas semanas. — Acredite em mim, eu tenho feito isso. — Eu faço um punho frustrado e bato no balcão, tentando encontrar uma maneira melhor de dizer tudo. — Ela não iria querer isso para você, Jeremy. Você é um prisioneiro em sua própria casa. Crew é prisioneiro nesta casa. Ele precisa se afastar desta casa. Leve-o em férias. Volte ao trabalho e coloque-a em uma instalação onde ela possa receber atendimento em tempo integral.

Jeremy está balançando a cabeça antes mesmo de eu soltar a frase. — Eu não posso fazer isso com Crew. Ele perdeu as duas irmãs. Ele não pode passar por outra perda como essa. Pelo menos se ela estiver aqui, Crew ainda pode passar tempo com ela.

Ele não indicou seu próprio desejo de tê-la aqui. Apenas Crew.

— Tome momentos, então — eu digo a ele. — Você pode colocá-la em uma instalação a tempo parcial, por isso não está pesando você para baixo. Traga-a para casa nos fins de semana, quando Crew está fora da escola. — Eu ando até ele e tomo seu rosto em minhas mãos. Eu quero que ele veja o quanto eu me preocupo com ele. Talvez se ele vir que alguém realmente se preocupa com seu bem-estar, ele levará essa conversa mais a sério.

— Tome momentos para si mesmo, Jeremy — eu digo baixinho. — Momentos egoístas. Você merece viver uma vida onde você tem momentos que não têm nada a ver com ela e tudo a ver com você e o que *você* quer.

Eu sinto seus dentes apertarem sob minhas palmas. Ele se afasta de mim e pressiona as mãos no granito, deixando cair a cabeça entre os ombros. — O que eu *quero*? — Ele diz baixinho.

— Sim. O que *você* quer?

Sua cabeça cai para trás e ele ri, uma vez, como se isso fosse uma pergunta estúpida. Então ele diz uma palavra, como se fosse a pergunta mais fácil que ele já respondeu.

— Você.

Ele sai do balcão e marcha em minha direção. Ele aperta minha cintura com as duas mãos e pressiona sua testa na minha, olhando nos meus olhos com nada além de necessidade. — *Eu quero você, Low.*

Meu alívio é recebido com um beijo. É diferente do nosso primeiro beijo. Desta vez ele é paciente enquanto seus lábios se movem preguiçosamente contra os meus e sua mão curva-se ao redor da minha nuca. Ele está saboreando o meu gosto, elaborando meu desejo com cada movimento de sua língua. Ele se inclina um pouco, me levantando e depois enrola minhas pernas em volta da sua cintura.

Nós estamos saindo da cozinha, mas eu não quero abrir meus olhos até que estejamos sozinhos atrás de uma porta trancada. Verity não está arruinando isso para mim desta vez.

Uma vez que estamos no quarto principal, ele solta o seu aperto em mim e eu deslizo para baixo dele, nossos lábios se separam. Ele me deixa em pé ao

lado da minha cama enquanto ele caminha em direção à porta do meu quarto.

— Tire suas roupas. — Ele diz isso sem me encarar, enquanto ele está trancando a porta do meu quarto.

É um comando. Estou ansiosa para seguir agora que a porta está trancada. Nós assistimos um ao outro se despir. Ele tira a calça jeans enquanto eu estou tirando a minha camisa, e então a camisa dele sai com o meu jeans. Eu removo meu sutiã enquanto seus olhos se movem sobre mim. Ele não está me tocando, não me beijando, apenas me observando.

Tantas emoções me inundam quando eu removo minha calcinha: medo, excitação, irritação, desejo, trepidação. Eu deslizo minha calcinha pelos meus quadris, por cima das minhas pernas e, em seguida, tiro-as. Quando estou em pé, estou em plena exibição.

Ele me absorve com os olhos quando ele remove a última de suas roupas. Algo dentro de mim muda, porque não importa o quão precisas as descrições físicas de Verity eram dele, eu não estava preparada para toda a magnitude de seu corpo.

Nós dois estamos de pé lá, nus, nossas respirações exageradas.

Ele dá um passo mais perto, seus olhos no meu rosto e em nenhum outro lugar. Suas mãos quentes deslizam pelas minhas bochechas e pelo meu cabelo enquanto ele traz sua boca para baixo na minha novamente. Ele me beija, suave e doce, com apenas uma provocação de sua língua.

Seus dedos escorrem pelo comprimento da minha espinha e eu tremo.

— Eu não tenho camisinha — diz ele enquanto ele segura minha bunda e me puxa contra ele.

— Eu não estou tomando pílula.

Minhas palavras não o impedem de me levantar e me abaixar para a cama. Seus lábios circulam meu mamilo esquerdo, brevemente, depois passam pela minha boca enquanto ele paira sobre mim. — Eu vou tirar.

— Tudo bem.

A palavra o faz sorrir. Ele sussurra, — Tudo bem — contra meus lábios quando ele começa a empurrar para dentro de mim. Estamos tão focados em nos conectar, nem estamos nos beijando. Apenas respirando na boca um do outro. Eu fecho meus olhos enquanto ele tenta encaixar todo o seu comprimento dentro de mim. Dói por alguns segundos, mas quando ele começa a se mover, a dor é substituída por uma plenitude prazerosa que me faz gemer.

Os lábios de Jeremy encontram minha bochecha e, em seguida, minha boca novamente antes que ele se afaste. Quando eu abro meus olhos, vejo um homem que, pela primeira vez, não está pensando em outra coisa senão o que está bem na frente dele. Não há um olhar distante em seus olhos. É só ele e eu neste momento.

— Você tem alguma ideia de quantas vezes pensei em estar com você? — É uma pergunta retórica, estou assumindo, porque o beijo dele que vem imediatamente me impede de responder. Ele cobre meu peito enquanto ele me beija. Após cerca de um minuto dessa posição, ele sai de dentro de mim e me enrola no meu estômago. Ele me penetra por trás, abaixando a boca ao meu ouvido enquanto ele sai. — Vou tomar você em todas as posições em que nós imaginamos.

Suas palavras parecem como se elas se acomodassem no meu estômago e pegassem fogo. — Por favor — é tudo que eu digo.

Com isso, ele coloca uma palma contra o meu estômago e me puxa de joelhos, pressionando minhas costas contra o peito sem sair de mim.

Sua respiração é quente contra a parte de trás do meu pescoço. Eu coloco a mão para cima e aperto sua cabeça, puxando sua boca contra a minha pele. Essa posição dura cerca de trinta segundos antes de suas mãos deslizarem pela minha cintura. Ele me gira de modo que estamos frente a frente e, em seguida, me desliza de volta para ele.

Eu me sinto fraca contra sua força, seus braços sem esforço me movendo ao redor da cama a cada poucos minutos. Percebo que, em todas as vezes que li sobre a intimidade dele com a esposa, ela sempre teve que ter alguma forma de controle sobre ele.

Eu abandono todo o meu controle para ele.

Eu deixo ele me levar embora ele me queira.

E ele faz, por mais de meia hora. Toda vez que ele parece perto de soltar, ele sai de dentro de mim e me beija até que ele me pega de novo, me beija, me reposiciona, me pega, me beija, me reposiciona. É um ciclo que eu nunca quero terminar.

Eventualmente, estamos no que eu estou supondo que é uma de suas posições favoritas, ele em suas costas, sua cabeça em um travesseiro, minhas coxas de cada lado da cabeça. Mas não tenho certeza se acabamos nessa posição por causa dele ou por minha causa. Eu ainda não me abaixei na boca dele porque estou olhando para as marcas de dentes na cabeceira dele.

Eu fecho meus olhos porque eu não quero vê-las.

Suas palmas estão subindo pelo meu estômago, até meus seios. Ele cobre meus seios em suas mãos, e então ele começa a me separar lentamente com a língua. Eu deixei minha cabeça cair para trás e eu gemi tão alto que eu tenho que cobrir minha própria boca.

Ele parece gostar do barulho porque ele faz exatamente a mesma coisa com a sua língua novamente, e o êxtase que surge através de mim me impulsiona para frente até que eu esteja segurando a cabeceira da cama. Eu abro meus olhos, minha boca a centímetros da cabeceira da cama. Polegadas longe das marcas de mordida Verity deixou para trás todas as vezes que ele a tinha nessa mesma posição.

Quando os dedos de Jeremy deslizam pelo meu estômago e acompanham sua boca, não tenho para onde ir com meus gritos. Com a posição que ele tem em mim, eu sou obrigada a me inclinar para frente e sufocar os sons do meu clímax.

Eu mordo a madeira na minha frente.

Eu posso sentir os dentes de Verity abaixo dos meus. Diferente. Desalinhado com o meu. Eu mordo mais forte na madeira quando gozo, determinada a deixar marcas mais profundas do que ela jamais fez. Determinado a pensar apenas em Jeremy e em mim toda vez que olho para essa cabeceira no futuro.

Verity é principalmente confinada a um quarto, mas sua presença aparece em quase todos os cômodos desta casa. Eu não quero mais pensar nela quando estou neste quarto.

Depois que eu gozo, eu me afasto da cabeceira da cama e abro os olhos, vendo as marcas frescas que deixei para trás. Assim que eu passo o polegar sobre eles para limpar minha saliva, Jeremy me empurra de costas e de repente estou debaixo dele novamente. Ele nem precisa entrar em mim para alcançar seu clímax. Ele se pressiona contra o meu estômago e eu sinto o calor derramando sobre a minha pele enquanto sua boca encontra a minha.

Eu posso dizer pelo seu beijo frenético que essa será uma noite longa.



Nossa segunda rodada aconteceu no chuveiro meia hora depois. Nossas mãos estavam uma sobre a outra, nossas bocas eram uma, e então ele estava dentro de mim novamente, minhas palmas contra a parede do chuveiro enquanto ele empurrava dentro de mim sob o jato de água.

Ele tirou e veio de costas de me lavar.

Estamos na cama de novo, mas são quase três da manhã, e sei que ele vai voltar para o quarto dele em breve. Eu não quero que ele faça isso. Estar com ele dessa maneira é tudo o que eu imaginava que seria e, de alguma forma, me sinto bem em estar dentro dessa casa quando estou envolta em seus braços. Ele me faz sentir segura das coisas que ele nem percebe que são perigosas.

Ele me colocou contra ele, um braço em volta de mim enquanto eu me deito contra seu peito. Seus dedos estão traçando para cima e para baixo do meu braço. Nós temos lutado contra sono, fazendo perguntas uns aos outros. As perguntas tomaram um rumo mais pessoal porque ele apenas me perguntou como era meu último relacionamento.

— Foi superficial.

— Por quê?

— Eu não tenho certeza se era mesmo um relacionamento — eu digo. — Definimos isso dessa maneira, mas só girava em torno do sexo. Não conseguíamos descobrir como nos encaixar na vida um do outro fora do quarto.

— Quanto tempo durou?

— Um tempo. — Eu levanto e olho para ele. — Foi com o Corey. Meu agente.

Os dedos de Jeremy param no meu braço. — O agente que conheci?

— Sim.

— E ele ainda é seu agente?

— Ele é um ótimo agente. — Eu deito minha cabeça de volta em seu peito, e os dedos de Jeremy retomam seu movimento pelo meu braço.

— Isso só me deixou com um pouco de ciúmes. — diz ele.

Eu rio porque posso senti-lo rindo. Depois de ficar quieta por um instante, faço uma pergunta que me deixa curiosa. — Como era o seu relacionamento com a Verity?

Jeremy suspira e minha cabeça se move com seu peito. Então ele nos posiciona para que eu esteja no travesseiro e ele esteja do seu lado, fazendo contato visual comigo. — Eu responderei sua pergunta, mas não quero que você pense mal de mim.

— Eu não vou. — eu prometo, balançando a cabeça.

— Eu a amava. Ela era minha esposa. Mas às vezes eu não tinha certeza se realmente nos conhecíamos. Nós vivemos juntos, mas é como se nossos mundos não estivessem conectados. — Ele estende a mão e toca meus lábios, traçando sobre eles com as pontas dos dedos. — Eu estava incrivelmente atraído por ela, o que eu tenho certeza que você não quer ouvir, mas é verdade. Nossa vida sexual foi ótima. Mas o resto ... eu não sei.. Eu senti que havia algo faltando no começo, mas eu fiquei e me casei com ela e nós começamos nossa família porque eu sempre acreditei que a conexão mais profunda estava ao nosso alcance. Eu pensei que iria acordar um dia e olhá-la nos olhos e, em seguida, clique, como se a peça mítica do quebra-cabeça tivesse finalmente se encaixado.

Não está tão perdido em mim que ele mencionou amá-la no passado. — Você acabou encontrando essa conexão?

— Não, não como eu esperava. Mas eu senti algo próximo disso - uma intensidade fugaz que provou que uma conexão mais profunda pode existir.

— Quando foi isso?

— Várias semanas atrás — ele diz baixinho. — Em um banheiro de café aleatório com uma mulher que não era minha esposa.

Ele me beija assim que a frase lhe escapa, como se ele não quisesse que eu respondesse. Talvez ele se sinta culpado por dizer isso. Por momentaneamente sentir uma conexão comigo depois de tentar sentir essa conexão com sua esposa por tantos anos.

Mesmo que ele não queira que eu reaja a essa admissão, sinto algo crescer dentro de mim, como se as palavras dele afundassem em mim e se expandissem no meu peito. Ele me puxa contra ele e eu fecho meus olhos, colocando minha cabeça contra seu peito. Nós não falamos novamente antes de adormecermos.

Eu acordo cerca de duas horas depois com a voz dele no meu ouvido.

— Merda. — Ele se senta e a maioria das cobertas vai com ele. — Merda.

Eu esfrego meus olhos enquanto rolo de costas. — O que foi?

— Eu não quis adormecer. — Ele chega ao chão e começa a puxar suas roupas. — Eu não posso estar aqui quando Crew acordar. — Ele me beija duas vezes e depois caminha em direção à porta. Ele destrava e depois puxa.

A porta não se move.

Ele sacode a maçaneta enquanto eu me sento na cama, puxando as cobertas sobre meus seios expostos.

— Merda — ele diz novamente. — A porta está presa.

Algo cai dentro de mim e eu estou abruptamente arrancada do prazer da noite passada. Estou de volta no momento, em mais um cenário onde me sinto desolada dentro desta casa estranha. Eu balancei minha cabeça, mas Jeremy está de frente para a porta para que ele não possa me ver. — Não está presa — eu digo baixinho. — Está trancada. Por fora.

Jeremy vira a cabeça e olha para mim, o rosto dando lugar a preocupação. Então ele tenta puxar a porta com as duas mãos. Quando ele percebe que estou certa e que a porta está trancada do lado de fora, ele começa a bater nela. Eu permaneço onde estou, com medo do que ele possa encontrar quando ele finalmente abrir a porta.

Ele tenta de tudo para abri-la, mas depois ele chama o nome de Crew. — Crew! — Jeremy grita, batendo na porta do quarto.

E se ela o levasse?

Eu não tenho certeza se ela teria. Ela nem gosta de seus filhos. Mas ela gosta de Jeremy. Adora Jeremy. Se ela soubesse que ele estava neste quarto comigo ontem à noite, ela provavelmente levaria Crew por despeito.

A mente de Jeremy ainda não chegou lá. Em sua cabeça, Crew está brincando com a gente. Ou a fechadura de algum modo se ligou acidentalmente quando ele fechou a porta ontem à noite. Essas são as únicas explicações plausíveis para ele. Agora, ele apenas parece irritado. Não é de todo preocupado.

Jeremy olha para o despertador na mesa de cabeceira e depois bate de novo na porta. — Crew, abra a porta! — Ele pressiona a testa contra ela. — April estará aqui em breve — diz ele em voz baixa. — Ela não pode nos encontrar aqui juntos.

É isso que está o incomodando?

Eu estou pensando que a esposa dele sequestrou o filho dele no meio da noite, e ele está preocupado que ele seja pego transando com a hóspede.

— Jeremy.

— O quê? — Ele diz, batendo contra a porta novamente.

— Eu sei que você acha que não é possível. Mas... você trancou a porta da Verity na noite passada?

O punho de Jeremy faz uma pausa contra a porta. — Não me lembro — diz ele em voz baixa.

— Se por alguma chance bizarra foi Verity que nos trancou aqui... Crew provavelmente não está mais aqui.

Quando ele olha para mim, seus olhos estão cheios de medo. Então, em um movimento rápido, ele atravessa o quarto e abre a janela. Ele levanta, mas há dois painéis de vidro. O segundo não está cedendo tão facilmente quanto o primeiro. Sem hesitar, ele chega à cama e puxa uma fronha de travesseiro. Ele enfia a mão no estojo, bate no vidro, chuta e depois sai pela janela.

Vários segundos depois, eu ouço ele destrancar a porta do meu quarto enquanto ele passa e se dirige para as escadas. Ele já está no quarto de Crew antes de eu sair do mestre. Eu o ouço correndo pelo corredor até o quarto de Verity. Quando ele chega ao topo da escada, meu coração está na minha garganta.

Ele sacode a cabeça. Ele se inclina, apertando os joelhos, sem fôlego. — Eles estão dormindo.

Ele agacha, como se seus joelhos estivessem prestes a ceder, e ele passa as mãos pelos cabelos. — Eles estão dormindo — ele diz novamente, com alívio.

Me sinto aliviada. Mas passa.

Minha paranóia está começando a chegar a Jeremy.

Eu não estou fazendo nenhum favor, levantando minhas preocupações. April caminha pela porta da frente momentos depois. Ela olha para mim, depois para Jeremy, agachado no topo da escada. Ele olha para cima e vê April olhando para ele.

Ele se levanta e desce as escadas, sem olhar para mim ou April, enquanto se dirige para a porta, abre-a e caminha para fora.

April olha de mim para a porta da frente.

Eu dou de ombros. — Noite difícil com Crew.

Eu não sei se ela compra, mas ela sobe as escadas como se ela não desse a mínima se eu estivesse dizendo a verdade ou não.

Eu vou para o escritório e fecho a porta. Eu puxo o resto do manuscrito para fora e começo a ler. Eu tenho que terminar isso hoje. Eu preciso saber como termina, se tem um final. Porque estou no momento em que sinto que preciso mostrar este manuscrito para Jeremy. Ele precisa saber que ele estava certo quando sentiu que eles nunca realmente se conectaram. Porque ele realmente não a conhecia.

As coisas não estão bem nesta casa, e até ele desconfiar daquela mulher no andar de cima tanto quanto eu, tenho a sensação de que alguma outra coisa vai acontecer.

Afinal, esta é uma casa cheia de crônicas. *A próxima tragédia já está muito atrasada.*

Que Assim Seja

Capítulo 14

Chapter Fourteen

É fácil lembrar de tudo sobre a manhã em que Harper morreu porque isso aconteceu apenas alguns dias atrás. *Eu lembro como ela cheirava. Como graxa. Ela não lavou o cabelo em dois dias. O que ela estava vestindo. Leggings roxas, uma camisa preta e um suéter de malha. O que ela estava fazendo? Sentada à mesa com Crew, colorindo. A última coisa que Jeremy disse a ela naquele dia. Eu amo você, Harper.*

Chastin tinha ido embora fazia seis meses naquele dia. O que significava que eu tinha passado cento e oitenta e dois dias e meio construindo ressentimento pela criança responsável.

Jeremy tinha dormido no andar de cima na noite anterior. Crew chora por ele quase toda noite, então nos últimos dois meses ele está dormindo no quarto de hóspedes no andar de cima. Eu tentei dizer a ele que não é bom para Crew. Ele está mimando ele. Mas Jeremy não me ouve mais. Seu foco principal são seus dois filhos restantes.

É estranho como temos um filho a menos para ele se concentrar, mas que de alguma forma se tornou mais exigente em seu foco.

Nós fizemos sexo quatro vezes desde que Chastin morreu. Ele parece não conseguir mais quando eu tento. Nem mesmo quando eu chupo o pau dele. A pior parte é que nem parece incomodá-lo. Ele poderia tomar Viagra, mas ele se recusa. Ele diz que só precisa de mais tempo para se adaptar à vida sem Chastin.

Tempo.

Você sabe quem não precisou de tempo? Harper.

Ela nem sequer passou por um período de adaptação após a morte de

Chastin. Ela nunca chorou. Nem mesmo uma única lágrima. É estranho. Não é normal. Até *eu* chorei.

Eu acho que faz sentido que Harper não chore. A culpa pode fazer isso com uma pessoa.

Talvez a culpa seja o motivo pelo qual estou escrevendo tudo.

Porque Jeremy precisa saber a verdade. Algum dia, de alguma forma, ele encontrará isso. E então ele perceberá o quanto eu o amava.

De volta ao dia, Harper entendeu o que estava acontecendo com ela.

Eu estava de pé na cozinha, observando-a pintar. Ela estava mostrando Crew como pintar em cima de outra cor para fazer uma terceira cor. Eles estavam rindo. A risada de Crew era compreensível, mas a de Harper? Imperdoável. Eu estava cansada de segurar minha raiva.

— Você está mesmo chateada que Chastin está morta?

Harper levantou os olhos para encontrar o meu olhar. Ela estava fingindo ter medo de mim. — Sim.

— Você nem chorou. Nem uma vez. Sua irmã gêmea morreu e você age como se nem se importasse.

Eu podia ver as lágrimas em seus olhos. Engraçado como o Jeremy acredita que não expressar emoção pode trazer lágrimas quando ela está sendo chamada.

— Eu me importo. — disse Harper. — Eu sinto falta dela.

Eu ri dela. Minha risada trouxe as lágrimas reais. Ela arrastou a cadeira para trás e correu para seu quarto.

Eu olhei para Crew e balancei a mão na direção de Harper. — Agora ela chora.

Figura.

Jeremy deve ter passado por ela no andar de cima, porque eu podia ouvi-lo batendo na porta dela. — Harper? Querida, o que há de errado?

Eu o imitei, usando uma voz estridente e infantil. — Querida, o que há de errado?

Crew riu. Pelo menos eu sou engraçada para os de quatro anos de idade.

Um minuto depois, Jeremy entrou na cozinha. — O que há de errado com Harper?

— Ela é louca — eu menti. — Eu não deixei ela ir brincar no lago.

Jeremy me beijou no lado da minha cabeça. Parecia genuíno e isso me fez sorrir. — É um bom dia — disse ele. — Você devia levá-los para a costa.

Ele estava atrás de mim, então ele não me viu revirar os olhos. Eu deveria ter pensado em uma mentira melhor para desculpar as lágrimas de Harper, porque agora ele queria que eu os levasse para fora e brincasse com eles.

— Eu quero ir para a água — disse Crew.

Jeremy pegou sua carteira e suas chaves. — Vá dizer a Harper para colocar os sapatos. Sua mãe vai te levar. Eu voltarei antes do almoço.

Eu me virei e encarei ele. — Onde você vai?

— Mercado. — disse ele. — Eu te disse hoje de manhã.

Ele realmente disse isso.

Crew subiu correndo e eu suspirei. — Eu prefiro fazer as compras. Você fica e brinca com eles.

Jeremy andou até mim, envolvendo um braço em volta de mim. Ele pressionou a testa na minha e eu senti aquele gesto ir direto ao meu coração. — Você não escreveu em seis meses. Você não sai de casa. Você não brinca com eles. — Ele me puxa para um abraço. — Estou ficando preocupado com você, querida. Basta levá-los para fora por meia hora. Pegue um pouco de vitamina D.

— Você acha que estou deprimida? — Eu disse, me afastando. Isso foi duro. Ele era o deprimido.

Jeremy colocou as chaves no balcão para poder segurar meu rosto com as duas mãos. — Acho que estamos ambos deprimidos. E nós estaremos por um tempo. Precisamos cuidar um do outro.

Eu sorri para ele. Eu gostei que ele pensou que estávamos nisso juntos. Talvez nós estivéssemos. Ele me beijou então, e pela primeira vez em muito tempo, ele me beijou com a língua e muito pouca dor. Parecia tempos antigos. Eu o puxei para mim e levantei meus dedos, aprofundando o beijo. Eu senti ele endurecer contra mim, sem coerção desta vez.

— Eu quero que você durma no nosso quarto hoje à noite — eu sussurrei.

Ele sorriu contra meus lábios. — OK. Mas não haverá muito sono.

Seu tom de voz, seus olhos aquecidos, aquele sorriso. *Aí está você, Jeremy Crawford. Eu senti saudade de você.*

Depois que Jeremy foi embora, eu levei suas malditas crianças para brincar na água. Eu também peguei o último livro que escrevi na minha série. Jeremy estava certo, fazia seis meses desde que eu escrevi qualquer coisa. Eu precisava voltar no ritmo. Eu já perdi um prazo, mas Pantem foi indulgente, graças à trágica perda “acidental” de Chastin.

Eles provavelmente seriam ainda mais brandos no meu prazo se soubessem o que realmente aconteceu com ela.

Crew saiu para o cais em direção à canoa. Eu fiquei tensa, porque o cais é velho e Jeremy nunca gostou dele. Mas Crew não pesava muito, então eu relaxei um pouco. Eu duvidava que ele pudesse cair.

Ele sentou-se à beira do cais e enfiou os pés na canoa. Fiquei surpresa por não ter flutuado ainda. Estava pendurado por uma corda puída.

Crew não sabe, e talvez ele descubra um dia, mas ele foi concebido naquela canoa. A semana em que menti e disse a Jeremy que estava grávida era a semana mais prolífica de sexo que tivemos até hoje. Mas tenho certeza que foi a canoa que fez a mágica. É por isso que eu queria nomeá-lo Crew. Eu queria um nome com tema náutico.

Eu senti falta daqueles dias.

Havia muitas coisas que eu sinto falta, na verdade. Principalmente eu sentia falta das nossas vidas antes de termos filhos. As gêmeas, de qualquer maneira.

Sentada na praia naquele dia, observando Crew, imaginei como seria apenas tê-lo. Seria outro ajuste se Harper morresse, mas eu percebi que iríamos passar por isso. Eu não fui de muita ajuda depois que Chastin morreu porque, por um tempo, eu também estava de luto. Mas se Harper fosse morrer, eu poderia ser melhor para Jeremy durante sua recuperação.

Desta vez, haveria muito pouca dor da minha parte, já que toda a minha dor estava reservada para Chastin.

Talvez a maior parte da dor de Jeremy tenha sido reservada para Chastin também.

Era uma possibilidade.

Eu costumava supor que as mortes individuais dos filhos de uma pessoa seriam igualmente difíceis para eles. Perder um segundo ou até mesmo terceiro filho doeria tanto quanto a primeira experiência.

Mas isso foi antes de Jeremy e eu perdermos Chastin. Sua morte nos fez inchar de dor. Machucava cada ferida dentro de nós, cada membro.

Se a canoa fosse virar com as crianças, se Harper se afogasse, Jeremy não teria espaço para mais sofrimento. Talvez ele estivesse em plena capacidade.

Quando você já perdeu um filho, você pode ter perdido todos eles.

Sem espaço para mais tristeza e Harper não mais por perto, nós três poderíamos nos tornar a família perfeita.

— Harper.

Ela estava a vários metros de mim, brincando na areia. Eu me levantei e limpei a parte de trás do meu jeans. — Vamos, querida. Vamos dar uma volta na canoa com o seu irmão.

Harper deu um pulo, sem saber quando ela pisou no cais, que nunca mais saberia como era a terra sob seus pés novamente.

— Eu fico na frente — disse ela. Eu a segui até a beira do cais. Eu ajudei Crew a subir primeiro, depois Harper. Então me sentei e cuidadosamente me abaixei no barco. Eu usei o remo para afastar do cais.

Eu estava na parte de trás do barco e Crew estava no meio. Eu remei para o meio do lago enquanto eles se inclinavam sobre a borda, correndo os dedos na água.

O lago estava calmo quando olhei ao redor. Nós morávamos em uma enseada a 2.000 pés de costa, então não conseguimos muito do tráfego no lago. Era um dia calmo.

Harper se endireitou na canoa e limpou as mãos nas pernas. Ela se virou, de costas para mim, Crew e eu.

Eu me inclinei para frente, perto da orelha de Crew. Eu cobri a boca dele com a minha mão. — Crew. Querido. Prenda a respiração.

Segurei a ponta da canoa e inclinei todo o meu peso para a direita.

Eu ouvi um pequeno grito. Eu não tinha certeza se era de Crew ou Harper, mas depois do grito, não ouvi nada. Apenas uma leve pressão. O silêncio pressionou contra meus ouvidos quando eu chutei meus braços e pernas até que eu cheguei a borda.

Eu podia ouvir salpicos. O grito de Harper. O grito de Crew. Eu andei em direção a Crew e passei os braços ao redor dele. Eu olhei para casa, esperando conseguir voltar para a praia com ele. Nós estávamos mais longe do que eu percebi.

Eu comecei a nadar. Harper estava gritando.

Eu continuei a nadar.

Ela continuou a gritar.

Nada.

Eu ouvi outro respingo.

Mais nada.

Continuei a nadar e me recusei a olhar para trás para sentir a lama infiltrar-se entre os dedos dos pés. Eu agarrei a superfície da lago como se

fosse um salva-vidas. Crew estava ofegando e tossindo, agarrando-se a mim. Foi mais difícil que eu pensei que seria pará-lo à tona.

Jeremy me agradeceria por isso. Por salvar Crew.

Ele ficaria arrasado, é claro, mas também muito agradecido.

Eu me perguntei se ele iria dormir na mesma cama esta noite. Ele estaria exausto, mas ele iria querer dormir na mesma cama que eu, me segurando, me abraçando, tendo certeza de que eu estava bem.

— Harper! — Crew deu um grito que limpou os pulmões de água.

Cobri a boca de Crew e o arrastei até a praia, deixando-o cair na areia. Os olhos estavam arregalados de medo. — Mamãe! — Ele estava frenético, apontando para trás de mim. — Harper não sabe nadar!

A areia estava em cima de mim, minhas mãos, meus braços, minhas coxas. Minhas bochechas. Crew começou a rastejar de volta para a água, mas puxei sua a mão e o fiz se sentar. As ondulações da agitação da água ainda batiam nos meus dedos. Eu olhei para o lago, mas não havia nada. Sem gritos. Sem salpicos.

Uma viagem que se tornara para sempre histórica.

— Eu tentei salvá-la — eu sussurrei. — Mamãe tentou salvá-la.

— Vá buscá-la! — Ele gritou, apontando para o lago.

Eu me perguntei como ficaria se ele fosse um homem e se eu não voltasse para a água. A maioria das pessoas voltava para encontrar o filho. Eu precisava voltar para a água.

— Crew, precisamos salvar Harper. Você se lembra de como usar o telefone da mamãe para ligar para papai?

Ele assentiu, enxugando as lágrimas de bochechas.

— Vá até a casa e ligue para o papai. Diga para ele que mamãe está tentando salvar Harper e ele precisa ligar para a polícia.

—Tudo bem! — Ele foi, correndo para a casa.

Ele era um bom irmão.

Eu estava com frio e sem fôlego, mas voltei ao lago. — Harper? — Falei o nome dela, a voz baixa, com medo de ser muito alta, ela pegaria um segundo fôlego e sairia da água.

Eu tomei meu tempo. Eu não queria ir muito fundo e arriscar tocá-la, esbarrando nela. E se houvesse vida nela e ela se agarrasse à minha camisa? Se tentasse me puxar para baixo?

Quando ela aparecesse, Jeremy apareceria. Eu precisava estar chorando.

Fria. À beira da hipotermia. Pontos de bonificação se eu fosse levada em uma ambulância.

A canoa estava de cabeça para baixo, mais para dentro do que quando sacudiu. Jeremy e eu havíamos sacudido a canoa duas vezes antes, então eu sabia que havia bolsas de ar quando estava posicionada como estava. E se Harper tivesse nadado até lá? E se ela tivesse se agarrado a ela e estivesse escondida embaixo dela? Esperando para contar ao pai o que eu tinha feito?

Eu fiz meu caminho para a canoa. Eu me movi com cuidado, não querendo tocá-la. Quando cheguei ao barco, prendi a respiração e fui para debaixo d'água. Eu apareci dentro da canoa.

Oh, graças a Deus, pensei.

Ela não estava lá.

Graças a Deus.

Ouvi Crew chamando meu nome de longe. Eu me abaixei sob a água e apareci fora da canoa. Eu gritei o nome de Harper, cheia de pânico, como uma mãe realmente devastada faria.

— Harper!

— Papai está vindo!— Crew gritou da costa.

Comecei a gritar ainda mais alto com o nome de Harper. A polícia estaria aqui em breve, antes de Jeremy.

— Harper!

Fui para baixo várias vezes para ficar sem fôlego. Eu fiz isso várias vezes, até que mal consegui me manter à tona. Eu gritei o nome dela e não parei até que um policial me tirou da água.

Eu continuei a gritar seu nome, jogando de vez em quando: — Minha filha! — E também: — Minha filhinha!

Uma pessoa estava na água procurando por ela. Então duas. Então três. Então senti alguém passar por mim, até o cais. Ele correu para o final e pulou de cabeça primeiro. Quando ele apareceu, vi que era Jeremy.

Eu não posso descrever o olhar em seu rosto enquanto ele gritou por ela. Era um olhar de determinação misturado com horror misturado com psicose.

Eu estava chorando lágrimas reais naquele momento. Eu estava histérica. Eu queria sorrir com o quão apropriadamente histérica eu estava, mas não fiz, porque parte de mim sabia que eu tinha estragado tudo. Eu podia ver no rosto de Jeremy. Esta seria ainda mais difícil para ele se recuperar do que Chastin.

Eu não previ isso.

Ela esteve debaixo d'água por mais de meia hora quando ele finalmente a encontrou. Ela estava emaranhada em uma rede de pesca. Eu não sabia se era verde ou amarela de onde eu estava sentada na praia, mas lembrei que Jeremy perdeu uma rede de pesca amarela no ano passado. Quais são as chances de que eu inclinei a canoa no ponto exato em que ela estava emaranhada abaixo da superfície? Se a rede de pesca não estivesse lá, ela provavelmente teria chegado à costa.

Depois que ela foi desembarçada, os homens ajudaram Jeremy a levantar no banco do cais. Jeremy tentou fazer o processo de ressuscitação até o paramédico chegar à beira do cais. E mesmo assim, ele não parava.

Ele não iria parar até que ele não tivesse escolha. A doca começou a desmoronar e Jeremy rolou para a direita, pegando Harper em seus braços. Três outros homens permaneceram no cais.

Eu me perguntei se esse momento o assombraria. Ter que pegar o corpo da filha morta quando ela caiu em cima dele na água.

Jeremy não a soltaria. Ele encontrou o pé na água e levou-a até a praia. Quando ele chegou à areia, ele desabou, ainda segurando-a. Ele pressionou o rosto em seu cabelo molhado ensopado, e eu o ouvi sussurrando para ela.

— Eu amo você, Harper. Eu amo você, Harper. Eu amo você, Harper.

Ele disse isso repetidamente enquanto a abraçava. Sua tristeza me fez sofrer por ele. Eu rastejei para ele, para ela, e passei meus braços em volta dos dois. — Eu tentei salvá-la — eu sussurrei. — Eu tentei salvá-la.

Ele não deixaria Harper. Os paramédicos tinham que tirá-la de seus braços. Ele me deixou lá, com Crew, enquanto ele subia na parte de trás da ambulância.

Jeremy não me perguntou o que havia acontecido. Ele não me disse que ele estava saindo. Ele não *olhou* para mim.

Sua reação não foi bem o que eu havia planejado, mas percebi que ele estava em choque. Ele se ajustaria. Ele só precisava de tempo.



Eu estou segurando o vaso enquanto eu vomito. Eu estava doente antes mesmo de terminar o capítulo. Estou tremendo, como se estivesse lá. Como eu testemunhei em primeira mão o que essa mulher fez com sua filha. *Com Jeremy.*

Eu pressiono minha testa contra o meu braço, me perguntando o que fazer.

Eu falo para alguém? Eu digo ao Jeremy? Eu chamo a polícia?

O que a polícia poderia fazer com ela?

Eles a trancariam em algum lugar. Uma instituição mental. Jeremy estaria livre dela.

Eu escovo meus dentes, olhando para o meu reflexo. Depois que eu enxugo minha boca, eu me levanto e limpo minha boca. Enquanto minha mão se move em meu rosto, posso ver a cicatriz no espelho. Eu nunca pensei que essa cicatriz se tornaria insignificante para mim, mas está começando a parecer assim. O que eu passei com minha mãe não é nada comparado a isso.

O que aconteceu entre nós foi uma desconexão. Um vínculo quebrado.

Isso foi *assassinato*.

Eu pego minha bolsa e procuro pelo meu Xanax. A pílula está cerrada no meu punho enquanto eu ando até a cozinha. Eu puxo um copo para fora do gabinete e despejo Crown Royal nele, até o topo. Eu pego o copo, assim que April vira a esquina. Ela faz uma pausa, olhando para mim.

Eu olho de volta quando coloco a pílula na boca e desço o olhar.

Volto para o meu quarto e fecho a porta, trancando-a. Eu puxo as persianas para baixo sobre o buraco na janela para bloquear o sol.

Eu fecho meus olhos e puxo as cobertas sobre a minha cabeça enquanto

me pergunto o que diabos eu deveria fazer.

...

Eu acordei mais tarde, sentindo um calor percorrer meu corpo. Algo toca meus lábios. Meus olhos se abrem.

Jeremy.

Eu suspiro contra sua boca enquanto ele se abaixa em cima de mim. Agradeço pelo conforto de seus lábios. Mal sabe ele que cada gota de tristeza que seu beijo está eliminando é a tristeza que sinto por ele. Por uma situação que ele não conhece.

Eu ajusto as cobertas, puxando-as para fora entre nós para que não haja barreira. Ele ainda está me beijando enquanto ele rola de lado, me puxando contra ele.

— São duas horas da tarde — ele sussurra. — Você está se sentindo bem?

— Sim — eu minto. — Eu só estou cansada.

— Eu também. — Ele enfia os dedos no meu braço, em seguida, pega minha mão.

— Como você chegou aqui? — Eu pergunto, sabendo que a porta estava trancada por dentro.

Ele sorri. — A janela. April levou Verity ao médico e Crew não estará em casa por mais uma hora.

O resto da tensão acumulada dentro de mim de alguma forma se infiltra com essa notícia. Verity não está nesta casa e estou em paz instantânea.

Jeremy deita a cabeça no meu peito, encarando meus pés enquanto seus dedos exploram minha linha de calcinha. — Eu verifiquei a fechadura. Aparentemente, se você bater com força em uma porta, ela pode travar.

Eu não respondo porque não tenho certeza se acredito. Tenho certeza de que há uma chance, mas acho que a chance de Verity ter feito isso é maior.

Jeremy levanta minha camiseta - outra que pertence a ele. Ele beija um ponto entre meus seios. — Eu gosto quando você veste minhas camisas.

Eu corro meus dedos pelos cabelos dele e sorrio. — Eu gosto quando cheiram como você.

Ele ri. — Qual é o meu cheiro?

— Petrichor.

Ele está arrastando seus lábios pelo meu estômago. — Eu nem sei o que

isso significa. — Sua voz é um murmúrio contra a minha pele.

— É uma palavra que descreve o cheiro de chuva fresca depois do tempo quente.

Ele se move até que sua boca esteja perto da minha. — Eu não tinha ideia de que havia uma palavra para isso.

— Há uma palavra para tudo.

Ele me beija brevemente, depois se afasta. Suas sobrancelhas se juntam enquanto ele contempla. — Existe uma palavra para o que estou fazendo?

— Provavelmente. A que você se refere?

Ele traça minha mandíbula com um dedo. — Isso — ele diz baixinho. — Me apaixonando por uma mulher quando eu não deveria.

Meu coração afunda, apesar de sua admissão. Eu odeio que ele se sinta culpado por como ele está se sentindo. Eu entendo isso, no entanto. Não importa a condição de seu casamento ou de sua esposa, ele está dormindo em sua cama com outra mulher. Não há muita justificativa para isso.

— Você se sente culpado? — Eu pergunto a ele.

— Sim. — Ele me observa em silêncio por um momento. — Mas não culpado o suficiente para parar. — Ele coloca a cabeça no travesseiro ao meu lado.

— Mas vai parar — eu digo. — Eu preciso voltar para Manhattan. E você é casado.

Seus olhos parecem estar protegendo pensamentos que ele não quer falar em voz alta. Nós dois estamos quietos enquanto nos encaramos por um tempo. Ele finalmente se inclina para me beijar antes de dizer: — Eu pensei sobre o que você disse na cozinha na noite passada.

Eu não falo com medo do que ele está prestes a dizer. Ele estava aberto a tudo que eu tinha a dizer? Ele concorda que a qualidade de sua vida é tão importante quanto a da Verity?

— Liguei para uma enfermaria que a levará durante a semana, a partir de segunda-feira. Ela vai voltar para casa três finais de semana por mês. Ele espera pela minha reação.

— Eu acho que é a melhor coisa para vocês três.

Como se eu vi isso acontecer em tempo real, a dor começa a evaporar. Dele, desta casa. O vento está soprando pela janela, a casa está quieta, Jeremy parece em paz. Neste momento, decido o que fazer com o manuscrito.

Eu não vou fazer nada.

Provar que Verity assassinou Harper não faria Jeremy se sentir melhor. Isso o faria se sentir pior. Isso abriria tantas feridas. Isso iria rasgar as feridas abertas ainda mais.

Não estou convencida de que a Verity seja inocente, mas há maneiras de descobrir isso com o tempo.

Eu acho que Jeremy só precisa de mais segurança. Um monitor no quarto do Verity, conectado a um sensor de movimento nos finais de semana que ela está aqui. Se ela realmente está fingindo seus ferimentos, ele descobrirá. E se ele descobrir, nunca mais permitirá que ela fique perto de Crew novamente.

E agora que ela está indo para uma instituição, ela será monitorada ainda mais de perto.

Agora, as coisas estão bem. Seguras.

— Fique mais uma semana — diz Jeremy.

Eu estava planejando sair de manhã, mas agora que eu sei que Verity irá embora em breve, estou animado com a ideia de estar aqui com ele durante toda a semana, sem abril, sem Verity.

— OK.

Ele levanta uma sobrancelha. — Você quer dizer *tudo bem*.

Eu sorrio. — Tudo bem.

Ele pressiona a boca no meu estômago, me beija e depois sobe de volta em cima de mim.

Ele não remove a camisa que eu estou usando quando ele desliza para dentro de mim. Ele faz amor comigo por tanto tempo, meu corpo se torna ágil contra seus movimentos. Quando sinto os músculos de seus braços começando a ficar tensos sob meus dedos, não quero que acabe. Eu não quero que ele deixe meu corpo.

Eu envolvo minhas pernas firmemente ao redor dele e trago sua boca para a minha. Ele geme, afundando em mim ainda mais fundo. Ele está me beijando quando goza, seus lábios rígidos, sua respiração superficial, não fazendo nenhuma tentativa de sair. Ele desmorona em cima de mim, ainda dentro de mim.

Estamos calados, porque nós dois sabemos o que acabamos de fazer. Nós não discutimos isso, no entanto.

Depois que Jeremy recupera o fôlego, ele sai de dentro de mim e abaixa a mão, deslizando os dedos entre as minhas pernas. Ele me observa quando ele me toca, esperando que eu alcance meu clímax. Quando faço isso, não me

preocupo com o quão alta eu sou, porque somos os únicos aqui e é uma felicidade.

Quando acaba e eu relaxo contra a cama, ele me beija uma última vez.

— Eu preciso fugir agora antes que todos cheguem em casa.

Eu sorrio para ele, observando enquanto ele se veste. Ele aperta um beijo na minha testa antes de atravessar o quarto para subir de volta pela janela.

Eu não sei porque ele não usou a porta, mas isso me faz rir.

Eu puxo um travesseiro sobre o meu rosto e sorrio. O que aconteceu comigo? Talvez esta casa esteja fodendo com a minha cabeça, porque na metade do tempo eu estou pronta para dar o fora daqui e metade do tempo eu nunca mais quero sair.

Esse manuscrito está definitivamente fodendo com a minha cabeça. Eu sinto que estou me apaixonando pelo homem e só o conheço há algumas semanas. Mas eu não estou apenas me apaixonando por ele na vida real. Eu me apaixonei por ele por causa das palavras da Verity. Tudo o que ela revelou sobre ele me deu uma ideia do tipo de pessoa que ele é, e ele merece mais do que o que ela lhe deu. Eu quero dar a ele o que ela nunca deu.

Ele merece estar com alguém que vai colocar seu amor por seus filhos antes de qualquer outra coisa.

Eu puxo o travesseiro do meu rosto e o coloco sob meus quadris, levantando-os para que tudo o que ele deixou dentro de mim não vaze.



Eu sonhei com Crew quando caí no sono. Ele era mais velho, cerca de dezesseis anos. Nada significativo aconteceu no meu sonho, ou pelo menos, se aconteceu, não me lembro disso. Eu só lembro da sensação que tive quando olhei em seus olhos. Como ele era malvado. Era como se tudo o que Verity o fizera passar e tudo o que ele viu estivesse embutido em sua alma, e ele carregasse isso com ele durante a infância.

Já faz várias horas desde então, e não posso deixar de me perguntar se manter o silêncio sobre o manuscrito é do interesse de Crew. Ele viu sua irmã se afogar. Ele viu sua mãe fazer muito pouco para ajudá-la. E enquanto ele é muito jovem, existe a possibilidade de que a memória permaneça com ele. Que ele sempre saberá que ela disse a ele para prender a respiração antes que ela inclinasse a canoa de propósito.

Eu estou na cozinha com ele, apenas Crew e eu. April foi embora há cerca de uma hora e Jeremy está no andar de cima, colocando Verity na cama. Estou sentada à mesa da cozinha, comendo bolachas Ritz e manteiga de amendoim, olhando para Crew enquanto ele toca no seu iPad.

— O que você está jogando? — Eu pergunto a ele.

— Explosão de brinquedo.

Pelo menos não é Fallout nem Grand Theft Auto. Ainda há esperança para ele.

Crew olha para mim, vendo-me dar uma mordida no meu biscoito. Ele abaixa o iPad e rasteja para a mesa. — Eu quero um — diz ele.

Isso me faz rir, observando-o rastejar pela mesa para alcançar a manteiga de amendoim. Eu entrego a ele a faca de manteiga. Ele espalha um enorme globo em um biscoito e dá uma mordida, sentando-se de joelhos. Seus olhos

se enchem de emoção. — É bom.

Crew lambe a manteiga de amendoim da faca e eu torço o nariz. — Nojento... Você não deveria lamber a faca.

Ele ri, como se fosse engraçado.

Eu me inclino para trás no meu assento, admirando-o. Por tudo o que ele passou, ele é um bom garoto. Ele não choraminga, ele é quieto, ele ainda encontra humor nas pequenas coisas. Eu não acho que ele seja um babaca. Não como no primeiro dia em que o conheci.

Eu sorrio para ele. Na sua inocência. E novamente, começo a me perguntar se ele tem alguma lembrança daquele dia. Eu me pergunto se as memórias de Crew determinariam qual programa terapêutico é melhor para ele. Como o pai dele não sabe a extensão do que foi passado pela Verity, sinto que isso é comigo. Eu sou a única com o manuscrito. Eu sou a única com a responsabilidade de dizer a Jeremy se eu acho que o filho dele foi mais danificado do que ele pensa.

— Crew — eu digo, estendendo a mão para o pote de manteiga de amendoim, girando-a com os dedos. — Posso te fazer uma pergunta?

Ele me dá um aceno exagerado. — Sim.

Eu sorrio, querendo que ele se sinta confortável com a minha linha de questionamento. — Você costumava ter uma canoa?

Ele faz uma pausa no meio de lamber a faca de manteiga novamente. Então ele diz: — Sim.

Eu examino seu rosto em busca de pistas que eu deveria parar, mas ele não está me dando nenhuma. — Você já brincou? Na água?

— Sim.

Ele lambe a faca novamente, e eu sinto um pouco de alívio por ele não parecer muito perturbado com a minha conversa. Talvez ele não se lembre de nada. Ele tem apenas cinco anos; sua percepção da realidade quando acontece é diferente da de um adulto. — Você se lembra de estar na canoa? Com sua mãe? E Harper?

Crew não acena nem diz sim. Ele olha para mim e eu não sei dizer se ele está com medo de responder a pergunta ou se ele simplesmente não se lembra. Ele olha para a mesa, quebrando o contato visual comigo. Ele enfia a faca no pote novamente e coloca na boca, fechando os lábios sobre ela.

— Crew — eu digo, me aproximando dele, colocando uma mão gentil em seu joelho. — Por que a canoa virou?

Os olhos de Crew voltam para os meus e ele puxa a faca da boca por um momento, tempo suficiente para dizer: — Mamãe disse que eu não deveria falar com você se você me fizer perguntas sobre ela.

Eu sinto a cor escorrer do meu rosto enquanto ele casualmente lambe a faca novamente. Eu agarro a borda da mesa, meus dedos brancos. — Ela... Sua mãe fala com você?

Crew olha para mim por alguns segundos sem me dar uma resposta, e então ele balança a cabeça com um olhar em seus olhos que me faz sentir como se ele estivesse prestes a recuar. Ele percebe que ele não deveria ter dito isso.

— Crew, sua mãe finge que não pode falar?

Os dentes de Crew se apertam enquanto a faca de manteiga ainda está em sua boca. Eu vejo a faca deslizar entre os dentes, em suas gengivas.

O sangue começa a deslizar pelos seus dentes da frente, até os lábios. Eu empurro minha cadeira para trás com força suficiente para que ela atinja o chão enquanto eu pego a alça da faca de manteiga e retiro-a da boca de Crew.

— Jeremy!

Eu cubro a boca de Crew com a minha mão, procurando uma toalha que possa estar ao alcance. Não há nada. Crew não está chorando, mas seus olhos estão cheios de medo.

— Jeremy! — Eu estou gritando agora, em parte porque eu preciso dele para me ajudar com Crew e em parte porque o que acabou de acontecer me aterrorizou.

Jeremy está aqui agora, na frente de Crew, inclinando a cabeça para trás, olhando dentro de sua boca. — O que aconteceu?

— Ele ... — Eu não posso nem dizer isso. Estou com falta de ar. — Ele mordeu a faca.

— Ele precisa de pontos. — Jeremy pega-o. — Pegue minhas chaves. Elas estão na sala de estar.

Corro para a sala e tiro as chaves de Jeremy da mesa. Eu os sigo para a garagem, para o Jeep de Jeremy. Crew tem lágrimas nos olhos, como se a dor estivesse se instalando. Jeremy abre a porta dos fundos e coloca Crew em seu assento. Eu abro a porta da frente para subir no jipe.

— Lowen — diz Jeremy. Eu me viro assim que ele fecha a porta de Crew. — Eu não posso deixar a Verity aqui sozinha. Eu preciso que você fique.

Meu coração afunda profundamente na boca do meu estômago. Jeremy está me ajudando a descer do Jeel antes que eu possa me opor. — Vou ligar para você depois que eles o verem. — Ele pega as chaves da minha mão, e eu estou congelada em um ponto enquanto o vejo saindo da garagem. Ele vira o Jeep e sai da garagem.

Eu olho para as minhas mãos, cobertas pelo sangue de Crew.

Eu não quero mais estar aqui, eu não quero, eu odeio esse trabalho.

Alguns segundos se passam antes que eu perceba que não importa o que eu quero. Eu estou aqui, e Verity também, e eu preciso ter certeza de que a porta dela está trancada. Corro de volta para a casa, subo as escadas até o quarto dela. A porta dela está escancarada, provavelmente porque Jeremy desceu correndo as pressas.

Ela está na cama dela. As cobertas estão na metade do corpo dela, e uma de suas pernas está pendurada, como se Jeremy tivesse me ouvido gritar antes que ele pudesse levá-la até a cama.

Não é problema meu.

Fecho a porta e tranco-a, depois penso no que posso fazer para garantir minha própria segurança. Corro para o andar de baixo quando lembro de ter visto o monitor do bebê no porão. O último lugar que quero estar é no porão, mas domino meu medo, uso a luz do meu celular e desço as escadas. Quando eu estava aqui embaixo com Jeremy, não dei muita atenção ao porão. Mas sei que algumas das caixas que foram empilhadas estavam fechadas.

Enquanto eu ilumino minha luz ao redor da sala, percebo que quase todas as caixas foram movidas e abertas, como se alguém estivesse vasculhando-as. O pensamento de que poderia ter sido Verity torna minha missão mais urgente. Eu não quero ficar aqui mais do que preciso estar. Eu vou para a área onde eu vi o monitor do bebê saindo de uma caixa. Foi bem no topo quando notei pela primeira vez – em uma das únicas caixas não abertas.

Foi movido.

Quando estou prestes a desistir da minha pesquisa por medo de estar aqui embaixo, vejo a caixa no chão a alguns metros de distância. Eu pego o monitor e o receptor e volto para as escadas, meu coração pesado em meus pés enquanto tento subir os degraus. Alívio se espalha através de mim quando a porta se abre e eu fujo.

Eu desembaraço os cabos e, em seguida, conecto o monitor empoeirado a uma tomada ao lado do computador da Verity. Corro de volta para o andar de

cima, mas antes de chegar ao topo, paro. Eu me viro. Eu vou para a cozinha e pego uma faca.

Quando chego ao quarto de Verity novamente, agarro a faca na mão e abro a porta do quarto dela. Ela não se moveu. Sua perna ainda está pendurada na cama. Eu fico de costas para a parede enquanto me movo para a cômoda e coloco a outra metade do monitor na cômoda. Eu aponto para a cama dela e conecto.

Volto para a porta e hesito antes de sair do quarto. Eu dou um passo à frente, ainda segurando a faca, em seguida levanto a perna o mais rápido que posso e deixo cair na cama. Eu jogo as cobertas sobre ela, levanto o corrimão da cama e bato a porta quando estou de volta ao corredor.

Eu tranco.

Foda-se essa merda.

Estou ofegando quando chego à pia da cozinha. Eu lavo o sangue das minhas mãos, que secou na minha pele. Passo alguns minutos limpando a mesa e o chão. Então volto para o escritório e me sento na frente do monitor.

Eu me certifico de que a câmera do meu celular esteja no modo de vídeo, caso ela se mova. Se ela se mexer, quero que o Jeremy veja.

Eu espero.

Por uma hora inteira, espero. Eu assisto meu telefone pela ligação de Jeremy. Eu assisto o monitor pelas mentiras de Verity. Estou com muito medo de sair do escritório e fazer outra coisa senão esperar. As pontas dos meus dedos ficam doloridas pela constante batida contra a mesa.

Quando outra meia hora passa, percebo que recorri a duvidar de mim novamente. *Ela teria se mexido agora.* Especialmente desde que ela nem sequer abriu os olhos. Ela não me viu configurar o monitor porque seus olhos estavam fechados, então ela nem sabia que estava lá.

A menos que ela os abrisse enquanto eu descia as escadas correndo. Se for esse o caso, ela viu o monitor e sabe que eu estou a observando.

Eu sacudo minha cabeça. *Isto está me deixando louca.*

Há um capítulo à esquerda de seu manuscrito. Eu preciso colocar tudo isso para descansar, se eu ficar nesta casa por mais uma semana. Eu não posso continuar pensando que estou em perigo e pensando que sou louca. Pego as últimas páginas e mantenho minha cadeira apontada para o monitor de vídeo. Eu vou ler enquanto fico de olho nos movimentos dela.

Que Assim Seja

Capítulo 15

Chapter Fifteen

Faz apenas alguns dias desde que Harper morreu, mas sinto que meu mundo mudou mais naqueles poucos dias do que em todos os meus anos nesta terra.

A polícia pegou meu relatório. Duas vezes. É compreensível que eles querem garantir que não haja buracos na minha história. É o trabalho deles. Suas perguntas eram bastante simples. Fácil de responder.

— *Você pode nos explicar o que aconteceu?*

— Harper se inclinou sobre a borda da canoa. Ela tombou. Todos nós afundamos, mas Harper nunca apareceu. Tentei encontrá-la, mas estava ficando sem fôlego e precisava levar Crew para a segurança.

Por que seus filhos não estavam com coletes salva-vidas?

— Nós pensamos que estávamos em águas rasas. Nós estávamos tão perto da doca no começo, mas depois... nós não estávamos.

Onde estava seu marido?

— Ele estava no mercado. Ele me disse para levar as crianças até a água antes de partir.

Eu respondi todas as suas perguntas em meio a soluços. Ocasionalmente eu me dobrava, como se a morte dela estivesse me afetando fisicamente. Eu acho que meu desempenho foi tão bom, que os deixou desconfortável para me fazer mais perguntas.

Eu gostaria de poder dizer o mesmo para Jeremy.

Ele tem sido pior que os detetives.

Ele não deixou Crew fora de sua vista desde que Harper morreu. Nós três dormimos juntos no andar de baixo do principal – Crew no meio, Jeremy e eu separados por outro filho. Mas esta noite foi diferente. Hoje à noite eu disse a

Jeremy que queria que ele me segurasse, então ele colocou Crew do outro lado dele e Jeremy estava no meio. Eu me agarrei a ele por meia hora, esperando que pudéssemos adormecer desse jeito, mas ele não iria parar com as malditas perguntas.

— Por que você os levou na canoa?

— Eles queriam ir — eu disse.

— Por que eles não estavam em coletes salva-vidas?

— Eu pensei que nós estávamos perto da costa.

— Qual foi a última coisa que ela disse?

— Eu não me lembro.

— Ela ainda estava acima da água quando você chegou à costa com Crew?

— Não. Acho que não.

— Você sabia que a canoa estava prestes a tombar?

— Não. Tudo aconteceu tão rápido.

As perguntas pararam por um tempo, mas eu sabia que ele ainda estava acordado. Finalmente, depois de vários minutos de silêncio, ele disse: — Simplesmente não faz sentido.

— O que não faz sentido?

Ele recuou, colocando espaço entre meu rosto e seu peito. Ele queria que eu olhasse para ele, então levantei a cabeça.

Ele tocou minha bochecha, gentilmente, com as costas dos dedos. — Por que você disse para Crew prender a respiração, Verity?

Esse é o momento em que eu sabia que estava acabado.

Esse é o momento em que *ele sabia que estava acabado*.

Para um homem que achava que conhecia sua esposa... Essa foi a primeira vez que ele realmente entendeu o olhar em meus olhos. E eu sabia, não importava o quanto tentasse convencê-lo... ele nunca acreditaria em mim por causa de Crew. Ele não era esse tipo de homem. Ele colocou seus filhos em primeiro lugar antes de sua própria esposa, e essa é a única coisa que eu não gosto mais sobre ele.

Eu tentei, no entanto. Eu tentei convencê-lo. É difícil ser convincente quando as lágrimas escorrem pelas suas bochechas e sua voz está tremendo quando você diz: — Eu disse isso quando estávamos dando virando. Não antes.

Ele me observou por um momento. E então ele me libertou. Afastado de

mim pelo que eu sabia que seria a última vez. Ele rolou e passou os braços em torno de Crew, como se ele fosse seu próprio corpo de armadura pessoal.

Seu protetor.

De *mim*.

Eu tentei ficar imóvel sem reação, então ele achava que eu adormeci, mas tudo que eu fiz foi chorar baixinho. Quando minhas lágrimas começaram a aumentar, fui até meu escritório e fechei a porta antes que Jeremy pudesse me ouvir soluçando.

Quando cheguei ao meu escritório, abri meu manuscrito e comecei a digitar. Parece que não há mais nada a dizer. Não há futuro para escrever. Nenhum passado para redimir.

Eu estou no final da minha história?

Eu não sei o que acontece depois. Ao contrário da minha previsão do assassinato de Chastin, não sei como minha vida vai acabar.

Será nas mãos de Jeremy? Ou será por minha *própria* mão?

Ou talvez não acabe. Talvez Jeremy acorde amanhã e me veja dormindo ao lado dele. Talvez ele se lembre de todos os bons momentos, todos os boquetes, todo o engolir. E ele vai perceber quanto tempo mais teremos para fazer essas coisas agora que só temos um filho.

Ou... talvez ele acorde convencido de que a morte de Harper não foi um acidente. Talvez ele me denuncie para a polícia. Talvez ele queira me ver sofrer pelo que fiz a ela.

Se for esse o caso...*que* assim seja.

Eu só vou dirigir meu carro até bater em uma árvore.

Fim



Eu nem tenho tempo para absorver esse final antes de ouvir o Jeep de Jeremy entrando na garagem. Eu empilho as páginas em uma pilha e, em seguida, olho para o monitor. Verity ainda não se moveu.

Ele suspeitou dela?

Eu aperto meu pescoço, tentando aliviar toda a tensão que o último capítulo infunde em meus músculos. Como ele ainda poderia cuidar dela? Banhá-la e mudá-la para o resto de sua vida? Sentir como se ele lhe devesse a promessa de seus votos?

Se ele realmente achava que ela matou Harper, como ele poderia ficar na mesma casa que ela?

Eu ouço a porta da garagem abrir, então eu ando até a porta do escritório e saio para o corredor. Jeremy está segurando Crew em seus braços ao pé da escada.

— Seis pontos — ele sussurra. — E muitos analgésicos. Ele está frio pela noite. — Ele anda com Crew para o andar de cima para colocá-lo na cama. Eu não o ouço checar Verity antes que ele comece a descer novamente.

— Quer um café? — Eu pergunto a ele.

— Por favor.

Ele me segue até a cozinha, onde ele me abraça por trás, suspirando no meu cabelo quando eu começo um bule de café. Eu inclino minha cabeça contra a dele, cheia de tantas perguntas. Mas eu não digo nada porque eu nem sei por onde começar.

Eu giro ao redor enquanto o café fermenta e envolvo meus braços ao redor dele. Nós nos abraçamos na cozinha por vários minutos. Até ele me soltar e dizer: — Preciso tomar banho. Eu tenho sangue seco em cima de

mim.

Eu noto isso então. As gotas em seus braços, as manchas em sua camisa. Está começando a ser nossa coisa, estar coberto de sangue. Estou feliz por não ser supersticioso.

— Eu vou estar no escritório.

Nós nos beijamos e então ele corre para cima. Eu espero que o café fique pronto para que eu possa tomar um copo. Ainda não sei como abordá-lo com todas as minhas perguntas, mas depois de ler o último capítulo, tenho muitas. Eu acho que pode ser uma noite longa.

Eu ouço o banho dele quando começo a me servir uma xícara de café. Eu carrego de volta para o escritório comigo e, em seguida, derramo por todo o chão. O copo se quebra. O líquido quente espirra minhas pernas e começa a penetrar nos meus dedos, mas não consigo me mexer.

Estou congelada no lugar enquanto olho para o monitor.

Verity está no chão. Em suas mãos e joelhos.

Eu vou para o meu celular ao mesmo tempo em que grito o nome de Jeremy.

— Jeremy!

A cabeça de Verity se inclina para o lado, como se ela ouvisse meu grito do andar de cima. Antes que eu possa abrir meu aplicativo de câmera com dedos instáveis, ela rasteja de volta para sua cama. Volta para a posição. Fica quieta.

— Jeremy! — Eu grito de novo, largando meu telefone. Eu corro para a cozinha e pego uma faca. Subo as escadas direto para o quarto de Verity. Eu destranco a porta dela e abro-a.

— Levante-se! — Eu grito.

Ela não se move. Não recua.

Eu rasgo as cobertas dela. — *Levante-se*, Verity. Eu vi você. — Estou cheia de raiva quando abaixei o lado da cama do hospital. — Você não está se dando bem com isso.

Eu quero que Jeremy a veja por quem ela realmente é antes que ela tenha uma oportunidade de machucá-lo. De machucar Crew. Eu a agarro pelos tornozelos e puxo suas pernas. Eu tenho ela meio fora da cama quando sinto alguém me arrancar dela. Eu estou ao redor, levada para a porta. Ele planta meus pés no chão do corredor.

— O que diabos você está fazendo, Lowen? — O rosto de Jeremy e sua

voz estão tão cheios de raiva.

Eu dou um passo à frente, pressionando minhas mãos contra o peito dele. Ele puxa a faca para longe de mim e agarra meus ombros. — Pare.

— Ela está fingindo. Eu a vi, eu juro, ela está fingindo.

Ele pisa de volta em seu quarto e bate a porta na minha cara. Abro a porta e ele levanta as pernas de Verity para a cama. Quando ele me vê entrando na sala de novo, ele joga as cobertas sobre Verity e me empurra para o corredor. Ele se vira e tranca a porta dela, então me agarra pelo pulso e me puxa para trás dele.

— Jeremy, não. — Eu estou agarrando o pulso dele que está bem fechado ao redor do meu. — Não deixe Crew aqui com ela. — Minha voz está implorando, mas ele não consegue ouvir a preocupação. Ele só pode ver o que ele acha que sabe, o que ele entendeu. Quando chegamos às escadas, volto para trás, balançando a cabeça, recusando-me a descer. *Ele precisa levar Crew para baixo.* Ele me agarra pela cintura e me levanta por cima do ombro e me leva descendo as escadas, direto para o meu quarto. Ele me coloca na cama, gentilmente, mesmo no meio de sua raiva.

Ele caminha até o meu armário. Agarra minha mala. Minhas coisas. — Eu quero que você saia.

Eu levanto de joelhos e me movo para o pé da cama, onde ele está empurrando todas as minhas coisas na mala. — Você tem que acreditar em mim.

Ele não acredita.

— Merda, Jeremy! — Eu aponto para o andar de cima. — Ela é louca! Ela está mentindo para você desde o dia em que a conheceu!

Eu nunca vi tanta desconfiança e ódio saindo de um humano. A maneira como ele está olhando para mim me deixa tão apavorada que me afasto dele.

— Ela não está fingindo, Lowen. — Ele joga a mão no ar, em direção à direção das escadas. — Essa mulher é indefesa. Praticamente com morte cerebral. Você tem visto as coisas desde que chegou aqui. — Ele enfia mais roupas na minha mala, balançando a cabeça. — É impossível — ele murmura.

— Não é. E você sabe que não é. Ela matou Harper e você sabe disso. Você suspeitou disso. — Saio da cama e corro para a porta. — Eu posso provar.

Ele segue atrás de mim enquanto eu corro para o escritório da Verity. Eu

pego o manuscrito, cada página dele, e eu me viro quando ele me alcança e empurro contra seu peito. — Leia-o.

Ele pega as páginas. Olha para elas. Olha de volta para mim. — Onde você achou isso?

— É dela. Está tudo lá. Desde o dia em que você a conheceu até o acidente de carro. Leia-o. Pelo menos leia os dois últimos capítulos, não me importo. Apenas, por favor, leia. — Estou exausta e não tenho mais nada em mim além de pedidos. Então eu imploro a ele. Silenciosamente. — Por favor, Jeremy. Pelas suas garotas.

Ele ainda está olhando para mim como se não confiasse em uma única palavra saindo da minha boca. Ele não precisa. Se ele apenas lesse essas páginas – visse o que sua esposa estava realmente pensando nos momentos em que ela estava com ele – ele saberá que não sou aquela com quem ele precisa se preocupar.

Eu posso sentir o medo crescendo em mim. O medo de perdê-lo. Ele acha que sou louca – que eu estava tentando machucar a esposa dele. Ele quer que eu saia de casa. Ele quer que eu saia daqui e ele nunca mais quer me ver.

Meus olhos ardem quando as lágrimas começam a cair pelas minhas bochechas.

— Por favor — eu sussurro. — *Por favor.* Você merece saber a verdade.



Espero que ele demore um pouco para ler a coisa toda. Estou sentada na minha cama, esperando. A casa é mais silenciosa do que nunca. Inquietante, como a calma antes de uma tempestade.

Eu olho para a minha mala, imaginando se ele ainda vai querer que eu saia depois disso. O tempo todo em que eu estive aqui, tenho mantido esse manuscrito, mantendo isso em segredo dele. Ele pode nunca me perdoar por isso.

Eu sei que ele nunca perdoará a Verity.

Meus olhos se movem para o teto quando ouço um estrondo. Não era alto, mas parecia que vinha da sala em que Jeremy está. Ele não está lá há muito tempo, mas é tempo suficiente para, pelo menos, roçar o manuscrito e saber que Verity não era nada da mulher. ele pensou que ela era.

Eu ouço um choro. É baixo e silencioso, mas eu o escuto.

Eu caio de lado e abraço o travesseiro enquanto aperto meus olhos fechados. Me mata saber o quanto ele está machucando agora, enquanto ele lê página após página de uma verdade tão dura, que nunca deveria ter sido escrita.

Passos estão acima de mim agora, movendo-se no andar de cima. Ele não está lá há tempo suficiente para ler a coisa toda, mas eu posso entender isso. Se eu fosse ele, teria pulado até o fim para ver o que realmente aconteceu com Harper.

Eu ouço uma porta aberta. Eu corro pelo corredor até o escritório e olho para o monitor.

Jeremy está parado na porta do Verity, olhando para ela. Eu posso ver os dois do monitor. — Verity.

Ela não responde, obviamente. Ela não quer que ele saiba que ela é uma ameaça. Ou talvez ela esteja fingindo porque tem medo de que ele a entregue para a polícia. Seja qual for o motivo dela, tenho a sensação de que Jeremy não vai sair da sala até receber a resposta.

— Verity — diz ele, aproximando-se dela. — Se você não me responder, eu vou chamar a polícia.

Ela ainda não responde a ele. Ele caminha até ela, abaixa e abre uma das pálpebras. Ele olha para ela por um momento, depois caminha em direção à porta. Ele não acredita em mim.

Mas então ele faz uma pausa, como se estivesse se questionando. Questionando o que ele leu. Ele se vira e caminha até ela. — Quando sair dessa sala, levo seu manuscrito direto para a polícia. Eles vão te afastar e você nunca mais vai me ver ou Crew se você não abrir os olhos e me dizer o que está acontecendo nesta casa.

Vários segundos passam. Estou segurando minha respiração, esperando ela se mexer. Espero que ela se mova para que Jeremy saiba que estou dizendo a verdade.

Um gemido escapa da minha garganta quando ela abre os olhos. Eu bato minha mão sobre minha própria boca antes de se transformar em um grito. Receio acordar Crew, e isso não é algo que ele precisa entrar.

Jeremy está com o corpo todo tenso, e então ele agarra a cabeça com as duas mãos enquanto se afasta de sua cama. Ele encontra a parede. — Que porra, Verity?

Verity começa a sacudir a cabeça com firmeza. — Eu tive que, Jeremy — diz ela, sentando-se na cama. Ela está em uma pose defensiva, como se estivesse aterrorizada com o que ele poderia fazer.

Jeremy ainda está descrente, com o rosto cheio de raiva, traição e confusão. — Esse tempo todo... você esteve... — Ele está tentando manter a voz baixa, mas parece que está prestes a explodir em fúria. Ele se vira e libera sua raiva com o punho contra a porta. Isso faz Verity estremecer.

Ela levanta as mãos. — Por favor, não me machuque. Eu explicarei tudo.

— Não te *machucar*? — Jeremy gira ao redor, dando um passo para frente. — Você a *matou*, Verity.

Eu posso ouvir a raiva em sua voz, e é apenas sobre o monitor. Mas a Verity tem um lugar na primeira fila. Ela tenta pular da cama para escapar dele, mas ele não permite. Ele a agarra pela perna e a puxa de volta para a

cama. Quando ela começa a gritar, ele cobre a sua boca.

Eles lutam. Ela está tentando chutá-lo. Ele está tentando segurá-la.

Então a outra mão forma um círculo ao redor de sua garganta.

Não, Jeremy.

Corro direto para o quarto de Verity e paro quando chego à porta. Jeremy está em cima dela. Seus braços estão presos sob os joelhos, suas pernas estão chutando a cama, seus pés estão cavando no colchão enquanto ela chia.

Ela está tentando revidar, mas ele a domina em todos os sentidos.

— Jeremy! — Eu corro para ele e tento puxá-lo para fora dela. Tudo o que posso pensar é o futuro de Crew e Jeremy e como sua raiva não vale uma vida. A vida *dele*. — *Jeremy!*

Ele não está escutando. Ele se recusa a soltá-la. Eu tento entrar em seu rosto, acalmá-lo, falar com sentido nele. — Você tem que parar. Você está esmagando sua traqueia. Eles saberão que você a matou.

As lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto. — Ela matou nossa filha, Low. — Sua voz está cheia de devastação.

Eu pego seu rosto, tento puxá-lo para mim. — Pense em Crew — eu digo, minha voz baixa. — Seu filho não terá pai se você fizer isso.

Eu vejo a lenta mudança nele enquanto minhas palavras afundam. Ele finalmente tira as mãos de sua garganta. Eu dobrei, ofegando tanto quanto Verity faz agora. Ela está engasgando, tentando inalar. Ela tenta falar. Ou gritar. Jeremy cobre a boca e olha para mim. Há um pedido em seus olhos, mas não é um pedido para eu pedir ajuda. É um pedido para eu ajudá-lo a descobrir uma maneira melhor de acabar com ela.

Eu nem discuto com ele. Não há uma única célula em seu corpo que mereça viver depois de tudo o que ela fez. Eu recuo e tento pensar.

Se ele fizê-la engasgar, eles saberão. Suas impressões de mãos estarão em sua garganta. Se ele a sufocar, partículas do travesseiro estarão em seus pulmões. *Mas nós temos que fazer alguma coisa. Se não, ela vai se safar de alguma forma porque é manipuladora. Ela vai acabar machucando ele ou Crew. Ela vai matá-lo assim como ela matou sua filha. Assim como ela tentou matar Harper quando criança.*

Assim como ela tentou matar Harper quando criança.

— Você tem que fazer parecer um acidente — eu digo, minha voz baixa, mas alta o suficiente para ser ouvida sobre os ruídos que ela está fazendo sob a palma da mão dele. — Faça-a vomitar. Cubra o nariz e a boca até que ela

pare de respirar. Parece que ela aspirou enquanto dormia.

Os olhos de Jeremy estão arregalados enquanto ele me ouve, mas há entendimento lá. Ele tira as mãos da boca dela e depois empurra os dedos pela garganta dela. Eu viro minha cabeça. Eu não posso assistir.

Eu ouço o engasgo, e depois o choque, e parece que vai durar para sempre. *Para sempre.*

Eu me afundo no chão, todo o meu corpo tremendo. Pressiono as palmas das mãos contra os ouvidos e tento ignorar os sons dos últimos suspiros de Verity. De seus últimos movimentos. Depois de um tempo, o som dos pulmões de três pessoas se transforma em dois.

É apenas Jeremy e eu respirando agora.

— *Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus...* — Eu não consigo parar de sussurrar isso de novo e de novo quando a enormidade do que acabamos de fazer começa a se registrar.

Jeremy está quieto, além das respirações cautelosas que ele está soltando. Eu não quero olhar para ela, mas preciso saber que acabou.

Quando eu viro meu corpo para encará-la, ela está olhando para mim. Só que desta vez, sei que ela não está lá, escondida por trás daquele olhar vago.

Jeremy está de joelhos ao lado da cama. Ele verifica seu pulso, então sua cabeça cai entre os ombros. Ele se senta, de costas para a cama enquanto recupera o fôlego. Ele traz as duas mãos para o rosto, embalando a cabeça. Eu não sei se ele está prestes a chorar, mas eu entenderia se ele fizesse isso. Ele foi atingido com a realidade de que a morte de sua filha não foi um acidente. Que sua esposa – a mulher a quem ele dedicou tantos anos de vida – não era em absoluto a pessoa que ele acreditava que ela fosse. Que ela estava manipulando-o o tempo todo.

Toda boa memória que ele já teve com sua esposa morreu junto com ela hoje à noite. Suas confissões o despedaçaram, e eu posso ver na maneira como ele se dobra agora, tentando processar a última hora de sua vida. A última hora da vida de *Verity*.

Eu bato minha mão na minha boca e começo a chorar. Eu não posso acreditar que apenas o ajudei a matá-la. *Nós acabamos de matá-la.*

Eu não consigo parar de olhar para ela.

Jeremy se levanta e depois me levanta em seus braços. Meus olhos estão fechados enquanto ele me leva para fora do quarto e desce as escadas. Quando ele me deita na cama, quero que ele rasteje comigo. Envolve seus

braços em volta de mim. Mas ele não faz. Ele começa a andar pela quarto, balançando a cabeça, resmungando baixinho.

Estamos ambos em estado de choque, eu acho. Quero tranquilizá-lo, mas tenho muito medo de falar ou mexer ou aceitar que isso é real.

— Foda-se — diz ele. E então, mais alto. — *Porra!*

E aí está. Toda lembrança, toda crença, tudo que ele achava que sabia sobre Verity estava afundando.

Ele olha para mim e depois caminha até a cama. Sua mão trêmula empurra meu cabelo para trás. — Ela morreu em seu sono — diz ele, suas palavras silenciosas e rígidas. — OK?

Eu concordo.

— De manhã... — Sua voz está misturada com muita respiração enquanto ele tenta ficar calmo. — De manhã, ligo para a polícia e digo que a encontrei quando fui acordá-la. Parece que ela aspirou enquanto dormia.

Eu não parei de concordar. Ele está olhando para mim com preocupação, com empatia, com desculpas. — Sinto muito — diz ele. — Eu sinto muito. — Ele se inclina e me beija no topo da minha cabeça. — Eu já volto, Low. Eu preciso ir direto para o quarto. Eu preciso esconder o manuscrito.

Ele se ajoelha para ficar de olho em mim, como se quisesse ter certeza de que eu estava entendendo. Que eu entendo ele.

— Nós fomos para a cama como de costume. Nós dois, por volta da meia noite. Eu administrei os remédios e, quando acordei às sete horas para deixar Crew pronta para a escola, não o encontrei.

— OK.

— Verity morreu em seu sono — ele repete. — E nós nunca vamos discutir isso novamente depois de hoje à noite. Depois desse momento... agora mesmo.

— Tudo bem — eu sussurro.

Ele solta um suspiro lento. — Tudo bem.

Depois que ele sai do quarto, eu posso ouvi-lo movendo as coisas, andando de um lado para o outro, primeiro para o quarto dele, depois para o quarto de Crew, depois para o quarto de Verity, depois para o banheiro.

Ele caminha para o escritório e depois para a cozinha.

Agora ele está de volta na cama comigo. Me segurando. Ele me segura mais forte agora do que nunca. Nós não dormimos. Nós só tememos o que a manhã trará.

Sete meses depois

Verity morreu em seu sono há sete meses.

Crew se esforçou. O mesmo fez Jeremy, publicamente. Saí na manhã em que ela morreu e voltei para Manhattan. Jeremy teve que lidar com aquela semana, e tenho certeza que teria sido ainda mais suspeito se eu tivesse ficado em sua casa após a morte de sua esposa.

Meu rascunho foi aprovado, assim como os dois rascunhos subsequentes. Entreguei o primeiro rascunho do primeiro romance há duas semanas. Pedi uma extensão no prazo para os próximos dois romances. Vai ser difícil trabalhar neles com uma recém-nascida.

Ela ainda não chegou. Ela não está prevista para mais dois meses e meio. Mas estou confiante de que, com a ajuda de Jeremy, poderei recuperar o atraso em qualquer trabalho em que me atrasar. Ele é ótimo com o Crew, e ele foi ótimo com as garotas, então eu sei que ele vai ser ótimo com a nossa menina quando ela chegar.

No início, ficamos chocados, embora não surpresos. Coisas assim acontecem quando você não é cuidadoso. Eu me preocupei como Jeremy aceitaria, tornando-se pai novamente depois de perder duas filhas tão próximas uma do outra. Mas percebi, depois de ver sua empolgação, que Verity estava errada. Perder um filho, ou até dois, não significa que você perdeu todos eles. O pesar de Jeremy pelas mortes de suas filhas é separado de sua alegria pelo nascimento iminente de uma nova.

Mesmo depois de tudo o que ele passou, ele ainda é o melhor homem que já entrou na minha vida. Ele é paciente, atencioso e um amante muito melhor do que Verity poderia tê-lo descrito. Depois da morte dela, quando tive que voltar para Manhattan, Jeremy me ligava todos os dias. Fiquei longe por duas semanas - até que tudo começou a se resolver. Quando ele me pediu para voltar, eu estava lá naquela mesma noite. Eu estive com ele todos os dias

desde então. Nós dois sabíamos que estávamos apressando as coisas, mas era difícil estar separada dele. Acho que a minha presença lhe trouxe conforto, por isso não nos preocupamos com o momento ou se o nosso relacionamento era demais, cedo demais. Na verdade, nós nem discutimos isso. A definição do nosso relacionamento não foi dita. Foi orgânico. Nós estávamos apaixonados e isso era tudo o que importava.

Ele decidiu vender a casa logo depois que descobrimos que eu estava grávida. Ele não queria permanecer na mesma cidade onde ele e Verity viveram. E honestamente, eu não queria ficar naquela casa com todas aquelas lembranças terríveis. Começamos do zero há três meses na Carolina do Norte. Com o adiantamento e o seguro de vida de Verity, pudemos pagar em dinheiro por uma casa na praia em Southport. Todas as noites, nós três nos sentamos no convés de nossa nova casa e observamos as ondas batendo contra a costa.

Somos uma família agora. Nós não somos feitos de todos os membros da família em que Crew nasceu, mas eu sei que Jeremy é grato que Crew me tem em sua vida. E ele será um grande irmão em breve.

Crew parece estar se ajustando bem. Nós o colocamos em terapia, e Jeremy às vezes se preocupa e pensa que vai fazer mais mal do que bem, mas eu asseguro a ele sobre toda a boa terapia que fiz quando criança. Eu tenho fé que Crew esquecerá facilmente as más lembranças se dermos a ele boas o suficiente para cobri-las.

Hoje é a primeira vez que pisamos em sua antiga casa em meses. É assustador, mas necessário. Estou chegando perto demais da minha data de vencimento para viajar novamente, então estamos usando essa oportunidade para limpar a casa. Jeremy já recebeu duas ofertas, e nós não queremos ter que voltar aqui durante o meu último mês de gravidez para esvaziá-la.

O escritório era o quarto mais difícil de limpar. Havia tanta coisa que provavelmente poderia ter sido recuperada, mas Jeremy e eu passamos metade do dia colocando tudo no triturador. Acho que nós dois só queremos que essa parte de nossas vidas termine. Se fora. Esquecida.

— Como você está se sentindo? — Jeremy pergunta. Ele entra no escritório e coloca a mão no meu estômago.

— Eu estou bem — eu digo, sorrindo para ele. — Você está terminando?

— Sim. Mais algumas caixas na varanda e nós vamos acabar. — Ele me beija, assim que o Crew corre para dentro da casa.

— Pare de correr! — Jeremy chama por cima do ombro. Eu me empurro para fora da cadeira e acompanho Jeremy enquanto ando em direção à porta. Ele pega uma das dez caixas restantes na varanda e começa a carregá-la até o carro. Crew desliza ao meu redor para correr para fora, mas faz uma pausa e volta para a casa.

— Eu quase me esqueci — diz ele, correndo em direção às escadas. — Eu tenho que tirar minhas coisas do chão da mamãe.

Observo enquanto ele sobe as escadas, em direção ao antigo quarto de Verity. Estava vazio na última vez que chequei. Mas um momento depois, Crew vem descendo as escadas com papéis na mão.

— O que são esses? — Eu pergunto a ele.

— Desenhos que eu fiz para minha mãe. — Ele as enfia em minhas mãos. — Eu esqueci que ela costumava mantê-los no chão.

Crew corre para fora novamente. Eu olho para as fotos nas minhas mãos. O velho sentimento familiar que carreguei comigo enquanto permaneci nesta casa retornou. *Medo*. Tudo começa a passar pela minha cabeça. A faca que estava no chão no quarto de Verity. A noite em que a vi no monitor, em suas mãos e joelhos, como se estivesse cavando no chão. Palavras passageiras de Crew agora.

Eu esqueci que ela costumava mantê-los no chão.

Eu corro pelas escadas. E mesmo sabendo que ela está morta e não está lá, ainda fico apavorada enquanto caminho pelo corredor até o quarto dela. Meus olhos caem no chão, para um pedaço de madeira que Crew não colocou de volta no lugar depois que ele tirou suas fotos. Eu me ajoelho e pego o pedaço solto de piso.

Há um buraco no chão.

Está escuro, então eu alcanço minha mão dentro e sinto ao redor. Eu pego algo pequeno. Uma foto das garotas. Eu pego algo frio. A faca. Eu coloco minha mão de novo e mexo até encontrar um envelope. Abro e pego uma carta, depois jogo o envelope vazio no chão ao meu lado.

A primeira página está em branco. Eu solto um suspiro e levanto, revelando a segunda página.

É uma carta manuscrita para Jeremy. Com medo, começo a ler.

Querido Jeremy,

Espero que seja você quem encontra esta carta. Se não for você, espero que chegue até você de alguma forma, porque tenho muito a dizer.

Eu quero começar com um pedido de desculpas. Eu tenho certeza que quando você ler isso, eu vou sair no meio da noite com Crew. O pensamento de deixá-lo sozinho na casa onde nós compartilhamos tantas memórias juntos me faz sofrer por você. Nós tivemos uma vida tão boa com nossos filhos. Um com o outro. Mas nós somos crônicos. Deveríamos ter sabido que nossa tristeza não terminaria com a morte de Harper.

Depois de anos sendo a esposa perfeita para você, eu nunca esperei que essa carreira que eu amo e dedico a maior parte do meu tempo acabaria sendo o que acabou com a gente.

Nossas vidas eram perfeitas até que, de alguma forma, mudamos para uma dimensão alternativa no dia em que Chastin morreu. Por mais que eu tente esquecer onde tudo começou a dar errado, eu fui amaldiçoada com essa mente que nunca esquece uma única coisa.

Estávamos em Manhattan jantando com minha editora Amanda. Você estava usando aquele suéter cinza e grosso que eu amava – aquele que sua mãe comprou para você no Natal. Meu primeiro romance acabara de ser lançado e eu assinei o novo contrato de dois livros com a Pantem, e é por isso que estávamos naquele jantar. Eu estava discutindo meu próximo romance com Amanda. Eu não sei se você afinou esta parte da conversa, mas eu estou supondo que você fez porque a conversa do escritor sempre te entediava.

Eu estava expressando minhas preocupações à Amanda porque não tinha certeza de qual ângulo seguir com o novo livro. Eu deveria escrever algo completamente diferente? Ou eu deveria manter a mesma fórmula de escrita do ponto de vista do vilão que tornou meu primeiro romance tão bem-sucedido?

Ela sugeriu que eu continuasse com a mesma fórmula, mas ela também queria que eu assumisse riscos ainda maiores com o segundo livro. Eu disse a ela que era difícil fazer uma voz no meu romance soar autêntica quando não era como eu penso no meu dia a dia. Eu estava preocupada por não conseguir

melhorar meu ofício com o próximo livro.

Foi quando ela me disse para tentar um exercício que aprendeu na faculdade chamado jornalismo antagônico.

Este seria um ótimo momento para você estar prestando atenção nesse jantar, mas você estava em seu telefone, provavelmente lendo um e-book que não era meu. Você me pegou olhando e você olhou para mim, mas eu apenas sorri para você. Eu não estava brava. Eu estava feliz por você estar lá comigo e ser paciente enquanto recebi conselhos do meu novo editor. Você apertou minha perna por baixo da mesa e eu dirigi minha atenção de volta para Amanda, mas meu foco estava em sua mão enquanto ela percorria círculos ao redor do meu joelho. Eu não podia esperar para voltar ao nosso lugar naquela noite porque era a nossa primeira noite longe das meninas juntas, mas eu também estava muito interessada no conselho que Amanda estava me dando.

Ela disse que o jornalismo antagônico era a melhor maneira de melhorar meu ofício. Ela disse que eu precisava entrar na mente de um personagem maligno, escrevendo anotações de diário da minha própria vida... coisas que realmente aconteceram... mas fazer o meu diálogo interno na entrada do diário ser o oposto do que eu estava pensando na época. Ela me disse para começar a escrever sobre o dia em que você e eu nos conhecemos. Ela disse que eu deveria escrever o que eu estava vestindo, onde nos encontramos e qual foi a nossa conversa naquela noite, mas para tornar meu diálogo interior mais sinistro do que realmente era.

Soava simples. *Inofensivo.*

Vou dar um exemplo de um parágrafo que acabei de escrever acima.

Eu olho para Jeremy, esperando que ele esteja prestando atenção. Ele não está. Ele está olhando para o seu maldito telefone novamente. Este jantar é um grande negócio para mim. Percebo que esta não é a cena de Jeremy – esses jantares extravagantes e reuniões em Manhattan – mas não é como se eu o forçasse a fazer isso o tempo todo. Em vez disso, ele está lendo o e-book de outra pessoa, sendo completamente desrespeitoso com toda essa conversa.

Ele lê o tempo todo, mas ele não se sente confortável lendo meus livros? É um insulto na mais alta forma.

Estou tão envergonhada por sua audácia, mas sei que preciso mascarar

meu constrangimento. Se Amanda notar a irritação no meu rosto, ela poderá notar o desrespeito de Jeremy.

Jeremy olha para mim, então eu forço um sorriso. Eu posso salvar minha raiva para mais tarde. Eu dou minha atenção de volta para Amanda, esperando que ela não perceba o comportamento de Jeremy.

Alguns segundos depois, Jeremy aperta minha perna, logo acima do meu joelho, e eu endureço sob o toque dele. Na maioria das vezes, eu anseio por isso. Mas neste momento a única coisa que anseio é um marido que apoia minha carreira.

E é assim que é fácil para um escritor fingir ser alguém que não é.

Assim que voltamos ao nosso lugar, fui direto para o meu laptop e escrevi sobre a primeira noite em que nos conhecemos. Eu fingi que meu vestido vermelho foi roubado na minha versão alternativa. Eu fingi que estava lá para foder homens ricos, o que não era verdade. *Você deveria me conhecer melhor que isso, Jeremy.*

Eu não fui muito boa em me tornar um grande vilão na primeira vez que tentei, então criei o hábito de escrever nossos momentos marcantes. Eu escrevi sobre a noite que você me propôs, a noite em que descobri que estava grávida, no dia em que dei à luz as meninas. Toda vez que escrevi sobre um novo marco, fiquei melhor e melhor por estar dentro da mente de um vilão. Foi emocionante.

E isso ajudou.

Isso ajudou imensamente, e foi por isso que consegui criar personagens tão realistas e aterrorizantes em meus romances. É por isso que eles venderam, porque eu era boa nisso.

Quando terminei meu terceiro romance, senti que tinha dominado o ofício de escrever de um ponto de vista que não era de todo meu. Os exercícios me ajudaram muito, decidi combinar todas as entradas do meu diário em uma autobiografia que poderia ser usada para ensinar a outros autores como dominar seu ofício. Eu precisava amarrar os capítulos com um enredo geral para que a autobiografia fosse mais coesa, então eu empurrei o envelope com cada cena para torná-la mais chocante. Mais perturbadora.

Não me arrependo de escrever, porque minha única intenção era

eventualmente ajudar outros escritores, mas lamento escrever sobre a morte de Harper poucos dias depois do ocorrido. Minha mente estava em um espaço tão escuro, e às vezes, como escritora, a única maneira de limpar sua mente é deixar a escuridão derramar-se sobre um teclado. Foi a minha terapia, não importa o quão difícil seja para você entender.

Além disso, nunca pensei que você fosse ler. Além desse primeiro manuscrito, você nunca leu nada que eu escrevi.

Então, por que... por que você escolheu ler esse?

Nunca foi feito para ninguém ler e acreditar. Foi um exercício. É isso aí. Uma maneira de aproveitar a dor sombria que estava comendo em mim e eliminá-la a cada toque do teclado. Colocar toda a culpa nesse vilão fictício que eu havia criado naquela autobiografia era uma das maneiras que eu lidava com isso.

Eu sei que esta carta é difícil para você ler, mas não pode ser mais difícil do que ler o manuscrito na noite em que você o encontrou. E se chegarmos a um lugar de perdão, você precisa continuar lendo para saber a verdade absoluta sobre aquela noite. Não é a versão que você descobriu dias depois da morte de Harper.

Quando levei Harper e Crew para o lago naquele dia, estava tentando ser boa para eles. Naquela manhã, você mencionou como eu não brinquei mais com eles e você estava certo. Foi tão difícil porque senti muito a falta de Chastin, mas também tive esses dois lindos filhos que ainda precisavam de mim. E Harper realmente queria ir para a água naquele dia. É por isso que ela correu para cima chorando, porque eu lhe disse não. Eu nunca a repreendi por sua falta de emoções como afirmei no manuscrito. Eu estava usando a liberdade artística para promover o enredo. É um insulto que você acredite que eu falaria com um de nossos filhos dessa maneira. É um insulto que você acredite em qualquer um desses manuscritos – ou que eu fosse capaz de prejudicá-los.

A morte de Harper foi um acidente. Sua morte foi um acidente, Jeremy. Eles queriam ir na canoa e estava tão lindo naquele dia. E sim, eu deveria ter colocado coletes salva-vidas, eu percebi isso. Mas quantas vezes nós fomos naquele barco sem eles? A água não era tão profunda. Eu não sabia que a rede de pesca estava abaixo da superfície. Se não fosse por essa maldita rede de pesca, eu a teria encontrado e ajudado a ir para a praia e todos nós riríamos do dia em que a canoa tombou.

Eu não posso te dizer o quanto eu sinto muito por não fazer tudo, qualquer coisa diferente naquele dia. Se eu pudesse voltar, eu faria, e você sabe que eu voltaria.

Quando você chegou lá e puxou-a para fora da água e segurou-a, eu queria arrancar meu coração e alimentá-lo com isso porque eu sabia que você não tinha mais o seu.. Eu não queria viver por mais um segundo depois de ver sua angústia. Meu Deus, Jeremy. Perder as duas. Ambas.

Eu assisti sua suspeita vir à cabeça algumas noites depois que Harper morreu. Nós estávamos na cama quando você começou a me fazer todas essas perguntas. Eu nem acreditei que você pensaria que eu faria algo assim de propósito. E mesmo que fosse um pensamento fugaz, eu vi o amor que você tinha por mim deixar seu corpo e se afastar como se nunca tivesse existido. Todo o nosso passado... todos os grandes momentos que compartilhamos juntos. Acabou de sair.

Porque, sim, eu disse a Crew para segurar o fôlego. Eu disse a ele para prender a respiração quando a canoa estava virando. Eu estava tentando ajudá-lo. Eu pensei que Harper estaria bem porque nós tocamos naquele lago muitas vezes antes, então meu foco estava em Crew depois que nós caímos na água. Agarre-o e ele entrou em pânico, então tentei voltar a costa o mais rápido que pude antes que ele nos fizesse afogar. Nem mesmo trinta segundos se passaram antes que eu percebesse que Harper não estava atrás de nós.

Até hoje eu me culpo. Eu era a mãe dela. Sua protetora. E eu assumi que ela estaria bem, então me concentrei em Cres por trinta segundos a mais. Imediatamente tentei nadar para trás e encontrá-la, mas a canoa se afastou mais por causa da comoção da água. Eu não conseguia nem encontrar onde ela tinha estado, e Crew ainda estava lutando comigo – entrando em pânico. Eu sabia que se eu não o levasse para a praia naquele exato momento, nós três nos afogariamos.

Eu procurei por ela com tudo em mim, Jeremy. Você tem que acreditar em mim. Cada parte de mim se afogou naquele lago com ela.

Eu não te culpei por suspeitar de mim. Eu provavelmente teria permitido que minha mente explorasse todos os cenários possíveis se os papéis tivessem sido invertidos e ela se afogasse sob sua supervisão. É natural assumir o pior nas pessoas, mesmo que essa suposição seja apenas por uma fração de segundo.

Eu pensei que você acordaria no dia seguinte depois da nossa conversa na

cama e você perceberia o quão ridícula sua acusação indireta tinha sido. Eu nem tentei mudar de idéia naquela noite porque eu estava muito cheia de tristeza para me importar. Argumentar. Fazia apenas alguns dias desde que ela morreu e eu sinceramente só queria morrer. Eu queria sair para o lago naquela noite e me juntar a ela, porque a morte dela foi minha culpa. Foi um acidente sim. Mas se eu a fizesse usar um colete, se eu pudesse agarrá-la e ao Crew juntos, ela ainda estaria viva.

Eu não consegui dormir, então fui ao meu escritório e abri meu laptop pela primeira vez em seis meses.

Imagine por um momento. Uma mãe, lamentando a perda de ambas as filhas, escrevendo uma investigação fictícia que acusou uma delas de assassinar a outra.

Foi além de perturbador. Eu percebo isso, e é por isso que eu chorei o tempo todo que eu digitei. Mas eu pensei, talvez, se eu liberasse minha culpa e minha tristeza nesse vilão fictício que eu havia criado, de alguma forma isso me ajudaria de uma maneira distorcida.

Eu escrevi tudo sobre a morte de Chastin. Eu escrevi tudo sobre a de Harper. Eu até voltei ao início do manuscrito e acrescentei prenúncios para que a coisa toda correspondesse à nossa nova realidade sombria. E de certa forma, ajudou a aliviar uma pequena fração da minha culpa e dor, sendo capaz de culpar essa versão fictícia de mim mesma ao invés de aceitar a culpa na vida real.

Eu não posso explicar a mente de um escritor para você, Jeremy. Especialmente a mente de um escritor que passou por mais devastação do que a maioria dos escritores juntos. Somos capazes de separar nossa realidade da ficção de tal forma que parece que vivemos em ambos os mundos, mas nunca em ambos os mundos ao mesmo tempo. Meu mundo real tinha ficado tão escuro que eu não queria viver naquela noite. É por isso que eu escapei dele e passei a noite escrevendo sobre um mundo mais sombrio do que aquele em que vivia. Porque toda vez que eu trabalhava naquela autobiografia, encontrava alívio ao fechar o laptop. Eu encontrei alívio em sair do meu escritório e ser capaz de fechar a porta do mal que eu criei.

Isso é tudo que foi. Eu precisava que a versão imaginária do meu mundo fosse mais sombria do que o meu mundo real. Caso contrário, eu teria querido deixar os dois.

Depois de passar a noite inteira e parte da manhã trabalhando no

manuscrito, finalmente cheguei à última página. Eu senti que o manuscrito foi feito naquele ponto porque, na verdade, o que mais eu poderia ter acrescentado? Parecia que nosso mundo acabara. O fim.

Eu imprimi e coloquei em uma caixa, pensando que um dia no futuro eu voltaria a ela. Talvez adicionasse um epílogo. Talvez eu queimasse. Qualquer que fosse o plano, eu não estava esperando que você de alguma forma o lesse. Eu não estava esperando que você acreditasse nisso.

Depois de ficar a noite toda escrevendo, eu dormi a maior parte do dia. Quando eu finalmente acordei naquela noite, não consegui encontrar você. Crew já estava dormindo, mas você não estava lá com ele. Eu estava no corredor imaginando onde você tinha desaparecido quando ouvi um barulho no meu escritório.

O barulho era você. Não tenho certeza de que tipo de som você fez, mas foi pior do que em qualquer um dos dias em que descobrimos que as garotas haviam morrido. Eu andei em direção ao meu escritório para consolá-lo, mas parei antes de abrir a porta porque seus gritos se transformaram em raiva. Algo caiu contra a parede. Eu pulei para trás, imaginando o que estava acontecendo.

Foi quando me lembrei do laptop. A autobiografia foi o último arquivo que eu havia aberto.

Eu abri a porta para explicar o que eu sabia que você tinha acabado de ler. Eu nunca esquecerei o olhar em seu rosto enquanto você estava lá e olhou para mim do outro lado da sala. Foi completa e absoluta... miséria.

Não como a tristeza de alguém que acabou de descobrir que um de seus filhos morreu. Era uma tristeza consumidora, como toda lembrança feliz que já tivéssemos tido quando uma família foi apagada a cada nova palavra do manuscrito que você leu. Se foi. Não havia mais nada dentro de você além de ódio e destruição.

Eu balancei a cabeça, tentei falar. Eu queria dizer: — Não. Não é verdade, Jeremy. Tudo bem, não é verdade. — Mas tudo o que consegui dizer foi um péssimo e patético — Não.

A próxima coisa que eu sabia, você estava me arrastando pela minha garganta até o quarto. Eu não era páreo para a sua força quando você segurou meus braços com os joelhos e apertou minha garganta ainda mais forte.

Se você tivesse me dado cinco segundos. Apenas cinco segundos para explicar, eu poderia ter nos salvado. Eu tentei tanto dizer: — Apenas me

deixe explicar — mas eu não conseguia respirar.

Não tenho certeza de qual foi a sequência de eventos depois disso. Eu sei que desmaiei. Talvez você tenha entrado em pânico porque percebeu que quase me matou. Se eu tivesse morrido naquela cama, você teria sido preso por meu assassinato. Crew não teria pai.

Acordei no banco do passageiro do meu Range Rover e você estava ao volante. Havia fita adesiva na minha boca e minhas mãos e pés estavam amarrados. Mais uma vez, eu só queria explicar que o que você leu não era verdade — mas eu não conseguia conversar. Eu olhei para baixo e percebi que não tinha um cinto de segurança. E naquele momento, eu sabia o que você estava fazendo.

Era uma frase simples em meu manuscrito, sobre como eu deveria desligar o airbag do passageiro e dirigir meu carro em uma árvore enquanto Harper estava solta para que sua morte parecesse um acidente.

Você ia me matar e fazer a minha morte parecer um acidente. Eu, sem saber, escrevi minha própria morte nas duas últimas frases do meu manuscrito. “Que assim seja. Talvez eu apenas dirija meu carro para uma árvore.”

Percebi naquele momento que, se você fosse suspeito da minha morte, tudo o que você precisava fazer era fornecer o manuscrito. Se eu tivesse morrido, teria sido a carta de suicídio perfeita.

Claro, nós dois sabemos como essa parte da história terminou. Estou supondo que você removeu a fita de minhas mãos e pés, colocou-me no lado do motorista do veículo e caminhou de volta para casa, onde você esperou a polícia avisar que eu tinha morrido.

Seu plano não deu certo, no entanto. Não tenho certeza se estou aliviada por ter falhado. Seria quase mais fácil se eu tivesse morrido naquele desastre porque fingir estar ferida foi difícil. Tenho certeza de que você está se perguntando por que eu tenho enganado você por tanto tempo.

Eu tenho muito pouca memória desse primeiro mês após a morte de Harper. Eu estou supondo que eu estava em coma induzido por causa do inchaço no meu cérebro. Mas lembro-me do dia em que saí muito claro. Eu estava sozinha na sala, graças a Deus, o que me deu tempo para processar o que precisava acontecer em seguida.

Como eu explicaria a você que toda palavra negativa que você leu era uma mentira? Você não acreditaria se eu tentasse negar esse manuscrito,

porque eu o escrevi. Essas palavras eram minhas, não importando o quão falsas elas fossem. Porque quem acreditaria que era mentira? Certamente não é alguém que não entendeu o processo de composição. E se você soubesse que eu tinha me recuperado, você me entregaria à polícia, se você já não tivesse feito isso. Tenho certeza de que uma investigação teria seguido a morte de Harper se eu não tivesse tido aquele desastre. E com o meu próprio marido contra mim, não tenho dúvidas de que seria condenada pelo assassinato dela, porque seriam minhas próprias palavras usadas contra mim.

Durante três dias fingi ainda estar em coma quando alguém entrava no meu quarto. Médicos, enfermeiras, você, Crew. Mas eu fui descuidada um dia e você me pegou de olhos abertos enquanto entrava no quarto do hospital. Você me encarou. Eu olhei de volta. Eu vi seus punhos apertarem, como se você estivesse chateado por eu ter acordado. Como se você quisesse se aproximar e envolver seus dedos em volta da minha garganta novamente.

Você deu alguns passos em minha direção, mas decidi não segui-lo com meus olhos porque sua raiva me aterrorizava. Se eu fingisse não estar ciente do que me cercava naquele momento, havia uma chance de você não tentar acabar com a minha vida novamente. Uma chance de você não ir à polícia e dizer que eu me recuperei.

Então eu fingi por semanas porque senti que era meu único meio de sobrevivência. Eu ia fingir a extensão de minhas lesões cerebrais até descobrir como consertar a situação em que estava.

Não pense que não foi difícil. Foi humilhante às vezes. Eu queria desistir. Me matar. Matar você. Eu estava com tanta raiva de onde nossas vidas haviam terminado, e depois de todos esses anos de casamento, você poderia, por um segundo, acreditar que qualquer um desses manuscritos fosse verdade. Quero dizer a sério, Jeremy. Os homens realmente acreditam que as mulheres são obcecadas por sexo? Foi ficção! É claro que eu adorava fazer amor com você, mas na maioria das vezes era para agradá-lo porque é isso que os casais fazem um pelo outro. Não foi porque eu não consegui viver sem isso.

Você foi um bom marido para mim e se você acredita que seja verdade, eu era uma boa esposa para você. Você ainda é um bom marido para mim. Você acredita em seu coração que eu matei nossa filha, mas você ainda garante que eu estou me importando com isso. Talvez seja porque você acha que eu não estou mais aqui – que todas as partes malignas de mim morreram

naquele desastre e eu sou apenas alguém de quem você sente muito por agora. Eu acho que é por isso que você me levou para casa, porque, com tudo que Crew passou, seu coração é bom demais para mantê-lo longe de mim. Você sabia que depois de perder as duas irmãs, a perda completa de sua mãe causaria ainda mais danos a ele.

Apesar do que meu manuscrito afirmou, seu amor por nossos filhos é o que eu mais apreciei em você.

Houve momentos ao longo dos últimos meses em que queria contar a você que estou aqui. Que sou eu. Que estou bem. Mas seria um desperdício de ar. Nós não podemos passar por duas tentativas de assassinato, Jeremy. E eu sei que se você descobrir que estou fingindo isso antes que eu possa sair, sua terceira tentativa de me matar será bem-sucedida.

Eu não estou passando por todo esse esforço na esperança de que eu mude de ideia e prove como você estava errado. Você nunca vai confiar totalmente em mim novamente.

Tudo o que estou fazendo é para Crew. Tudo o que posso pensar é o meu menino. Tudo o que fiz desde o dia em que acordei naquele hospital foi para Crew. Por mais que eu não queira tirar Crew de você, não tenho escolha. Ele é meu filho e ele precisa estar comigo. Ele é o único que sabe que ainda estou aqui · que ainda tenho pensamentos, uma voz e um plano. Sinto-me segura, sendo eu mesma com ele, porque ele tem apenas cinco anos. Eu sei que se ele dissesse que eu falo com ele, você veria isso como uma imaginação ativa, ou até mesmo um trauma de tudo que ele passou.

Ele é a razão pela qual eu procurei tanto por esse manuscrito. Eu sei, se você nos encontrar depois que eu sair daqui, você vai tentar usar isso contra mim. Você quer que ele acredite nisso como você acreditou.

Na primeira noite depois que você me levou para casa, eu escapei para o escritório para apagar o manuscrito do laptop, mas você já o havia deletado. Eu tentei encontrar o que eu tinha impresso, mas eu não conseguia lembrar onde estava. Havia pontos em branco na minha memória depois do naufrágio, e esse era um deles. Mas eu sabia que precisava me livrar de ambos para que você não pudesse usá-lo contra mim.

Eu procurei em todos os lugares, qualquer chance que eu tivesse para o manuscrito, o mais silenciosamente que eu pudesse. Meu escritório, o porão, o sótão. Eu até procurei em volta do quarto algumas vezes enquanto você dormia na sua cama. Eu só sabia que não poderia sair com Crew até que eu

destruísse a prova que você usaria contra mim.

Eu também tive que esperar até que eu pudesse colocar minhas mãos em dinheiro, mas eu não tinha certeza de como fazer isso, já que eu não poderia ir direto para o banco.

Quando escutei sua conversa com a Pantem Press sobre a brilhante ideia de continuar a série com um novo autor, eu sabia que era a minha saída.

Quando você contratou uma enfermeira da noite e partiu para o seu encontro com eles em Manhattan, eu entrei no meu escritório e abri uma nova conta online.

Poucos dias depois dessa reunião, o novo coautor estava se mudando para a casa para começar a série. O que significa que será apenas uma questão de tempo até que o dinheiro para os três livros restantes finalmente estivesse na conta, e eu poderei transferir os fundos para minha nova conta e tirar o Crew daqui.

Tudo o que tenho que fazer é aguardar, mas o novo coautor está dificultando. De alguma forma, ela colocou as mãos no manuscrito impresso que eu tenho procurado. Tenho certeza que você pensou em excluir o arquivo, você estava livrando a casa dele. Mas você não fez. Agora são dois contra um. Eu nem me importo em destruir o manuscrito neste momento. Eu só me importo de sair daqui.

Eu admito, é minha culpa que ela esteja ficando desconfiada. Eu sei que isso a assusta quando ela me pega olhando para ela, mas você não pode me culpar. Essa mulher entrou na sua vida, está assumindo minha carreira, está se apaixonando por você. E pelo que posso dizer, você também está se apaixonando por ela.

Eu ouvi você transando com ela no nosso quarto há algumas horas atrás. Por mais que eu esteja sofrendo, estou igualmente com raiva. No entanto, você está tão ocupado com ela agora que sinto que é o momento mais seguro para escrever esta carta. Tranquei a porta do quarto principal para poder ouvi-lo tentando sair. Isso me dará tempo suficiente para esconder essa carta e voltar ao lugar antes que você possa subir.

Tem sido difícil, Jeremy. Não vou mentir. Tudo isso. Sabendo que você acreditou em minhas palavras mais do que acreditou em minhas ações ao longo do nosso casamento. Sabendo que tive que recorrer a esse nível de engano para evitar ser condenada por uma das coisas mais atroztes que uma mãe poderia fazer. Sabendo que você está se apaixonando por outra mulher

enquanto eu passo dia após dia fingindo não saber no que nossas vidas se transformaram.

Mas continuo insistindo porque tenho certeza de que sairei daqui assim que o dinheiro chegar, e é por isso que estou deixando esta nota para você.

Talvez você encontre, talvez não.

Espero que você faça. Eu realmente espero que você faça.

Porque mesmo depois que você tentou me sufocar e bater meu carro em uma árvore, não consigo achar nada em mim mesma para odiá-lo. Você sempre foi feroz em sua proteção de nossos filhos, que é exatamente como os pais deveriam ser. Mesmo que isso signifique eliminar o pai que se tornou uma ameaça para eles. Você realmente acredita em seu coração que eu sou uma ameaça para Crew, e mesmo que me mate saber que você acredita nisso, também me dá a vida sabendo o quanto você o ama.

Quando Crew e eu finalmente sairmos daqui, eu ligo para você um dia e vou lhe dizer onde encontrar essa carta. Depois de ler, espero que você me perdoe. Espero que você se *perdoe*.

Eu não culpo você pelo que fez comigo. Você era um marido maravilhoso até você não poder mais. E você foi o melhor pai do mundo. Mãos para baixo.

Eu te amo. Ainda assim.

Verity.



Eu deixo a carta cair no chão.

Eu aperto meu estômago enquanto uma dor o atravessa.

Ela não o fez?

Eu não quero acreditar em nada que acabei de ler. Eu quero acreditar que Verity é cruel e merece o que fizemos com ela, mas não tenho certeza se ela merecia isso.

Oh Deus. E se for verdade? Esta mulher perdeu suas filhas e então o marido dela tentou matá-la e então... nós a matamos.

Sento-me para trás, olhando para a carta como se fosse uma arma que aproveita o poder de destruir a vida que criei recentemente com Jeremy.

Tantos pensamentos estão passando pela minha mente, eu pressiono contra minhas têmporas porque minha cabeça está latejando. Jeremy já sabia do manuscrito?

Ele realmente já havia lido antes de eu ter dado a ele? Ele *mentiu* para mim?

Não. Ele nunca negou saber que existia. Na verdade, agora que penso naqueles momentos, suas palavras exatas foram: *Onde você achou isso?*

É demais para absorver. Não consigo processar tudo o que ela disse e tudo o que aconteceu. Eu olho para a carta por tanto tempo, eu esqueço onde estou e que Jeremy e Crew estão lá embaixo e que a qualquer minuto, ele vão procurar por mim.

Eu rastejo para frente e pego as páginas. Eu pego a faca e imagino que está de volta no chão, depois cubro o buraco com a madeira. Eu levo as páginas para o banheiro e tranco a porta atrás de mim. Eu me ajoelho em frente ao banheiro e começo a rasgar cada página em pedacinhos. Eu conecto

um pouco do papel e como tantas peças da carta que posso encontrar com o nome de Jeremy. Eu quero ter certeza de que ninguém nunca leia uma palavra sobre isso.

Jeremy nunca se perdoaria. *Nunca*. Se ele descobrisse que o manuscrito não era real e que Verity nunca prejudicou Harper, ele não seria capaz de sobreviver a esse tipo de verdade. A verdade que ele assassinou sua esposa inocente. *Que nós assassinamos sua esposa inocente*.

Se for mesmo a verdade.

— Lowen?

Eu rasgo o resto dos pedaços de papel no banheiro. Eu corro novamente para uma boa posição, assim como Jeremy bate na porta.

— Você está bem? — Ele pergunta.

Eu ligo a água e tento acalmar minha voz. — Sim. — Eu lavo minhas mãos, em seguida, tomo um gole de água para aliviar a secura na minha boca. Eu olho no espelho e reconheço o terror em meus olhos. Eu os fecho, tentando empurrá-lo de volta. Tudo isso. Todas as coisas terríveis que presenciei nos meus trinta e dois anos.

A noite que eu estava no corrimão.

O dia em que vi o homem sendo esmagado pelo pneu.

O manuscrito Na noite em que vi Verity em pé no topo da escada.

A noite em que ela morreu dormindo.

Eu empurro tudo de volta. Eu engulo como se engolisse a carta dela.

Eu solto um suspiro e então abro a porta e sorrio para Jeremy. Ele chega e corre a mão para o lado da minha cabeça. — Você está bem?

Eu engulo meu medo, minha culpa, minha tristeza. Eu cubro tudo com um aceno de cabeça convincente. — Eu estou bem.

Jeremy sorri. — Tudo bem — diz ele em voz baixa, enfiando os dedos nos meus. — Vamos sair daqui e nunca mais voltar.

Ele segura minha mão por toda a casa e não solta até que ele abre a porta e me ajuda a entrar em seu jipe. Enquanto nos afastamos, vejo a casa ficar menor no espelho retrovisor até que, finalmente, ela desaparece.

Jeremy atravessa o banco e esfrega meu estômago. — Mais dez semanas.

Há uma excitação em seus olhos. Uma que eu sei que consegui colocar lá, mesmo depois de tudo que ele passou. Eu trouxe luz para a escuridão dele, e continuarei a ser a luz para que ele nunca se perca nas sombras do seu passado.

Ele nunca saberá o que eu sei. Eu vou ter certeza disso. Vou levar esse segredo para o meu túmulo comigo para que Jeremy não precise.

Eu não tenho ideia no que acreditar, então por que colocá-lo através de mais angústia? Verity poderia ter escrito essa carta como uma maneira de tentar cobrir seus rastros. Poderia ter sido outra manobra para manipular a situação e todos os envolvidos.

E mesmo se Jeremy fosse realmente o motivo de sua destruição, não posso culpá-lo. Ele acreditava que Verity matou maliciosamente seu filho. Eu não posso nem culpá-lo por finalmente seguir com o assassinato dela quando ele descobriu que ela estava enganando ele sobre seus ferimentos. Qualquer pai em sua posição teria feito o mesmo. *Deveria* ter feito o mesmo. Nós dois acreditávamos em nossos corações que ela era uma ameaça para Crew. Para nós.

Não importa de que maneira eu olhe, é claro que Verity era mestre em manipular a verdade. A única questão que permanece é: Qual verdade ela estava manipulando?

Fim

Acknowledgments

Obrigada por terem dado uma chance para esse livro. É um desvio das histórias de amor emocional que eu costumo escrever, então eu aprecio muito você vindo nesta jornada comigo.

A maioria dos meus livros é tradicionalmente publicada através da Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster. Agradeço tudo o que fizeram pelos meus livros no passado e tudo o que farão com meus futuros livros.

Verity, no entanto, é um projeto indie pessoal, e é por isso que você pode não conseguir encontrar este livro em formato físico em qualquer lugar que não seja on-line. É um projeto que eu estava entusiasmado em formar e escrever por conta própria, e sou muito grato à Atria Books por me permitir ter essa oportunidade.

Já passou algum tempo desde que passei por todo o processo sem as mãos delicadas de um editor, por isso tenho muitas pessoas a agradecer. Fique comigo.

1) Minha mãe. Sempre. Com cada livro que escrevo, fica mais difícil encontrar o mesmo nível de entusiasmo que tive ao escrever meu primeiro livro. Sem falta, minha mãe sempre traz de volta para mim. Ela me faz acreditar que tenho uma mente brilhante, quando na verdade é medíocre. Ela me faz pensar que o livro que estou escrevendo é o melhor livro que já escrevi, embora ela diga isso em todos os livros que escrevo. Às vezes eu ligo para ela no meio da noite e digo: “Por favor, apenas leia este capítulo!” E ela vai. Ou ela pelo menos finge. De qualquer forma, isso me faz avançar e é a única razão pela qual qualquer um dos meus romances chega a ser concluído. Obrigada mãe. Sua crença em mim me faz querer acreditar em mim mesmo.

2) Meu grupo favorito no Facebook, as CoHorts. Estamos perto de cinquenta mil membros agora, mas ainda parece uma comunidade tão unida. Quando alguém está tendo um dia ruim, você os encoraja. Quando alguém não pode pagar um livro, você os ajuda. Quando alguém tem algo para

comemorar, você celebra com eles. Não há nada além de amor absoluto e apoio nesse grupo, e defenderei isso até o fim. Não temos espaço para negatividade ou paus (metafóricos). Mas nós temos muito espaço para novos leitores se você quiser nos ver. EU AMO VOCÊS, CoHorts!

3) Lauren Levine. Eu serei eternamente grata a você por fazer parte da equipe que trouxe Confesse à vida. E enquanto testemunhar um dos meus livros se tornar um programa de TV real foi uma experiência fenomenal, não foi nada comparado à sua amizade. Seu apoio é incomparável. Algum dia eu devolverei o favor.

4) Tarryn Fisher. Eu nem sei por onde começar. Tenho muita sorte em ter pessoas que me deram apoio na minha vida, mas não tenho certeza se alguém quer que eu consiga ter sucesso como você. Você celebra o sucesso dos outros como ninguém que eu conheço. Você é a Tarryn da minha Colleen. Porque você é literalmente.

5) Lin Reynolds. Você é minha irmã favorita.

6) Murphy Fennell. Você também é minha irmã favorita.

7) Para minha avó, Vannoy Gentles. Você é muito doce para ler um livro como este. É exatamente por isso que eu vou lhe dar a primeira cópia física. ;) 8) Para aqueles de vocês que estão na minha vida por causa do mundo do livro, mas continuariam a estar na minha vida sem ele. Chelle Lagoski Northcutt, Kristin Phillips Delcambre, Pamela Carrion, Laurie Darter, Kay Miles, Marion Archer, Jenn Benando, Karen Lawson, Vilma Gonzalez, Susan Gilbert Rossman, Tasara Vega, Anjanette Guerreiro, Maria Blalock, Talon Smith, Melinda Cavaleiro e cerca de dois mais centenas de vocês, Obrigada por estar sempre disposto a deixar-me publicar parágrafos, capítulos e romances inteiros por você. E por tudo que você faz para apoiar minha carreira. Eu amo cada um de vocês.

9) E.L. James. Sua carreira de sucesso não me impressiona tanto quanto a sua alma. Você é incrível de muitas maneiras, mas minha coisa favorita sobre você é o amor e a apreciação que você tem por seus leitores. Você define um ótimo exemplo para autores em todos os lugares.

10) Kim Holden. Eu só queria te agradecer por ser você. Continue assim. #FaçaÉpico 11) Caroline Kepnes. Certa vez, anos atrás, escrevi metade de um livro em segunda pessoa, apenas para ser informado pela minha editora que um de seus outros autores estava logo lançando um livro em segunda pessoa e eu poderia querer repensá-lo. Eu não conhecia você. Eu murmurei

palavrões em sua direção, pois eu tinha que reescrever metade do meu livro. Quando meu publicista me enviou seu livro para ler cedo, eu amaldiçoei ainda mais quando o li porque era muito bom. E então, de alguma forma, nos tornamos amigos depois que eu lhe enviei uma mensagem e ameaçou matá-lo. Eu acredito que minha amizade com você tem um começo mais estranho do que qualquer outra amizade que eu tenho. O que torna perfeito. Sou muito grato por você estar em minha vida. Mesmo que eu tenha um pouco de medo da sua mente. Parabéns pela sua nova e fenomenal série de televisão. Quando você acessar a Netflix, ela explodirá ainda mais do que já foi. Estou tão feliz por você.

12) Shanna Crawford e Susan Gilbert Rossman, vocês duas tornaram minha vida mais manejável do que eu poderia imaginar. O trabalho e a dedicação que ambos dedicam ao Book Bonanza e The Bookworm Box são inigualáveis. Eu não poderia ter duas pessoas melhores cuidando dessa metade da minha vida. Obrigada 13) Johanna Castillo. Nós tivemos quase sete grandes anos juntos. Estou com o coração partido, você não é mais minha editora, mas está extasiado por suas novas aventuras. Uma coisa que nunca vai mudar é a nossa amizade. Eu sinto sua falta e não posso esperar para ver onde sua nova jornada leva você!

14) Jane Dystel. No início da minha carreira, eu era um peixe perdido no mar sem uma única pista sobre esse negócio. Já faz sete anos e ainda sou um peixe perdido no mar sem uma única pista sobre esse negócio. Mas com você ao meu lado, eu nunca tenho que me preocupar. Obrigada por aceitar todas as partes estressantes desta empresa com as quais não quero lidar e atacá-las como ninguém mais poderia fazer. Eu sou muito grato por você.

15) Lauren Abramo. Você é uma máquina. Espero que você tire uma semana inteira de férias e desligue o telefone. Eu nunca conheci ninguém mais dedicada e organizada do que você. Sua paciência com minha falta de organização não tem limites. Obrigada por tudo que você faz!

16) Elissa Down. Obrigada por trazer Owen e Auburn para a vida em Confesse. Você é uma diretora fenomenal e um ser humano igualmente fenomenal. Trabalhar com você foi uma experiência maravilhosa, espero que possamos fazê-lo novamente.

17) Brooke Howard. Eu apenas te amo. Tudo sobre você. Obrigada por me aturar.

18) Joy e Holly Nichols. Vocês são duas das minhas pessoas favoritas.

Estou tão feliz por você estar na minha vida agora.

19) Stephanie Cohen. Eu praticamente devo tudo a você. Tudo isso. Você é incrível de muitas maneiras e eu tenho tanta sorte que nossos caminhos se cruzaram. Eu não posso imaginar minha vida sem você nela. Eu não posso imaginar que eu teria essa carreira se não fosse por você. Você é a epítome do que os humanos devem se esforçar para ser, e eu quero dizer isso. Eu sei que não é fácil fazer a minha vida porque eu faço muito mais do que deveria ser. Mas por sua causa, não preciso mudar quem sou. Obrigada por isso.

20) Erica Ramirez e Brenda Perez. Minha irmã favorita e duas das pessoas mais doces que tenho o prazer de conhecer. Eu aprecio muito vocês dois e tenho muita sorte de ter vocês dois em minha vida.

21) Clube do Livro. Eu sei que sou o pior membro do clube do livro, mas muito Obrigada esta noite todos os meses quando saímos para conversar, conversar e comer bolo. É a minha noite favorita do mês.

22) Melinda Knight. Eu sou muito grato por você e toda a sua família. Tudo o que você fez por nossa caridade é apreciado. Estou tão feliz que Cale e Emma se abraçam. Agora vá para o condado de Hopkins.

23) Tiffanie DeBartolo. Obrigada por seus livros e Obrigada por seu excelente gosto musical. Você é meu go-to quando preciso de boa arte em minha vida.

24) Kim Jones. Obrigada por ... bem ... talvez eu me lembre quando escrever os agradecimentos pelo meu próximo livro.

25) Social Butterfly, Murphy Rae, Marion Manuscritos, Karen Lawson, Elaine York. Obrigada a todos pelos problemas, pelo marketing, pelo design da capa, pela formatação e pelo trabalho que cada um de vocês colocou neste livro.

26) Shannon O'Neill. Obrigada por tudo que você fez por The Bookworm Box e pela comunidade de livros em geral. Você é uma estrela brilhante nesta indústria.

27) KA Tucker. Eu ainda quero colaborar em um livro com você, então estou lhe agradecendo antecipadamente por concordar com isso. Já me disseram que o que você coloca neste mundo se manifestará, então este sou eu, manifestando nossa colaboração.

28) Tillie Cole. Eu sei que não nos conhecemos muito bem, mas eu só quero agradecer por suas histórias instantâneas. Vendo você falando é como terapia para mim. Você provavelmente deveria me cobrar por todas as

sessões de terapia onde economizei dinheiro agora que tenho suas histórias.

29) Jenn Sterling. Preciso de novos cartões postais para o meu computador, Jenn. Ir em frente. Eu sinto falta do seu rosto. Estou muito feliz em ver você feliz.

30) Abbi Glines. Obrigada por tudo que você fez por mim este ano. Eu sei que não é fácil ficar longe de sua preciosa família, mas eu sou e sempre serei grato por sua amizade e pelo tempo que você dá. Você é uma estrela do rock.

31) Ariele Fredman Stewart. Obrigada por me deixar roubar seu nome. Você não deve ter um gosto tão bom em nomes e mau gosto em amigos. Eu te amo.

32) Kathryn Perez. Como você lidou com o ano passado de sua vida tem sido nada menos que inspirador. Obrigada por ser você, por estar lá por mim e por ser tão positivo em um mundo que às vezes torna difícil.

33) BB Easton. Você vai dizer olá para Ken por mim?

34) Dina Silver. Seu gato é burro.

35) Kendall Ryan. Obrigada por tirar um tempo de sua agenda ocupada para me dar conselhos e incentivo. Eu aprecio isso mais do que você sabe!

36) Levi, Cale e Beckham. Eu amo muito todos vocês. Você me deixa orgulhosa todo dia. Por favor, não leiam este livro.

37) Heath Hoover. Você não pode ler este livro também. Eu te amo e gostaria de ser casada com você.

38) Obrigada aos blogueiros. O trabalho duro que você coloca em suas carreiras simplesmente porque você ama livros é inspirador. Lamento que os ARCs neste livro em particular tenham sido uma bagunça tão quente. Isso acontece quando você não termina o livro até quatro dias antes do lançamento. Eu vou fazer melhor da próxima vez, prometo. Obrigada por TUDO o que vocês fazem.

39) Para cada um de vocês lendo estes agradecimentos. Se você está aqui porque odeia este livro ou porque gosta, o importante é que você está lendo. Obrigada por isso. Agora que você terminou este, vá devorar outro. <3

40) Para Vance Fite, o homem que me criou desde os quatro anos de idade. Você foi e ainda é uma grande inspiração. Eu sinto sua falta. Todos nós sentimos.

“Acima da falsidade, dos desencantos e agruras, o mundo ainda é bonito, seja prudente.” – “Desiderata”, Max Ehrmann

Head over to Facebook and request to join the Verity Discussion Group.

For more of Colleen Hoover's novels, visit www.colleenhoover.com

www.instagram.com/colleenhoover

www.facebook.com/authorcolleenhoover

www.twitter.com/colleenhoover

www.snapchat.com/colleenhoover

*Leia agora uma prévia do novo best-seller do New York Times por Colleen
Hoover, All Your Perfects*

All Your Perfects

Tradução e Revisão feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções. Siga o
nosso Twitter: @whitethornteca

Capítulo 1

Antes

O porteiro não sorriu para mim.

Esse pensamento me atormenta durante a viagem inteira de elevador para o andar de Ethan. Vincent tem sido meu porteiro favorito desde que Ethan se mudou para este prédio. Ele sempre sorri e conversa comigo. Mas hoje, ele simplesmente manteve a porta aberta com uma expressão estoica. Nem mesmo um “Olá, Quinn. Como foi de viagem?”

Acho que todos temos dias ruins.

Eu olho para o meu celular e vejo que já passa das sete. Ethan deve chegar às oito, então terei tempo suficiente para surpreendê-lo com um jantar. E comigo. Eu retornei um dia antes, mas decidi não contar para ele. Temos feito tantos planos para o nosso casamento; faz algumas semanas desde que tivemos uma verdadeira refeição caseira. Ou até mesmo sexo.

Quando chego ao andar de Ethan, eu pauso assim que saio do elevador. Há um cara andando de um lado para o outro do corredor, de frente para a porta do apartamento de Ethan. Ele dá três passos, para e olha para a porta. Ele dá outros três passos na outra direção e para de novo. Eu o observo, esperando que ele vá embora, mas ele não vai nunca. Ele continua andando de um lado para o outro, olhando para a porta de Ethan. Não acho que ele seja amigo dele. Eu o reconheceria se fosse.

Eu caminho em direção ao apartamento de Ethan e pigarreio. O cara me olha e eu aponto para a porta indicando que preciso passar. O homem se afasta e abre espaço para mim, mas tomo cuidado para não fazer contato visual com ele. Eu procuro minha chave na bolsa. Quando a encontro, ele se move do meu lado, pressionando a mão na porta. — Você vai entrar aí?

Eu olho para ele e depois, para a porta de Ethan. Por que ele está me perguntando isso? O meu coração começa a acelerar com o pensamento de estar sozinha em um corredor com um homem estranho que está se perguntando se estou prestes a abrir a porta de um apartamento vazio. Será que ele sabe que Ethan não está em casa? Será que ele sabe que estou sozinha?

Eu pigarreio e tento esconder meu medo, ainda que o cara pareça ser inofensivo. Mas acho que maldade não tem cara, então é difícil julgar. — O

meu noivo mora aqui. Ele está lá dentro — eu minto.

O homem acena vigorosamente. — É. Ele está lá dentro. — Seu punho se fecha e ele bate na parede ao lado da porta. — Lá dentro com a porra da minha namorada.

Uma vez, eu tive aula de defesa pessoal. O instrutor nos ensinou a deslizar a chave entre os nossos dedos, empurrando-a para fora, assim, se você for atacado, você pode apunhalar o agressor no olho. Eu faço isso, preparada para que o psicopata diante de mim parta para cima a qualquer momento.

Ele bufou, e eu não pude deixar de notar que o ar entre nós encheu-se de um aroma de canela. Que pensamento estranho para se ter no momento antes de eu ser atacada. Seria um repertório esquisito na delegacia. - Ah, eu realmente não consigo dizer o que o meu agressor estava vestindo, mas seu hálito tinha um cheiro bom. Tipo, Big Red.

— Você está no apartamento errado — eu digo a ele, esperando que ele vá embora sem argumentar.

Ele balança a cabeça. Minúsculos movimentos que indicavam que eu não poderia estar mais errada e ele não poderia estar mais certo. — Eu estou no apartamento certo. Tenho certeza. O seu noivo dirige um Volvo azul?

Okay, então ele está perseguindo Ethan? Minha boca está seca. Água seria bacana.

— Ele tem um metro e oitenta de altura? Cabelo escuro, usa uma jaqueta da North Face que é grande demais para ele?”

Eu aperto a mão contra meu estômago. Vodca seria bacana.

— O seu noivo trabalha para o Dr. Van Kemp?

Agora sou eu quem está balançando a cabeça. Ethan não só trabalha para o Dr. Van Kemp... seu pai é o Dr. Van Kemp. Como esse cara sabe tanto da vida de Ethan?

— A minha namorada trabalha com ele — ele diz, olhando para a porta do apartamento com nojo. — Mais do que trabalha com ele, aparentemente.

— Ethan não...

Sou interrompida. Porra.

Ouçó o nome de Ethan ser chamado por uma fraca voz. Pelo menos está fraca desse lado da porta. O quarto de Ethan fica do lado mais distante do apartamento, o que indica que quem quer que seja, ela não está sendo silenciosa. Ela está gritando seu nome.

Enquanto ele transa com ela.

Eu imediatamente me afasto da porta. A verdade do que está acontecendo dentro do apartamento de Ethan me deixa tonta. Deixa todo o meu mundo instável. O meu passado, meu presente, meu futuro — tudo girando fora de controle. O cara segura meu braço e me estabiliza. — Você está bem? — Ele me apoia contra a parede. — Desculpa. Eu não devia ter falado tudo assim.

Eu abro minha boca, mas incerteza é a única coisa que vem à tona. — Você tem... você tem certeza? Talvez aqueles ruídos não estivessem vindo do apartamento de Ethan. Talvez seja o casal do apartamento ao lado.

— Seria conveniente. O vizinho de Ethan também se chama Ethan?

É uma pergunta sarcástica, mas eu imediatamente vejo arrependimento em seus olhos. É legal da parte dele — sentir compaixão por mim quando ele está, obviamente, passando pela mesma situação. — Eu os segui — ele diz. — Eles estão aí juntos. A minha namorada e o seu... namorado.

— Noivo — eu corrijo.

Eu caminho pelo corredor e me encosto à parede, por fim deslizando até o chão. Eu provavelmente não deveria me jogar no chão já que estou usando saia. Ethan gosta de saias, por isso pensei que seria legal usar uma para ele, mas agora eu quero arrancar minha saia, amarrar ao redor do pescoço dele e sufocá-lo com ela. Eu encaro meus sapatos por um longo tempo, sem perceber que o cara está sentando no chão ao meu lado, até que ele diz — Ele está te esperando?

Eu balanço a cabeça. — Eu estava aqui para surpreendê-lo. Estive fora da cidade com minha irmã.

Outro grito abafado passa pela porta. O cara ao meu lado se encolhe e cobre os ouvidos. Eu cubro os meus também. Ficamos sentados assim por um tempo. Os dois se recusando a permitir que os ruídos penetrem nossos ouvidos até que acabem. Não irá durar muito mais. Ethan não consegue mais do que alguns minutos.

Dois minutos depois eu digo, — Acho que eles terminaram. — O sujeito tira suas mãos dos ouvidos e descansa os braços sobre os joelhos. Eu envolvo os braços ao redor dos meus, apoiando o queixo neles. — Deveríamos usar minha chave para abrir a porta? Confrontá-los?

— Não consigo — ele diz. — Eu preciso me acalmar primeiro.

Ele parece bastante calmo. A maioria dos homens que conheço já teria derrubado a porta.

Nem eu tenho certeza se quero confrontar Ethan. Uma parte de mim quer ir embora e fingir que os últimos minutos não aconteceram. Eu poderia enviar uma mensagem para ele e dizer que cheguei em casa mais cedo e ele poderia me dizer que estava trabalhando até mais tarde e eu poderia continuar alegremente ignorante.

Ou eu poderia apenas ir para casa, queimar todas as suas coisas, vender o meu vestido de casamento e bloquear seu número.

Não, minha mãe nunca permitiria isso.

Ah, Deus. Minha mãe.

Eu solto um gemido e o cara imediatamente senta-se direito. — Você está passando mal?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu não sei. — Eu afasto minha cabeça de meus braços e me inclino contra a parede. — Acabou de me ocorrer o quão irritada minha mãe vai ficar.”

Ele relaxa quando vê que não estou lamentando por estar passando mal, mas pelo medo da reação da minha mãe quando ela descobrir que o casamento está acabado. Porque está definitivamente acabado. Eu perdi as contas de quantas vezes ela mencionou que o depósito estava em ordem para que entrássemos na lista de espera do local. *Você tem noção de quantas pessoas desejavam poder se casar no Douglas Whimberly Plaza? Evelyn Bradbury casou-se lá, Quinn. Evelyn Bradbury!*

A minha mãe ama me comparar a Evelyn Bradbury. Sua família é uma das poucas em Greenwich que é mais influente do que meu padrasto. Então é claro que minha mãe usa Evelyn Bradbury como um exemplo de perfeição da classe alta a cada oportunidade. Eu não me importo com Evelyn Bradbury. Eu queria mandar uma mensagem para minha mãe neste momento e simplesmente dizer *O casamento está acabado e eu não estou nem aí para Evelyn Bradbury.*

— Qual é o seu nome? — O cara pergunta.

Eu olho para ele e percebo que essa é a primeira vez que eu realmente reparo nele. Esse deve ser um dos piores momentos de sua vida, e mesmo levando isso em consideração, ele é extremamente bonito. Expressivos olhos castanhos escuros que combinam com seu cabelo desarrumado. Um forte maxilar que tem se contraído constantemente com a raiva silenciosa desde que saí do elevador. Dois fartos lábios que continuam sendo pressionados e apertados toda vez que ele olha para a porta. Isso me faz imaginar se seus

traços pareceriam mais suaves se sua namorada não estivesse com Ethan agora.

Há algo de triste nele. Nada relacionado à situação atual. É algo mais profundo... como se estivesse incorporado nele. Já conheci pessoas que sorriem com os olhos, mas ele franze com os seus.

— Você é mais bonito que Ethan. — O meu comentário o pega de surpresa. Sua expressão é devorada por confusão porque ele acha que estou dando em cima dele. Essa é a última coisa que eu faria neste momento. — Isso não foi um elogio. Foi apenas uma constatação.

Ele dá de ombros como se não se importasse.

— É só que se você é mais bonito do que Ethan, isso me faz pensar que sua namorada é mais bonita do que eu. Não que eu me importe. Talvez eu me importe. Eu não deveria me importar, mas não posso evitar. Mas me pergunto se Ethan sente mais atração por ela do que por mim. Eu me pergunto se é por isso que ele está me traindo. Provavelmente. Eu sinto muito. Normalmente não sou tão autodepreciativa, mas estou tão irritada e, por algum motivo, não consigo parar de falar.

Ele me olha por um momento, contemplando minha estranha linha de pensamento.

— Sasha é feia. Você não tem com que se preocupar.

— Sasha? — eu digo seu nome com incredulidade, então o repito, enfatizando o ‘sha.’ — Sasha. Isso explica muito.

Ele ri e então eu rio e é a coisa mais estranha. Rir quando eu deveria estar chorando. Por que eu não estou chorando?

— Eu sou Graham — ele diz, estendendo a mão.

— Quinn.

Até o seu sorriso é triste. Isso me faz pensar se seu sorriso seria diferente em circunstâncias diferentes.

— Eu diria que é um prazer conhecê-la, Quinn, mas este é o pior momento da minha vida.

Essa é uma verdade muito miserável. — Igualmente — eu digo, desapontada. — Embora eu esteja aliviada por estar te conhecendo agora em vez de no próximo mês, depois do casamento. Pelo menos não estarei desperdiçando votos matrimoniais.

— Você deveria se casar no próximo mês? — Graham desvia o olhar. — Que idiota — ele diz calmamente.

— Ele é mesmo. — Eu sabia disso o tempo todo. Ele é um idiota. Pretensioso. Mas é bom para mim. Ou era isso o que eu pensava. Eu me inclino para frente novamente e passo minhas mãos pelo meu cabelo. — Deus, que droga.

Como sempre, minha mãe encontra o momento perfeito para enviar mensagens. Eu pego meu celular e olho para ele:

Sua degustação de bolo foi transferida para as duas horas no sábado.

Não almoce. Ethan vai se juntar a nós?

Eu suspiro com todo o meu corpo. Espero ansiosamente pelo gosto do bolo mais do que qualquer outra parte do planejamento do casamento. Eu me pergunto se posso evitar dizer a alguém que o casamento acabou até domingo.

O elevador canta e minha atenção é retirada do meu telefone e das portas. Quando eles se abrem, sinto um nó na garganta. Minha mão aperta em um punho ao redor do meu celular quando vejo os recipientes de comida. O entregador começa a andar em nossa direção e meu coração fica batendo a cada passo. Boa maneira de derramar sal em minhas feridas, Ethan.

— Comida chinesa? Você está brincando comigo? — Levanto-me e olho para Graham, que ainda está no chão, olhando para mim. Eu aceno minha mão em direção à comida chinesa. — Essa é a minha comida preferida! Não a dele! Eu sou a única que gosta de comida chinesa depois do sexo! — Eu volto para o entregador e ele está congelado, olhando para mim, me perguntando se ele deveria ir até a porta ou não. — Me dê isso! — Eu pego as sacolas dele. Ele nem me questiona. Eu caio de volta no chão com os dois sacos de comida chinesa e eu olhos dentro deles. Estou chateado de ver que Ethan simplesmente duplicou o que eu sempre peço. — Ele até pediu a mesma coisa! Ele está alimentando Sasha com minha comida chinesa!

Graham salta e tira a carteira do bolso. Ele paga pela comida e o pobre entregador abre a porta da escada apenas para sair do corredor mais rápido do que se fosse voltar para o elevador.

— O cheiro está bom — diz Graham. Ele se senta novamente e pega o recipiente de frango e brócolis. Eu entrego a ele um garfo e deixo ele comer, mesmo que o frango seja o meu favorito. Este não é um momento para ser egoísta, no entanto. Eu abro o bife mongol e começo a comer, mesmo que não esteja com fome. Mas eu serei amaldiçoada se Sasha ou Ethan comerem algo disso. — Putas — eu murmuro.

— Putas sem comida — diz Graham. — Talvez eles morram de fome.

Eu sorrio.

Então eu como e me pergunto quanto tempo eu vou ficar aqui no corredor com esse cara. Eu não quero estar aqui quando a porta se abrir porque eu não quero ver como Sasha se parece. Mas eu também não quero perder o momento em que ela abre a porta e encontra Graham sentado aqui, comendo sua comida chinesa.

Então eu espero. E como. Com o Graham.

Depois de vários minutos, ele abaixa o contêiner e pega a sacola de viagem, tirando dois biscoitos da sorte. Ele entrega uma para mim e começa a abrir a dele. Ele quebra o biscoito e desdobra a tira de papel, depois lê sua sorte em voz alta. — Você terá sucesso em um grande negócio hoje. — Ele dobra a sorte pela metade depois de lê-la. — Figuras. Eu tirei o trabalho hoje.

— Estúpida sorte — eu murmuro.

Graham enfia sua fortuna em uma pequena bola e a joga na porta de Ethan. Eu abro meu biscoito e tiro a sorte dele. — Se você só der luz nas suas falhas, todos os seus pontos perfeitos irão escurecer.

— Eu gostei — diz ele.

Eu peguei a sorte e apertei-a na porta como ele fez. — Sou uma esnobe gramatical. Devem ser suas perfeições.

— Isso é o que me faz gostar. A única palavra que eles usam é perfeita. Meio irônico. — Ele se arrasta para a frente e agarra a sorte, depois corre de volta contra a parede. Ele entrega para mim. — Eu acho que você deveria guardá-lo.

Eu imediatamente escovo sua mão e a sorte para longe. — Eu não quero um lembrete deste momento.

Ele olha para mim em pensamento. — Sim. Nem eu.

Acho que estamos ficando cada vez mais nervosos com a perspectiva da porta se abrir a qualquer momento, então apenas ouvimos as vozes deles e não falamos. Graham puxa os fios de sua calça jeans sobre o joelho direito até que há uma pequena pilha de fios no chão e quase nada cobrindo seu joelho. Eu pego um dos fios e torço entre meus dedos.

— Costumávamos jogar esse jogo de palavras nos nossos laptops à noite”, diz ele. — Eu era muito bom nisso. Fui eu quem introduziu o Sasha no jogo, mas ela sempre superava a minha pontuação. Toda maldita noite. — Ele estica as pernas. Elas são muito mais longas que os meus. — Costumava

me impressionar até que eu vi uma cobrança de oitocentos dólares pelo jogo em seu extrato bancário. Ela estava comprando cartas extras a cinco dólares por manilha só para poder me bater.

Eu tento imaginar esse cara jogando em seu laptop à noite, mas é difícil. Ele parece o tipo de cara que lê romances e limpa seu apartamento duas vezes por dia e dobra suas meias e então completa toda a perfeição com uma corrida matinal.

— Ethan não sabe como trocar um pneu. Nós tivemos dois apartamentos desde que estivemos juntos e ele teve que chamar um caminhão de reboque nas duas vezes.

Graham balança a cabeça um pouco e diz: — Eu não estou procurando por razões para desculpar o bastardo, mas isso não é tão ruim assim. Muitos caras não sabem como trocar um pneu.

— Eu sei. Essa não é a parte ruim. A parte ruim é que eu sei como trocar um pneu. Ele apenas se recusou a me deixar porque teria envergonhado ele ter que ficar de lado enquanto uma garota trocava seu pneu.

Há algo mais na expressão de Graham. Algo que eu não notei antes. Preocupação, talvez? Ele me prende com um olhar sério. — Não o perdoe por isso, Quinn.

Suas palavras fazem meu peito apertar. — Eu não vou — eu digo com total confiança. — Eu não o quero de volta depois disso. Eu continuo me perguntando por que não estou chorando. Talvez seja um sinal.

Ele tem um olhar perspicaz nos olhos, mas depois as linhas ao redor dos olhos caem um pouco. — Você vai chorar esta noite. Na cama. É aí que vai doer mais. Quando você estiver sozinha.

Tudo de repente parece mais pesado com esse comentário. Eu não quero chorar, mas sei que tudo isso vai me atingir a qualquer momento. Eu conheci Ethan logo depois de eu ter começado a faculdade e estamos juntos há quatro anos. Isso é muito a perder em um momento. E mesmo que eu saiba que acabou, eu não quero confrontá-lo. Eu só quero ir embora e acabar com ele. Eu não quero precisar de um encerramento ou mesmo de uma explicação, mas estou com medo de precisar das duas coisas quando estiver sozinha esta noite.

— Nós provavelmente devemos fazer o teste.

As palavras de Graham e o medo que me consome depois que ele as diz são interrompidas pelo som da voz abafada de Ethan.

Ele está andando em direção à porta. Eu me viro para olhar para a porta do seu apartamento, mas Graham toca meu rosto e chama minha atenção de volta para ele.

— A pior coisa que podemos fazer agora é mostrar emoção, Quinn. Não fique com raiva. Não chore.

Eu mordo meu lábio e aceno, tentando segurar todas as coisas que eu sei que estou precisando gritar. — Ok — eu sussurro, assim que a porta do apartamento de Ethan começa a se abrir.

Eu tento manter minha decisão como Graham está fazendo, mas a presença de Ethan me deixa enjoada. Nenhum de nós olha para a porta. O olhar de Graham é duro e ele está respirando com firmeza enquanto mantém seu olhar fixo no meu. Eu não posso nem imaginar o que Ethan vai pensar em dois segundos quando ele abrir a porta completamente. Ele não vai me reconhecer no começo. Ele vai pensar que somos duas pessoas aleatórias sentadas no chão do corredor de seu prédio.

— Quinn?

Eu fecho meus olhos quando ouço Ethan dizer meu nome. Eu não me volto para a voz dele. Eu ouço Ethan dar um passo para fora do seu apartamento. Eu posso sentir meu coração em tantos lugares agora, mas principalmente eu sinto nas mãos de Graham nas minhas bochechas. Ethan diz meu nome de novo, mas é mais um comando olhar para ele. Eu abro meus olhos, mas mantenho-os focados em Graham.

A porta de Ethan se abre ainda mais e uma garota engasga em choque. Sasha. Graham pisca, mantendo os olhos fechados por mais um segundo enquanto inala uma respiração calmante. Quando ele os abre, Sasha fala.

— Graham?

— Merda — resmunga Ethan.

Graham não olha para eles. Ele continua a me encarar. Como se as nossas vidas não estivessem desmoronando ao nosso redor, Graham calmamente me diz: — Você gostaria que eu te levasse lá pra baixo?

Eu concordo.

— Graham! — Sasha diz seu nome como se ela tivesse o direito de estar com raiva dele por estar aqui.

Graham e eu nos levantamos. Nenhum de nós olha para o apartamento de Ethan. Graham aperta minha mão enquanto me leva até o elevador.

Ela está bem atrás de nós, depois ao nosso lado enquanto esperamos o

elevador. Ela está do outro lado de Graham, puxando a manga da camisa dele. Ele aperta minha mão um pouco mais forte, então eu aperto suas costas, deixando-o saber que podemos fazer isso sem uma cena. Basta entrar no elevador e sair.

Quando as portas se abrem, Graham me guia primeiro e depois avança. Ele não deixa espaço para Sasha pisar com a gente. Ele bloqueia a porta e somos forçados a encarar a direção das portas. A direção de Sasha. Ele aperta o botão do saguão e quando as portas começam a fechar, eu finalmente olho para cima.

Eu noto duas coisas.

- 1) Ethan não está mais no corredor e a porta do apartamento está fechada.
- 2) Sasha é muito mais bonita que eu. Mesmo quando ela está chorando.

As portas se fecham e é um passeio longo e silencioso até o fundo. Graham não solta minha mão e nós não falamos, mas também não choramos. Nós caminhamos silenciosamente para fora do elevador e atravessamos o lobby. Quando chegamos à porta, Vincent a mantém aberta para nós, olhando para nós dois com um pedido de desculpas em seus olhos. Graham tira a carteira e dá a Vincent um punhado de notas. — Obrigado pelo número do apartamento — diz Graham.

Vincent assente e pega o dinheiro. Quando seus olhos encontram os meus, eles estão nadando em desculpas. Dou um abraço em Vincent, pois provavelmente nunca mais o verei.

Uma vez que Graham e eu estamos do lado de fora, ficamos na calçada, estupefatos. Eu me pergunto se o mundo parece diferente para ele agora, porque certamente parece diferente para mim. O céu, as árvores, as pessoas que nos passam na calçada. Tudo parece um pouco mais decepcionante do que antes de eu entrar no prédio do Ethan.

— Você quer que eu te chame um táxi? — Ele finalmente diz.

— Eu dirigi. Esse é o meu carro — eu digo, apontando para o outro lado da rua.

Ele olha de volta para o prédio. — Eu quero sair daqui antes que ela desça. — Ele parece genuinamente preocupado, como se ele não pudesse encará-la agora.

Pelo menos Sasha está tentando. Ela seguiu Graham todo o caminho até o elevador, enquanto Ethan apenas caminhava de volta para dentro de seu apartamento e fechava a porta.

Graham olha para mim, com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. Eu envolvo meu casaco com força em torno de mim. Não resta muito a dizer além de adeus.

— Adeus, Graham.

Seu olhar é plano, como se ele não estivesse nesse momento. Ele dá um passo para trás. Dois passos. Então ele gira e começa a andar na outra direção.

Eu olho para o prédio de apartamentos, assim como Sasha atravessa as portas. Vincent está atrás dela, olhando para mim. Ele acena para mim, então eu levanto a mão e aceno de volta para ele. Nós dois sabemos que é um adeus, porque eu nunca vou pisar no prédio de Ethan novamente. Nem mesmo para qualquer coisa minha, atrapalha seu apartamento. Eu preferiria que ele simplesmente jogasse tudo fora do que encará-lo novamente.

Sasha olha para a esquerda e depois para a direita, esperando encontrar Graham. Ela não encontra. Ela só me encontra e me faz pensar se ela sabe quem eu sou. Ethan disse a ela que ele deveria se casar no próximo mês? Ele disse a ela que acabamos de falar ao telefone esta manhã e ele me disse que está contando os segundos até que ele possa me chamar de sua esposa? Ela sabe quando eu durmo no apartamento do Ethan que ele se recusa a tomar banho sem mim? Ele disse a ela que os lençóis que ele acabou de foder com ela eram um presente de noivado da minha irmã?

Ela sabe que quando Ethan propôs para mim, ele chorou quando eu disse sim?

Ela não deve perceber isso ou ela não teria jogado fora seu relacionamento com um cara que me impressionou mais em uma hora do que Ethan fez em quatro anos.

Para ler mais sobre a história de Quinn e Graham, visite:

www.allyourperfects.com